



APONTAMENTOS SOBRE ARQUITECTURA PORTUGUESA E ESCOLA

GONÇALO FURTADO

RICARDO MARTINS (col.)

LUGAR DO **DESENHO**



Apontamentos sobre arquitectura portuguesa e escola

Desde a sua criação em 1993 que o Lugar do Desenho | Fundação Júlio Resende tem por missão contribuir para dar ao DESENHO o relevo que o Pintor Júlio Resende e o Grupo de Fundadores atribuem a esta disciplina da Arte.

A exposição “Apontamentos sobre Arquitetura Portuguesa e Escola”, reúne um conjunto de trabalhos que registam abordagens a momentos, lugares, obras e autores da arquitetura portuguesa do século XX, reflexo de um intenso registo gráfico proporcionado pelo fascínio que tão relevantes criações proporcionam. A sua observação permite ver o mundo que concilia os modelos investigativos consagrados ao longo do tempo, na história e na teoria, e a reflexão para um novo olhar.

Nas palavras de Mestre Resende, “O melhor de todos os registos é o desenho em incessante busca da sua realidade ...a conciliação de duas coisas aparentemente inconciliáveis. Encontrar a forma que se ajuste ao “sentir” e à “reflexão”.

Joaquim Vieira de Magalhães
Presidente do Conselho de Administração
Lugar do Desenho – Fundação Júlio Resende

outubro 2004



Apontamentos sobre arquitectura portuguesa e escola

Gonçalo Furtado

PARTE 1

0.

O presente texto expõe apontamentos versando o tema da arquitectura portuguesa do século XX, o desenvolvimento da produção e debate disciplinar, e sua expressão na imprensa especializada. Esse desenvolvimento compreende uma série de vectores: o contexto sociocultural, a prática profissional, o associativismo e o ensino, bem como a sequência de eventos/ocorrências, os protagonistas e as obras escritas/construídas.

A exposição dá especial enfoque à circunstância portuense.

Esta cidade, surgida em local de povoado Celta, denominou-se na era Romana "Portus Cale". Adquiriu morfologia medieval, cinturões de muralhas e, mais tarde, estradas e circunvalações metropolitanas. Certo é que, na segunda metade do último século, o Porto tornou-se um centro crucial da própria arquitectura portuguesa.

*

Historicamente a exposição pode ser periodizada, iniciando-se com antecedentes ao século XX.

Como sabido, o período histórico moderno iniciou-se no século XVI¹/XVIII. Em termos socioculturais nacionais, salientam-se ocorrências como a reconstrução da baixa de Lisboa após o terramoto de 1755. Do ponto de vista urbano, Portugal destacou-se por esta reconstrução racional, que constituiu um precedente do urbanismo moderno. Seguiu-se o término do iluminismo e modernização Pombalina e a morte de D. José em 1777.

No conspecto do urbanismo, gostaríamos de salientar texto de Cassiano Branco, explicitamente intitulado "Os portugueses percursos da arquitectura moderna e do urbanismo". Este proveio de conferência proferida em Madrid em 1947, tendo sido publicado no Porto em 1949. Tal incluiu pontos como "a reconstrução" e a "standardização e pré-fabricação", enfatizando a modernidade do empreendimento. O primeiro desses pontos incluiu a referência a que: "[...] não é atrevimento afirmar que cabe aos portugueses a primazia de terem, em pleno século XVIII, dado realização ao mais vasto e perfeito plano de urbanização duma cidade [...]". O segundo ponto inclui a referência a que: "Resolvidos então problemas de conjunto, gerais e parciais, outros exigissem também inteligente e racional solução. [...] Foi, por assim dizer, a primeira tentativa, imposta por circunstâncias de força maior, de condicionamento industrial e de sistematização racional da produção".²

No Porto, destacou-se a intervenção no tempo dos Almadás, descrita por José Bernardo Ferrão em "Porto: projecto e transformação urbana do Porto na época dos Almadás, 1758/1813: uma contribuição para o estudo da cidade pombalina".³ O planeamento da cidade compreendeu uma sequência de eventos⁴, incluindo o desenho de um "Plano de melhoramentos" em 1784.

O Porto ficou, desde cedo, ligada à burguesia e comércio do vinho. Em termos arquitectónicos, atraiu importantes arquitectos, que deixaram marcos na cidade.⁵ No século XVIII desatacou-se o barroco de Nicolau Nasoni⁶, autor de projectos como a igreja dos Clérigos em 1731-1773, do paço Episcopal ou do palácio do Freixo em 1742-1754. Simultaneamente destacou-se o neoclássico do britânico John Carr (1723-1807)⁷, autor do hospital de Santo António.

1 A queda do império do oriente ocorreu em 1453.

2 Cassiano Branco, "Os portugueses percursos da arquitectura moderna e do urbanismo", in: Porto: Círculo José Figueiredo, 1949.

3 O livro teve edição no Porto pelo autor em 1985, e uma segunda edição pela FAUP em 1989. Vd. José Bernardo Ferrão, Porto: projecto e transformação urbana do Porto na época dos Almadás [...], Porto: FAUP, 1989.

4 Estes constam sumariamente descritos na plataforma digital da CMP. Vd. <http://www.cm-porto.pt/osplanosdoporto>.

5 Por exemplo, Nicolau Nasoni, John Carr, Gustave Eiffel, Barry Parker, Giovanni Muzio, Solá-Morales e Rem Koolhaas.

6 Nicolau Nasoni (1691-1773).

7 Arquitecto conhecido pelo projecto do "Crescent" em Inglaterra.



Permitimo-nos fazer uma pausa, para salientar o significado maior deste período. Peter Collins⁸, no seu “Los ideales de la arquitectura moderna: sua evolução (1750-1959)”⁹, “[...] situa-nos nas origens da arquitectura do século XX; não nos construtores influídos pelo pensamento de William Morris, nem na escola de Chicago, nem no racionalismo historicista de Viollet Le Duc, senão antes remontando à emergência da grande crise do pensamento arquitectónico europeu que se produziu em redor de 1750. O fim da criação espontânea que vinha arrastando a tradição barroca dá lugar, por um lado, ao criticismo e aos historicismos, e, por outro lado, a certas concepções livres e fantásticas, como é o caso de Boulée ou Ledoux. A análise exaustiva da arquitectura destes começos, desde o panorama dos seus ideais históricos, filosóficos e literários, apoia uma tese de que os diferentes estilos que se foram sucedendo ao largo desses séculos são produto do seu tempo. Um tempo de constantes buscas e investigações, sendo que tais temas são os que retoma o movimento moderno”¹⁰.

Já no que respeita ao ensino de arquitectura no Porto, o seu início remete ao final do século XVIII. Teve génese na denominada “Aula de debuxo e desenho” que existiu entre 1779 e 1803.¹¹ Passou pela Academia portuense de Belas artes entre 1836-1911, e pela Escola portuense de Belas artes entre 1881 e 1950. Culminou na Escola superior de Belas artes do Porto entre 1950 e 1992, a qual, desde 1979, foi integrada na Universidade do Porto como Faculdade de arquitectura.

A predita “Aula de debuxo e desenho” inicial, como nos descrito na FCUP¹², visava apoiar a pilotagem náutica. Teve como protagonistas marcantes, o lente António Jácomo que, em 1802, foi substituído por Vieira portuense.¹³ Sobejamente conhecida é a gravura do desenho de uma vista da “cidade do Porto” (1791) realizada pelo aluno Manuel Marques de Aguiar. Bem como a gravura realizada por Bartolozzi em 1801, com base num desenho por Pierre Violet, retratando o “portuense” Francisco Vieira.¹⁴

Já no que respeita à prática profissional, no século XVIII, o Porto usufruiu de arquitectos como, entre outros, Carlos Amarante.¹⁵

*

A história da primeira metade do século XIX, compreendeu vários eventos internacionais, como as invasões napoleónicas. Em termos nacionais, tal incluiu uma primeira invasão francesa, na qual Junot foi vencido pelo duque de Wellington em 1808.¹⁶ Bem como uma terceira invasão que culminou com a batalha do Buçaco em 1810. Acresce a independência do Brasil, e a guerra entre absolutistas e liberais. Tal compreendeu, em 1820, um ímpeto revolucionário no Porto e, em 1822, a aprovação da primeira constituição pelas cortes constituintes.¹⁷

Em termos urbanos, no Porto, os desenvolvimentos deste período, foram descritos por Anni Günther Nonell, em “Porto, 1763-1850: a construção da cidade entre despotismo e liberalismo” (2002).¹⁸ Já em termos arquitectónicos, desenvolveu-se, entre outros tipos, o que se denominou por a arquitectura do ferro. No Porto salientou-se, neste âmbito, a ponte D. Maria por Goustave Eiffel. E, em Lisboa, salientou-se o elevador de Santa Justa (1890-91), da autoria de Raoul Mesnier du Ponsard.¹⁹

Já em termos da arquitectura habitacional, o século XIX, igualmente comportou vários desenvolvimentos. O livro de Francisco Barata “Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade”²⁰, expõe a influência georgiana na morfotopologia urbana do Porto burguês. O pensamento do autor, revela influências teóricas portuguesa, inglesa e italiana, e enfatizou uma óptica tanto de “transformação” como de “permanência”.

Na segunda metade do século XIX, os governos liberais de Portugal, procuraram seguir a Europa. Assim, desenvolveram reformas e leis visando uma modernização, a qual compreendeu a indústria e o ensino.

8 Peter Collins nasceu em 1920, formou-se em 1948, colaborou com Architectural review, foi professor na McGill university, e faleceu em 1981.

9 Peter Collins, Los ideales de la arquitectura moderna: sua evolução (1750-1959), Barcelona: Gustavo Gili, 1998 (1970).

10 Ibid, contracapa.

11 Website da Faculdade de ciências da Universidade do Porto.

12 Ibid.

13 Vieira Portuense (1765-1805).

14 Aavv, IIº centenário da Academia real de marinha e comércio (catálogo de exposição), Lisboa Aavv, 2003.

15 Carlos Amarante (1748-1815).

16 Este, a título de curiosidade, desembarcava na Figueira da Foz.

17 Vd. e.g. a pintura de Óscar Pereira da Silva.

18 Anni Gunther Nonell, Porto 1763-1850: a construção da cidade entre despotismo e liberalismo, Porto: Faupublicações, 2002.

19 Raoul Mesnier du Ponsard (n.1841).

20 Francisco Barata, Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade, Porto: Faupublicações, 1999.

Tal teve, em termos de desenvolvimento, resultados inferiores comparativamente a países mais industrializados, como era o caso da Inglaterra ou da Alemanha.

Em termos urbanos, no Porto, foi concebido em 1881 um "Plano de melhoramentos" por Corrêa de Barros.²¹ Este, não obstante a ausência de registo cartográfico, procurou atender à expansão da cidade. Já em termos arquitectónicos, em Lisboa, destacaram-se projectos como, por exemplo, a Assembleia da república em 1916, por Ventura Terra.²² No Porto, para além da atrás mencionada arquitectura do ferro por Gustavo Eiffel em 1877, destacaram-se vários projectos. Por exemplo, em 1896, a estação de São Bento por Marques da Silva²³, em 1861 o palácio-coreto nos jardins do Palácio de cristal por Tomás Soller²⁴, ou em 1895 o mercado Ferreira Borges por João Carlos Machado. Acresceu, em período anterior ao século XX, o quartel militar do Monte Pedral, ou o hospital militar regional nº1 D. Pedro V.

Já em termos do associativismo profissional, pode-se enumerar vários desenvolvimentos. Como antecedentes, referir a existência de uma "Casa dos vinte e quatro" em 1384, bem como a constituição de corporações de ofícios /irmandades. Por exemplo a "Irmandade de São José", ou a "Irmandade de São Lucas" de 1602. Uma pedra de armas concernente a São José dos pedreiros e carpinteiros permanece na igreja de São José em Lisboa.²⁵ Seguiu-se a renomeação da "Real associação dos arquitectos civis e arqueólogos portugueses"; da qual um emblema existe datado de 1875.²⁶ Sendo que uma Associação de arquitectos civis portugueses de 1758, compôs-se de 28 arquitectos em 1866. Assim, referir-se que uma medalha da Academia das Belas artes existe com data de 1758, bem como um emblema da Associação existe com data de 1875.²⁷ A evolução do associativismo encontra-se sumariada por exemplo em publicação por Massapina de 2002²⁸; e mais extensivamente descrita por Ribeiro em "Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953".²⁹ A evolução incluiu depois a constituição da "Sociedade dos arquitectos portugueses", de que uma medalha existe com data de 1901.³⁰

Atenda-se que o próprio desenvolvimento teórico disciplinar compreendeu uma sequência de conceitos, eventos e autores. Teve também suporte em publicações específicas. Neste sentido, e no que tange ao século XIX, salienta-se o papel do *Archivo de arquitectura civil* de 1865 e, após 1874, do *Boletim da Real associação dos arquitectos civis e archeologos portugueses*.

Já em termos de ensino, no Porto, ocorreu a criação da antes mencionada Academia³¹, mediante Decreto lei por Passos Manuel em 22 de novembro de 1836. Esta teve albergue no convento de Santo António da cidade³², sendo que a reforma do ensino enunciou vários cursos, como o de arquitectura civil, etc. Em 1881, reforçou-se uma separação entre academia e a escola³³ especificamente. O percurso pelas "Academias, escolas de Belas artes e o ensino artístico", ocorrida entre 1836 e 1910, é nos descrito em maior detalhe por Maria Lisboa.³⁴ Sendo, no que tange ao Porto, também de se destacar Marques da Silva, que adquiriu futuramente grande protagonismo. Esse, nasceu em 1869, teve formação inicial na Academia portuense de Belas-artes, com António Sardinha, Marques de Oliveira e Soares dos Reis e no período, mediado entre 1889-1896, estudou na "Beaux Arts" de Paris, tendo frequentado o atelier Laloux, de resto, à semelhança do que fez Ventura Terra. Já outros arquitectos, frequentaram noutros ateliers parisienses, como era prática formativa na altura. Por exemplo, José Teixeira Lopes frequentou o atelier de Blondel, e Correia Silva frequentou o de Pascal.

A este sucedeu o ingresso e frequência da "Beaux-arts" de Paris entre 1889 e 1896, incluindo a frequência do atelier de Victor Laloux³⁵.

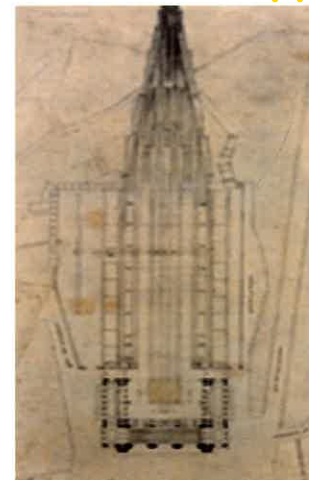


Fig 1 - Marques da Silva, Estação de São Bento, Porto, 1896



Fig 2 - S. José dos Pedreiros e carpinteiros, (Pedra de armas) séc. XVI



Fig 3 - Real associação dos arquitectos civis e arqueólogos portugueses (Emblema), Lisboa 1875



Fig 4 - Sociedade dos arquitectos portugueses, (Medalha), Lisboa, 1901

21 Corrêa de Barros (1835-1908)

22 Ventura Terra (1866-1919).

23 Marques da Silva (1869-1947).

24 Tomás Soller (1848-1883).

25 Vasco Massapina, O risco do arquitecto, Lisboa: Arqcoop, 2002, p.19-36, 20, 21-24.

26 Emblema da Real associação dos arquitectos civis e arqueólogos portugueses, 1875?. (Vd e.g.: Vasco Massapina, Op cit, p.21.

27 Ibid.

28 Vasco Massapina, Op cit, 2002, p.21-24.

29 Ana Ribeiro, Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953, Porto: Faupublicações, 2002.

30 Medalha da Sociedade dos arquitectos portugueses, 1901. (Vd. e.g. Vasco Massapina, Op cit, p.24).

31 Artur Basto, Memória histórica da Academia politécnica do Porto, Porto: Universidade do Porto, 1937.

32 Ainda que algumas aulas tenham funcionado 3 décadas no edifício da Academia politécnica.

33 Artur Basto, Op cit.

34 Maria Lisboa, As academias e Escolas de Belas artes e o ensino artístico, 1836-1910, Lisboa: Colibri, 2007.

35 Veja-se por exemplo desenho existente na FIMS: José Marques da Silva, L'entrée d'un theatre, Paris, 1894 (atelier Laloux).



Fig 5 - Academia das Belas artes (medalha), Lisboa, 1935



Fig 6 - In: Anuário dos arquitectos portugueses, Lisboa, 1905-1910

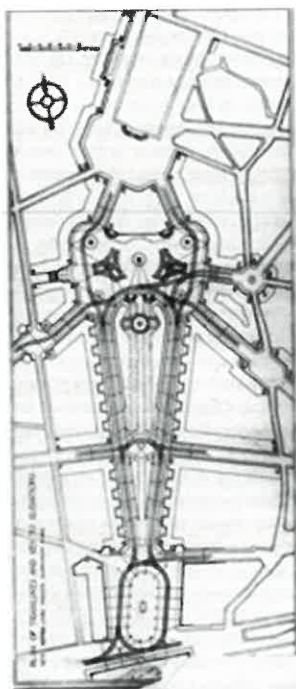


Fig 7 - Barry Parker, Praça da liberdade, Porto, 1915

*

O início do século XX (1900-10), designadamente a década inicial, compreendeu vários desenvolvimentos. Em termos sócio culturais internacionais, verificou-se o repúdio da decoração, panfletado no manifesto "Ornamento é crime" de 1908 por Adolf Loos. Ao que acresceu a emissão de manifestos em prole de outros valores modernistas. Por exemplo o coincidente com a criação da escola Bauhaus em 1918. Já em termos sócio culturais nacionais, salienta-se a ocorrência do regicídio no Terreiro do paço em 1908, procedido pela implantação da República portuguesa em 1911.

Em termos da cultura arquitectónica-urbana, nos anos 10 e 20, identifica-se no geral a existência de duas estratégias: "A perspectiva nacionalista na arquitectura e o desejo de um alinhamento internacional".³⁶ No entanto, nas palavras de Lacerda, incluso: "As duas décadas deste regime agitado e controverso, edificado com a instauração da república, não foram capazes de evidenciar uma estratégia de intervenção arquitectónica para resolução de problemas urbanos e das difíceis condições da vida da população portuguesa".³⁷ E a descrição de Portas providencia algumas ocorrências estéticas e espaciais: "As avenidas e ruas generosas começavam a construir-se já na virada do século, ordenando os prédios de rendimento e as vivendas de prestígio [i.e. challets] - revivalistas, ecléticas, arte nova e arte déco - que ao longo do primeiro quarto do século as foram preenchendo".³⁸ Foi com vista a promover desenvolvimento nas preditas construções em Lisboa, que foi criado o importante "Prémio Valmor".

Este surge mencionado no 2º número da publicação profissional Anuário de 1906³⁹ e, ainda hoje, é relevante. Na 1ª edição distinguiu o palácio Lima Mayer da autoria de Nicola Bigaglia,⁴⁰ e, num período inicial, premiou muitas construções nas novas avenidas.

No Porto, em termos urbanos salienta-se, em 1915, o desenho de "renovação das áreas centrais"⁴¹, pelo arquitecto inglês Richard Barry Parker.⁴² Tal reflectiu influência dos movimentos "Arts and crafts" e "Garden city". Acrescer que outro profissional engenheiro, realizou desenho⁴³, abordando o tabuleiro superior da ponte D. Luís e a envolvente do paço da Sé. Em termos arquitectónicos, constatou-se uma continuidade desde finais do século XIX, que se prolongou até ao fim da década de 20 do século XX. Tal correspondeu a um período em que arquitectos como Marques da Silva e Ventura Terra, entre outros como Ernesto Korrodi⁴⁴, construíam as excepcionais casas para clientes endinheirados. Possuindo relevo projectos/obras de "palacetes" e challets, em zonas como Sintra, entre outros locais; bem como, progressivamente, obras nacionalistas projectadas por arquitectos como Raul Lino.⁴⁵ (Por exemplo, o ACM em Coimbra, entre outros). No Porto, salientaram-se projectos/obras como, em 1904-5 a estação de São Bento e em 1909 o teatro de São João pelo predito Marques da Silva, ou em 1905-1909 a eclética livraria Chardon (i.e. a Lello e irmão) por Xavier Esteves.

Relativamente aos desenvolvimentos no âmbito da habitação, estes são descritos por Rui Ramos com adequado detalhe em "Arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português".⁴⁶

Já em termos associativos, em 1901-03 foi criada a predita Sociedade dos arquitectos portugueses (SAP)⁴⁷ que, em 1902 - aquando da sua fundação - comportava incluir 35 arquitectos. Esta teve, ao longo do tempo, vários notáveis arquitectos como dirigentes. Designadamente, M. Ventura Terra, A. Adães Bermudes⁴⁸, J. Soares, F. Parente, L. Gaia, A. Rato, A. Couto, J. Carvalho, A. Marques da Silva e T. Marques.

Em termos de publicações pioneiras, interessa referir - para além do antes mencionado "Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes" desde 1865 -, a acção de publicações não especializadas. Designadamente a Ilustração e a Ilustração portuguesa. A Ilustração, no que tange ao período de 1900-1910, incluiu

36 Carlos Lacerda, Projectos e modos de habitar. Porto: Universidade do Porto, 2011 (dissertação), p.147.

37 Carlos Lacerda, Op cit, p.154.

38 Nuno Portas, "A arquitectura da habitação no século XX português", in: Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang (ed.), Portugal: arquitectura do século XX, Munique: Prestel, 1997, p.117.

39 Aavv, Anuário dos arquitectos portugueses, Lisboa: SAP, 1906 (ano 2).

40 Nicola Bigaglia (1852-1908).

41 A avenida dos aliados foi mais recentemente renovada por Siza Vieira e Souto Moura.

42 Richard Barry Parker (1867 -1947).

43 Maria Lisboa, As academias e escolas de Belas artes e o ensino artístico, 1836-1910, Lisboa: Colibri, 2007.

44 Ernesto Korrodi (1870-1944).

45 Raul Lino (1879-1974).

46 Rui Ramos, A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português, Porto: Faupublicações, 2010.

47 Uma medalha da Sociedade dos arquitectos portugueses existe com data de 1901.

(Vd. Vasco Massapina, Op cit, p.19-36).

48 Adães Bermudes (1864-1948).

conteúdos variados. Destaco, por exemplo, artigos marcados pelo visionarismo urbano ou arquitectónico do pré-guerra. Designadamente, os notáveis artigos “Lisboa no ano 2000”⁴⁹, “Pontes transatlânticas”⁵⁰, ou “Os escaladores do céu”.⁵¹

No que tange ao período de 1910-20s, a Ilustração incluiu referência a distintos protagonistas, como Ventura Terra⁵² em Lisboa ou Marques da Silva⁵³ no Porto. E com a transição temporal de uma década, também a Raul Lino⁵⁴ bem como ao marcante tema da “casa portuguesa”.⁵⁵

Relativamente a publicações pioneiras mais especializadas ou próximas da profissão, referir a Construção moderna (1900-1919) e o já mencionado Anuário (1905-10).

Como referido noutra ocasião: “O periodismo português especializado em arquitectura foi implementado tardiamente no início do século XX⁵⁶, motivado por uma conjectura que [...], seria favorável à expansibilidade do campo sócio-profissional do arquitecto”⁵⁷.⁵⁸ Num entendimento acerca da “Arquitectura na escrita”, Ribeiro refere que “[...] as publicações periódicas foram revistas e delineadas com preocupações de conteúdos transversais à própria arquitectura, aí convergindo a esperança de que, através destas afinidades temáticas, os arquitectos alcançassem apoios pluridisciplinares que se refletissem no reconhecimento público da sua profissão”.⁵⁹

Relativamente à revista “Construção moderna”, referimos já noutra ocasião que essa: “Foi inaugural [...]”⁶⁰, investindo na publicitação substancial da arquitectura, ainda que integrando-a num formato interdisciplinar fundamentado no tecnicismo construtivo. Marieta dá Mesquita - promotora de vários estudos sobre este periódico - entende que, nessa complementaridade de saberes, a revista incitaria a circulação de ideias e a actualização dos progressos da arte de construir.⁶¹,⁶² A Construção moderna incluiu de facto conteúdos variados. No que toca à década de 1900-10s, incluiu por exemplo referência a ocorrências internacionais, como o “raspa-céus”⁶³ ou a bolsa em Amesterdão da autoria do arquitecto Berlage.⁶⁴

No editorial de fevereiro de 1900, propunha-se a publicação: “Preencher uma lacuna existente no nosso meio literário e artístico, suprimindo [...] uma falta sensível para aqueles que querem progredir pelo estudo e acompanhar a marcha incessantemente progressiva dos melhoramentos na construção civil, que tão extraordinariamente se manifestam sob todas as formas”.⁶⁵

A publicação foi quinzenal, e embora tenha possuído um arquitecto entre os directores, publicou no período textos, como refere Ana Ribeiro, “inconsistentes do ponto de vista analítico crítico”.⁶⁶ Citando Vieira de Almeida “Embora aqui ou além se deva sublinhar alguns contributos como os artigos de D. José Pessanha ou os do engenheiro Mello Matos, em si já significativos de uma abordagem dos problemas mais exigente”⁶⁷, após 1915 - i.e. sob a nova direcção de Manuel Colares - sofreu uma “perda de qualidade, senão das apreciações, pelo menos dos projectos apresentados”.⁶⁸

Acresce, a revista Arquitectura portuguesa, que teve uma 1ª série entre 1908 e 1930. Esta foi dirigida desde 1908,



Fig 8 – Raul Lino, A casa Albino Caetano da Silva (em Coimbra), Architectura portuguesa, N.º8, Lisboa, Agosto, 1909, p.1



Fig 9 – Marques da Silva, Monumento do Marques de Pombal, in: Ilustração portuguesa, Lisboa, N.º10, Maio, 1926, p.44



Fig 10 - Mello de Matos, Lisboa no ano 2000, in: Ilustração portuguesa, Lisboa, N.º5, 26 Março 1906, p.129-133

49 “Lisboa no ano 2000”, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

50 “Pontes transatlânticas”, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

51 “Os escaladores do céu”, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

52 Ventura Terra, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

53 Marques da Silva, “Monumento do marquês de Pombal”, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

54 “A obra de um reformista: [...] Raul Lino”, in: Aavv, in: Ilustração portuguesa, Lisboa.

55 “A casa portuguesa”, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

56 Uma panorâmica de revistas europeias é providenciada em: Paolo Portoghesi, “The real life of architectural magazines”, in: Aavv Domus, N.635, janeiro 1983, p.2-11.

57 Ocorre um alargamento do campo sócio profissional do arquitecto movido por uma série de razões. S.a., “periódicos portugueses de arquitectura”, in: Aavv, Jornal dos arquitectos, N.1, Lisboa, novembro 1981, p.1.

58 Ângela Lei e Gonçalo Furtado, “Revistas portuguesa de arquitectura: Evolução nos últimos dois decénios [...] e revisão dos seus antecedentes”, in: Aavv, Resdomus, N.1, Porto: FAUP, 2014, p.60.

59 Ana Ribeiro, “Arquitectura: arquitectura: palavra escrita”, in: Aavv, A arquitectura na escrita, Lisboa: Ordem dos arquitectos, 2007, p.9.

60 Rute Figueiredo destaca esta revista, não da classe profissional, mas que projectou a disciplina no domínio público. Vd. Rute Figueiredo, “Arquitectura e discurso crítico em Portugal (1893-1918)”, Lisboa: Coibri, 2007.

61 Marieta Dá Mesquita, “Fontes para a história da arquitectura contemporânea portuguesa: um primeiro olhar sobre a Construção moderna”, in: Aavv, Geha, N.2-3, Lisboa, março e outubro 1999, p.108.

62 Ângela Lei e Gonçalo Furtado, “Revistas portuguesa de arquitectura: Evolução nos últimos dois decénios [...] e revisão dos seus antecedentes”, in: Aavv, Resdomus, N.1, Porto: FAUP, 2014, p.60.

63 Vd: “Arquitectura norteamericana: os raspa céus”, in: Aavv, Construção moderna, Lisboa, p.116. “Detalhes de raspa céus woodworth em New york”, in: Aavv, Construção moderna, Lisboa, p.7. “Os raspa céus”, in: Aavv Construção moderna, Lisboa, p.4.

64 Berlage, “O palácio da bolsa”, in: Aavv, Construção moderna, Lisboa, p.124.

65 Aavv, Construção moderna, N.1, Lisboa, 1 fevereiro 1900.

66 Ana Ribeiro, Arquitectos: 90 anos de vida associativa 1863-1955, Porto: Fapublicações, 2002, p.272-273.

67 Ana Ribeiro prossegue, referindo que: “Em 1915 e com nova administração de Manuel Nuno Colares, começaram a ser publicados projectos que não eram de arquitectos, o que provocou pronta reacção da SAP na luta pela defesa intransigente do uso do título de arquitecto e que a partir de então se absteve de colaborar na revista [...]”: díbid

68 Pedro Vieira de Almeida, História da arte em Portugal, V.14, Lisboa: Alfa, p.13-14.



Fig 11 - Capa, In_ Construção moderna, N.º12, Lisboa, 10 Junho.1905

por Mário Collares e A.R. da Silva Júnior, e caracterizou-se por um maior cuidado gráfico. Sendo que os conteúdos de final da década de 1900s incluíram referência a protagonistas de correntes distintas. Por exemplo em 1909, por um lado ao predito beaux-artiano Ventura Terra⁶⁹ e, por outro lado, ao germanófilo Raul Lino.⁷⁰

Como referimos noutra ocasião, as "[...] publicações já restritas à especialidade, [incluíram pois] o Anuário (1905-10) - boletim associativista anual editado pela Sociedade dos architectos portugueses (1902) centrado em questões do reduto profissional ; e a Arquitectura portuguesa (1908-58) - operando na documentação da produção architectónica nacional desse período".⁷¹

O Anuário especificamente teve 6 edições com uma dimensão aproximadamente de 100 páginas. O primeiro número de 1905, incluiu por exemplo referência à ambição e texto fundador da própria SAP: "O incremento constante que a classe dos architectos portugueses tem manifestado nos últimos tempos, (sic) impoz, naturalmente, a necessidade de seriamente ser resolvido entre nós, o problema - de solução indiscutível para todos os espíritos lúcidos e imparciais, - de que a architectura é da exclusiva atribuição do architecto, e de que a este artista assiste o dever incontestável de reclamar cm a energia de que o reveste a justiça da sua causa, o logar que lhe compete no meio artístico e intelectual do país".⁷² Do segundo número editado em 1906, salienta-se o alarme pelo mestre lisboeta José Luiz Monteiro sobre o status da classe: "De que vivem esses architectos? De fazer projectos para casas? Se outros não fossem os seus recursos nem trinta haveria. A maior parte teria morrido de fome! Alguns mais felizes conseguiram uma colocação oficial de maior ou menor remuneração, mas sempre mesquinha (há-os que vencem 15\$000 réis mensais); os outros para ahi andam dando lições de desenho ou de geometria ou entregam-se a qualquer indústria que tenha maior ou menor relação com as artes do desenho. Numa palavra, vivendo exclusivamente de fazer projectos para casas, nenhum!".⁷³

A título de curiosidade, acrescer a publicação com data de 1906, de obituário ao mestre portuense José Geraldo da Silva Sardinha, o qua salienta como esse: "contribuiu, como professor, para o desenvolvimento da architectura nacional [...], e se não deixou uma obra nova abundante e mais bella foi porque lhe não proporcionaram o ensino".⁷⁴ A título de curiosidade, referir que Marques da Silva actuou já em 1906 como professor na Academia portuense. Mais é de salientar em 1907, antecipando a reorganização das escolas de Belas artes, as considerações tecidas por D. José Pessanha acerca do ensino: "Completar e tornar independentes os cursos de architectura das nossas escolas de Bellas artes, deve ser, pois, objecto dos mais perseverantes e enérgicos esforços por parte da Sociedade dos architectos portugueses. Não vejo, até, neste momento, desideratum cuja realização mais deva interessá-la".⁷⁵ E, de 1910, destacar ainda a referência a um outro mestre-professor: "José António Gaspar, architecto portuense, recentemente falecido, foi o professor hábil e zeloso, o educador por excellencia no campo profissional da nossa epocha".⁷⁶

*

Relativamente à década de 1910s, em termos sócio culturais, sumariámos noutra ocasião⁷⁷, que esse período compreendeu a emissão de novas legislações (e.g. a lei da separação da igreja e do Estado), e uma ocupação maioritária da população ainda na agricultura. Internacionalmente, a 1ª guerra mundial em 1914-1918, a pandemia de 1918, e demais ocorrências, que marcaram o período de instabilidade.

Em termos urbanos, no Porto, em 1916 foram concebidos planos de melhoramentos da cidade por Augusto César da Cunha Moraes.⁷⁸

Em termos de cultura architectónica, atendeu-se a problemas de higiene, transformação urbana (infraestruturas, etc) e à carência de habitação e de condições de habitabilidade.⁷⁹ Neste conspecto, recorde-se a título exemplificativo as casas económicas de 1918, ou o lisboeta bairro económico da Ajuda/Boa hora do mesmo ano.⁸⁰

Mais sendo de reconhecer o surgimento já nesta década de tentativas de racionalização ao nível do desenho, bem como um reflexo/proximidade do que melhor era apreendido do estrangeiro.

69 Ventura Terra, in: Aavv, Architectura portuguesa, N.6, Lisboa, junho 1909, p.1.

70 Raul Lino, in: Aavv, Architectura portuguesa, Lisboa, agosto 1909, p.1.

71 Gonçalo Furtado e Ângela Lei, "Revistas portuguesa de arquitectura: Evolução nos últimos dois decénios [...] e revisão dos seus antecedentes", in: Aavv, Resdomus, N.1, Porto: FAUP, 2014, 59-71.

72 Aavv, Anuario da sociedade dos architectos portugueses, N.1, Lisboa: SAP, 1905.

73 José Luiz Monteiro, in: AAVV, Anuario da sociedade dos architectos portugueses, N.2, Lisboa: SAP, 1906.

74 Adães Bermudes, in: Aavv, Anuario da sociedade dos architectos portugueses, N.2, Lisboa, 1906.

75 José Pessanha, in: Aavv, Anuario da sociedade dos architectos portugueses, N.3, Lisboa, 1907.

76 José Soares, in: Aavv, Anuario da sociedade dos architectos portugueses, Lisboa: SAP, 1909- 1910.

77 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, "A architectura portuguesa: O trajeto do século XX e desafios do século XXI", in: Aavv, Artcapital, Lisboa, junho 2021, s.p.

78 Augusto César da Cunha Moraes (1850-1960).

79 Recorde-se a realidades das barracas em pátios (Lisboa) e ilhas (Porto), que persistirão e incluso exponenciaram em plenos anos 50.

80 Vd. eg. fotografia de 1934, do arquivo da ANTT.

Em termos arquitectónicos nacionais relevam múltiplas obras/projectos, tanto no domínio da habitação como dos equipamentos, os quais ficaram publicados nas revistas. Designadamente casas por Ventura Terra (por exemplo em 1914 a casa Pratt), projectos da autoria de Raul Lino ou Ernesto Korrodi, o "Grande hotel do Buçaco", em 19018 o "Grande hotel para a Cúria" por Deolindo Vieira; ou em 1915 a sala para a própria SNBA por Álvaro Machado. No Porto, relevam projectos/obras como em 1918 o Paço municipal do Porto pelo lisboeta Edmundo Tavares⁸¹, em 1914 o mercado do Bolhão por António Correia da Silva⁸² e, em 1914 o café Brasileira por Francisco de Oliveira Ferreira.⁸³ Acresce com autoria do já antes mencionado Marques da Silva, em 1901-16 a predita estação de São Bento, bem como em 1910-20 o teatro São João.⁸⁴

A Construção moderna em particular incluiu múltiplos conteúdos e referência a importantes protagonistas. Muitos projectos antes mencionados surgiram publicados nesta revista.⁸⁵ Bem como outros temas, no âmbito cultural, como em 1918 as "casas económicas"⁸⁶, a SAP⁸⁷ ou, em 1910⁸⁸-1913⁸⁹, o debate em redor da "casa portuguesa" etc. Sendo que também a Arquitectura portuguesa, incluiu entre os seus conteúdos, artigos em redor do tema explicitamente intitulados "Casa de estilização tradicionalista" (1919).⁹⁰ Um entendimento sobre o pensamento e teoria dos anos 1910-20s, foi-nos partilhado por José Rodrigues. Este referiu que a Construção moderna e a Arquitectura portuguesa: "contribuíram de forma fundamental para o discurso crítico da arquitectura deste período, pois além de abertas aos debates internacionais, estavam atentas à nova condição urbana que emergia. Importante é também referir que o século XX despertou com um grande debate entre Ventura Terra e Raul Lino, corporizado pela visão académica da Beaux arts e por um pensamento de raiz germânica. [Sendo que] estas duas visões confrontam-se no concurso para a realização do pavilhão português da Exposição universal em Paris de 1900".⁹¹

Já retomando o tema do ensino, referir que o predito José Sardinha, professor no Porto, nascido em 1845, faleceu em 1906. Mais se repetindo no que tange à sequência de instituições formativas para a profissão, que tal incluiu fase com término e transição 1910, como detalhado por Maria Lisboa.⁹² Sendo que a Universidade do Porto foi criada mediante Decreto lei nº1911 de 19 de Abril de 1911, ocorrência esta que é descrita com maior detalhe por Santos em a "Universidade do Porto: raízes e memórias da instituição".⁹³ No que tange especificamente à arquitectura, destacou-se, como já antes refere o protagonismo de Marques da Silva. Este foi professor na Academia portuense em 1906 e, depois, director da escola de Belas artes do Porto entre 1913-14 e 1918-39. Foi o responsável pela assimilação do sistema Beaux-arts e por uma maior institucionalização. Tal teve incluso reflexo no então desejo de ampliação da ESBAP, que ficou expresso em vários projectos. A descrição de tais projectos foi já, com o necessário detalhe, providenciada por Gonçalo Canto Moniz.⁹⁴ Tal inclui, com data de 1915, uma primeira proposta de projecto para a escola de Belas artes (desenhos de plantas e alçados) da autoria do próprio Marques da Silva.⁹⁵

II.

A seguinte década de 20, sócio culturalmente a nível internacional, compreendeu o período de entre-guerras, bem como os loucos anos 20s que se lhe seguiram. Em termos de cultura arquitectónica compreendeu ocorrências importantes, como a "Exposição universal de Paris" de 1925, a publicação da nova visão de "Vers une architecture" em 1923, na instauração dos CIAM (Congressos internacionais de arquitectura moderna) em 1928 por notáveis



Fig 12 - Edmundo Tavares, concurso de projecto Paços do concelho do Porto, In: Construção moderna, N.º11, Lisboa, 10, Junho 1918.



Fig 13 - Pavilhão de Portugal (Exposição internacional de Paris), 1937, In: Arquitectos, SNA, Lisboa, N.º1, Fevereiro 1938

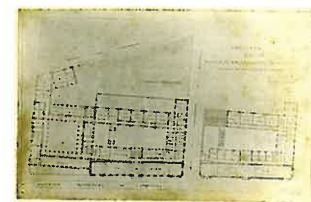


Fig 14 - Marques da Silva, Projecto da Escola de Belas artes, (plantas e alçados, 1ª proposta), Porto, 1915

81 Este era arquitecto da CML.

82 Este arquitecto é autor também de uns "Paços do concelho".

83 Francisco de Oliveira Ferreira (1884-1957).

84 Vd. e.g. investigação de Luís Soares Carneiro.

85 Vd. e.g. Álvaro Machado, "sala [...] para a SNBA", in: Aavv, Construção moderna, Lisboa, Ventura Terra, Casa pratt, in: Aavv, Construção moderna, Lisboa, 19 março 1914, p.0. Ernesto Korrodi, Autogarage, in: Aavv, Construção moderna, N., Lisboa, p.0. Edmundo Tavares, "Concursos de projectos para os Paços do concelho do Porto", in: Aavv, Construção moderna, N.11, Lisboa, 10 junho 1918, p.0. "O grande hotel do Buçaco", in: Aavv, Construção moderna, Lisboa, p.167. Deolindo Vieira, "Um grande hotel para a Cúria", in: Aavv, Construção moderna, N.8, Lisboa, 25 abril 1916, p.0.

86 "Casas económicas", in: Aavv, Construção moderna, Lisboa, p.42.

87 "Sociedade de arquitectos portugueses", in: Aavv, Construção moderna, Lisboa, p.111.

88 "Uma casa portuguesa", in: Aavv, Construção moderna, N.1, Lisboa, 10 agosto 1910, p.0.

89 Vd: Edmundo Tavares, "Casa portuguesa", in: Aavv, Construção moderna, Lisboa, p.0. Edmundo Tavares, "Casa portuguesa", in: Aavv, Construção moderna, N.6, Lisboa, 25 novembro 1913, p.0. Edmundo Tavares, "A casa portuguesa, na última exposição nacional da Sociedade de Belas artes", in: Aavv, Construção moderna, N.22, Lisboa, 25 novembro 1915, p.0.

90 "Casa de estilização tradicionalista", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, junho 1919, p.1.

91 José Rodrigues, "Prefácio", in: José Rodrigues et al (eds.), Teoria e crítica de arquitectura século xx, Lisboa: Caleidoscópio, 2010, p.8.

92 Maria Lisboa, As academias e escolas de Belas artes e o ensino artístico 1836-1910, Lisboa: Colibri, 2007.

93 DL 1911, de 19 Abril. Vd. Cândido dos Santos, Universidade do Porto: raízes e memórias da instituição, Porto: Universidade do Porto, 1996.

94 Gonçalo Canto Moniz, Património e ensino: os projectos de ampliação da E(S)BAP [1911-2011], património em construção. Lisboa: LNEC, 2011.

95 Vd. arquivo da Fundação Instituto Marques da Silva (<https://fims.up.pt>).

vanguardistas. Bem como, em 1929 exposições internacionais, como a conservadora iberoamericana em Sevilha, ou a de Barcelona, em que já surgem alguns projectos vanguardistas.⁹⁶ Em termos nacionais, sócio culturalmente, a década compreendeu a instalação de uma ditadura militar em 1926, e a progressiva consolidação do denominado regime do Estado novo. Tal ditadura duraria 48 penosos anos. No entanto ocorreu também pontuais expressões vanguardistas como a realização em Lisboa de um “Salão dos independentes” em 1929.

Em termos da cultura arquitectónica, haviam já ocorrido na década de 10, ainda que muito pontualmente, eclosões de alguma “protomodernidade”, expressa numa racionalização em termos de desenho. Mas foi na década de 20, que se concretizaram uma série de obras pioneiras que beneficiaram das possibilidades oferecidas pela disponibilidade estrutural do betão e de grandes envidraçados. De facto, o próprio “Estado novo” teve, no seu início e ainda que pontualmente, algumas experiências que arquitectonicamente recorreram à plástica moderna. Podemos salientar múltiplos projectos de pioneiros da arquitectura modernista. Em Lisboa, da autoria de Cristino da Silva, releva em 1925-31 o Capitólio e, em 1926-31 o Parque Mayer. Da autoria de Carlos Ramos⁹⁷, relevam em 1927-22 o pavilhão rádio do Instituto de oncologia, em 1922 a agência Havas, e o não construído liceu Dona Filipa de Lencastre. E da autoria de por Pardal Monteiro⁹⁸, releva o Cais do sodrê ou o próprio Instituto superior técnico. No Porto aconteceram projectos pioneiros inevitáveis de salientar. Da autoria do próprio Marques da Silva, em 1914-27 os armazéns Nascimento, em 1918-32 o liceu Rodrigues de Freitas, e em 1925-44 a casa de Serralves. Da autoria de outros arquitectos, podemos ainda salientar, em 1926-30 a clínica Heliântea em Francelos por Francisco de Oliveira Ferreira⁹⁹, em 19232 a farmácia Vltália por Manuel Marques, ou em 1929-32 o teatro municipal Rivoli por Júlio Brito.¹⁰⁰ Com data posterior, podemos salientar em 1937 o Comércio do Porto por Rogério Azevedo¹⁰¹, ou em 194? a Lota frigorífica de Massarelos por Januário Godinho.¹⁰²

*

De resto, nos anos 1920, nas palavras de Caldas, “Assiste-se em Portugal à emergência de três factores que irão determinar e confrontar a mudança: o uso do betão-armado, nos primeiros tempos requerido pelas obras de excepção e depois generalizado até aos programas habitacionais correntes; a formatura de uma geração de arquitectos que troca o ecletismo da sua aprendizagem por uma concepção claramente modernista da arquitectura, [e] a substituição de um regime republicano vigente por uma ditadura [...]”.¹⁰³

Agora no que tange ao último aspecto, temos de retomar à referência à discussão interna que fora iniciada pela etnografia na transição do século. Isto é, problemática nacionalista, em torno da “casa portuguesa”, que seria apoiada e recorreria à teorização de Raul Lino.

Raul Lino que nasceu em 1879¹⁰⁴, estudara na Alemanha, e tornou-se protagonista influente na cultura de então. A vida e obra de Raul Lino, foi abordada por Vieira de Almeida em “Raul Lino: exposição retrospectiva” na Gulbenkian em 1970.¹⁰⁵

Seguiram-se outras investigações como, a título exemplificativo, a empreendida por Irene Ribeiro, e publicada sob o título “Raul Lino: pensador nacionalista da arquitectura”.¹⁰⁶ De facto, o papel de Lino, que remota ao início do século, exponenciou-se no entre-guerras. Nacionalista com afinidade ao debate da “casa portuguesa”, publicou em 1918 “A nossa casa”, e em 1929 “A casa portuguesa” em coincidência com a Exposição iberoamericana de Sevilha. Mais tarde, em 1933, publicou “Casas portuguesas”¹⁰⁷: “alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples”.¹⁰⁸ Certo é que, entre 1926-33, com a consolidação do Estado novo, se passou a uma verdadeira arquitectura de regime. Como refere Pereira: “O que aconteceu foi que esta arquitectura de vanguarda foi sufocada à nascença por razões políticas e ideológicas, não se tendo permitido que dessa experiência se tirassem benefícios”.¹⁰⁹

96 Por exemplo Eg o pavilhão da Exposição internacional de Barcelona (1929) por Mies van der Rohe. Este projecto, a título de curiosidade, foi mais recentemente reconstruído por Ignasi Solá-Morales.

97 Carlos Ramos (1897-1969).

98 Pardal Monteiro (1897-1990).

99 Este arquitecto realizara antes a “Brasileira”.

100 Júlio de Brito (1896-1965).

101 Rogério de Azevedo (1898-1983).

102 Januário Godinho (1910-1990).

103 João Vieira Caldas, “Cinco entremeios sobre o ambíguo modernismo”, in: Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang (ed.), Portugal: arquitectura do século XX, Munique: Prestel, 1997, p.23.

104 Raul Lino (1879-1974).

105 Pedro Vieira Almeida, Raul Lino, arquitecto moderno, in: Aavv, Raul Lino, exposição retrospectiva da sua obra, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

106 Irene Ribeiro, Raul Lino: pensador nacionalista da arquitectura, Porto: Faupublicações, 1994 (2ª edição).

107 Raul Lino, Casas portuguesas, Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.

108 Raul Lino, Casas portuguesas, alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples, Lisboa: Cotovia, 1992.

109 Nuno Teotónio Pereira, in: Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang (ed.), Portugal: arquitectura do século XX, Munique: Prestel, 1997. p.117.

Relativamente ao período em causa, permitimo-nos repetir o referido já noutra ocasião: “No contexto português, no final da década de [1920/30], segundo o livro “Arquitectura do movimento moderno”, expressa-se a contaminação de novos modos de vida moderna. No início dos anos 20, uma primeira geração de arquitectos experimenta aspectos da arquitectura moderna. Entre outros: Carlos Ramos, Pardal Monteiro, Cassiano Branco¹¹⁰ ou Rogério de Azevedo. Geração que ainda se apoia num corpo teórico de matriz clássica, longe de realidades mais metropolitanas e técnicas. Um moderno, não maturado cabalmente como conceito, mas como sinal que permite a experimentação espacial. Numa composição formal que se prende ainda à ideia de monumento, a corpos maciços com métricas de composição que articulam volumetrias num organismo funcional.¹¹¹ Resiste o tradicionalismo e ecletismo, em influências de art Decó e procuras de identidade nacional.¹¹² Entre outros referidos, salienta-se Carlos Ramos, que assume papel importante na divulgação do pensamento moderno a partir de 1920.¹¹³ Já Raul Lino, [...] expressa dúvida se o caminho é em direcção ao moderno, que vê como impessoal e desprovido^{114,115}

Em termos de publicações, na década de 1920-30s, a Ilustração incluiu conteúdos com referência a protagonistas e eventos da época. Do “General Carmona”¹¹⁶ e António Ferro¹¹⁷, à “exposição de Sevilha”.¹¹⁸ Bem como a projectos ou obras como a “construção do Estádio nacional”¹¹⁹ ou a “exposição do mundo português”.¹²⁰ Acresce-se que, em termos de revistas mais especializadas, vieram a operar, para além da Arquitectura portuguesa, a notável Arquitectura.¹²¹

A Arquitectura iniciou-se em 1927, sendo dirigida por Francisco Costa (O início de uma segunda série apenas remontará a 1946). Segundo Ribeiro, esta revista teve nesta série um pendor similar à Arquitectura portuguesa - “regionalista [...], sendo de realçar que [...] esta contava com a colaboração de então jovens arquitectos como Cottineli Telmo, Jorge Segurado, Norberto Correia [...]”.¹²²

Relativamente ao período e publicações então existentes, a relevância destas para o status profissional é anotada por Rute Figueiredo. Esta, “observando a evolução da cultura arquitectónica portuguesa na charneira do século XX, evidencia o contributo destas publicações inaugurais na autonomização da crítica disciplinar e na emancipação da comunidade profissional,¹²³ referindo que tanto a Arquitectura portuguesa como a Construção Moderna foram meios de propaganda à especificidade arquitectónica creditando-a no domínio público e, simultaneamente, solicitando a “propriedade artística” do arquitecto”.¹²⁴

Permitamo-nos repetir o referido em anterior ocasião relativamente a este período, bem como a uma propaganda tradicionalista por parte da revista nesse período: “[...] Verificou-se que, no decénio de 20, a “Arquitectura portuguesa” seria [de resto] o único meio especializado na divulgação arquitectónica. Tal domínio foi profícuo a uma intensa defesa: ideológica da arquitectura tradicionalista portuguesa, propagandeada nos editoriais¹²⁵, na seleção e descrição de projectos e nas rubricas patrimoniais. Considera-se que, na ausência de outros meios de disseminação do real arquitectónico, esta filtragem imporia uma claustrofobia à audiência, condicionando o fluxo de ideias”.¹²⁶

Os conteúdos na Arquitectura portuguesa, incluíram referência a temas, protagonistas ou eventos variados. Por exemplo, em 1929¹²⁷ identifica-se mesmo uma alegada relação entre estilos e povos, bem como às antes



Fig 15 - António Ferro, In_ Ilustração portuguesa, Lisboa



Fig 16 - Exposição do mundo português, In_ Ilustração portuguesa, N.º979, Lisboa, Setembro 1940

110 Cassiano Branco (1897-1970).

111 Xavier Costa e Susana Landrove (ed.), Arquitectura do movimento moderno: registo docomomo ibérico: architecture of the modern movement: iberian docomo register:1925-1965, Barcelona: AAP, 1996, p.14-15.

112 José Manuel Fernandes, Arquitectura modernista em Portugal: 1890-1940, Lisboa: Grávida, 1993, p.46-50.

113 Aavv, Carlos Ramos: exposição retrospectiva da sua obra, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, p.21-21.

114 [4]

115 Gonçalo Furtado e Ricardo Martins, “Arquitectura em Portugal (1920-2020): Uma sequência das gerações em prole do exercício do ofício”, Porto, 2022, s.p. (policopiado).

116 General Carmona, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

117 António Ferro, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

118 Exposição de Sevilha, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

119 Construção do estádio nacional, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

120 Exposição do mundo português, in: Aavv, Ilustração portuguesa, Lisboa.

121 S.a, Prefácio, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, 1908, p.1.

122 Ana Ribeiro, Arquitectos: 90 anos de vida associativa 1863-1955, Porto: Faupublicações, 2002, p.273.

123 Alexandra Cardoso, Fátima Sales e Jorge Pimentel, Januário Godinho: leituras do movimento moderno, Porto: CEEA, 2012, p.142-43.

124 Ângela Lei e Gonçalo Furtado, “Revistas portuguesa de arquitectura: Evolução nos últimos dois decénios [...] e revisão dos seus antecedentes”, in: Aavv, Resdomus, N.1, Porto: FAUP, 2014, p.60.

125 A direcção da revista “Arquitectura portuguesa”, referiu em 1922: “A Arquitectura Portuguesa, no cumprimento da patriótica missão que lhe impõe o se título, tem-se orientado [...] de forma a fazer surgir a estilização da antiga casa portuguesa [...] o que tem sido benevolmente acolhido pelo público, que já hoje, em grande parte parte prefere a estilização nacional, às cópias da arquitectura estrangeira [...]”, Vd. [Direcção], “Mais um ano”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Ano XV, N.1, Lisboa, janeiro 2022.

126 Ângela Lei e Gonçalo Furtado, “Revistas portuguesa de arquitectura: Evolução nos últimos dois decénios [...] e revisão dos seus antecedentes”, in: Aavv, Resdomus, N.1, Porto: FAUP, 2014, p.60.

127 “Os estilos como sentir da materialização dos povos”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, janeiro 1929, p.25.



Fig 17 - Cassiano Branco, O Éden teatro, In: Arquitectura portuguesa, N.º15, Lisboa, Junho 1936, p.9



Fig 18 - José Sallerier, Uma escola primária em betão armado para uma villa, In: Arquitectura Ilustrada



Fig 19 - Carlos Ramos, Casa moderna, In: Arquitectura, N.º17, Lisboa, Novembro 1929, p.21

menção das exposições em Sevilha ou Barcelona.¹²⁸ Não obstante, simultaneamente, identificou-se específicas referências modernas, como em 1928 a um projecto em betão de Sallerier¹²⁹, em 1929 a uma “casa moderna” por Carlos Ramos¹³⁰, ou em 1920 ao projecto do “Éden” por Cassiano Branco.¹³¹

Um entendimento do pensamento e teoria especificamente moderno dos anos 1920-30s, decorre do exposto por Toussaint. Nas palavras de Rodrigues: “[...] é a partir das vanguardas modernas que a crítica assume papel mais relevante. A corporização de uma nova arquitectura, com novos conceitos e materialidades, teve por base o necessário e indispensável suporte histórico e teórico, fundamental ao seu desenvolvimento [...]”¹³² Mais se recordando aspectos como a afirmação do movimento moderno nos anos 20, a racionalidade, e a ruptura com a ideia de continuidade histórica. Bem como o propósito de reconstrução da própria disciplina, visando uma ideia de arquitectura para todos, ressaltando a habitação e cidade. E por último, ainda uma actuação de vanguardas (De stijl, Bauhaus, Espirit nouveau) e dos CIAM.¹³³

Rodrigues acrescenta ainda um desenvolvimento posterior de incluso reposicionamento: “os anos 50 serão marcados pelas teorias humanistas, existencialista e pela própria fenomenologia [...]”; e os actos do pós-guerra, caracterizados por uma forte fragmentação e reposicionamento”¹³⁴

Mas Toussaint também referencia o tema da casa portuguesa. Tal inclui alusão às invariantes em Lino, ao facto de Segurado¹³⁵ opinar acerca dessas, bem como a designação de casa portuguesa se dever “apenas por ser construída em Portugal”:

“Portugal ainda muito rural e mergulhado nas consequências da crise do regime republicano, que foi derrubado em 1926, não ofereceu grandes possibilidades de desenvolvimento de uma cultura arquitectónica de modernidade.

A geração modernista, que se inicia profissionalmente na segunda metade da década de 20, não ensaiou qualquer processo de ruptura e só começa a ter oportunidades no final dessa mesma década [...], enquanto revistas e até estes arquitectos prolongavam os temas da casa portuguesa. ([Mais recorda] a presença de Portugal na Exposição iberoamericana de Sevilha (1929), [...] para o qual Raul Lino escreve o Casa portuguesa, breve e impressionista história da casa em Portugal [...]”¹³⁶

No entanto refere que: “Em contrapartida, [Segurado, no âmbito do escrito Arquitectura da casa portuguesa e do seu carácter (1926), inscreve-se no debate em torno do movimento da casa portuguesa, na sequência do que se assinalou atrás. Primeiro assinala as “variadas formas e aspectos, quer construtiva, quer esteticamente da arquitectura doméstica nas províncias portuguesas. Depois reconhece invariantes (tal como Raul Lino o fará em 1929), mas não deixa de constatar que a expressão da casa portuguesa sua contemporânea, [...] será portanto portuguesa apenas por ser construída em Portugal. Opõe-se, deste modo à visão nacionalista [estrada de Raul Lino, continuada oficialmente pelo estado], coincidindo com a opinião de Francisco Keil do Amaral vinte anos mais tarde.”¹³⁷

Existia pois uma dialética complexa. Complexidade quiçá que reitera intrinsecamente na característica continuidade /ruptura do pensamento português? Interessa, no entanto, agora proceder a uma pausa para reproduzir/transcrever um par de excertos, proveniente de casos-autores chave.

Neste conspecto, de Jorge Segurado, salientar que o predito escrito, intitulado “A arquitectura da casa portuguesa e do seu carácter”, foi publicado no terceiro número da Alma nova em 1926. Este incluía alusões aos challets do final do século XIX, a Raul Lino e outros lhe contemporâneos: “A casa portuguesa quanto a nós, embora a admiremos e a cultivamos, modernizando-a, adaptando-se à vida actual e dando-lhe os confortos actualmente exigidos, é todavia, portuguesa apenas por ser construída em terras de Portugal, pois também conservando a mesma expressão geral, podia ser espanhola ou italiana. Através dos tempos, a habitação portuguesa tem, logicamente, passado por várias evoluções, acompanhando os períodos da arquitectura predominante. [...] O século XIX trouxe-nos o império [...] depois estabeleceu-se a confusão e, sobretudo no último quartel daquele século [XIX], essa confusão deu pesadamente o braço a um mau gosto geral. Começou a importação louca do challet sem atender ao meio. No nosso século [XX] essa importação continuou e deu origem a uma reacção de carácter nacional. Francisco Vilaça é o artista que arvorando o pendão do passado, surge à frente da nova geração, com a interessante casa do Sr Jorge O’Neil, em Cascais [...] e várias outras. Depois Raul Lino, dá um grande impulso à casa portuguesa, dentro de um critério simples e moderno, e hoje Gonçalo de Melo Breyner, Norberto Corrêa, Paulino Montez, Carlos

128 “Exposição internacional de Barcelona”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, janeiro 1929, p.1.

129 Sallerier, “Uma escola [...] en betón armado”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, janeiro 1928, p.4.

130 Carlos Ramos, “Casa moderna”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.º17, Lisboa, novembro 1929, p.21.

131 Cassiano Branco, “Éden-teatro”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, 1920, p.9.

132 José Rodrigues, “Prefácio”, in: José Rodrigues et al (ed.), Teoria e crítica de arquitectura século xx, Lisboa: Caleidoscópio, 2010, p.121-129.

133 Michael Toussaint, “Anos 20”, in: Aavv, in: José Rodrigues et al (ed.), Teoria e crítica de arquitectura século xx, Lisboa: Caleidoscópio, 2010, p.121-129.

134 José Rodrigues, “Prefácio” in: José Rodrigues et al (ed.), Op. cit., 2010, p.7-10.

135

136 Michael Toussaint, “Anos 20”, in: Aavv, in: José Rodrigues et al (eds.), Teoria e crítica de arquitectura século xx, Lisboa: Caleidoscópio, 2010, p.121-129.

137 Ibid.

Ramos, Tertuliano Marques, Raul Martins, Vasco Regaleira, Cristiano da Silva, Eugénio Corrêa, Frederico Carvalho e tantos outros arquitectos, incluindo o autor destas linhas, cultivam dedicadamente a casa portuguesa, dentro de uma expressão moderna, lógica com o meio e com a vida actual. Há no entanto, diga-se em abono da verdade, uma interpretação errada da referida casa, que geralmente nos apresenta um sabor piegas, sem unanimidade de elementos, e com estes mal dispostos, formando um conjunto que foge às boas proporções e ao carácter geral. Essa interpretação não saiu, com certeza do laboratório dos arquitectos, mas sim dos amadores hábeis, sem sentimento nem educação estética”.¹³⁸

De Raul Lino, salientar o escrito já quase dos anos 30, intitulado “A casa portuguesa” e publicado aquando da Exposição portuguesa em Sevilha de 1929: “Quando, há uns bons 30 anos, alguns artistas e amadores se lembram de iniciar um movimento nacionalista para o “reaportuguesamento” da nossa habitação, logo apareceu quem - mal interpretando a ideia dos reformadores - perguntasse, inquieto, se existiria ou não um tipo verdadeiro de casa portuguesa [...]. A nossa casa não se distingue por qualquer disposição geral de planta que seja típica no seu todo, se bem que não lhe falem feições especiais características que só a ela pertencem”.¹³⁹

Já no que tange ao associativismo dos arquitectos, datará de 1933, a criação do “Sindicato nacional dos arquitectos”. E, em termos de ensino, referir que Marques da Silva teve um protagonismo que se estendeu desde as décadas iniciais do século até aos posteriores anos 1930s.

*

Ora, tendo antes mencionado este arquitecto, interessa neste momento proceder agora a uma pausa, para nos estendermos relativamente a este protagonista crucial da Escola do Porto.

Uma descrição da vida e obra de José Marques da Silva, é providenciada por António Cardoso, em publicações de 1986 e 1997.¹⁴⁰ As “Leituras de Marques da Silva” foram abordadas em obra coordenada por Rui Ramos (2011).¹⁴¹ Mais se podendo salientar outras investigações, como “Marques da Silva: o aluno, o professor, o arquitecto” de Mário Mesquita (2016).¹⁴² Em 1986 a Universidade do Porto criou uma instituição em seu nome, a fundação FIMS, mediante DR 139 de 21 de julho de 2009.¹⁴³

Marques da Silva foi protagonista influente em termos de ensino e prática. Desenhador notável e introdutor de novas técnicas e programas, que complementou a tradição Beaux Art com uso de novas técnicas e racionalização. No âmbito do ensino, após ter actuado como professor na Academia portuense em 1906, como já referido dirigiu, a Escola de Belas artes do Porto Designadamente desde a década de 10, com excepção para o período da WWI. Em termos de prática, foi autor do projecto de edifícios icónicos do Porto. No centro urbano, na década de 10, foi autor da estação de São Bento, dos armazéns Nascimento, ou do teatro nacional São João.¹⁴⁴ Na avenida dos Aliados, foi autor em 1919-24 do edifício da Nacional, em 1925 do Jornal de notícias, ou do prédio Joaquim Emídio Pinto Leite. Na rotunda e avenida da Boavista, onde em 1909 já projectara o monumento aos Heróis da guerra peninsular, desenvolveu em 1925-43 o projecto da casa de Serralves.¹⁴⁵ A estes que podíamos ainda acrescentar muitas outras obras, como o liceu Rodrigues Freitas, etc.

III.

A seguinte década de 30, em termos sócio culturais internacionais, compreendeu o período de agravamento da situação económica após o crash da bolsa em 1929; bem como uma expansão de regimes totalitários e, em 1938, o início da segunda Guerra mundial. Em termos de cultura arquitectónica, compreendeu ocorrências importantes como, em 1932, a exposição promotora do “International style”¹⁴⁶, e o novo enfoque urbano de Corbusier expresso em “L’urbanism” ou na “Charte d’Athens.

Em termos nacionais, sócio culturalmente, a década compreendeu a 2ª república do “Estado novo” e a nova



Fig 20 - Sindicato dos arquitectos portugueses (logotipo), 1933-77, Lisboa



Fig 21 - Duarte Pacheco, In_ Arquitectos, SNA_Lisboa, N.º1

138 Jorge Segurado, “A arquitectura da casa portuguesa e do seu carácter”, in: Aavv, Alma nova, N.3, Lisboa, 1926.

139 Raul Lino, “A casa portuguesa”, in: Lisboa: Exposição portuguesa em Sevilha, 1929.

140 António Cardoso, O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no norte do país na primeira metade do séc. XX, Porto: FAUP, 1997 (2ª edição).

António Cardoso, J. Marques da Silva arquitecto 1869-1947, Porto: SRN-AAP, 1986.

141 Rui Ramos (coord.), Leituras de Marques da Silva, Porto: FIMS, 2011.

142 Mário Mesquita (coord.), Marques da Silva, o aluno, o professor, o arquitecto, Porto: FIMS-FAUP, 2006.

143 Vd. website da Fundação Instituto Marques da Silva.

144 Veja-se por exemplo planta publicada em revista: José Marques da Silva, Teatro de São João, Porto, 1910 (planta), in: Aavv, La construction moderne, Paris, N.3, 1890. Vd. e.g. investigação de Luís Soares Carneiro sobre o Teatro de S. João.

145 Vd. e.g. investigação de André Tavares sobre a casa de Serralves.

146 Veja-se a instalação de maquete de Le Corbusier figurando nesta exposição, e.g. publicada em: S.a., International architecture exhibition, in: Aavv, Shelter, N.3 (V.2), Nova Iorque: SSA, abril 1932, p.3.



Fig 22 - Rogério de Azevedo, Cidade jardim, Viana do Castelo, 1932



Fig 23 - Etienne de Groer, Plano de urbanização, Coimbra, 1948



Fig 24 - Arménio Losa, Plano Vila Nova de Gaia, 1949-1950



Fig 25 - Arménio Losa, Antepiano, Macedo de Cavaleiros, 1945-1963

constituição de 1933, bem como as estagnações conservadoras do governo de regime fascista de Salazar. No entanto, em termos de cultura artística, também se verificaram desenvolvimentos, como na literatura moderna de Fernando Pessoa (que prematuramente veio a falecer em 1957). O período dos anos 1930-40s coincidirá também com uma direcção progressista no Ministério das obras públicas sob a direcção de Duarte Pacheco.

O "Percurso: arquitectura portuguesa, 1930-1974" (1980)¹⁴⁷, iniciado pois nos anos 30, foi descrito em livro de Sérgio Fernandez.

Já em termos da escala urbana, "A urbanística à Duarte Pacheco" foi abordada por Gonçalves.¹⁴⁸ Outros livros providenciam descrições panorâmicas, como por exemplo "Formas urbanas" da autoria de Jorge Coelho.¹⁴⁹ Neste conspecto referir que, em 1934, surgiu legislação visando a realização de planos gerais de urbanização para as cidades portuguesas até 1939.¹⁵⁰ Identificam-se influências do modelo de cidade-jardim, por exemplo em plano intitulado "Plano cidade jardim" para Viana do Castelo de 1932 por Rogério de Azevedo, ou no "Plano de urbanização" para Coimbra¹⁵¹ por Etienne de Groer.¹⁵² Por outro lado, ocorreram influências do modelo de cidade moderna, no plano da Costa da Caparica por Cassiano Branco¹⁵³, ou no plano para Vila nova de Gaia¹⁵⁴ por Arménio Losa.¹⁵⁵ Entre outras, como no antepiano para Macedo de cavaleiros.¹⁵⁶ Especificamente no que tange ao Porto, em 1932 um "Prólogo ao plano da cidade do Porto" foi realizado Ezequiel Pereira de Campos¹⁵⁷, ligando a cidade a Matosinhos. E, em 1932, professor italiano ligado a Mussolini, Marcello Piacentini¹⁵⁸, anotou um "Plano geral de urbanização".

Relativamente ao período em apreço, podemos repetir o referido noutra ocasião: "Na viragem para o século XX, destaca-se a arquitectura industrial, do ferro, em grandes equipamentos públicos e infraestruturas. No Porto, os equipamentos confrontaram a dinamização da evolução da malha e o estabelecimento de pontos estratégicos no desenvolvimento da urbanização. No contexto português, as décadas de 1920 a 1940, segundo o livro "Arquitectura moderna em Portugal", o movimento moderno começa a ter as suas primeiras manifestações arquitectónicas. Na década de 1930 a estabilização ditatorial do regime salazarista, influencia a sua expressão usando a simbologia arquitectónica dentro das narrativas de propaganda [de] elite patriótica. O impulso, pelo progresso e métodos modernos, segundo princípios associados ao modernismo, surge na construção de novos edifícios, exposições e concursos públicos. Naturalmente, os primeiros autores modernistas expressam com naturalidade a influência europeia (de Le Corbusier e Mallet-Stevens), bem como da arquitectura moderna germânica em Carlos Ramos, e depois da holandesa em Keil de Amaral.¹⁵⁹ No início dos anos 30, a segunda geração de arquitectos, absorve o conceito moderno; autores como Mário Abreu¹⁶⁰, Arménio Losa, Januário Godinho, Keil Amaral¹⁶¹, Viana de Lima¹⁶², entre outros. Síntese de uma geração que entende a profissão; uma qualificação entre tecnicidade e a artisticidade, procurando harmonizar um novo mundo material e o campo da experimentação artística do projecto.¹⁶³ Sendo de salientar que, nos finais da década de 30, a revista "Arquitectura portuguesa", dava continuidade na referência eclética a obras puristas e de revistas italianas, ou nos prédios de rendimento belgas na linguagem do Cassiano Branco. Uma arquitectura que se manifesta em volumes puros, grandes e espaços internos, livres de pilares, com fachadas libertas da estrutura, com grandes envidraçados".¹⁶⁴ De resto, em suma, como já referíamos noutra ocasião, no entre-guerras teve continuidade a arquitectura do regime; identificando-se a coexistência da vertente de arquitectura tradicionalista (Raul Lino) com o desejo desvanecido

147 Sérgio Fernandez, Percurso: arquitectura portuguesa, 1930/1974, Porto: FAUP, 1985.

148 Fernando Gonçalves, "Urbanística à Duarte Pacheco", in: Aavv, Arquitectura, N.142, Lisboa, julho 1981, p.20.

149 Jorge Coelho, Formas urbanas, Coimbra: Minerva.

150 DL 24802, de 21 dezembro 1934.

151 Jorge Coelho, Op cit, p.85.

152 Etienne de Groer (1882-1974).

153 Jorge Coelho, Op cit, p.104.

154 Jorge Coelho, Op cit.

155 Arménio Losa (n.1908).

156 Ibid.

157 Ezequiel Pereira de Campos (1874-1965).

158 Marcello Piacentini (1881-1960). Arquitecto comprometido com o período fascista, e professor de urbanismo da Faculdade de arquitetura da Università degli studi di Roma La sapienza até 1955.

159 José Manuel Fernandes, Arquitectura moderna em Portugal, 1890-1940, Lisboa: Grávida, 1993, p.64-66.

160 Manuel Abreu (1908-1969).

161 Keil de Amaral (1910-1975).

162 Viana de Lima (1913-1991).

163 Xavier Costa e Susana Landrove (ed.), Arquitectura do movimento moderno: registo Docomomo ibérico: architecture of the modern movement: iberian Docomomo register: 1925-1965, Barcelona: Docomomo/AAP, 1996, p.16.

164 Gonçalo Furtado e Ricardo Martins, "Arquitectura em Portugal (1920-2020): uma sequência das gerações em prole do exercício do ofício", Porto, 2021-22, s.p. (policopiado).

de uma arquitectura moderna.

De facto, em termos arquitectónicos, os fascismos reclamaram um estilo arquitectónico oficial. Tal em Portugal ficou conhecido pela designação de “português suave”.

Assim, o período iniciado logo em meados dos anos 1930s deu-se a afirmação desta expressão, a qua se prolongará até ao pós-guerra. Tal arquitectura foi descrita e abordada criticamente por autores como Vieira de Almeida (2002)¹⁶⁵ ou José Manuel Fernandes (2003). E uma descrição da “Arquitectura do Estado novo (1930-48)”, compreendida entre os anos 30 e o pós-guerra, é providenciada pelo historiador José Augusto França.¹⁶⁶

Como já antes mencionado, em 1933, foi publicado um segundo livro escrito por Raul Lino, intitulado “Casas portuguesas”.¹⁶⁷ Interessa proceder a uma pausa para transcrever excerto deste caso-autor. Neste Lino indaga sobre a habitação futura e adequação de jardins em termos explícitos. Nas suas palavras num texto: “Nem a americanização dos costumes, nem as tendências colectivistas de novas organizações conseguiram ainda debelar o anseio natural instintivo do homem de possuir habitação própria [...]. Que virá a ser a habitação de amanhã? [...] Está visto que as casas de hoje não devem ser como as de há 100 anos. Por muito boa vontade que haja de as imitar, não seria razoável que a habitação actual se confundisse com a de então [...]. Jardins [...] Que haveria que fazer senão procurar reproduzir ou conservar esta vegetação tão bela, tão própria da nossa terra e tão adequada ao nosso clima? Não é o espírito e saudosismo que nos move a este protesto. Não proporíamos a tarefa inútil de mascarar a época da máquina com o cenário de um passado romanesco tão imperfeito e tão perfeito como o presente; não pretendemos sonegar nenhum dos modernos elementos de progresso, também escasadamente, à valorização plástica e artística que lhe é devida; não queremos isolar e instalar fábricas (que possuem sua beleza própria) em edifício disfarçados de conventos, nem prover caminhos de ferros de estações à antiga portuguesa. Mas queremos jardins que sejam jardins, imaginados por alguém de saber, não por qualquer negociador de plantas, desenhadas ou vivas [...]. Nem é questão de moda o que motiva o nosso protesto [...]; é que o que agora sucede representa o empobrecimento, senão a perda completa do nosso rico património da jardinagem artística”.¹⁶⁸

Muitas das ideias concernentes a uma alegada casa portuguesa, de Raul Lino, foram disponibilizadas à apropriação por um regime político sedento configurar uma expressão arquitectónica nacionalista.

Devendo acrescidamente recordar-se eventos como o de “Casas económicas” (1933)¹⁶⁹, etc.

Nuno Teotónio Pereira referiu-se ao desenvolvimento de uma verdadeira “arquitectura do regime (1938-48)”.¹⁷⁰ Conforme refere João Vieira Caldas, essa caracterizou-se por “modelos do estereótipo pretensamente nacionalista, que na verdade não difere muito dos modelos italianos e espanhóis correspondentes, baseado na estilização de termos construtivos e decorativos historicistas”.¹⁷¹ Nas palavras de Pereira: “Para os grandes edifícios públicos, como universidades, cineteatros e tribunais (apelidados correntemente de palácios da justiça), o carácter dominante era de uma monumentalidade retórica de raiz clássica, muito próxima dos modelos alemães ou italianos da época. Tratava-se de exprimir o poder do estado e de inculcar nos cidadãos os valores de autoridade e da ordem”.¹⁷²

De facto, o “português suave” teve expressão em muitas obras, como em 1938-43 na praça do Arieiro por Cristino da Silva¹⁷³, em 1948 na cidade universitária de Coimbra por Cotinelli Telmo e Cristino da Silva¹⁷⁴, em 1939 no Portugal dos pequeninos por Cotinelli Telmo e Cassiano Branco, ou no café lisboeta “Portugal” por Cristino da Silva. Teve expressão em monumentos, como em 1937 o “Concurso do monumento de Sagres, vencido em 1936 por Manuel Fernandes e em 1938 por Ramos, etc. (Sendo, a título de curiosidade, de referir que “Os concursos de Sagres: “representação 35”: condicionantes e consequências” são descritos por Vieira de Almeida).¹⁷⁵

E ainda expressa, em pavilhões representativos. Designadamente, em 1937-38, para a Exposição internacional de Paris por Keil do Amaral, em 1939/40 para a exposição do Mundo português por Cotinelli Telmo, para São Francisco, em 1933 para Estocolmo, ou em 1938 para Nova Iorque por Jorge Segurado.

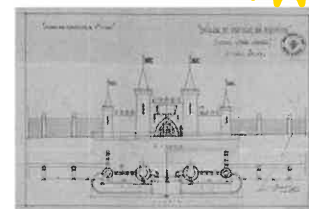


Fig 26 - Cassiano Branco, Portugal dos pequeninos, Coimbra, 1961



Fig 27 - Jorge Segurado, Pavilhão português, Nova Iorque, ca.1939

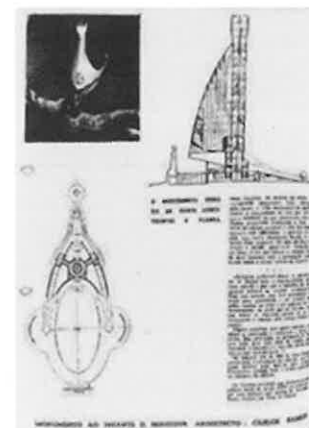


Fig 28 - Carlos Ramos, Concurso Monumento de sagres, in_ Arquitectos, SNA_ Lisboa, N.º1, p.52



Fig 29 - Fernando Pessoa, (orbitário), Lisboa, 1935

¹⁶⁵ Pedro Vieira de Almeida, A arquitectura no Estado novo: uma leitura crítica, Lisboa: Horizonte, 2002.

¹⁶⁶ José Augusto França, “Arquitectura do Estado novo (1930-1948)”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, julho 1981, p.18-19.

¹⁶⁷ Raul Lino, Casas portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples. Lisboa: Cotovia, 1992 (original de 1933).

¹⁶⁸ Raul Lino, “Casas portuguesas”, Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.

¹⁶⁹ Alexandra Paulo e Gonçalo Furtado, “A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI”, in: Aavv, Artcapital, Lisboa, Junho 2021, s.p

¹⁷⁰ Nuno Teotónio Pereira, “A Arquitectura do regime, 1938-1948”, in: Annette Becker, Ana Tostões e Wilfred Wang (ed.), Portugal: arquitectura do século XX, Munique: Prestel, 1997.

¹⁷¹ João Vieira Caldas, “Cinco entremeios sobre o ambíguo modernismo”, in: Annette Becker, Ana Tostões, Wilfred Wang (ed.), Portugal: arquitectura do século XX, Munique: Prestel, 1997, p.23 e 30.

¹⁷² Nuno Teotónio Pereira, Op cit. p.36.

¹⁷³ Cristino da Silva (1896-1976).

¹⁷⁴ Cotinelli Telmo (1897-1948)

¹⁷⁵ Pedro Vieira de Almeida, “Os concursos de Sagres- “representação 35”: condicionantes e consequências”, Universidad de Valladolid: Valladolid, 1998 (dissertação de doutoramento).



Fig 30 - Pardal Monteiro, Igreja de N.ª Sra. de Fátima, in_ Arquitectos, N.º7, SNA_ Lisboa



Fig 31 - Pardal Monteiro, A nova Igreja de N.ª Senhora, in_ Arquitectura portuguesa, N.º43, Lisboa, Outubro 1938, p.22-25



Fig 32 - Porfírio Pardal Monteiro, Igreja de nossa Senhora de Fátima



Fig 33 - Rebelo de Andrade, Alfeite, in_ Arquitectos, SNA_ Lisboa, N.º2, 1938

Em termos arquitectónicos, nos anos 30s, identifica-se no que tange a arquitectura moderna, produção de uma geração nascida sobretudo nos anos 10s, constituída por autores como Keil do Amaral, Arménio Losa, Januário Godinho ou Viana de Lima. Manuel Mendes, denomina como geração de viragem, a dos autores que empreenderam produção em 1925-36.¹⁷⁶ Distinguindo pois a 1ª geração composta pelos nascidos em 1890-1904 e que iniciaram prática em 1920-24, de uma outra 2ª geração composta pelos nascidos em 1905-1917 e que iniciam prática nos anos 1930s tendo obra significativa por volta de 1937.

Em termos arquitectónicos, relevam nacionalmente múltiplas obras ou projectos de equipamentos modernos. Em Lisboa, em 1934-36 o hotel Vitória por Cassiano Branco, em 1937 o Éden pelo mesmo autor, ou em 1931 o cinema Capitólio por Cristino da Silva, em 1933 o pavilhão de rádio do IPO por Carlos Ramos, em 1934-38 a Casa da moeda por José Segurado, em 1938-40 o teatro Cinearte em Lisboa por Raul Lima¹⁷⁷, em 1939-40 o Diário de Notícias por Pardal Monteiro¹⁷⁸, e em 1938 a igreja de N.ª Sra. de Fátima pelo mesmo arquitecto.¹⁷⁹ No que tange a outras geografias, referir os edifícios dos CTT por Adelino Nunes¹⁸⁰, ou o em curso em 1938 Alfeite por Rebelo de Andrade¹⁸¹, etc.¹⁸² Muitos destes projectos surgiram publicados em revista do SNA.

Também certos programas de equipamentos, como os de ensino, foram recorrentes para a modernização social e arquitectónica. Especificamente os liceus na década que antecede 1936, foram alvo de atenção por Canto Moniz.¹⁸³ Tal inclui, em 1930-41, o Liceu José Falcão em Coimbra por Carlos Ramos, Segurado e Nunes, ou em 1935 a escola secundária Diogo Gouveia em Beja por Cristino da Silva.

Já no Porto, relevaram múltiplos projectos/obras de equipamentos com programa diverso. Em 1930 a clínica Heliântia em Valadares por Francisco de Oliveira Ferreira, em 1933-38 os armazéns frigoríficos da Lota de Massarelos por Januário Godinho, em 1938-46 o cinema Batalha por Artur Andrade, em 1929-32 o teatro municipal Rivoli por Jorge Brito, em 1900-1938 a garagem Passos Manuel por Mário Abreu, em 1930-37 a garagem do Comércio do Porto por Rogério de Azevedo¹⁸⁴, em 1931 a antiga loja "Pinto camiseiro" por Jorge Viana¹⁸⁵, em 1932-37 a farmácia Vltália por Amoroso Lopes¹⁸⁶, Coelho Freitas e Manuel Marques, em 1934 os laboratórios Pasteur por Keil do Amaral, em 1934 o liceu Alexandre Herculano por Marques da Silva, em 1935 o edifício da antiga Faculdade de medicina por Rogério de Azevedo, em 1937 o teatro Passos Manuel, em 1938-41 o Coliseu por Cassiano Branco com Júlio de Brito, Mário Abreu e José Porto.

Acresceu a realização de múltiplos projectos de habitação notabilizados, como em 1935 a cooperativa do Pinheiro Manso por Arménio Losa e Cassiano Barbosa, em 1937-41 o edifício de habitação Duque de Saldanha pela CMP, ou em 1939-40 edifício de habitação e comércio pelos ARS.

O mais destacado arquitecto Corbusiano, foi Alfredo Viana de Lima, sendo que uma exposição sobre a sua vida e obra foi comissariada por Vieira de Almeida (1986).¹⁸⁷ A sua modernidade foi seguida, década depois, pela prolifera dupla moderna de Cassiano e Barbosa.

Sendo que, Manuel Mendes ampliou o entendimento deste período portuense, estudando a consolidação urbana no centro portuense, por projectos modernos da autoria do predito Viana de Lima, entre outros. A sua investigação baseada em fontes de arquivo, foi explicitamente intitulada (In)formar a modernidade: arquitecturas portuenses, 1923-43: morfologias, movimentos, metamorfoses".¹⁸⁸

*

Certo é que o drama da Grande guerra, iniciada na 2ª metade da década e sobretudo a experiência dos fascismos europeus, não deixou de ser acompanhada por uma grande suspensão do moderno em Portugal.

Incluso, grandes obras - como o liceu de Beja ou a igreja de N.ª Sra de Fátima - foram explicitamente alvo de crítica,

176 Manuel Mendes, "Nós: uma modernidade de fronteira: nós para uma passagem inconclusa", in: Xavier Costa et al (ed.), Architecture of the modern movement, 1925-65, Barcelona: Docomomo/Mies/AAP, 1997.

177 Raul Lima (1909-1980).

178 Pardal Monteiro, "Diário de notícias", in: Aavv, Arquitectos, Lisboa: SNA, N.9, p.218-219.

179 Pardal Monteiro, "Igreja de N.ª Sra. Fátima", in: Aavv, Arquitectos, Lisboa: SNA, N.7.

180 Adelino Nunes?, "[...] CTT", in: Aavv, Arquitectos, Lisboa: SNA, N.5, p.168.

181 Rebelo de Andrade?, "Alfeite", in: Aavv, Arquitectos, Lisboa: SNA, N.2, p.0.

182 Vd. e.g: Pardal Monteiro, "IST", in: Aavv, Arquitectos, Lisboa: SNA, N.4, Maio 1938, p.0. Cristino da Silva, "Habitações no estoril", in: Aavv, Arquitectos, Lisboa: SNA, N.8, p.0.

183 Gonçalo Canto Moniz, Arquitectura e instrução: o projecto moderno do liceu, 1836-1936, Coimbra: EDARQ, 2007.

184 Este constituiu uma prematura expressão do moderno no centro do Porto.

185 Jorge Viana (1924-2010).

186 Amoroso Lopes (1913-1995).

187 Pedro Vieira de Almeida (et al), Viana de Lima arquitecto 1913-1991, Porto-Lisboa: Árvore-Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

188 Manuel Mendes, (In)formar a modernidade: arquitecturas portuenses, 1923-43: morfologias, movimentos, metamorfoses, Porto: Faupublicações, 2001.

como meros caixotes produzidos sem domínio técnico.

Como bem assinalou Fernandez numa aula aberta em 2018, um impasse aporuguesado do moderno é diagnosticável, desde a mencionada “praça do Arieiro” a outras situações. Seja na pequenez doutrinal no “Portugal dos pequeninos” ou na grandeza efêmera na “Exposição do mundo português” de 1940. Ou na alegada autenticidade rústica nas “Pousadas”, e na agressividade do regime expressa no projecto do “Estádio nacional”, ou da “Cidade universitária de Coimbra”, que incluso empreendeu o fez arrase de uma alta histórica. Nas suas palavras, eram “Símbolos de um regime que se enrijecera face à perda dos próprios fascismo na Europa”.¹⁸⁹

Já no que tange ao associativismo, com antes mencionado, em 1933 foi criado o “Sindicato nacional dos arquitectos”.¹⁹⁰ Este persistirá durante o fascismo e até 1977. Tendo o SNA ao longo dos tempos, notáveis dirigentes como T. Marques, V. Palmeira, P. Pardal Monteiro, C. Ramos. Bem como mais tarde F. Keil do Amaral, I. Fernandes, M. Tainha, F. Guimarães, M. Bruxelas, e Comissões de gestão entre 1974-77. Aquando da sua fundação comportava a inclusão de apenas 49 arquitectos inscritos. Mais datando de 1937 a criação de uma secção distrital portuense.¹⁹¹

Em termos de publicações interessa referir - para além da edição da Arquitectura portuguesa, e Arquitectura - ter em 1937 tido início uma nova revista - a Arquitectos. A já antes mencionada “Arquitectura” prolongará uma 1ª série até 1946, e a Arquitectura portuguesa continua a incluir referências diversas incontornáveis.

Já a “Arquitectos”, iniciada pelo SNA em 1938, sob a direcção de Cottinelli Telmo, prolongou a sua publicação ao longo de 14 números até 1942-48. Esta publicação profissional oficial veio a assegurar uma pretensão que persistia desde o fim da anterior publicação oficial “Anuário”. (Tal pressentira-se em 1919, 1924, 1927-289, bem como na direcção de 1935 por Segurado e Regaleira, tendo essa sido ideia retomada em 1936 pelo presidente Pardal Monteiro). Ribeiro fez referência à revista do SNA nos seguintes termos: “no panorama cultural de então, veio preferencialmente divulgar os projectos resultantes de encomendas oficiais e concebidos numa linguagem de fortes referências modernistas. Se, por um lado a tal situação não era certamente alheio o intuito de homenagear a acção do Estado novo no respeitante à implantação de equipamentos a nível nacional, por outro, ela é reveladora de uma convicção da qualidade arquitectónica dessas mesmas obras projectadas por arquitectos então activos no Sindicato. Mas, mais dois aspectos são importantes: a inclusão de projectos estrangeiros, também estes equipamentos e numa expressão ora modernista ora já referenciada a um certo monumentalismo; a aproximação da linguagem escrita à própria realidade profissional” [...]. Foi a primeira revista produzida por arquitectos para arquitectos, com textos na sua quase totalidade assinados também por arquitectos, sendo por isso trabalho pioneiro”.¹⁹²

Já a Arquitectura portuguesa, nos anos 30, incluiu conteúdos com referência a temáticas tradicionais nacionalistas. Por exemplo, em 1936¹⁹³ e 1939¹⁹⁴ ao debate da “casa portuguesa”, em 1937-39 ao “bom gosto”¹⁹⁵, em 1936 ao “regionalismo”¹⁹⁶, ou em 1938 ao “nacionalismo”¹⁹⁷, etc. Bem como projectos, como em 1937¹⁹⁸ e 1938¹⁹⁹ os pavilhões de Portugal, em 1939 ao Portugal dos pequeninos²⁰⁰, ou em 1939 à eminente “A exposição do mundo português”.²⁰¹ Por outro lado, identificam-se conteúdos com referência a temas modernos como em 1932 o manifesto anti-decoração por Loos²⁰², em 1932 a uma segunda “casa moderna” por Sallerier²⁰³, em 1933 à “construção em série”²⁰⁴, em 1936 “o problema da habitação”²⁰⁵, em 1936 às infraestruturas modernas²⁰⁶, em 1933 ao “congresso em Atenas”²⁰⁷ dos CIAM; ou em 1939 ao streaming americano de “arquitectura do automóvel” por Raymond Lowey.²⁰⁸ Bem como projectos moderno à escala arquitectónica do equipamento ou urbana. Por exemplo, em 1936-37 o plano da “Caparica”²⁰⁹,



Fig 34 - Adelino Nunes, CTT, In_ Arquitectos, N.º5, SNA_ Lisboa, p.168



Fig 35 - Raul Rodrigues Lima, Cinearte, In_ Arquitectos, N.º12, SNA_ Lisboa p.168



Fig 36 - José Segurado, Casa da moeda, In_ Arquitectura portuguesa, N.º110, Lisboa, Maio 1944, p.6



Fig 37 - In_ Arquitectos, N.º5, SNA_ Lisboa, Junho e Julho 1938

189 Sérgio Fernandes, Aula aberta, FAUP-Porto, 2018.

190 Vd. logotipo do SNA. (Vd. e.g. Vasco Massapina, Op cit).

191 Vasco Massapina, Op cit, p.19-36.

192 Ana Ribeiro, Arquitectos portugueses 90 anos de vida associativa: 1863-1953, Porto: Faupublicações 2002, p.273-274.

193 “Casas portuguesas”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, março 1936, p.1.

194 “Façam-se casas portuguesas em Portugal”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, janeiro 1939, p.9.

195 Trata-se de transcrição de uma locução na emissora nacional, vd: “O bom gosto [...]”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, junho 1937, p.11.

196 “O regionalismo”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, março 1936, p.22.

197 “Nacionalismo e lógica”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, maio 1938, p.7-9.

198 Jorge Segurado, “Pavilhão português em Nova Iorque”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, junho 1938, p.13.

199 “Pavilhão de Portugal”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, junho-agosto 1933, p.64.

200 “[...] dos pequeninos”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, dezembro 1939, p.8-19.

201 “A exposição do mundo português”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, julho 1939, p.12.

202 Adolf Loos, “O ornamento é crime”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.9, Lisboa, setembro 1932.

203 Sallerier, “Uma casa moderna”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.1, Lisboa, janeiro 1932, p.1.

204 “Construção em série”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, julho 1933, p.7-64.

205 “O problema da habitação”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, agosto 1936, p.19.

206 “[...]”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, abril 1936, p.41.

207 CIAM, “Congresso em Atenas”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, julho 1933, p.63.

208 Raymond Lowey, “A arquitectura do automóvel”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, agosto 1939, p.26.

209 “Costa da caparica”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, janeiro 1937, p.13.



Fig 38 - Raymond Lowey, A arquitectura do automóvel, In: Arquitectura portuguesa, N.º57, Lisboa, Agosto 1939, p.26

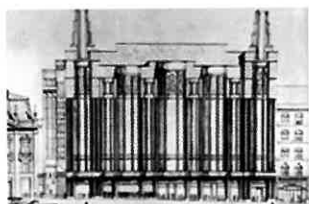


Fig 39 - Cassiano Branco, Cinema Éden, Lisboa, 1937



Fig 40 - (Cerâmica e edificação), In: Arquitectura portuguesa, N.º21, Lisboa, Dezembro 1936

em 1936-37 o “Éden teatro”²¹⁰, em 1937 o “teatro Passos Manuel”²¹¹, em 1936 o “cinema Batalha”²¹², ou em 1931 uma casa por Le Corbusier.²¹³

Acrescem ainda temas de reflexão teórica ou profissional como, por exemplo em 1934 sobre “Maneiras de ver”²¹⁴, ou em 1933? ²¹⁵ Sobre “Crítica arquitectónica”; bem como temas relacionados com o associativismo ou ensino, como por exemplo a influência de debate²¹⁶, em França sobre “[...] a profissão dos arquitectos” (1932)²¹⁷, ou sobre a “Escola de Belas artes de Lisboa”(1933).²¹⁸

*

Certo é que, salvo as excepções, conforme referimos noutra ocasião verificou-se proximidade da revista a ideários nacionalista, apontando Pedro Ferreira, proximidade tanto ao regime político como ao corporativo: “Entre 1927 e 47, em conjunto com a Arquitectura portuguesa, integram o panorama da editorial especializada, a vocacionada “Arquitectura” abrangendo várias componentes da disciplina arquitectónica, mas de fraca assiduidade (1927-88); e a revista “Arquitectos”, promovida pelo Sindicato nacional dos arquitectos formado desde 1933. Nesta pluralização de meios verifica-se, contudo, uma convergência em prole de ideários nacionalistas, revelando a incidência do regime do Estado Novo sobre a esfera arquitectónica.²¹⁹ Pedro Ferreira investigou o comprometimento entre imprensa e regime, acentuado nas décadas de 30 e 40.²²⁰ Para o autor, a arquitectura revelou-se politicamente marginal por inoperância crítica. Por seu turno, foi evidente na “Arquitectura portuguesa” um manuseamento político, confirmado nos editoriais afecto ao regime e na divulgação de modelos de linguagem nacionalista, alguns provenientes do contexto do totalitarismo italiano. Importa ainda referir que a fusão desta publicação com a revista Cerâmica e construção, em 1935, implicou a coabitação da arquitectura com temáticas de âmbito industrial subordinando, segundo Ferreira, o seu âmbito a interesses corporativistas”.²²¹

De acordo com “Pedro Ferreira, “[...] o ideário do regime político contaminou também o órgão oficial do SNA, o periódico Arquitectos, onde se publicitaram discursos de entidades governamentais e obras estatais de pendor modernista, com ápice na divulgação da Exposição do mundo português. Foi contudo, inerente a esta revista uma qualidade editorial que a distingiria das suas congéneres. Ana Isabel Ribeiro - num estudo sobre o associativismo português - entende que nesse período a Arquitectos foi importante mostruário da produção arquitectónica europeia e órgão onde as narrativas se aproximaram da realidade da classe profissional.²²² Verifica-se que o seu desaparecimento, em 1942, lesa um panorama já enfraquecido pela irregularidade e indeterminação editorial da Arquitectura portuguesa e cerâmica e edificação e pela inoperância da Arquitectura ao longo da 2ª guerra mundial”.²²³

Os conteúdos da revista Arquitectos, incluíram referências próximas ao tradicionalismo, como em 1938 a Duarte Pacheco²²⁴, ao “ministro das obras públicas”²²⁵, à arquitectura Nazi²²⁶, ou em 1938 ao SNA²²⁷ e a Pardal Monteiro²²⁸, etc.²²⁹ Bem como a projectos/obras já antes mencionados, como os pavilhões de Portugal para vários locais²³⁰,

- 210 Cassiano Branco, “O Éden teatro”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, junho 1936, p.9. Vd. “O Éden-teatro”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, junho 1937, p.9.
- 211 “Teatro de Passos Manuel no Porto”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, junho 1937, p.18-19.
- 212 “O cinema Batalha do Porto”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, junho 1936, p.7-8.
- 213 Le Corbusier, “Casa biseau”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, março 1934.
- 214 “Maneiras de ver”, in: Aavv, A Arquitectura portuguesa, Lisboa, março 1934, p.36.
- 215 “Crítica arquitectónica”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, setembro 1933?, p.260.
- 216 “[...]”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, agosto-setembro 1931.
- 217 “Em França [...] a profissão dos arquitectos”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, junho 1932, p.47.
- 218 “Escola de belas artes de Lisboa”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, N.10, outubro 1933, p.87.
- 219 S.n., “Periódicos portugueses de arquitectura”, in: Jornal Arquitectos, Lisboa, Novembro 1981, N.1, p.6.
- 220 Pedro Ferreira, Teoria da arquitectura em Portugal: 1935-1945: Debates, convergências e dissidências com o regime político, FBAUL, Lisboa, 2001 (dissertação).
- 221 Gonçalo Furtado e Ângela Lei, “Revistas Portuguesas de arquitectura: evolução nos últimos dois decénios (1988-2008) [...]”, in: Aavv, Resdomus, N.1, Porto: FAUP, 2014, p.59-71.
- 222 Vd. Ana Ribeiro, “Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953”, Porto: Faupublicações, 2002.
- 223 Gonçalo Furtado e Ângela Lei, “Revistas portuguesas de arquitectura: evolução nos últimos dois decénios (1988-2008) [...]”, in: Aavv, Resdomus, N.1, Porto: FAUP, 2014, p.59-71.
- 224 Duarte Pacheco, in: Aavv, Arquitectos, N.1, Lisboa: SNA, 1938.
- 225 “Nova posse do ministro das obras públicas”, in: Aavv, Arquitectos, N.4, Lisboa: SNA, p.125.
- 226 “Arquitectura de todo o mundo”, in: Aavv, Arquitectos, N.10, Lisboa: SNA, p.295.
- 227 “SNA”, in: Aavv, N.1, Arquitectos, Lisboa: SNA, p.4.
- 228 “Homenagem a [...] Pardal Monteiro”, in: Aavv, Arquitectos, N.7, Lisboa: SNA, p.215.
- 229 “Arquitectura inglesa”, in: Aavv, Arquitectos, N.14, Lisboa: SNA, 1942, p.0.
- 230 Vd. “Pavilhão de Portugal na Exposição internacional de Paris”, in: Aavv, Arquitectos, N.1, Lisboa: SNA, fevereiro 1938, p.0. “Pavilhão de Portugal”, in: Aavv, Arquitectos, N.9, Lisboa: SNA, p.260. “Portugal nas exposições de Nova Iorque e São Francisco”, in: Aavv, Arquitectos, N.11, Lisboa: SNA, p.299.

em 1930-40 à “Exposição”²³¹, em 1938 ao “concurso” do monumento de Sagres²³², à igreja em Lisboa (apoiada incluso pelo próprio cardeal Cerejeira²³³), ou em 1938 ao “café Portugal”.²³⁴ Por outro lado, em 1942, identifica-se referência à arquitectura inglesa.

Um entendimento lúcido sobre a teoria moderna redigida na década de 30, proveio de Toussaint. Desde logo, o autor não deixa de fazer referência à subtilidade de textos para o Iº Salão dos independentes. A geração modernista portuguesa terá tido um problema “[...] de distância aos centros mais activos da modernidade (os contactos com Paris fizeram-se sobretudo com os meios beaux arts) e falta de condições económicas e culturais do próprio país. A participação dos arquitectos no Iº Salão dos independentes (1930) foi substancial, mas os textos incluídos no catálogo são reveladores, pois o de Jorge Segurado clama por um racionalismo das fachadas que se traduziria na correspondência franca e exacta das suas plantas, exigência que o movimento da arquitectura doméstica tinha feito o final do século XIX e Raul Lino em 1918; e a recusa da primazia dos valores decorativos lembra Loos. Já o escrito de Carlos Ramos refere-se à evolução da arquitectura por largas ondulações aparentemente recusando rupturas, pois mais à frente considera como período de transição o tempo que estava a viver. (Tal é curioso dado que Carlos Ramos era referido como aquele que então tinha livros e revistas mais actualizadas). Portanto não é de admirar que o único livro de arquitectura citado no catálogo seja A nossa casa de Raul Lino e, na lista de arquitectos autores de Edificações modernas este tenha sido incluído”.²³⁵

Neste conspecto, cumpre recordar excertos chave destes casos-autores que aportaram aspectos relevantes ao debate disciplinar.

O primeiro escrito, da autoria de Carlos Ramos com Jorge Segurado, foi publicado no catálogo do “Iº salão dos independentes” em Maio de 1930. Neste, encontramos alusão ao racionalismo e decorrente depuração formal. “O carácter dos edifícios, consiste única e simplesmente, no racionalismo das fachadas, i.e.: na correspondência franca e exacta das suas, plantas, portanto das suas necessidades, e não, na repetição sistemática de modelos feitos e burgueses, sempre mentirosos e pregados com goma. Quando para caracterizar um edifícios se recorre aos emblemas decorativos, não faz indubitavelmente arquitectura [...]”. “[...] Atravessamos, [...] um dos mais ricos períodos de transição que se conhece. Deste caos começam-se a separar-se diretrizes nítidas, perspectivas imprevistas”.²³⁶ Um segundo caso-autor consiste em Rogério Azevedo, autor de escrito intitulado “A arquitectura no plano social”, o qual proveio de uma conferência no Club Fenianos portuenses a 18 de Maio de 1934. O texto faz referência aos dois principais problemas sócio-espaciais afrontados pelos modernos, i.e. a habitação e a cidade: “Os variadíssimos elementos decompostos da arquitectura que entram no plano social, podem reunir-se com segurança em dois grandes grupos, arquitectura monumental e arquitectura doméstica [...]. O direito de habitação; tem sido este direito atirado para segundo plano, não sei porque razão. [...] O problema da habitação, entre todos os problemas, é o que mais discutido tem sido, sem contudo haver o merecimento de soluções apreciáveis. O urbanismo [...] como foco essencial de adaptação pelo acondicionamento melhor da vida [...]”.²³⁷

Um terceiro caso consiste em Pardal Monteiro, autor do escrito intitulado “O espírito clássico”, proveniente de conferência proferida na Sociedade de belas artes. De tal texto decorre a referência à função social do arquitecto enquanto organizador de espaços estendidos à vida. Nas suas palavras: “Admitindo sem repugnância, o arquitecto na sociedade, há que definir exactamente o seu papel na sociedade. Mas, para bem abordar o problema é necessário definir perfeitamente qual a verdadeira função social do arquitecto; estudar em que condições técnicas e sociais deve ser realizada a sua formação; quais as armas que a sociedade que ele deve servir, lhe põe nas mãos, para desempenhar eficazmente o seu papel e quais são, também, as razões e os obstáculos que se opõem, continuamente, à perfeita realização deste programa. O arquitecto é, antes de tudo, um organizador de espaços

e um criador de ordem.²³⁸ [...Mais dizendo:] Cada estilo, foi, sempre, o mesmo em todos os países, mas em cada um deles foi, sempre, afinal uma modalidade nacional do estilo universal”.²³⁹

E um quarto caso-autor consiste em Cassiano Branco, cujo escrito intitulado “O perigo dos tremores de terra em



Fig 41 - Cotinelli Telmo, Exposição do mundo português, In_ Arquitectos, N.º9, SNA_ Lisboa



Fig 42 - Cristino da Silva, Café Portugal, In_ Arquitectos, N.º3, SNA_ Lisboa, Março 1938

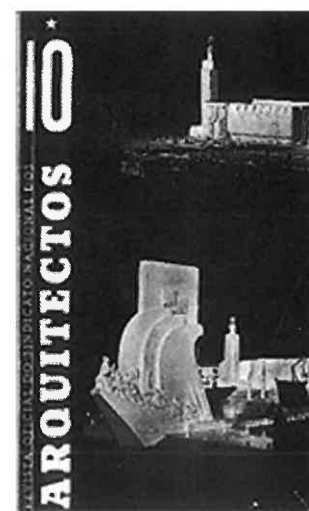


Fig 43 - In_ Arquitectos, N.º10, SNA_ Lisboa, p.258

231 Cotinelli Telmo, “Exposição do Mundo português”, in: Aavv, Arquitectos, N.9, Lisboa: SNA, p.0. Cotinelli Telmo, “Exposição do Mundo português”, in: Aavv, Arquitectos, N.10, Lisboa: SNA, p.0.

232 Carlos Ramos, “Concurso do monumento de Sagres”, in: Aavv, Arquitectos, N.1, Lisboa: SNA, 1938, p.52.

233 Cardeal Cerejeira, in: Aavv, Arquitectos, N.7, Lisboa: SNA, p.185.

234 Cristino da Silva, “Café Portugal”, in: Aavv, Arquitectos, Lisboa: SNA, N.3, março 1938, p.0.

235 Michael Toussaint, Op cit.

236 Carlos Ramos e Jorge Segurado, in: AAVV, “I salão dos independentes” (catálogo), Lisboa, Maio de 1930.

237 Rogério Azevedo, “A arquitectura no plano social” (1934), Porto: Imprensa nacional, 1936.

238 O texto de Pardal Monteiro prossegue dizendo: “[...]Ao arquitecto põem-se diariamente problemas variados, múltiplos, complexos, mas constantemente em contacto directo com a vida. [...] Na arquitectura o espírito clássico, ofuscado pelo espírito académico, começa de novo a definir-se; dir-se-ia que renasce das próprias cinzas. Mercê desse espírito clássico de que o arquitecto se vai, nitidamente impregnando, o novo estilo surgirá, não por virtude dum formulário estético, mas duma ideologia que há-de ser comum a todos os arquitectos”.

239 Pardal Monteiro, “O espírito clássico”, in: Aavv, Sudoeste, N.3, Lisboa, novembro 1935.



Fig 44 - Pavilhão Portugal, In: Architectos, N.º10, SNA: Lisboa, p.260



Fig 45 - Portugal nas exposições de Nova Iorque e São Francisco, In: Architectos, N.º11, SNA: Lisboa, p.299

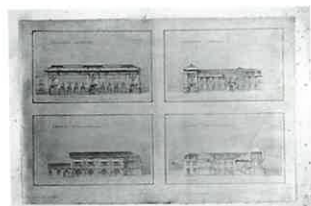


Fig 46 - Projecto da Escola de Belas artes do Porto, Alçado norte da Sala do antigo, arquitectura e desenho (3ª proposta), Porto, 2 Maio 1935



Fig 47 - AAVV, Brazil builds (catálogo), Nova Iorque: MoMA, 1943

Portugal" foi publicado em 1937 na revista Arquitectura portuguesa. O texto inclui pontos como "considerações gerais sobre arquitectura antissísmica e urbanismo", e faz incluso referência ao ambiente da eminente guerra mundial: "A defesa anti-sísmica partilha da defesa maior do património nacional, que para nós, habitantes de Lisboa, significa, além dos tesouros que ao estado compete guardar e proteger, os bens que mais de perto nos tocam, os nossos haveres as nossas vidas. Proteger tais bens contra toda a sorte de calamidades e um terramoto como o de 1755 não é menos calamitoso que uma guerra, por exemplo - é um dos insofismáveis do governo corresponde, aliás, a um princípio moral defendido por todas as religiões, pois que a vida humana, pela actividade espiritual que representa, é objecto inestimável e faz parte integrante dessa obra imensa e formidável de arquitectura que se chama universo".²⁴⁰

A modernidade dos escritos anteriores, coexiste com textos mais alinhados com o regime da altura. Entre esses, destacar o par de escritos por autores-chave: Cotinelli Telmo e Cristino da Silva.

Do caso-autor Cotinelli Telmo, o escrito publicado em 1938, por altura do lançamento do primeiro número da já mencionada revista oficial Architectos. Tal texto aludia a "desafios" do SNA bem como a ideias nacionalistas. Nas suas palavras: "A criação de uma revista [...] do organismo associativo da nossa classe constituía já numa ambição de todas a direcções [...]. Para que os architectos portugueses possa ter um órgão de imprensa que registre a sua actividade e no qual possam expor os seus pontos de vista, quer sobre assuntos de interesse da classe quer de interesse geral [...]. Nenhuma doutrina poderá ser desenvolvida nas suas páginas contrária à da defesa dos architectos e da arquitectura, deixando a todos os seus eventuais colaboradores a mais ampla liberdade de exposição de ponto de vista, desde que orientem a luta pela significação da classe e da arte que os architectos praticam, e acima de tudo o enriquecimento do património artístico da Nação".²⁴¹

E do último autor, Cristino da Silva, o escrito intitulado "Exposição histórica do mundo português", que surgiu publicado na mesma revista Architectos em 1939. O texto refere a promoção do que constituiria um evento de propaganda único, e seu requisito de programa e espacialização. Nas suas palavras: "Nos primeiros dias de janeiro deste ano o governo nomeava [...] membro que constitua o comissariado da Exposição histórica do mundo português [...] architecto -chefe: Cottinelli Telmo. Pouco tempo depois o programa da exposição estava definido quanto ao número e destino de pavilhões [...]. A solução foi 15 dias depois da nomeação do comissariado submetida à apreciação do senhor presidente do conselho Dr Oliveira Salazar, e do Sr Ministro das obras públicas e comunicações, engenheiro Duarte Pacheco [...]. O que fica desta exposição? [...] Um exemplo de actividade, de iniciativa que muito vai honrar e pôr em foco o governo da nação e todos os seus colaboradores perante o mundo - e finalmente o grande ensaio geral da primeira exposição internacional a realizar no nosso país".²⁴²

*

Antes de avançarmos para a seguinte década, interessa focar ainda que brevemente, o âmbito do ensino. A descrição da história do "ensino moderno da arquitectura" é providenciada por Gonçalo Canto Moniz, compreendendo a "formação do architecto em Portugal". No seu doutoramento focou "O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas artes em Portugal (1931-69)" (2011).²⁴³

Tal história compreendeu 3 reformas: a de 1931 marcada por um cariz artístico, a de 1957 marcada por um cariz técnico, e nos anos 70s com um ênfase posto no cariz social. E, em termos gerais, a descrição compreende a tentativa de aplicação de metodologias pedagógicas modernas internacionais durante o regime fascista em Portugal.

No que interessa para o período agora em apreço, cumpre destacar a ocorrência da reforma do ensino das Belas artes em 1932. Tal reforma do ensino artístico, foi orientada pelo Decreto lei 19.760 de 20 de maio de 1931, e compreendeu aspectos de que se destaca a criação de escola de Belas artes portuense.²⁴⁴

Especificamente no Porto, a reforma e escola usufruiu do empenho do então director Marques da Silva. Bem como o reforço da sua institucionalização. Mais referir se identificar com data de maio de 1935, uma terceira proposta de projecto para a Escola de Belas-artes do Porto, compreendendo o alçado norte para uma sala do antigo, arquitectura e desenho.

A história da escola do Porto foi associada por Alexandre Alves Costa²⁴⁵ a uma sequência de momentos-charneiras,

240 Cassiano Branco, "O perigo dos tremores de terra em Portugal", in: Aavv, Arquitectura portuguesa e Cerâmica e edificação, N.32, Lisboa, Novembro 1937.

241 Cottinelli Telmo/Direcção do SNA, in: Aavv, Architectos, N.1, Lisboa: SNA, fevereiro 1938, p.2-4.

242 Cristino da Silva, "Exposição histórica do mundo português", in: Aavv, Architectos, Lisboa: SNA, abril-Junho 1939, p.249-257.

243 O livro, surgido em 2020, provem de doutoramento já de 2011. Do mesmo autor veja-se: Gonçalo Canto Moniz, "Ensino moderno da arquitectura: currículo, pedagogia, edifício", in: Arquitectura, 21, 13, Lisboa, 2010, p.60-65.

244 Maria Lisboa, As academias de Belas artes e o ensino artístico 1836-1910, Lisboa: Colibri, 2007.

245 Em momentos que incluem, por exemplo, o seu concurso para professor associado.

numa “cadeia de afinidades”. Ora, Marques da Silva e o impulso do ensino Beaux-arts e da Reforma de 1931²⁴⁶, precisamente constituiu o primeiro momento. Tal notável arquitecto, protagonizaria enquanto director até 1939.

IV.

A seguinte década de 40, em termos internacionais sócio-culturais, compreendeu o período da segunda Guerra mundial, e do pós-guerra. Em termos de cultura arquitectónica, compreendeu ocorrências relevantes como o impasse orgânico, expresso na exposição “Brazil builds” de 1943, etc.

Em termos nacionais sócio-culturais, o período compreendeu o prosseguimento do Estado novo, bem como a acção do ministro das obras públicas Duarte Pacheco até ao seu falecimento em 1943. Em termos de cultura artística, verificaram-se desenvolvimentos, como em 1944-45 o grupo de Surrealistas integrar o dos Neorealistas. (A título de curiosidade referir que tal evolução compreendeu uma polémica opondo Régio e Álvaro Cunhal).

Em termos urbanos, interessa reconhecer que os “planos de urbanização”²⁴⁷ gerais ambicionados por Duarte Pacheco²⁴⁸ terão continuado. Tal empenhamento incluiu novos planos e autores com influências tanto nos modelos da cidade jardim como já no modelo racionalista moderno. Por exemplo, os planos como o antepiano geral de urbanização de Castelo Branco e de Faro por João Aguiar, expressam influência do modelo da cidade-jardim.²⁴⁹ Não obstante, recordar que em 1944, a “carta de Atenas” foi publicada em Portugal, vindo a constituir uma das reivindicações do “Congresso” de 1948. De facto, notáveis planos foram realizados expressando o modelo urbano moderno. Por exemplo em 1948, Vasco Vieira da Costa desenhou um plano intitulado “cidade satélite de Luanda”. Em Lisboa, em 1945-58, Faria da Costa²⁵⁰ realizou plano o bairro de Alvalade, destinado a habitação social. A tal seguiu-se o bairro das Estacas por Formosinho Sanchez²⁵¹ e Ruy d’Athouguia.²⁵² Já no Porto, o arquitecto tradicionalista italiano Giovanni Muzio²⁵³, em 1940-1942, realizou o “Plano geral de urbanização” que concluiu a estrutura anotada por Piacentini.

Com influência moderna, destaca-se o conjunto residencial de Ramalde ou, em 1949, o plano da zona do Campo alegre, ambos por Fernando Távora.²⁵⁴

Em termos arquitectónicos, prosseguiu a estilística do português suave. Este é, como já antes referido, descrito por autores como Fernandes (2003)²⁵⁵, etc.²⁵⁶ A década foi também aludida por Bandeirinha no seu livro “Quinas vivas”.²⁵⁷ Assim, desde logo referir que a propaganda do poder compreendeu múltiplas dimensões em termos de arquitectura, desde a aplicação de um estilo em edifícios e espaços urbanos, reconstrução de monumentos, até uma exposição monumental ou infraestruturas.

Neste sentido, uma descrição da construção da “memória” e “restauro dos monumentos nacionais”, compreendendo o período mediado entre os anos 30 e 60²⁵⁸, foi providenciada por Maria Neto.

Uma segunda ocorrência registou-se em 1940, a qual ficou designada por “Exposição internacional do mundo português”. Esta constituiu uma afirmação/publicitação nacionalista.²⁵⁹ Não obstante, usufruiu do contributo de notáveis arquitecto. Por exemplo, o pavilhão da Colonização teve autoria de Carlos Ramos, e o Espelho de água e Centro regional e da vida popular teve projecto com autoria de António Camelo e João Simões, etc.

Como terceira ocorrência, referir a intervenção à grande escala urbana, dando continuidade a um cariz mais tradicionalista e de regime. Por exemplo, em 1938-1943/49 a praça do Arieiro por Cristino da Silva²⁶⁰ ou, em 1942, a nova cidade universitária de Coimbra por Cottinelli Telmo com Cristino da Silva.

No entanto, em termos infraestruturais, o regime tradicionalista simultaneamente tentou com algumas acções simular



Fig 48 - Arquitectura Inglesa, In: Arquitectos, SNA: Lisboa, N.º 14



Fig 49 - João Aguiar, Antepiano geral de urbanização, Castelo Branco, ca. 1940



Fig 50 - 1.º Congresso nacional de arquitectura, Lisboa, 28 Maio 1948



Fig 51 - Faria da Costa, Bairro de Alvalade, Lisboa, 1945-50s

246 Vd. as designações de Alves Costa: a “Arquitectura como ensino superior nas Belas artes: 1931”; “A modernização tecnocrática possível: 1957”; “Algumas agruras da liberdade com a aceitação institucional da experiência pedagógica: 1974”; terminando o livro com “Finalmente a História da arquitectura portuguesa”.

247 Margarida Lôbo, Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco, Porto: Faupublicações: Porto, 1995.

248 Duarte Pacheco (1900-1943).

249 Jorge Coelho, Op cit , p.86.

250 Faria da Costa (1906-1971).

251 Formosinho Sanchez (1922-2004)

252 Ruy d’Athouguia (1917-2006).

253 Giovanni Muzio (1893-1982).

254 Fernando Távora (1923-2005).

255 José Manuel Fernandes, Português suave: arquitecturas do Estado novo, Lisboa: IPPAR, 2003.

256 Pedro Vieira de Almeida, A arquitectura no Estado novo: uma leitura crítica, Lisboa: Horizonte, 2002.

257 José Bandeirinha, Quinas vivas, Porto: Faupublicações, 1996 (2ª edição).

258 Maria Neto, Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais (1929-1960), Porto: Faupublicações, 2001.

259 S.a., “Exposição do mundo português”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, julho 1939, p.10.

260 Vd. e.g. fotografias por António Passaporte à cidade de Lisboa dos anos 40 (AML).



Fig 52 - Cristino da Silva, Praça do Arieiro, Lisboa, 1949



Fig 53 - Cristino Silva, Diário de notícias, In_ Arquitectos, N.º13, SNA_ Lisboa



Fig 54 - Adelino Nunes, CTT, In_ Arquitectura portuguesa, N.º118, Lisboa Janeiro 1945, p.17

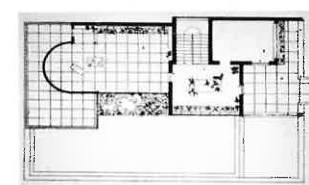


Fig 55 - Viana de Lima, Casa na Rua Onório de Lima, Porto, 1940



Fig 56 - Liceus do Portugal de hoje, In_ Arquitectura portuguesa, N.º75, Lisboa, Junho 1941, p.8

para o exterior uma imagem de progresso. Designadamente, mediante empreendimentos excepcionais, das grandes hidroelétricas e, quiçá também de pousadas ao serviço do turismo. Por exemplo, em 1942 a pousada hidroelétrica do Cávado ou a pousada do Marão, ambas da autoria de Rogério Azevedo.

À escala da obra arquitectónica, acrescem ainda múltiplos projectos/obras em estilo monumental ou português suave, como em 1947-49 a leprosaria Rovisco Pais na Tocha por Carlos Ramos, em 1945 o hotel Infante Sagres por Januário Godinho, em 1944 o estádio nacional do Jamor pelos arquitectos Konrad Wisner com Miguel Jacobetty Rosa²⁶¹ e o paisagista Inácio Caldeira Cabral.²⁶²

No entanto, em termos arquitectónicos, relevam múltiplos obras/projectos também de cariz moderno.

De facto, como destaca Mendes, uma terceira geração moderna nascida entre 1905-1917, inicia prática nos anos 1940s, tendo obra significativa nos anos 1950s.²⁶³ Tal incluiu notáveis arquitectos como por exemplo, no Porto Fernando Távora e, em Lisboa, Nuno Teotónio Pereira.²⁶⁴

Especificamente no Porto, relevam múltiplas obras/projectos de cariz moderna. De facto, como Fernandez referiu em aula aberta (2008)²⁶⁵, durante o regime, a demonstração da possibilidade de concretização de uma arquitectura moderna Corbusiana, manifestara-se numa casa construída por Viana de Lima. A busca de um "estilo internacional" continuou a expressar-se, em projectos incluso publicados, como os prédios projectados por Barbosa e Losa. Como aconteceu em Lisboa, pontualmente, em projectos incluso publicados, como o Cinearte por Raul Lima²⁶⁶, ou o Diário de Notícias por Cristino da Silva.²⁶⁷

Por outro lado, teria início a busca de uma "outra modernidade", influenciadas novas sensibilidades²⁶⁸ do pós-guerra. Por um lado a organicidade expressa por exemplo na exposição "Brazil builds" de 1943.²⁶⁹ Por outro lado, na aceitação de novas organizações e novidades espaciais (como a sala comum, etc). Certo é que, progressivamente, tudo culminou numa rendição por parte do regime ao modelo moderno, o que surgiu sinalizado pelo bairro das Estacas de Sanchez e Authouguia. (De facto, já no período da segunda metade dos anos 40, assiste-se a um desvanecimento do "portuguesismo").

Em termos arquitectónicos, nacionalmente, relevam múltiplos projectos/obras modernas com programa diverso.

Em 1940 o mercado de Ovar por Januário Godinho, em 1949-55 o bairro das estacas por Formosinho Sanchez e Ruy d'Athouguia, em 1941 o liceu João III em Coimbra por Carlos Ramos, o liceu Nuno Álvares em Castelo Branco, edifícios dos CTT por Adelino Nunes, ou em 1944-46 a Casa da moeda por Jorge Segurado.

No Porto relevam obras/projectos de autores e programas diversos. Em 1941?, a casa na rua Honório de Lima por Viana de Lima, a casa na rua Montes dos burgos por Celestino Castro, em 1944-47 o cinema Batalha, em 1941 o Coliseu por Mário Abreu, em 1942 o edifício António Soares Martinho por Rogério Azevedo com C. Justino, em 1948 edifício residencial por Agostinho Rica²⁷⁰, em 1944-5 o palácio atlântico pelos ARS na praça Don João, em 1949-52 o mercado do Bom sucesso pelos ARS, em 1942-44 o prédio de rendimento Adão Polónia pelos ARS. Bem como concretizações que destacam a acção de Arménio Losa e Cassiano Barbosa²⁷¹, como em 1945-50 o bloco da Carvalhosa, em 1949 o edifício de escritórios na rua de Ceuta, em 1947-50 o edifício Dkl, ou em 1949-50 o edifício Soares e irmão.

Por último, referir que, durante o regime fascista, constatou-se uma maior expressão e continuidade entre gerações de arquitectura modernas. Pereira justifica as razões: "Por um lado, o afastamento de capital e portanto da vigilância estatal; por outro, os arquitectos portuenses, ao contrário dos lisboetas, dependiam sobretudo de encomenda privada, o que lhes assegurava maior independência face às imposições oficiais; finalmente, porque a cidade do Porto tem uma tradição fortemente enraizada de autonomia face ao poder sediado em Lisboa".²⁷²

Certo é que na maioria do país, conforme referimos noutra ocasião, a partir de determinado momento, ocorreu uma manifestação contra a produção tradicionalista; correspondendo a período de afirmação do "estilo internacional", e à evolução da arquitectura), respondendo ao apelo à resolução da carência de habitação colectiva, etc.

261 Jacobetty Rosa (1901-1970).

262 Inácio Caldeira Cabral (1908-1992).

263 Manuel Mendes, "Nós: uma modernidade de fronteira: nós para uma passagem inconclusa", in: Xavier Costa et al (ed.), Architecture of the modern movement, 1925-65, Barcelona: Docomomo/Mies/AAP, 1997.

264 Nuno Teotónio Pereira (1922-2016).

265 Sérgio Fernandez, Aula aberta, FAUP-Porto, 2018.

266 Raul Rodrigues Lima, Cinearte, in: Aavv, N.12, Arquitectos, Lisboa: SNA, p.0.

267 Cristino Silva, Diário de notícias, in: Aavv, Arquitectos, N.13, Lisboa: SNA, p.0.

268 Vd. e.g. edifício de Cassiano Barbosa e Arménio Losa na rua de Ceuta.

269 Aavv, Brazil builds (catálogo), Nova Iorque: MoMA, 1943.

270 Agostinho Rica (1915-2010).

271 Cassiano Barbosa (1908-98).

272 Nuno Teotónio Pereira, Op cit. Ibid, p.36.

Em termos de associativismo, cumpre referir o papel de dois grupos militantes modernos, desafiando o pensamento oficial – o ODAM no Porto e o ICAT em Lisboa.

O ODAM (Organização dos arquitectos modernos), foi fundado no Porto em 1946 e prolongou-se em 1947-48.

O grupo incluiu arquitectos como Alfredo Viana de Lima, Cassiano Barbosa, Arménio Losa, Octávio Lixa Filgueiras, Fernando Távora, José Carlos Loureiro, Agostinho Rica, João Andersen, Mário Bonito, Rui Pimentel²⁷³, Adalberto Dias e João Segurado. Uma publicação retrospectiva da acção dos ODAM foi realizada pelo próprio Barbosa (1972).

E uma descrição das actividades do grupo é providenciada em dissertação por Edite Rosa²⁷⁴, “ODAM: os valores dos arquitectos modernos e a confrontação com a realidade produtiva”. Os princípios e objectivos foram desenvolvidos em 1947, referindo-se “A ODAM tem como objectivo divulgar os princípios em que deve assentar a arquitectura moderna, procurando afirmar, através da própria obra dos seus componentes, como deve ser formada a consciência profissional e como criar o necessário entendimento entre os arquitectos e os demais técnicos e artistas”.²⁷⁵ Em 1951, o grupo realizou uma primeira exposição no Ateneu comercial do Porto.

Relativamente ao contexto portuense, interessa salientar o protagonismo de Fernando Távora.

Logo em 1945 este autor publicou na Oloé²⁷⁶ e depois em 1947, “O problema da casa portuguesa”.

O ensaio foi estruturado nos explícitos pontos: “O problema da casa portuguesa: Arquitectura e arqueologia:

para uma arquitectura portuguesa de hoje: da arquitectura e das possibilidades da construção moderna no mundo”.²⁷⁷

Do último desses pontos, repetimos o excerto: “Percorre-se as nossas cidades, visitam-se campos e aldeias, procura-se por todo o lado uma expressão nova da nossa arquitectura e a conclusão é sempre igual e sempre a mesma: em Portugal, hoje, não se faz arquitectura e, pior ainda, entre nós não se pretende sequer fazer-se arquitectura. A situação admite apenas a alternativa, ou seguir em frente, ou estagnar no caos em que nos encontramos. Perante este dilema, optamos pela primeira posição, com a esperança firme que ela é a única possível para aqueles que nasceram para aumentar ao passado algo de presente e algumas possibilidades de futuro, para aqueles para quem criar alguma coisa de novo, não pelo desejo estúpido de ser diferente, mas pela imperativa determinação da vida que não admite qualquer paragem ou qualquer estagnação sob pena que a posteridade nos não perdoe. Será leviano, e foi esse um dos erros dos criadores da casa à antiga portuguesa, que a nova arquitectura surgirá em poucos anos e todos os problemas se hão de resolver de um dia para o outro. É impossível para os homens de hoje, poderem ver o resultado completo dos seus esforços; porém as grandes obras e as grandes realidades pertencem não a indivíduos, mas a uma comunidade constituída não só pelos presentes como pelos que hão de vir, e dentro deste espírito ficaremos contentes em saber que as gerações vindouras obterão as soluções que sonhamos e para as quais colaboramos, sem no entanto ter o prelo da sua completa realização”.²⁷⁸

Futuramente, Távora contribui para o desenvolvimento de uma terceira via no seio da arquitectura portuguesa.

No mesmo ano de 1946, foi criado por 30 arquitectos lisboetas o grupo ICAT (Iniciativas culturais, arte e técnica).

Tal grupo caracterizou-se por uma dinâmica transdisciplinar, sendo que de destacar o facto de terem procedido à aquisição da revista Arquitectura.

Relativamente ao contexto lisboeta interessa-nos salientar o protagonismo de Keil do Amaral. Nascido em 1919 e falecido em 1975, a este voltaremos mais tarde. Recorde-se, em termos associativos, continuara a operar o SAP, o qual era composto por altura do “Congresso” por 124 arquitectos inscritos.²⁷⁹ Acontece, em 1948, 1º congresso nacional dos arquitectos. O evento constituiu uma afirmação de classe²⁸⁰, reclamando tanto a intervenção moderna segundo a “Carta de Atenas”, como a realização de um inquérito, etc. Permitiu, nas palavras de Portas, “apresentar ao governo uma imagem de unidade sobre dois pontos importantes: a rejeição do Português suave e a chamada de atenção para o gravíssimo problema da habitação e o papel da arquitectura e urbanismo modernos na sua solução”.²⁸¹

O de 1948, usufrui de uma nova geração coincidente com o momento de crítica à arquitectura nacionalista. Entre o conjunto de aspectos que foram significativos, não se deixe de destacar a relação do grupo ICAT com a revista Arquitectura.

Neste sentido, Ramos salientou a importância das revistas de arquitectura, as quais ganharam terreno “no campo crítico e

273 Rui Pimentel (1924-2015).

274 Edite Rosa, ODAM: os valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva, Barcelona: ETSAB, 2015.

275 Cassiano Barbosa, Op cit, Ibid.

276 Fernando Távora, O problema da casa portuguesa, in: Aavv, Aloé, 11 Novembro 1945. (Reeditado em 1947 como 1º número de Cadernos da arquitectura, pelas edições Organizações).

277 Fernando Távora, O problema da casa portuguesa, Lisboa: JMLeal edições, 1947, p.2 e 7.

278 Fernando Távora, Problema da casa portuguesa (1946) Lisboa: Cadernos de arquitectura-Edições organizações, 1947.

279 Vasco Massapina, Op cit. O Congresso deu lugar a relatório publicado na altura; e em 2018 o Forte de sacavém lançou uma publicação crítica.

Vd. Aavv, Revelar o património: congresso nacional de arquitectura 1949-2018, Sacavém: Forte de Sacavém, 2018.

280 S.a., 1º Congresso nacional de arquitectura, maio-junho 1948: relatório da comissão executiva: teses, conclusões e votos do congresso. Lisboa: SNA, 1948.

281 Nuno Portas, “A evolução da arquitectura moderna”, in: Bruno Zevi, História da arquitectura moderna, Lisboa: Arcádia, 1973, p.733-736.

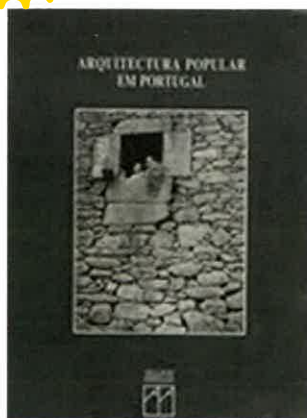


Fig 57 - AVV, Inquérito à arquitectura popular portuguesa, Lisboa, 1955-1960



Fig 58 - Bruno Zevi, Verso un'architettura organica, editora, Lisboa, 1940-50

observativo da produção arquitectónica em Portugal pela mão de diversos arquitectos, nomeadamente Nuno Portas.²⁸² Por outro lado, em determinado sentido, o congresso representou um enfrentamento a um enrijecimento do regime face à perda dos próprios fascismos na Europa.²⁸³ Keil do Amaral em particular, tentou revogar as directrizes do regime classificando a arquitectura promovida como “[...] cenografia pretensiosa, feita de arcarias despropositadas, complicadas chaminés, retorcidos e abundantes ferros-forjados [...], portas super-barrocas, falsos andares nobres”.²⁸⁴ Mais, criticou “colegas que se dedicaram a procurar das revistas alemãs ou de outras nacionalidades modelos para as obras de saber português que tanto encantavam os mentores da campanha pró-arquitectura nacional”.²⁸⁵

Acresce que, em termos associativos, é interessante que uma secção portuguesa da UIA tenha sido criada no mesmo ano de 1948. Tal veio a possibilitar, mais tarde na década seguinte, a organização de um dos seus “congrés” em Portugal. Tal igualmente constituiu um sinal de inevitável maior abertura.

Como antes dizíamos, entre os membros do ICAT e em Lisboa, destacou-se o protagonismo de Keil do Amaral. A sua vida e obra usufruiu da abordagem por vários autores, incluindo o livro publicado por Ana Tostões e Raúl Hestness Ferreira “no centenário do seu nascimento”.²⁸⁶

Keil do Amaral constitui caso-autor crucial para este período, sendo de sua autoria muitos textos cruciais. Assim, logo em 1943 publicou “A moderna arquitectura holandesa” com base em viagem que realizara em 1936-37: “Faz-se na Holanda uma arquitectura nacional mas de um racionalismo e dureza, sem secura, mas racionalismo que anda de braço dado com a poesia. Estudam-se os projectos de dentro para fora, como deve ser, mas não se considera suficiente uma distribuição correcta dos serviços. A comodidade e a beleza fazem mútuas concessões para uma maior harmonia dos conjuntos”.²⁸⁷

Em 1947, publicou “Uma iniciativa necessária”, na revista Arquitectura. Tal esteve na base da proposta de evento crucial. Designadamente, do “Inquérito” à arquitectura portuguesa, que viria efectivamente a decorrer na década seguinte. Nas suas palavras: “Com trinta contos, mais escudos mesos escudo, fazia-se a coisa [...]”. Poderiam contribuir para uma obra útil, capaz de constituir uma pedra angular na renovação da nossa arquitectura. Trata-se da recolha e classificação de elementos peculiares à arquitectura portuguesa nas diferentes regiões no país, com vista à publicação de um livro, larga e criteriosamente documentando, onde os estudantes e técnicos da construção pudessem vir a encontrar as bases para um regionalismo honesto, rico e saudável. [...] É que este tão debatido como desvirtuado problema da arquitectura regional portuguesa merece, realmente, melhor sorte [...]. Organizar-se-iam 3 equipas de 2 arquitectos, que percorreriam uma o norte, outra o centro e outra o sul do país, investigando, fotografando, desenhando e tomando notas [...]”.²⁸⁸

Em 1948 publicou a “A formação dos arquitectos” que procedeu de comunicação ao Congresso de 48, texto a que voltaremos mais adiante.²⁸⁹

Publicou ainda, por volta da mesma altura, as “Maleitas da arquitectura nacional”, na revista Arquitectura. Tal consistiu numa série de reflexões críticas no concernente à prática profissional. Neste sentido, por exemplo atente-se às “Maleitas da arquitectura nacional” publicado na Arquitectura em 1948. Tal incluiu o ponto “A mania das pressas e o dinamismo, seu filho predilecto”, que fez referência a: “Que a época é de dinamismo, de acção, incessante e acelerada [...] não é uma força é um engano. Não é um elemento construtivo, é um factor de improvisações e deficiências [...]”. Bem precisávamos desenvolver o nosso espírito de organização e habituarmo-nos a trabalhar metodicamente, com ponderação e calma, mas é precisamente o contrário que se fomenta e admira. E como a arquitectura nacional não se tem dado bem com tanto dinamismo, com tanta perfeição, não seria conveniente refrear esta verdadeira mania das pessoas de que nos deixámos possuir? Aqui termina esta série de artigos com que pretendo diagnosticar algumas das mais graves maleitas de que enferma a arquitectura nacional, com visitava facilitar-lhe um trajecto adequado [...]. É óbvio que ficaram ainda à margem, sem crítica, diversas outras”.²⁹⁰

*

Em termos de publicações, referir que em 1947/48, teve início a 2ª série da Arquitectura sobre a égide do ICAT.

282 Rui Ramos, “A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa: mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século xx”, Porto: Universidade do Porto, 2004, p.670. (dissertação).

283 Sérgio Fernandez, Aula aberta, FAUP-Porto, 2018.

284 Nuno Teotónio Pereira, “A arquitectura do regime, 1938-1948”, in: Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang (ed.), Portugal: arquitectura do século XX, Munique: Prestel, 1997, p.3 e 37.

285 Ibid., p.37.

286 Ana Tostões e Raúl Hestness Ferreira, Keil Amaral: no centenário do seu nascimento: ensaios, Lisboa: Argumentum, 2010.

287 Keil do Amaral, “A moderna arquitectura holandesa”, in: Aavv, Cadernos e Seara nova, Lisboa, 1943.

288 Keil do Amaral, “Uma iniciativa necessária”, in: Aavv, Arquitectura, N.14, Lisboa, abril 1947.

289 Keil do Amaral, “A formação dos arquitectos”, in: 1º Congresso nacional dos arquitectos, SNBA: Lisboa, 1948, p.74-79.

290 Keil do Amaral, “Maleitas da arquitectura nacional”, in: Aavv, Arquitectura, N.18-24, Lisboa, abril 1948.

A revista teve influência crucial, e nas palavras de Ribeiro: “A divulgação de princípios teóricos e da prática profissional bastante diferenciados das publicações anteriores [...], a divulgação de projectos estrangeiros e aos arquitectos portugueses, que [...] anunciavam um posicionamento mais crítico face ao contexto da produção arquitectónica oficial e que introduziam já novos materiais e novas expressões nos seus projectos [...]. Por outro lado, esta publicação retomava um diálogo interrompido com as artes plásticas deixando transparecer a interdisciplinariedade integrante do currículo escolar [...]. A revista *Arquitectura* manteve-se como o veículo preferencial de uma geração [...] do pós-guerra e [...] Europa. [...] Também preocupações profissionais traduziram-se em termos editoriais, desde os finais da década de 40, na introdução de novas temáticas e na divulgação de textos doutrinários como a carta de Atenas”.²⁹¹

Já a *Arquitectura* portuguesa nos anos 40 teve conteúdos que incluíram referências internacionais, bem como a temas e personagens nacionais.

No domínio nacional, referir por exemplo, em 1940 ao turismo²⁹², em 1941 à “electricidade na construção”²⁹³ e “electrificação nacional”²⁹⁴, e em 1944 a Marcelo Caetano²⁹⁵ ou Duarte Pacheco”.²⁹⁶ Bem como a temas disciplinares relevantes nacionalmente, como em 1942 à “primeira arquitecta”²⁹⁷, em 1941 à continuação dos debates intelectuais entre Thomaz Ribeiro Colaço e António Hidalgo Barata²⁹⁸, em 1947 às “Maleitas” profissionais²⁹⁹, em 1949 ao “homem”³⁰⁰, em 1943 à “crítica”³⁰¹, em 1949 à oposição dos “arquitectos do Porto [...] acerca da imposição de um estilo às novas edificações”³⁰², em 1949 ao “congresso”³⁰³, ou em 1949 ao “ensino da arquitectura em Portugal”.³⁰⁴ No domínio temático internacional, salientaram-se referências como em 1949 ao “congresso do CIAM”³⁰⁵, em 1949 ao alerta de Ernesto Rogers aos “estudantes de arquitectura”³⁰⁶, em 1946 ao organicismo de “Frank Lloyd Wright”³⁰⁷, em 1949 ao indagar da “monumentalidade” por Gropius³⁰⁸, e do “tradicionalismo”³⁰⁹ etc. Ao que acresce a publicação de projectos de equipamentos com programa diverso ou habitação. Tal incluiu equipamentos de ensino³¹⁰, de escolas do primário ³¹¹ às de ensino secundário ³¹² (como o liceu de Coimbra por Carlos Ramos,³¹³ o liceu de Castelo Branco³¹⁴, ou a escola industrial³¹⁵), até instalação do ensino superior (o Instituto superior técnico).³¹⁶ Ou equipamentos de tipos, como em 1944 o edifício do Aeroporto³¹⁷, em 1944/46 a “casa da Moeda”³¹⁸, ou em 1945 os “CTT”³¹⁹ Ou sobre habitação³²⁰ e urbanismo³²¹, incluindo a “carta de atenas”³²², a habitação para a classe média³²³, incluindo “prédios de rendimento”³²⁴, etc.³²⁵



Fig 59 - *Arquitectura* portuguesa, N.º45, Lisboa, Outubro 1939, p.25

291 Ana Ribeiro, “Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953”, Porto: Faupublicações, 2002, p.274-275.

292 “Turismo”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março 1940, p.7.

293 “A electricidade na construção”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, fevereiro 1941, p.21.

294 “A propósito da electrificação nacional”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, agosto 1944, p.13.

295 Marcelo Caetano, “Trabalho e assistência social”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, maio-junho 1944, p.14.

296 “Morte do Engº Duarte Pacheco”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, novembro 1943, p.7.

297 “A primeira arquitecta portuguesa”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, novembro 1942, p.24.

298 Thomaz Ribeiro Colaço, “Carta a António Hidalgo Barata”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, Agosto 1940, p.7.

299 Keil do Amaral, “Maleitas da arquitectura nacional”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, julho-agosto 1947, p.18.

300 “Sobre o homem, sobre a arquitectura”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, julho 1949, p.6.

301 “Crítica”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, abril 1943.

302 Grupo de arquitectos do porto, “[...] acerca da imposição de um estilo às novas edificações”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, setembro 1949, p.2.

303 “Congresso nacional”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, fevereiro-março 1949, p.2.

304 “O ensino da arquitectura em Portugal”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.º, Lisboa, setembro 1949, p.14.

305 “O VII congresso dos CIAM”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.º3, Lisboa, junho-julho 1949.

306 Ernesto Rogers, “Aos estudantes de arquitectura”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.º28, Lisboa, janeiro 1949, p.7-8.

307 Frank Lloyd Wright, “Guggenheim de Nova Iorque”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.º133, Lisboa, abril 1946, p.19.

308 Frank Lloyd Wright, “Uma original concepção arquitectónica”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, N.º133, abril 1946, p.19.

309 Walter Gropius, “Sobre a ideia de monumentalidade”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, maio 1949, p.14.

310 “Tradicionalismo”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa.

311 “Escolas”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, setembro 1940, p.11.

312 “Escolas primárias”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, junho 1941, p.20.

313 “Liceus do Portugal de hoje”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, junho 1941, p.8. “Os novos Liceus”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, N.º116, novembro 1944, p.8. “Liceus”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.º116, Lisboa, novembro 1944.

314 “Liceu D. João III” (Coimbra), in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, junho 1941, p.14-15.

315 “Liceu de Nuno Álvares” (Castelo Branco), in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, novembro 1944, N.º116, p.16.

316 “Escola Industrial D. Infante Henrique” (Porto), in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, junho 1941, p.16.

317 “IST [...] realizações actuais”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, setembro 1940, p.12.

318 Vd: Keil Amaral, “Aeroporto” (Lisboa), in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, maio 1944, p.41. Keil do Amaral?, “Aeroporto” (Lisboa), in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, abril 1945, p.34.

319 Vd: José Segurado, “Casa da moeda”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, maio 1944, p.6. José Segurado, “Casa da moeda”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.º138, Lisboa, 1946.

320 Adelino Nunes?, “[...] Ctt”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, N.º118, janeiro 1945, p.17.

321 “Casas novas”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, julho 1944, p.44.

322 “Habitação e Urbanismo”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, janeiro 1946, p.21.

323 “Carta de Atenas”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, 1941, p.17-18.

324 “Habitação para a classe média”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, outubro 1943, p.7.

325 “Prédios de rendimento”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, novembro 1940, p.12-13.

326 Viana de Lima (Porto), in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.º112, Lisboa, p.7.



Fig 60 - Keil do Amaral, Aeroporto (Lisboa), In_ Arquitectura portuguesa, N.º121, Lisboa, Abril 1945, p.34

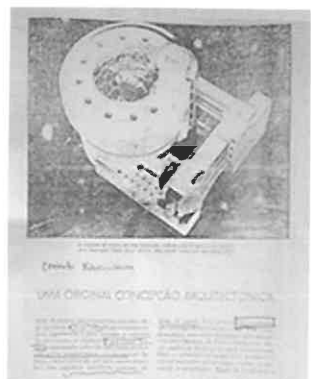


Fig 61 - Frank Lloyd Wright, Uma originl concepção arquitectónica, In_ Arquitectura portuguesa, Lisboa, N.º121, Abril 1946, p.19



Fig 62 - Arquitectura portuguesa, Lisboa, Março 1952



Fig 63 - José Segurado, Casa da moeda. (Lisboa). Arquitectura portuguesa, N.º121, Lisboa, 1946

Relativamente aos suportes ao desenvolvimento teórico, referimos já em anterior ocasião, o papel crucial de revistas. Sendo que, neste conspecto: "O pós-guerra motivou novas orientações na prática e cultura arquitectónica portuguesa, definindo uma nova geração de arquitectos, que se afirmava no 1º Congresso nacional de arquitectura de 1948. Tais desenvolvimentos foram analisados por Ana Tostões que, referenciando as publicações do período, enaltece o desempenho da revista Arquitectura.³²⁶ Renovada em 1947 pelo grupo ICAT - Iniciativas culturais arte e técnica e associada a Keil do Amaral, esta publicação foi, segundo Tostões, repositório de ideários da geração em formação, espaço de debate da prática arquitectónica portuguesa e difusor dos modelos modernistas internacionais. Tal impulso contaminou a "Arquitectura portuguesa e cerâmica e edificação" que, autonomizando-se dos interesses corporativistas, inicia em 1952 uma política editorial centrada na especialidade arquitectónica, tendo constituído, de acordo com Tostões, o espaço de vanguarda mais radical do Estilo internacional de origem latino-americana³²⁷".³²⁸

Uma opinião acertada sobre a "Arquitectura na escrita" nos anos 40 provem de Ana Ribeiro. A autora igualmente salienta o papel do Congresso e da revista. "Recorde-se [...] que neste período o número de arquitectos inscritos no sindicato não chegava a uma centena e as actividades por este promovidas nunca alcançaram a desejada mobilização da classe. Razões de ordem política ditavam este afastamento, como foi repetidamente referido por várias direcções sindicais. O 1º Congresso nacional de arquitectura, em 1948, é prova disso mesmo. (Como também o é a revista Arquitectura, publicada pelo ICAT, que reflectia a dinâmica e o debate desejado e nunca alcançado no seio do sindicato). Ou seja estava em curso a mobilização de uma jovem geração que, presente e interveniente no 1º congresso, dava sinais de uma outra consciência social dos arquitectos portugueses que iria ter repercussões dentro do sindicato".³²⁹

E um entendimento produtivo acerca da teoria nos anos 40, decorre de Ana Tostões. A autora apresenta os anos 40 como rótula, entre o congresso e o inquérito, não deixando de salientar o papel de Keil do Amaral e Teotónio Pereira, e respectivas acções escritas. Segundo esta: "Os anos 40 são o fecho de um ciclo que indicia a viagem do pós-guerra e o começo de outro, fulgurante e promissor, o da reconstrução e da confiança recuperada [...]. Em 1943 [...] surgiram em Portugal dois sinais de mudança: Nuno Teotónio Pereira (jovem de 21 anos), iniciava a sua colaboração com a revista Técnica (dos estudantes do IST) inaugurando entre nós a divulgação dos conceitos de arquitectura moderna; E Keil do Amaral começava a impor-se como uma referência ética na classe dos arquitectos, publicando o relato da viagem realizada em 1936-37 à Holanda, onde divulgava para o grande público, a arquitectura moderna holandesa focando a urbanidade, surpreendentemente qualificada, a participação dos cidadãos na resolução dos grandes temas e elegia uma expressão arquitectónica corrente como a chave para o futuro. [...] São os anos que se seguem ao tempo heróico da arquitectura moderna, são o anos das dúvidas com Távora a clarificar ideias sobre a questão da casa portuguesa de finais de oitocentos, e da tradição e da modernidade que, afinal podiam ser complementares. E são por isso mesmo, os anos em que se reclama tudo, estudo, inventariação e conhecimento da arquitectura popular, não como uma imagem idílica pastoral mas atacada através da análise de um quadro de vida e da resposta do tempo e das gerações de homens aos problemas. Aliás a confrontação ao rubro entre o moderno de um lado e o tradicional de outro vão estimular o sucesso, enquanto plataformas de participada e generosa entre todos os arquitectos, do Congresso de 1948 e os resultados brilhantes como a reflexão de Cottineli Telmo sobre a arquitectura nacional e internacional".³³⁰

Tostões refere-se a autor próximo ao regime, Cottineli Telmo, o qual no seu escrito "Arquitectura nacional: arquitectura internacional", fez referência à diferenciação/portuguesismo. Na aludida comunicação apresentada no congresso de 1948, concluiu-se: "A época que atravessamos não pode deixar de ficar caracterizada para o futuro com a mesma diferenciação que verificamos no panorama arquitectónico dos nossos 8 séculos de história. O portuguesismo da nossa obra de arquitectura não pode continuar a impor-se através das imitação de elementos decorativos do passado nem do falseamento, na aparência, de processos de construir que não sejam os tradicionais; Os arquitectos portugueses repudiam toda e qualquer insinuação de que a sua obra - quando se exprima de maneira diferente da consagrada até hoje como portuguesa - representa alheamento da sua personalidade profissional e, o que é pior ainda, da sua nacionalidade".³³¹

*

326 Ana Tostões, "Afirmção, questionamento e contestação do paradigma moderno", in: Aavv, J.A., N.211, Maio 2003, p.21-22.

327 Ibid, p.22-23.

328 Gonçalo Furtado e Ângela Lei, "Revistas portuguesas de arquitectura: evolução nos últimos dois decénios (1988-2008) [...]", in: Aavv, Resdomus, N.1. Porto: FAUP, 2014, p.59-71.

329 Ana Ribeiro, "Arquitectos: arquitectura: palavra escrita", in: Aavv, A arquitectura na escrita, Lisboa: Ordem dos arquitectos, 2007, p.11

330 Ana Tostões, "Arquitectura teórica: anos 40", in: José Rodrigues et al (eds.), Teoria e crítica de arquitectura século xx, Lisboa: Caleidoscópio, 2010, p.301 e ss.

331 Cottineli Telmo, "Arquitectura nacional: arquitectura internacional", in: 1º congresso nacional de arquitectura: relatório da comissão executiva, teses, conclusões e votos, Lisboa, 1948.

Relativamente ao período de 1940-1960, que designaríamos por de “dialética”, podemos repetir o referido em anterior ocasião: “Na década de 1920 e 1940, com a crescente situação política, o processo sobre a dialética do movimento moderno manifesta-se na produção arquitectónica pela década de 1940, com a segunda geração de arquitectos modernos. A situação altera-se ligeiramente, na transição para a década de 1950, com a influência de contributos americanos, que marcando uma terceira geração de arquitectos modernos: Mário Bonito³³², Conceição Silva³³³, Teotónio Pereira, Fernando Távora, José Carlos Loureiro e João Andresen³³⁴, bem como Arménio Losa e Keil do Amaral, sendo que estes últimos arquitectos são directamente ligados à primeira geração. Procurava-se praticar uma arquitectura híbrida, articulando elementos modernos com a tradição construtiva popular, nas condições portuguesas, na emergente crítica ao formalismo moderno, bem como trabalhar com os recursos possíveis, adequados ao contexto.³³⁵ Numa altura de entender razões da obra, que conforma uma mudança na arquitectura portuguesa, distingue-se dos ecletismos das décadas anteriores.³³⁶ Salienta-se, no entanto, como decorre no artigo da revista “Arquitectura” Nº28, de janeiro de 1949,³³⁷ que em paralelo com esta vontade de mudança, a geração anterior procurava que o diálogo se desenvolvesse fora das diferentes práticas de arquitectura que distinguia as gerações, em prole de uma atenção à problemática social verificada nos anos 1950. Uma tomada de consciência forte desta nova geração, no que toca às transformações sócio culturais já em curso, bem como à crise do racionalismo, que marcaram as suas obras, numa exploração de novas concepções espaciais e constructivas capazes de refletir a sua situação fora do “modernismo”. Uma decisão em que o projecto se proporciona de liberdade como instrumento ideológico, medida de definição individual mais irrepetível, num esforço de percepção das suas condições e premissas.”³³⁸ Chegados aqui parece-nos de ressaltar uma questão: a modernidade portuguesa foi uma sequência de continuidades e rupturas, ou uma imperfeição, metaforicamente magnânimo e próxima das nossas capelas “imperfeitas” da Batalha.

Por último, em termos de ensino, recorde-se o alerta que emitia Keil do Amaral em pleno Congresso de 48.

Em “A formação dos arquitectos”, Keil do Amaral analisa esta importante dimensão curisamente constatando uma inexistência de disciplinas de teoria da arquitectura: Uma “[...] incapacidade das escolas de Belas artes para formar arquitectos sabedores e conscientes da sua missão. E se quisermos, realmente prestigiar a arquitectura, no plano nacional teremos e encarar, quanto antes e com largas medidas, a remodelação das condições em que se formam os nossos arquitectos. Será uma complexa, difícil e não isenta de melindres; mas afigura-se-me que essa é a tarefa basilar nesta luta em prole de um serviço à causa da arquitectura e ao país [...]. A cadeira de História de arte, de tão largo alcance para a formação dos arquitectos, principalmente quando não existe, como é o caso, uma cadeira de Teoria de arquitectura, quase se resume a um longo enunciado de notas [...]. O ensino da arquitectura, em Portugal, faz-se em condições manifestamente deficientes, prejudiciais para os superiores interesses da arte e do nosso país. Creio que uma mais eficiente e bem orientada formação dos arquitectos deverá ser o primeiro e mais importante passo para a dignificação da arquitectura no plano nacional, e nessas condições, exprimo os seguintes votos: 1 - Que se inclua entre as conclusões do congresso a de manifestar aos poderes públicos o desejo de ver remodelado o ensino da arquitectura em Portugal e de ver construídas, paidamente, novos edifícios para as escolas de Belas artes. 2 - Que o Sindicato nacional dos arquitectos tome a iniciativa de promover as necessárias reuniões, debates e estudos, em que participem alunos de arquitectura, professores das Belas artes e arquitectos, para se elaborarem as bases para a remodelação do ensino daquelas escolas, na parte que diz respeito ao curso de arquitectura. 3 - Que em face dessas bases e ouvidos também alunos e arquitectos; o Sindicato nacional dos arquitectos organize o programa para a elaboração dos projectos da novas escolas de Belas artes de Lisboa e Porto. 4 - Que se informem os poderes públicos desta contribuição que a classe dos arquitectos entende dever dar para a solução deste problema fundamental!”³³⁹

Já no Porto, recordar que Marques da Silva, que dirigiu a escola em 1939, veio a falecer em 1947. Seguiu-se o período de direcção de Carlos Ramos, dentro daquilo que Alves Costa denomina pela cadeia de afinidades constitutiva da história da escola do Porto.³⁴⁰

*

332 Mário Bonito (n.1921).

333 Conceição Silva (n.1922).

334 João Andresen (n.1920).

335 Xavier Costa e Susana Landrove, *Arquitectura do movimento moderno: registo Docomomo ibérico: architecture of the modern movement: iberian Docomomo register: 1925-1965*, Barcelona: AAP/Docomomo, 1996, p.16.

336 Alexandra Cardoso, Fátima Sales e Jorge Pimentel, *Januário Godinho: leituras do movimento moderno*, Porto: CEAA, 2012, p.142-143.

337 Ernesto Rogers, “Aos estudantes de arquitectura”, in: Aavv, *Arquitectura*, N.28, Lisboa, janeiro 1949, p.7-8.

338 Gonçalo Furtado e Ricardo Martins, “Arquitectura em Portugal (1920-2020): uma sequência das gerações em prole do exercício do ofício”, Porto, 2021, s.p. (policopiado).

339 Keil do Amaral, “A formação dos arquitectos”, in: 1º Congresso nacional dos arquitectos, Lisboa: SNBA, 1948, p.74-79.

340 Designadamente, como já referido, quando concurso para professor associado por Alexandre Alves Costa. Este elenca como títulos: A “Arquitectura como ensino superior nas Belas artes: 1931”; “A modernização tecnocrática possível: 1957”; “Algumas agruras da liberdade com a aceitação institucional da experiência pedagógica: 1974”; terminando o livro com “Finalmente a História da arquitectura portuguesa”.

Já tendo antes mencionado este protagonista, é agora o momento para proceder a uma pausa para nos estendermos um pouco relativamente a esse.

Carlos João Chambers Ramos nasceu em 1897, formou-se na ESBAL em 1920 e foi protagonista influente na prática e ensino da arquitectura.

Uma descrição da sua vida e obra foi providenciada, na exposição da Gulbenkian, por Vieira de Almeida, Lixa Filgueiras e Rui Gonçalves.³⁴¹ (Mais atente-se aos testemunhos escritos de Távora, Alves Costa, Siza Vieira).

Acresce a produtividade de uma posterior dissertação por Coutinho, intitulada "Carlos Ramos (1897-1969): obra, pensamento e acção: a procura do compromisso entre o modernismo e a tradição" (2011).³⁴²

Ramos foi pioneiro da 1ª geração moderna, tendo se interessado por arquitectura próxima a Gropius, ainda que na transição para os anos 40 tenha demonstrado alguma cedência ao "português suave". Da sua autoria relevam obras/projectos expressando diferentes fases. Numa 1ª fase, ainda próxima da arte Déco, por exemplo em 1922 a agência Havas. Numa 2ª fase moderna, em 1929 a publicada "Casa moderna"³⁴³, em 1927-33 o pavilhão do rádio do IPO³⁴⁴, o projecto do liceu nacional Dona Filipa de Lencastre (não construído),³⁴⁵ ou o liceu José Falcão de Coimbra projectado com Nunes e Segurado. Da 3ª fase, caracterizada por distinta estilização, em 1938 o 2º prémio no "Concurso para o monumento em Sagres"³⁴⁶, em 1940 o pavilhão da colonização na Exposição de 1940, em 1947-49 a leprosaria Rovisco Pais na Tocha. Retrocedendo ao modelo moderno, desde 1950 (com término apenas em 2000) a construção da praça do Marquês de Pombal.

Em termos de ensino, Carlos Ramos, teve nos anos 40 um primeiro contacto docente com o Porto, o qual foi interrompido pelo retorno à ESBAL entre 1946-48. Futuramente, entre 1952-67, viria a protagonizar como director. Explicitamente, em título de escrito para a exposição retrospectiva na Gulbenkian, Lixa-Filgueiras associou a individualidade de Ramos à própria ideia da escola do Porto - "Carlos Ramos: a escola do Porto, 1940-1969". De facto, Ramos veio futuramente a ser responsável pela evolução do ensino Beaux arts para uma pedagogia moderna, por uma abertura da escola à cidade (com uma década de exposições "Magnas"³⁴⁷, pelo levantamento de edifícios do Porto, etc, pela introdução da Reforma de 1950-57, e pelo assegurar da inclusão de um grupo notável de jovens arquitectos portuenses na docência, (como Távora, etc).

Ramos foi recordado por Távora, nos explícitos seguintes termos: "Como cidadão foi permanente a sua defesa do estatuto do arquitecto e da importância da sua missão na sociedade portuguesa [...]. Como pedagogo a sua acção concentrou-se fundamentalmente na Escola superior de Belas artes, a cujo ensino se devotou como professor e director, no sentido da sua actualização e do prestígio da sua actividade".³⁴⁸

Gostaria por último de também de não deixar de fazer desvio para breve referência a Nadir Afonso³⁴⁹, aluno de Carlos Ramos que se diplomou pela EBAP. Este entre final dos anos 40 e início dos 50s chegou a colaborar com Le Corbusier³⁵⁰ no domínio da arquitectura, bem como como com Vasserey no domínio da Op art. Nadir futuramente dedicou-se à pintura, e hoje um museu projectado por Álvaro Siza Vieira³⁵¹ acolhe a sua obra notável.

V.

A seguinte década de 50s, em termos sócio culturais nacionais, compreendeu o prosseguimento do Estado novo. Mas diga-se também fortalecimento do desejo de modernidade na dialéctica estabelecida com alegada portugalidade. De facto, tal não deixou de existir, apesar da mais forte projectual do regime. Tal compreendeu uma reconstrução identitária, incluso materializada. Recorde-se por exemplo a intervenção em peças patrimoniais, como a título meramente exemplificativo, ocorreu em 1957 com o castelo de Guimarães.

341 Carlos Manuel Ramos, Pedro Vieira de Almeida, e Octávio Lixa Filgueiras, Carlos Ramos: exposição retrospectiva da sua obra, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

342 Bárbara Coutinho, Carlos Ramos (1897-1969): obra, pensamento e acção: a procura do compromisso entre o modernismo e a tradição, Lisboa: FCSH-UNL, Lisboa, 2001 (dissertação de mestrado).

343 Carlos Ramos, "Casa moderna", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.17, Lisboa, novembro 1929, p.21.

344 A título de curiosidade referir que este foi o primeiro a nível europeu a cumprir estipulações do IIº Congresso internacional de radiologia que ocorrera em Estocolmo em 1928.

345 Este foi apresentado em 1929 no "1º Salão dos Independentes" da SNBA, mas não construído.

346 Vd. e.g. Pedro Vieira de Almeida, Os concursos de Sagres-"representação 35": condicionantes e consequências, Universidad de Valladolid: Valladolid, 1998 (dissertação de doutoramento).

347 Vd: Aavv, Iª Exposição Magna. Porto: ESBAP, 1952. Aavv, IIª exposição Magna da ESBAP, Porto: MEN-Direcção geral do ensino superior e das Belas artes, 1953. A VIIIª Maga ocorreu e.g. em 1958.

348 Fernando Távora, "Carlos Ramos", in: Aavv, Desenho [...], Porto: Universidade do Porto, 1987, p.52s.

349 Nadir Afonso (1920-2013).

350 Sendo conhecida ocorrência curiosa concernente à Escola do Porto, a qual envolve uma carta de Le Corbusier atestando que o trabalho por aquele mencionado na escola era de facto realizado por "bom arquitecto".

351 Álvaro Siza Vieira (n.1933).

Conforme referimos em anterior ocasião³⁵², inicia-se a desruralização e trabalho na indústria, com consequente mudança para as cidades. Em termos arquitectónico-urbanos, tal comportou grandes necessidades de habitação. O que teve expressão, em Lisboa na lotação de pátios e, no Porto, nas ilhas.

Em termos da cultura artística, verificaram-se vários desenvolvimentos. Destaca-se, em 1956, a criação da Fundação Calouste Gulbenkian, em que protagonizou a personalidade de Azeredo Perdigão. Entre as suas actividades que contribuíram para a modernização do país destacou-se a exposição de artes plásticas de 1957 e de 1961, etc.

Em termos arquitectónico-internacionais, desenvolveu-se um debate crítico interno no seio dos CIAM. Assim, em 1954 os Team X realizam o manifesto de Doorm³⁵³ e decorreu a organização do CIAM X, ocorrido em Dubrovnik em 1956. Em 1959 realizou-se o CIAM XI em Oterloo, o que contou com a participação de notáveis protagonistas, como Bakema, Van Eick, Khan, Rogers, Coderch, etc. E entre 1958-60 ocorreu a dissolução dos CIAM. A descrição do debate nos CIAM, particularmente centrado no urbanismo, foi providenciado por Eric Mumford.³⁵⁴

Já em termos nacionais, em 1951 os ODAM realizaram a sua exposição moderna. (Tal grupo, como já mencionado integrava notáveis protagonistas como Viana de Lima, Távora, Lixa-Filgueiras ou Cassiano Barbosa, etc). Em 1950, Lixa-Filgueiras ingressara no CIAM Porto. (O CIAM IX realizara-se em Aix-en-provence. E em 1953, o CIAM Porto e Lixa-Filgueiras encetaram um contributo para a "Grille de l'habitat", sendo por Filgueiras em coautoria com Viana de Lima, Távora e Arnaldo Araújo, publicado na *Arquitectura* a "Aldeia nova: X congresso CIAM".

Em 1958, também o portuense Fernando Távora participou no CIAM VIII. E, mais tarde, participa ainda em reunião dos próprios Team X. Uma descrição da recepção dos Team X em Portugal a partir de 1951 é providenciada por Pedro Baía. Em "A recepção do Team X em Portugal" (1951-81) esse refere-se pretender: "[...] pretende analisar a influência das ideias desenvolvidas pelo Team X no contexto da cultura arquitectónica portuguesa entre 1951 e 1981 [...] projectos, obras, imagens, citações, textos e expressões [...], reflexos que chegam a Portugal com várias intensidades [...]; A par de outras experiências, também participou no processo de revisão crítica do movimento moderno em Portugal".³⁵⁵ Neste sentido, recordar ainda Reyner Banham, descreveu em *Theory and design in the first machine age* uma segunda modernidade da máquina.³⁵⁶ Mas para o que agora mais interessa, foi promotor de linha brutalista anglo-saxónica. Tendência, em certo sentido, equivalente à arquitectura orgânica italiana. Já na América, ocorreu a exposição "Brazil builds", geografia que continuou a ter influência na evolução arquitectónica em Portugal.³⁵⁷

Mais referir que toda uma defesa da prática moderna desenvolveu-se em Portugal, incluso para além de Lisboa e do Porto. Tal expressou-se por exemplo, no domínio dos equipamentos ligados ao turismo, que então se alastraram também na província.³⁵⁸

Em termos urbanos, nos anos 40/50, prosseguiram as acções de planeamento. Por exemplo, em 1955 um Plano regulador para a cidade de Coimbra foi concebida pelo engenheiro da FEUP Antão Almeida Garret³⁵⁹.

Em Lisboa, em 1955-58 o plano para "Olivais sul" foi realizado por Carlos Duarte. Já no Porto, em 1947-52, o "plano regulador da cidade" foi concebido pelo mesmo Antão Almeida Garrett. Posteriormente, em 1952, foi realizado um antepiano da região do Porto, o qual foi mais exaustivo, não se restringindo ao centro medieval, mas antes atendendo às ligações e a uma divisão em 5 áreas (residencial, rural, verde e espaço público, e industrial).

Em termos arquitectónicos, este período usufruiu da abordagem de vários autores. Tal inclui, por exemplo Mendes, Fernandez³⁶⁰, ou Tostões com o seu livro "Os verdes anos da arquitectura portuguesa dos anos 50" de 1997.³⁶¹ Não podemos deixar de constatar que, em termos de publicação, em 1954 ocorreu ainda uma edição de "Casas portuguesas" de Raul Lino.³⁶²

Por outro lado, entre 1950-55 decorreu o já antes mencionado "Inquérito à arquitectura popular" de Portugal, o qual acabaria publicado já em 1960.³⁶³ Tal inquérito acabou, ao contrário do que o regime ditatorial pretendia,



Fig 64 - Secção portuguesa da UIA, 1948. (Congresso em Lisboa, 1953)



Fig 65 - UIA, Logotipo do III Congresso, Lisboa, 1953



Fig 66 - Leslie Martin et al, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

352 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, "A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI", in: Aavv, *Artecapital*, Lisboa, Junho 2021, s.p

353 Team X, *Manifesto de Doorm*, Doorm, 1954.

354 Eric Mumford, *The CIAM discourse on urbanism, 1928-60*, Cambridge: MIT Press.

355 Pedro Baía, *A recepção do Team X em Portugal (1951-81)*, Porto: Circo de ideias.

356 Rayner Banham, *Theory and design in the first machine age*, Londres, ca. 1950s.

357 Acresce referir-se que, em 1958 ocorre a Exposição internacional de Bruxelas.

358 Como a Piscina-praia de Isaías Cardoso), na Figueira da Foz. Sobre esta escrevi os meus primeiros artigos contra a ameaça da sua demolição em finais de 1999.

Vd. Gonçalo Furtado, *O canto do cisne: a Piscina-praia de Isaías Cardoso*, Figueira da Foz, 1999, s.p. (policopiado).

359 Antão Almeida Garret (1896-1978), professor da FEUP.

360 Sérgio Fernandes, *Percursos da arquitectura portuguesa 1930-1974*, Porto: FAUP, 1985.

361 Ana Tostões, *Os verdes anos da arquitectura portuguesa dos anos 50*, Porto: Faupublicações, 1997.

362 Rui Lino, *Casas portuguesas*, Lisboa: Valentim de carvalho, 1954.

363 O inquérito teve uma 2ª edição em 1980, e uma 3ª em 1988.

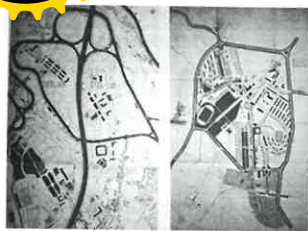


Fig 67 - Carlos Duarte, (Plano) Olivais Sul, Lisboa, 1955-58



Fig 68 - Rui Lino, Casas Portuguesas, Ed. Valentim de Carvalho, Lisboa, 1954

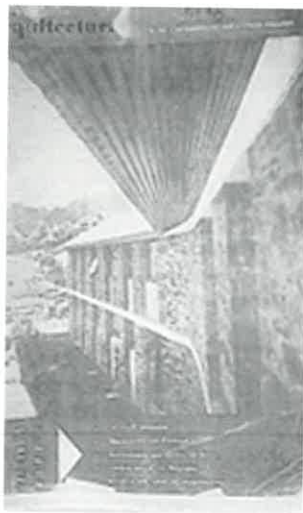


Fig 69 - 4 Novas pousadas_ arquitectura dos países nórdicos, In_ Arquitectura portuguesa, N.º62, Lisboa, Setembro 1958, p.1

demonstrando a existência de uma multiplicidade de expressões na arquitectura nacional. Afirmando então: "Não existe em Portugal uma arquitectura portuguesa ou uma casa portuguesa. Entre uma aldeia minhota e um monte alentejano, há diferenças muito mais profundas do que em certas construções portuguesas e gregas".³⁶⁴ Uma descrição do processo de inquérito foi providenciada por Pedro Vieira de Almeida,³⁶⁵ em quatro cadernos. O "Inquérito" como já antes mencionado, usufruiu da iniciativa de Keil de Amaral.³⁶⁶ O processo baseou-se em equipas; do sul ao norte. A equipe da zona 1, compreendendo o Minho, Douro Litoral e Beira Litoral, foi constituída por Fernando Távora, Rui Pimentel e António Menéres. A outra equipe no norte, foi coordenada por Otávio Lixa Filgueiras.

Como já descrito, identificou-se também incluso um moderno escondido, expresso por exemplo em equipamentos infraestruturais. Foi o caso de equipamentos pelas grandes empresas hidroeléctricas, simulando uma imagem de progresso ao exterior. Uma descrição é providenciada em "Arquitectura das centrais hidroeléctricas do Douro 1953-64: Picote, Miranda, Bemposta" por Cannatá e Fernandes.³⁶⁷ Por outro lado, tinha-se verificado também a realização de várias "Novas pousadas". Neste sentido, atenda-se que quatro são mencionadas na própria revista Arquitectura Portuguesa de setembro de 1955. A título meramente exemplificativo, em 1959-60, a pousada em Valença do Minho teve autoria de João Andersen.

*

Acontece que, em final dos anos 1950s, os arquitectos portugueses encontram-se em sintonia com "movimentos de contestação internacional ao modelo moderno, preconizado nos CIAM", [Team X, etc].³⁶⁸

Em termos arquitectónicos, protagonizaram nesta década arquitectos da geração nascida nos anos 20s. Tal incluiu em Lisboa Nuno Teotónio Pereira, ou no Porto Fernando Távora expressando avanço para o orgânico/brutalismo. A essa acresce, avançando-se para os anos 60s, as promessas da seguinte geração - nascida nos anos 30s. Tal incluía, por exemplo, em Lisboa Nuno Portas³⁶⁹, ou no Porto Álvaro Siza Vieira. O que se pode denominar por 4ª geração moderna, é destacada por Mendes como correspondendo a arquitectos nascidos entre 1917-1927, com frequência escolar entre 1947-49 e 53-55, tendo obra significativa a partir de 1956.³⁷⁰

De facto, relativamente ao período, referíramos já noutra ocasião: "Assim, nos anos 40 e 50 vai desaparecendo o portuguesismo, [...] sendo que o inquérito [...] veio demonstrar a continuidade da arquitectura vernacular. Tal foi ao encontro do contexto, do lugar, das suas materialidades locais e dos métodos artesanais.³⁷¹ Ocorrendo [...], uma continuidade do moderno por arquitectos como Keil do Amaral, Losa, Godinho, Viana de Lima e da geração dos anos 20 com Távora e Teotónio Pereira e, dos anos 30, com Portas e Álvaro Siza Vieira.³⁷² Indubitavelmente, na década de 1950, intensificaram-se debates proveitosos, assumindo um papel numa produção arquitectónica atenta à tradição e modernidade, que se consolida nacionalmente".³⁷³

Acresce que como antes referíamos já noutra ocasião, em Lisboa realizou-se o Congresso da UIA que constituiu e, por outro lado, destacava-se para além de Keil do Amaral, Nuno Teotónio Pereira: "Em 1952, Teotónio Pereira orientou o MRAR, entre 1953 a 1958, e encarregou-se ainda do programa de habitação social. Por outro lado, em Lisboa, no mesmo ano, reuniram-se 600 participantes de 35 países diferentes no III congrés de Union internationale des architects (UIA), que se constituiu numa maior exposição do país ao exterior. No final da mesma década, os arquitectos portugueses estavam em sintonia com "movimentos de contestação internacional ao

364 Francisco Keil do Amaral (cord.), *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa, p.2.

365 Mais recentemente uma exposição com fotografia de António Menéres, membro da equipe de Fernando Távora, teve também lugar.

366 Vd. quatro cadernos foram editados pelo CEAA.

Pedro Vieira de Almeida, *Dois parâmetros de arquitectura postos em surdina: leitura crítica do Inquérito à arquitectura regional*, Porto: CEAA, 2012- 13. (caderno 1 e 2 de 2012, caderno 3 e 4 de 2013).

367 Michele Cannatá e Fátima Fernandes (cord.), *Moderno escondido: arquitectura das centrais hidroeléctricas do Douro 1953-1964: Picote, Miranda, Bemposta*, 1997 (1ª edição).

A publicação, foi paralela à exposição instalada por Francisco Providência, com quem colaborei.

368 Rui Ramos, *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa: mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*, Porto: Universidade do Porto, 2004, p.670. (dissertação).

369 Nuno Portas (n.1934).

370 Manuel Mendes, "Nós: uma modernidade de fronteira: nós para uma passagem inoclusa", in: Xavier Costa et al (ed.), *Architecture of the modern movement, 1925-65.2*, Barcelona: Docomomo/Mies/AAP, 1997.

371 Ana Tostões, "Modernização e regionalismo: 1948-61", in: Annette Becker, Ana Tostões e Wilfred Wang, "Portugal: arquitectura do século XX", Munchen: Preste, 1997, p.41.

372 Ibid, p.41.

373 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, "A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI", in: Aavv, *Artecapiatal*, Lisboa, Junho 2021, s.p

modelo moderno, preconizado nos CIAM”.³⁷⁴ E, [refira-se] internacionalmente, Viana de Lima e Távora destacavam-se no importante papel de levar aos CIAM (1953) a arquitectura moderna portuguesa”.³⁷⁵

De facto, em termos de associativismo, como já referi, no Porto, ocorre em 1951/53 a exposição do ODAM no Ateneu do Porto. E uma secção portuguesa da UIA surgia, tendo sido entre 1950-59, presidida por Carlos Ramos.

Em 1953, acabou ocorrendo mesmo em Lisboa o “IIIº congresso da UIA” em Lisboa, sob a direcção de Ramos.³⁷⁶

Tal entende-se também como simulação de abertura ao exterior. Uma descrição “Breve história da secção portuguesa da UIA” foi providenciada por Maria Palla.³⁷⁷ No predito evento, como referido, em que participaram aproximadamente 600 arquitectos de 35 países, uma variedade de temas foram discutidos. Esses surgem descritos em actas então editadas, bem como revistas. Por exemplo, um artigo sobre a “posição social” surgiu publicado na revista *Arquitectura portuguesa*.

Acresce que uma “1ª reunião de arquitectos” ocorreu no Porto, a qual ficou por exemplo registada no número 60 da revista *Arquitectura Portuguesa* de 1957.³⁷⁸ Acresce ainda a ocorrência de relevante debate promovido no seio do dito “Movimento de renovação da arte religiosa” (MRAR), que envolveu arquitectos, como Teotónio Pereira. Como já referido, este, entre 1953-58, também participou no programa de habitação social do FFH (Fundo de fomento e habitação). Já em termos associativos, continuou a operar o SAP, tendo-se aferindo 533 arquitectos inscritos em 1959.³⁷⁹

Recorde-se que como antes referíamos noutra ocasião: “Em relação à realidade das cidades de Lisboa e do Porto, a habitação urbana caracterizava-se superlotada e, nesta altura, inicia-se o processo de migração do interior para o litoral. Acresce que em 1950 deu-se uma crescente construção de barracas clandestinas. Em Lisboa, Faria da Costa planeia o bairro de Alvalade, aprovado em 1945, e que, como Nuno Portas referiu consistiu no primeiro destinado a habitação social. Posteriormente e ainda de acordo com o modelo Corbusiano e internacional, seguiam-se [em 1958] o Bairro das estacas de Formosinho Sanchez e Ruy d’Athouguia, sendo que, no Porto, o arquitecto Fernando Távora projecta o conjunto residencial de Ramalde”.³⁸⁰”³⁸¹

Em termos arquitectónicos nacionais, relevam múltiplos projectos e obras de programa diverso. Parte expressam ainda continuidade com o tradicionalismo ou regime. Como, em termos urbanos, em 1954 o antepiano das instalações académicas de Coimbra por Cristino da Silva³⁸², a Cidade universitária de Coimbra, ou o hospital de São João no Porto. Mas por outro lado, relevam já projectos/obras explicitamente modernas. Tal incluiu, no domínio da habitação e em Lisboa (muitos publicados), em certo sentido o bairro de Alvalade por Faria da Costa, e, sobretudo, em 1949-1955 o bloco das Águas livres por Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Cabral³⁸³, os prédios na Avenida dos EUA” por Pedro Cid³⁸⁴, em 1952-55 o conjunto habitacional da avenida Infante Santo por Alberto Pessoa³⁸⁵, em 1958 o bairro das Estacas por Ruy Athouguia e Formosinho Sanches, e em 1959 os Olivais Norte por Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e A. Freitas.³⁸⁶ No âmbito dos equipamentos destacam-se igualmente edificações notáveis. Por exemplos equipamentos infraestruturais nas barragens, como a Sala das máquinas por Ascher de Carvalho³⁸⁷, ou equipamentos de Turismo, como em 1957 a pousada da Nazaré por Authogia, em 1950-54 o Hotel e a Piscina praia da Figueira da Foz por Inácio Peres Fernandes³⁸⁸ e Isaías Cardoso, e em 1956-63 o Hotel do mar em Sesimbra por Francisco Conceição Silva. Destacaram-se ainda equipamentos para outros usos, como por exemplo em 1954-56 a escola do Vale escuro por Vitor Palla³⁸⁹, em 1952 a Feira de indústrias de Lisboa por Keil do Amaral³⁹⁰, em 1954-55 o mercado municipal em Ovar por Januário Godinho. Bem como ainda outros equipamentos (muitos desses publicados na revista *Arquitectura portuguesa*), como em abril de 1951 o Planetário por Frederico George, em 1958 o pavilhão de Portugal

374 Rui Ramos, “A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa: mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX”, Porto: Universidade do porto, 2004 (dissertação), p.670.

375 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, “A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI”, in: Aavv, Artcapital, Lisboa, Junho 2021, s.p

376 Aavv, Actas, UIA, Lisboa, 1953.

377 Maria Palla, “Breve história da secção portuguesa da UIA”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, março-abril 1967, p.50s.

378 Vd. fotografias do espólio do IAPP, na Ordem dos arquitectos em Lisboa.

379 Vasco Massapina, Op cit.

380 Nuno Portas, “A arquitectura da habitação no século XX português”, in: Annette Becker, Ana Tostões, Wilfred Wang, “Portugal do século XX”, Munchen: Prestel, 1997, p.119.

381 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, “A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI”, in: Aavv, Artcapital, Lisboa, Junho 2021, s.p

382 Vd. “Solução A”, in: Arquivo da Universidade de Coimbra, CAPPOUC 364.

383 Bartolomeu Cabral (n.1929).

384 Pedro Cid (1925-1983).

385 Alberto Pessoa (1919-1985).

386 Distinguido com o “Prémio valmor” em 1968.

387 Ascher de Carvalho (n.1928).

388 Inácio Peres Fernandes (1910-1989).

389 Vitor Palla (1922-2006).

390 Keil do Amaral et al, “Feira de indústrias de Lisboa”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, Março 1952, p.10-11.



Fig 70 - Luis Cristino da Silva, Antepiano do conjunto das instalações académicas de Coimbra (solução A), 1954

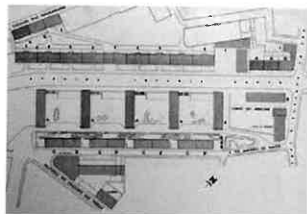


Fig 71 - Alberto Pessoa et al, Edifício na Avenida Infante santo, Lisboa, 1952-55

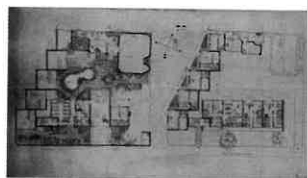


Fig 72 - José Carlos Loureiro, Edifício Parnaso, 1956

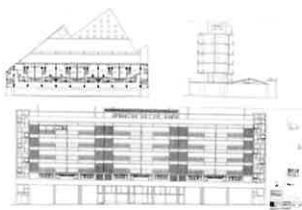


Fig 73 - Mário Bonito, Edifício Ouro, Porto, 1954

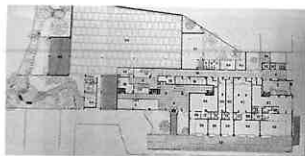


Fig 74 - Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral, Bloco das Águas livres, Lisboa, 1953-55

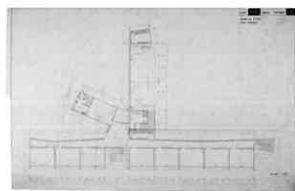


Fig 75 - Vítor Palla e Bento de Andrade, Escola do Vale escuro, Portugal, 1953-55

para a exposição de Bruxelas por Pedro Cid.³⁹¹ Ou de habitação, como em 1953 um primeiro “edifício de 11 andares” por Cassiano Branco, em 1953 habitações económicas por Pedro Cid, em 1957 a casa por João Andersen, etc.

Especificamente no Porto, relevam também múltiplas obras e projectos de programa diverso. No âmbito da habitação em 1950-1954 o edifício do Ouro por Mário Bonito e Rui Pimentel, em 1954-55 o edifício Parnaso por José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos³⁹², o edifício na rua do Bom jardim/Formosa por Viana de Lima, em 1953-55 o edifício na rua Costa Cabral pelo mesmo autor, em 1957 a casa (do moinho) das Marinhas em Esposende pelo mesmo autor, em 1945-50 o edifício da Carvalhosa por Cassiano Barbosa, em 1950-53 o edifício DKW pelos mesmos autores, em 1950-57 a cooperativa “Lar familiar” por Mário Bonito. Acresce no âmbito de equipamentos, também múltiplos projectos/obras relevantes. Por exemplo, em 1949-52 o mercado do Bom sucesso pelos ARS, em 1950-52 a Caixa de previdência da indústria têxtil por Germano Castro, em 1951-55 o Palácio dos desportos (de cristal) por José Carlos Loureiro, em 1952-63 a ponte da Arrábida por Edgar Cardoso, em 1953-61 a estação da União elétrica portuguesa por Januário Godinho, em 1956 a Escola primária feminina por Alexandre de Sousa com a CMP, em 1958 a Escola primária do Cotovelo por Lúcio Miranda com a CMP, em 1950 o pavilhão de escultura da ESBAP por Carlos Ramos. Da autoria de Fernando Távora relevam também múltiplas projectos/obras, as quais expressam a evolução para uma modernidade orgânica. Neste sentido, atenda-se ao desenvolvimento, que vai da casa do Mar (i.e. da CODA de 1949-52 que foi publicado em abril de 1953)³⁹³, o plano do Campo Alegre, em 1951-55/60 o conjunto residencial de Ramalde, em 1949-56/58 a casa em Ofir, em 1956-58 a escola do Cedro em Gaia, e em 1953-59 o mercado em Vila Nova da Feira e o plano da Quinta da Conceição.

Como já aludido, no Porto, em termos arquitectónicos relevaram pois, entre outros, arquitectos modernos³⁹⁴ como Viana de Lima ou Arménio Losa, Carlos Loureiro ou o antes mencionado Fernando Távora. Mas também Álvaro Siza Vieira, que com esse colaborou entre 1955-58.

Em grande sentido, podemos dizer que a “integração” do estilo internacional³⁹⁵ ocorreu com o desenvolvimento de uma modernidade “nossa”. Por um lado, a transição entre meados dos anos 50 e 60, expressa uma aproximação à realidade /tradição (pense-se por exemplo incluso na casa do Moinho por Viana de Lima), bem como na aproximação ao real /regional estudado aquando do “Inquérito”.

Trata-se de uma aceitação já crítica do estilo internacional que está, de facto, expressa em particular na obra de Fernando Távora, que participou no mencionado Inquérito. Recorde-se neste conspecto, o seu mercado de Vila Nova da Feira de 1954 e a já mencionada casa de Ofir de 1957, os quais dotados de betão e zonamento funcional modernos, expressam simultaneamente uma integração explícita em termos de escala, materialidade, tradição. Tal expressividade arquitectónica “orgânica”, progressivamente evoluiu da influência de Frank Lloyd Wright para a do finlandês Alvar Aalto.³⁹⁶ Em grande medida trata-se de expressão da possibilidade de fazer uma arquitectura regional que permaneça moderna.

E neste conspecto, recorde-se tanto o pavilhão de Ténis de Fernando Távora como, posteriormente, a casa de Chá da Boa nova de Álvaro Siza Vieira (embora assinada por Fernando Távora) em Matosinhos.

Já em Lisboa, teve lugar a abordagem crítica de Nuno Portas, que integrou a revista Arquitectura entre 1952-67. De facto, entre 1958 e os anos 60s, Portas desenvolveu teorias em torno da habitação,³⁹⁷ bem como empreendeu um notável trabalho crítico-históriográfico, versando a arquitectura moderna portuguesa. A sua interpretação culminou incluída em livro de Bruno Zevi e, em 1959, publicou artigo já explicitamente intitulado “A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal”.

*

No que tange a publicações, teve continuidade até 1958 a revista Arquitectura portuguesa. A esta acresceu precisamente a revista Arquitectura até 1988, a edição da Binário desde 1958 até 1977, e ainda da curta Atrium entre 1951-59/60.

A Binário, surgida em 1958, foi reveladora já de colaboração e interdisciplinidade inerente aos projectos.

No primeiro editorial, mencionou-se que: “É digamos a única possibilidade de ter à separação dos diversos campos do saber

391 Nuno Portas, “Expo 58: Posição cultural: a representação internacional na exposição”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, 1958, p.23.

392 Desenhos existem na FIMS. (Vd: <https://fims.up.pt>).

393 Acresce referir-se que um depoimento por Fernando Távora figurava em revista. Vd. “desenvolvimento actual da arquitectura”, in: Arquitectura Portuguesa, Março 1952.

394 Vd. também: ODAM, “Eco e notícias”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, maio 1952, p.23.

395 Conforme bem explicado por Sérgio Fernandez numa aula aberta em 2018.

396 A título de curiosidade, referir que em agosto 1950 foi por Aalto publicado “A humanização da arquitectura” na revista Arquitectura portuguesa.

397 Tal é abordado e.g. em capítulo “Da teoria de habitação” de Nuno Portas, 1958-1960”. Vd. Pedro Baía, Op cit, p.25.

e do agir que [...], soldados, caiem na abstração. A colaboração realista e consequente é uma atitude limiar de cultura”³⁹⁸ Os conteúdos na primeira revista mencionada, a *Arquitectura portuguesa*, incluíram temáticas variadas. Designadamente versando o associativismo³⁹⁹, o teórico⁴⁰⁰, a habitação⁴⁰¹, o ensino⁴⁰², bem como denotando a atenção ao estrangeiro (e.g. os brasileiros Lúcio Costa⁴⁰³ ou Burle-Marx⁴⁰⁴, etc).

Já a revista *Arquitectura*, editou artigos e projectos já amplamente diversificados. Estes atestam a presença de mestres modernos bem como a consolidação da expressão orgânica. Designadamente incluiu temas e autores como Alvar Aalto⁴⁰⁵, um Le Corbusier já tarde brutalista⁴⁰⁶, um Gropius indagando a “monumentalidade”⁴⁰⁷, um Max Bill da Escola de Ulm⁴⁰⁸, ou o secretário dos CIAM Sigfried Giedion⁴⁰⁹. Mais incluiu esta temas focando a realidade portuguesa. Em 1952 o evento dos ODAM⁴¹⁰, em 1952 “o problema português da habitação”⁴¹¹, em 1952/58 a ESBAL e a reforma do ensino⁴¹², em 1958 a crítica ao pavilhão da representação portuguesa por Nuno Portas⁴¹³, bem como em 1959 o antes mencionado “A responsabilidade de uma novíssima geração do movimento moderno em Portugal”⁴¹⁴.

Conteúdos da revista incluem, por exemplo em 1950 “A humanização da arquitectura” por Alvar Aalto⁴¹⁵, em 1952 o “[...] desenvolvimento actual da arquitectura”⁴¹⁶, em 1953 “a posição social”⁴¹⁷, em 1957 a referência a uma “1ª reunião de arquitectos” (ocorrida no Porto)⁴¹⁸, em 1958 a “reforma de ensino de Belas artes”⁴¹⁹. Bem como alguns dos antes mencionados projectos, no âmbito da habitação. Como em 1953 a casa sobre o mar⁴²⁰, em 1953 projecto de Viana de Lima⁴²¹, em 1959 o bloco de Águas livres⁴²², em 1954 uma casa em Cascais por Athouguia⁴²³, o bairro de Alvalade⁴²⁴, a habitação na avenida dos EUA.⁴²⁵ Bem como de projectos no âmbito de equipamentos como, em 1957 a pousada da Nazaré⁴²⁶, ou em 1958 as “pousadas [...] arquitectura dos países nórdicos”⁴²⁷, etc.

Acresce a inclusão de conteúdos de proveniência estrangeira.⁴²⁸ Dentro da proveniência americana, inclui-se em 1952 artigo sobre Neutra⁴²⁹, em 1951 um eco das “case-studio houses”⁴³⁰, e em 1955 das “Feiras dos USA”⁴³¹. Dentro da proveniência europeia - compreendendo países como a Alemanha, Suíça, França, Inglaterra ou Itália, inclui-se a referência em 1952 ao alemão pós-bauhaus Max Bill⁴³², em 1951 a Sigfried Giedion⁴³³, ao francês Auguste Perret, em 1951-54 aos projectos já brutalistas de Marselha⁴³⁴ e Ronchamp⁴³⁵ por Le Corbusier, em 1957 a Carlo Scarpa “um

398 [...], in: Aavv, Binário, N.1, Lisboa, abril 1958.

399 Aavv, “1ª Reunião de arquitectos”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.60, Lisboa, 1957.

400 Auguste Perret, “Contribuição para uma teoria de arquitectura”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, p.2.

401 Viana de Lima, “O problema português da habitação”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, Abril 1953, p.49.

402 F. Torres, “A propósito de uma reunião de estudantes na ESBAL”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março 1952, p.10-11.

403 Lúcio Costa, “O arquitecto e a sociedade contemporânea”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, junho 1953, p.7.

404 Roberto Burle-Marx, “Jardins”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março-abril 1952, p.19.

405 Alvar Aalto, “A humanização da arquitectura”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.35, Lisboa, Agosto 1950, p.7.

406 Lucien Herve, “Uma experiência da vida futura: a unidade habitacional de Le Corbusier”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa.

407 Walter Gropius, “Sobre a ideia de monumentalidade”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, maio 1949, p.14.

408 Segundo Frampton, Ulm foi a mais importante escola do século XX após a Bauhaus.

Max Bill, “O pensamento matemático na arte de hoje”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março-abril 1952, p.16s.

409 Sigfried Giedion, “Pintura e arquitectura”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*?, Lisboa, maio 1951, p.6.

410 S.a., “Ecos e notícias: ODAM”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março 1952, p.23.

411 Viana de Lima, “O problema português da habitação”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, abril 1953, p.49.

412 F. Torres, “A propósito de uma reunião de estudantes da ESBAL”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março 1952, p.10-11. José Pacheco, “A reforma do ensino das Belas artes”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.62, Lisboa, setembro 1958, p.30.

413 Nuno Portas, “Expo 58: posição cultural: a representação internacional na exposição”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, 1958, p.23.

414 Nuno Portas, “A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.66, Lisboa, novembro 1959, p.13.

415 Alvar Aalto, “A humanização da arquitectura”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, N.35, agosto 1950, p.5.

416 “Desenvolvimento actual da arquitectura [...]”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março 1952, p.12.

Este conteúdo foi apresentado no colóquio da UIA em Lisboa. Vd eg: “A posição social [...]”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, p.2-3.

417 “1ª reunião de arquitectos”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.60, Lisboa, 1957.

418 “A reforma do ensino de Belas artes”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.62, Lisboa, 1958, p.30.

419 Fernando Távora, “Casa sobre o mar (CODA)”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, abril 1953, p.23-24.

420 Viana de Lima, in: Aavv *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, abril 1953, p.8.

421 Nuno Teotónio Pereira et al, “Bloco das águas livres”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.65, Lisboa, junho 1959, p.3.

422 Ruy Athouguia, “Moradia em Cascais”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, julho-dezembro 1954, p.15.

423 [...], in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa.

424 [...], in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa.

425 Ruy de Athouguia, “[...] Pousada na Nazaré”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, janeiro-fevereiro 1957, p.19-21.

426 “4 novas pousadas [...] arquitectura dos países nórdicos”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.62, Setembro 1958, p.1.

427 [...], in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março 1952, p.25.

428 Richard Neutra, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março-abril 1952.

429 “Casa”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, julho-dezembro 1951, p.13.

430 “Feiras [...] Usa”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, janeiro 1955, p.21.

431 Max Bill, “[...]”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março-abril 1952, p.16s.

432 Sigfried Giedion, “[...] pintura”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, maio 1951, p.6.

433 “[...] Unidade habitacional de Le Corbusier”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, janeiro-março 1951, p.6-8.

434 Le Corbusier, “Romchamp”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, março 1954, p.22.

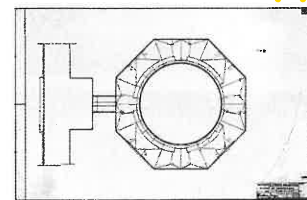


Fig 76 - Keil do Amaral et al, Feira de Industrias de Lisboa, Lisboa, 1952-59



Fig 77 - Desenvolvimento actual da arquitectura, In: *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, Março, 1952, p.12



Fig 78 - Viana de Lima Casa do moinho _ Casa das marinhas, Esposende, 1957

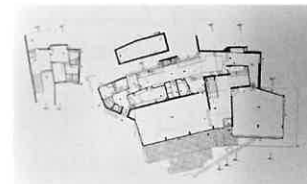


Fig 79 - Álvaro Siza Vieira, Casa de chá da Boa nova, Matosinhos, 1958-66

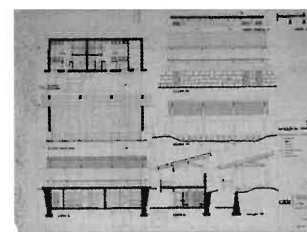


Fig 80 - Fernando Távora, Pavilhão de ténis, Matosinhos, 1960



Fig 82 - Fernando Távora, CODA, In: Arquitectura portuguesa, Lisboa, Abril 1953, p.23-24

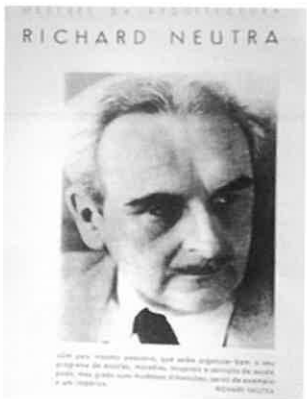


Fig 83 - Mestres da arquitectura: Richard Neutra, In: Arquitectura portuguesa, N.º1, Lisboa, Março 1952, p.25



Fig 84 - Hugh Stubbins Jr., Projeto para uma casa perto do mar, In: Arquitectura portuguesa, N.º166, Lisboa, Julho-Dezembro 1951, p.131952, p.25



Fig 85 - Sigfried Giedion, Pintura e guerra, In: Arquitectura portuguesa, N.º42, Lisboa, Maio 1951, p.6



Fig 86 - Lucien Herve, Uma experiência de vida futura: Unidade habitacional de Le Corbusier, In: Arquitectura portuguesa, N.º164, Lisboa, Janeiro-Março 1951, p.6-8

arquitecto moderno em Veneza⁴³⁶; ou em 1955 à promoção habitacional inglesa do LCC⁴³⁷, e em 1957 sobre pré-fabricação.⁴³⁸ Com proveniência da América Sul, inclui-se referência por exemplo ao Brasil como em 1950 a Levi⁴³⁹, em 1952 à arquitectura paisagista de Burle-Marx⁴⁴⁰ ou, a comunicação "o arquitecto e a sociedade contemporânea" por Lúcio Costa.⁴⁴¹ Ao que acresce referência à Ásia, designadamente em 1951, sobre a influente moderna caracterização espacial do "Japão".⁴⁴²

Já no que tange a artigos de temática nacional, tal compreende a prática do ofício profissional, a indústria e sociedade. Por exemplo, em 1950 o artigo "arquitectos e engenheiros"⁴⁴³, o "arquitectura para os arquitectos"⁴⁴⁴, em 1951 a "industrialização da construção e a função do arquitecto"⁴⁴⁵, em 1952 a crítica "[...] os preconceitos de classe e a falta de moral social"⁴⁴⁶, em 1951 a indagação "é o povo arquitecto"⁴⁴⁷ etc, e em 1951 a referência a uma "exposição [...] moderna".⁴⁴⁸

Acresce itens versando a temática dos equipamentos, como em 1950 sobre a monumentalidade (com ilustração italiana)⁴⁴⁹, o planetário em Lisboa⁴⁵⁰ por Frederico George⁴⁵¹, ou em 1958 o pavilhão de Pedro Cid para Bruxelas⁴⁵², etc. Mais inclui itens versando a habitação, muitos destes já aludidos, constituindo um problema português⁴⁵³.

Tanto de escala unifamiliar, da autoria em 1954-55 de Celestino Castro, em 1957 de João Andersen, ou em 1952 Bento d'Almeida⁴⁵⁴, etc. Como à escala colectiva, como em 1951 o primeiro "edifício de 11 andares" por Cassiano Branco⁴⁵⁵, ou por Cassiano Barbosa⁴⁵⁶, a habitação económica⁴⁵⁷, as cooperativas⁴⁵⁸, etc.⁴⁵⁹

Sobre a temática urbanística, identificam-se itens versando a "planificação nacional"⁴⁶⁰, "da arquitectura ao urbanismo"⁴⁶¹, ou ao modelo histórico da "Garden city"⁴⁶², etc.⁴⁶³

E no âmbito da temática crítica, destacam-se artigos como "[...] processos de absoluto e de relação em crítica"⁴⁶⁴ por Manuel Tainha, o "estilo e espaço"⁴⁶⁵, "a nova plástica", etc.⁴⁶⁶; e no que tange a temática histórica⁴⁶⁷, artigos por um N. Scapinakis⁴⁶⁸ ou um José Augusto França⁴⁷⁰, etc. Já em termos de ensino, uma descrição histórica da evolução para o ensino moderno em Portugal é como já antes mencionada providenciada por Canto Moniz (2011).⁴⁷¹ Relativamente à reforma de 1950 aplicada em 1957, verifica-se que em 1952 ocorreu uma "[...] Reunião de estudantes

436 "[...] Um arquitecto moderno em Veneza", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, julho 1957, p.23-30.

437 "[...] London county council", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, 1955, p.18.

438 "Pré-fabricação", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.61, Lisboa, dezembro 1957, p.32-35.

439 Primo Levi, "...", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, novembro 1950, p.2.

440 "[...] Arquitectura paisagista, Burle-Marx", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, março-abril 1952, p.19.

441 Lúcio Costa, "O arquitecto e a sociedade contemporânea", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa.

442 "[...] Japão", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.37, Lisboa, fevereiro 1951, p.12.

443 "Arquitectos e engenheiros [...]", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.33-34, Lisboa, 1950, p.2.

444 "Arquitectura para os arquitectos", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa.

445 "Industrialização da construção e a função do arquitecto", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, fevereiro 1951, p.8.

446 "[...] os preconceitos de classe e a falta de moral social", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, agosto 1952, p.7.

447 "É o povo arquitecto?", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, janeiro 1951, p.22.

448 "Exposição de decoração moderna", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, janeiro 1951, p.9.

449 "Monumentalidade?", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, março 1950, p.17.

450 Frederico George, "Planetário", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa.

451 Em termos de curiosidade, referir que os seus interesses justificaram também texto sobre cinema. Frederico George, "Arquitectura e o cinema", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.159, Lisboa, fevereiro 1950, p.8.

452 Nuno Portas, "A representação portuguesa", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, 1958, p.23. Pedro Cid, "Pavilhão de Portugal", in: Aavv, Arquitectura, N.63, Lisboa, dezembro 1958, p.34.

453 "O problema português da habitação", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, abril 1953, p.49.

454 Bento d'Almeida, "Habitação em Lisboa", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, março-abril 1952, p.8.

455 Cassiano Branco, "Edifício de 11 andares", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, abril-junho 1951, p.6.

456 Por exemplo, em 1953, habitação por Casiano Barbosa no Porto. Vd. Cassiano Barbosa, "Prédio de habitação", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.47, Lisboa, junho 1953, p.4.

457 Pedro Cid, "Habitações económicas", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.46, Lisboa, fevereiro 1953, p.11.

458 "Habitações [...] para a cooperativa", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, janeiro-agosto 1955, p.4.

459 Vd. eg, "Habitação, arquitectura colonial", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.2, Lisboa, agosto 1952, p.41.

460 "Planificação nacional", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, janeiro 1954, p.25.

461 "Da arquitectura ao urbanismo", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, agosto 1952.

462 Carlos Duarte, "Garden cities [...]", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, dezembro 1958, p.5.

463 Carlos Duarte, "[...] sobre a arquitectura espontânea", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.66, Lisboa, outubro 1959, p.31.

464 "Sobre processos de absoluto e de relação em crítica", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.57-58, Lisboa, janeiro-fevereiro, p.26-28.

465 Manuel Tainha, "Estilo e espaço", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, fevereiro/setembro 1953, p.9.

466 Por exemplo, em dezembro de 1955, artigo versando "A nova plástica". Vd: "A nova plástica", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, dezembro 1955, p.34.

467 "História", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, julho 1957, p.2-7.

468 "Modern style, art nouveau [...]", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, outubro 1957, p.5-10.

469 N. Scapinakis, "O naturalismo humanista [...]", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa.

470 José Augusto França, "Da pintura surrealista", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.61, Lisboa, dezembro 1967, p.5-16.

471 Gonçalo Canto Moniz, O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as escolas de Belas-artes em Portugal (1931-69), FCTUC: Coimbra, 2011. O doutoramento de 2011 foi publicado em 2019. Vd: Gonçalo Canto Moniz, O ensino moderno da arquitectura: a formação do arquitecto nas escolas de Belas artes em Portugal (1931-69), Porto: FIMS/Afrontamento, 2019.

da ESBAL”, a qual constou noticiada na revista Arquitectura portuguesa. Sendo que a “reforma do ensino de Belas artes” surgiu por exemplo mencionada em 1958.

Especificamente no Porto, recordar que Carlos Ramos - que dirigiu a escola desde 1952 - se empenhou na reforma de 1957. Com Ramos, ocorreu a predita evolução para um ensino moderno.⁴⁷² Um Decreto lei 2.043 datado de 10 de julho de 1950 e a posterior regulamentação fez-se mediante Decretos lei 41.362 e 41.363 datados de 14 de novembro de 1957. Consistindo elo da “cadeia de afinidades”⁴⁷³, que constitui a história da escola do Porto, como bem salientou Alves Costa.

Esta década, coincidiu com período em que concluíram formação certas personalidades. Fernando Távora fê-lo especificamente em 1952.⁴⁷⁴ Em 1951/1954 foi realizado por Lixa-Filgueiras um primeiro CODA teórico, o qual teve por título “Urbanismo: um tema teórico”. Este veio a permitir, futuramente, outros com esse cariz. Tal incluiu, em 1957, o de Arnaldo Araújo, em 1959 o de Nuno Portas, ou o por Pedro Vieira de Almeida bem como o por Sérgio Fernandez.⁴⁷⁵ Já a conclusão da formação de Álvaro Siza Vieira, datou de 1955.

Por um lado em termos de institucionalização, neste período, foram também desenvolvidos vários projectos visando instalações na escola. Em 1950-59, Ramos também realizou um projecto para a ESBAP, para o Pavilhão de escultura e pintura fê-lo designadamente em 1955-58.⁴⁷⁶ Em 1955-56 foi projectado o pavilhão especificamente de Arquitectura por Manuel Fernandes Sá. E um projecto para a remodelação do edifício principal da ESBAP e da aula Magna foi realizado por Lixa Filgueiras.

Por outro lado, ocorreu a integração de uma jovem equipe de novos assistentes por Carlos Ramos. Tal incluiu por exemplo Arnaldo Araújo, que leccionou entre 1957/61, regressando pontualmente apenas em 1968/69.

Ocorreram ainda desenvolvimentos expressivos ao nível da atenção à escala urbana. Por exemplo, em 1959, Duarte Castel Branco realizou o CODA “Grémio da lavoura de Abrantes”, e João Andersen desenhou, no âmbito de concurso para Urbanologia, um “Plano de urbanização de Nevogilde”.

Por último, ocorreu desenvolvimento de trabalhos relevantes por parte de alunos. Por exemplo, em 1953, João Andersen participou no concurso canadiano “Future house”. Em 1957/58, identifica-se a realização de vários desenhos, no âmbito da operação Barredo.

Acresce fazer-se uma pausa, para fazer breve referência ao então estudante Rui Pimentel. Em 1952-53 participou na Arco, e no mesmo ano realizou na ESBAP um notável Centro cultural tendo como professor Carlos Ramos e assistente Mário Bonito. Em 1952 participou em Curso de verão dos CIAM em Veneza, onde realizou o projecto de uma moradia.⁴⁷⁷ A “Expressão e intensão perseguida no processo projectual de Rui Pimentel”, foi recentemente alvo de estudo por Eliane Guimarães.⁴⁷⁸

VI.

A seguinte década de 60, em termos internacionais sócio culturalmente, compreendeu um clima de contestação, conducente ao Maio de 1968.

Em termos internacionais arquitectónicos, verificaram-se desenvolvimentos já aludidos. Os CIAM, que protagonizaram até 1958, dissolveram-se definitivamente em 1960. Sucederam os encontros dos Team X, como em 1962 o de Rayoumont. Identifica-se que este surgiu referenciado na revista Arquitectura portuguesa em julho de 1963. Verifica-se também um incremento da influência proveniente de revistas de mais amplas geografias. Por exemplo da influente Architectural Design, a qual teve direcção entre 1962-65 curiosamente por Kenneth Frampton. Numa geografia anglo-saxónica, os desenvolvimentos teóricos incluem a ambição dos designados “design methods”, e o detalhado por exemplo em 1964 em publicação da autoria de Christopher Alexander. Já na geografia de Itália releva, por exemplo e entre outros autores, o “Esperienza dell’architettura” por Ernesto Rogers. Já na geografia americana sobretudo, desenvolveu-se um debate crítico ao urbano moderno, por autores como Jane Jacobs.⁴⁷⁹

Em termos sócio culturais nacionais, a década compreendeu abalos ao Estado novo, decorrendo em 1969 a primavera Marcelista. Permitimo-nos aqui repetir o já referido em anterior ocasião. Trata-se de período marcado pelo início



Fig. 87 - Cassiano Branco e Mário Rodrigues, Um edifício de 11 andares, in: Arquitectura portuguesa, N.º165, Lisboa, Abril-Junho 1951, p.6



Fig. 88 - Reunião de estudantes Esbal, in: Arquitectura portuguesa, N.º, Lisboa



Fig. 89 - Celestino Castro, Habitação no Porto, in: Arquitectura portuguesa, 1954-55, N.º58, Lisboa, p.8



Fig. 90 - Cassiano Barbosa, Prédio de habitação, in: Arquitectura portuguesa, N.º47, Lisboa, Junho 1953, p.4-10

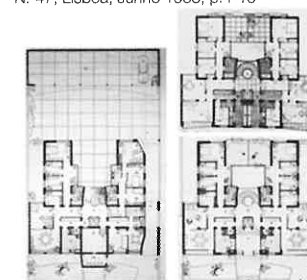


Fig. 91 - Planta in: Arquitectura portuguesa, N.º47, Junho 1953, p.4

472 Recordando-se a cadeia constitutiva da história da escola do Porto, aludida por Alves Costa. Tal inclui uma fase de: “A modernização tecnocrática possível: 1957”.

473 Alexandre Alves Costa, no seu concurso para professor associado, denomina como “cadeia de afinidades”, uma sequência de autores/eventos da história da escola do Porto.

474 Manuel Fernandes Sá (n.1943).

475 Sérgio Fernandez (n.1937).

476 A título de curiosidade referir que data de 1953 um edifício dos CTT por Carlos Ramos.

477 A título de curiosidade referir que Rui Pimentel colaborou também com Mário Bonito no projecto da Rua do Ouro, por volta de 1950-54.

478 Uma comunicação foi apresentada num colóquio IJUP.

479 Jacobs foi autora e.g. de “Death and life of the great american cities[...]” em 1961.

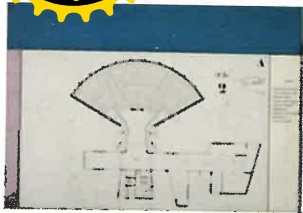


Fig. 92 - Rui Pimentel, Centro Cultural, ESBAP, 1952-53. (professor Carlos Ramos, Assistente Mário Bonito)

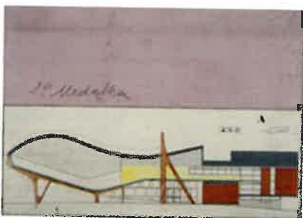


Fig. 93 - Rui Pimentel, Centro Cultural, ESBAP, 1952-53. (professor Carlos Ramos, Assistente Mário Bonito)

da guerra colonial e emigração. Contemporâneo com a existência de ainda elevada taxa de analfabetismo⁴⁸⁰, coincidente com a existência de uma modernização que está na origem de mudanças sociais.⁴⁸¹ Designadamente de um processo de industrialização que contribuiu para o despovoamento do interior, com consequente aumento da população urbana no litoral. Sobretudo nas maiores cidades, como Lisboa e Porto, etc. Mantendo-se no entanto uma insuficiência de infraestruturas e transportes, com consequente dificuldade no contacto entre localidades.

Em termos de cultura artística, verificaram-se ocorrências importantes, como em 1961 a exposição de artes plásticas da Gulbenkian (Tal voltaria a reiterar mais tarde, já em 1986).

Em termos arquitectónicos nacionais, os anos 60 usufruíram da atenção de variados autores, como Fernandez⁴⁸², Fernandes⁴⁸³, Mendes, etc.

Em geral identifica-se uma preocupação com a melhoria das cidades e da habitação (simultaneamente ao ímpeto da especulação imobiliária, etc). Simultaneamente à eminente industrialização e transformação territorial, reconhecia-se a sabedoria da arquitectura vernácula e harmonia homem-meio. De resto, como já antes aludido, em 1961 ocorreu a publicação do "Inquérito à arquitectura" regional portuguesa, que veio contrariar ideias do regime. Tal, em certo sentido, acompanha, segundo palavras de Ramos - que se repete - toda uma tendência internacional, que é levada aos CIAM "contra ortodoxia do movimento moderno e a favor da sua revisão".⁴⁸⁴

Em Lisboa, em 1962, Nuno Portas ingressou no LNEC, onde montou o Núcleo de pesquisa de arquitectura, habitação e urbanismo. Aí desenvolveu relevante investigação em habitação e posteriormente urbanismo. Bem como publicou importantes livros, a que voltaremos mais tarde.⁴⁸⁵ Recorde-se, ser neste período, que decorreram as primeiras construções massivas para Lisboa, primeiro com os Olivais, e em 1962 com Chelas.

No Porto, salientou-se no domínio da habitação, o projecto da Pasteleira, que então compreendeu 600 fogos. Acresce cumprir salientar ainda a relevância do programa de habitações económicas da "Federação das caixas de previdência". Este teve a sua equipa no norte coordenada entre 1961-63 pelo arquitecto Lixa Filgueiras. E, em 1968, acabou criado o "Fundo de fomento e habitação".

Simultaneamente, explorou-se a liberdade habitacional na vivência também à escala da casa unifamiliar. Neste sentido, atenda-se por exemplo, mais tarde o interior da Vila Alcina da autoria de Sérgio Fernandez.

Por outro lado, identifica-se um desejo de integração urbana, expressando proximidade à sensibilidade arquitectónica proveniente da geografia italiana. Neste sentido, atenda-se por exemplo à igreja do Coração de Jesus. Mais se identifica desejo de atenção à história, expresso em posturas projectuais defendendo a contenção.⁴⁸⁶ Ou pelo contrário defendendo maior expressividade e abertura aos serviços e cidade. Neste sentido, atenda-se ao edifício Franjinhãs de Teotónio Pereira. Ou a equipamento já antes mencionado da Gulbenkian⁴⁸⁷ que, em 1959-1969, teve concretização com o projecto de Ruy Athougua, Pedro Cid e Alberto Pessoa.

Permitindo-nos repetir o já referido noutra ocasião: [...] A própria cidade torna-se preocupação, destacando-se Nuno Portas, sobre a reflexão das questões sociais e políticas e as tornar relevantes para os processos de urbanização, da obra e do projecto. A luta da arquitectura de então foca-se na melhoria das cidades e habitação. Tornara-se evidente o problema da especulação imobiliária (i.e. rápida crescente de produções de fraco contexto, procurando lucro instantâneo), devido à forte procura de alojamento das migrações do interior para o litoral, bem como ao turismo, a partir de investimentos privados e associados a uma falta de planeamento.

No entanto, desde a década de 1950 até 1974, não deixam de haver momentos de produção arquitectónica de qualidade. E na década de 1960, dá-se ainda uma preocupação pelo habitante. Em relação às intervenções no âmbito da arquitectura, habitação e expansão das cidades, conforme referiu Sérgio Fernandez: A expansão planificada das cidades ficará a dever-se a grandes intervenções, onde, com fins diversos são estabelecidos padrões de economia razoavelmente limitados: no Porto, os bairros camarários, como o da Pasteleira, com seiscentos fogos, para alojamento das camadas de menores recursos que vivem deploráveis condições, em locais centrais entretanto sobrevalorizadas; em Lisboa, os

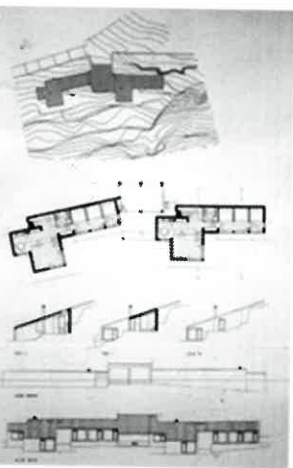


Fig. 94 - Sérgio Fernandez, Casa de caminha, Moledo, 1973

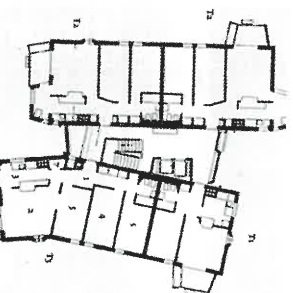


Fig. 95 - Victor Figueiredo, Complexo residencial de Chelas (planta), Lisboa, 1973

480 Designadamente: 39% no feminino segundo; e 26,6% no masculino segundo. Vd: Pordata, Tabela percentual sobre a Taxa de analfabetismo: Total e por sexo (<https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+tota+e+por+sexo-2517>).

481 Karin Wal, "Elementos sobre a sociologia da família", in: Aavv, Análise social, V.28, N.123-124, 1993, p.1001.

482 O seu livro com edição de 1985.

483 José Manuel Fernandes, Arquitectura portuguesa nos anos sessenta. Lisboa: Horizonte, 1994.

484 Rui Ramos, A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa: mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX, Porto: Universidade do Porto, 2004 p.322 (dissertação).

485 Nuno Portas publicou, em 1969, "A cidade como arquitectura".

486 E.g. Álvaro Siza Vieira.

487 Vd. e.g. a investigação sobre a Gulbenkian, no doutoramento de Nuno Grande.

Olivais norte e sul, de muito maior escala, e, em 1962, Chelas^{488, 489}

Em Lisboa, nos anos 50/60, alguns ateliers de arquitectos como Keil do Amaral ou Nuno Teotónio Pereira, tornaram-se em espaço de formação e consciência disciplinar de novas gerações. E gostaríamos ainda de referir que, nas colónias, entre outros destacou-se pelo seu posicionamento excepcional, a produção de Pancho de Guedes.⁴⁹⁰

Em termos associativos, continuou a operar o SAP, aferindo-se 655 arquitectos inscritos por altura do 1º Encontro nacional em 1969.⁴⁹¹

Em 1967 ocorreu o "1º Encontro de arquitectura de Tomar", então publicado na revista Arquitectura de 1967, em Dezembro de 1969 o 1º Encontro nacional⁴⁹², e igualmente em 1969 o evento "Novos e novísimos no Porto"⁴⁹³, etc.⁴⁹⁴

Em termos internacionais, em 1965, um colóquio da UIA ocorreu em Paris, o qual foi presenciado por Nuno Portas. Em 1969 ocorreu evento em "Roehampton"⁴⁹⁵, identificando-se a título de curiosidade, surgir registado "Roehampton 1961" na revista Arquitectura de setembro de 1967.

Em termos arquitectónicos nacionais, relevam múltiplas obras/projectos com programa diverso. Algumas dessas expressam um tradicionalismo ainda próximo ao tradicionalismo e regime. Por exemplo no período 1950s?-1961, teve continuidade o Portugal dos pequeninos em Coimbra da autoria de Cassiano Branco, apesar de já inaugurado a 8 junho 1940. Mas, por outro lado, relevam obras/projectos explicitamente modernas. Em Lisboa, tal inclui em 1959-61 a inovadora pastelaria Mexicana por Jorge Chaves, em 1959-69 a fundação Calouste Gulbenkian⁴⁹⁶, em 1962-70 a igreja do Coração de Jesus, em 1964 projecto por Chorão Ramalho⁴⁹⁷, em 1965 a piscina do Campo Grande por Keil do Amaral⁴⁹⁸, em 1969 o edifício Franjinhas por Teotónio Pereira⁴⁹⁹, etc.⁵⁰⁰ Ou, entre 1950-2000, a rotunda do Marquês de Pombal por Carlos Ramos. Bem como noutras geografias, em 1960-65 a escola dos Regentes agrícolas em Évora por Manuel Tainha⁵⁰¹, em 1960-69 o conjunto das Caixas de Previdência no Funchal⁵⁰² por Raul Chorão Ramalho⁵⁰³, em 1963 o hotel do Mar em Sesimbra por Conceição Silva⁵⁰⁴ e, nas colónias, a produção do já mencionado "Pancho Guedes"⁵⁰⁵, etc.

Especificamente no Porto, relevam múltiplas projectos/obras portuenses com programa diverso.

No âmbito da habitação, por exemplo em 1959-63 o parque residencial do Luso por José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos⁵⁰⁶, em 1959-99 o parque residencial da Boavista por Agostinho Rica com João Seródio e José Carneiro, em 1958/61-73 o conjunto habitacional da Pasteleira norte e sul por Rogério Barroca com Pedro Ramalho⁵⁰⁷ e Sérgio Fernandez, em 1960-61 o edifício de habitação Montepio geral, etc.⁵⁰⁸ Acrescem no âmbito dos equipamentos, múltiplos projectos/obras de programa diverso. Como em 1960-71 a Faculdade de economia da Universidade do Porto por Viana de Lima, em 1966-74 o hotel Don Henrique por C. Almeida com José Loureiro e Luís Pádua Ramos, em 1960-65 a Escola primária do bairro da Fonte da Moura por Alexandre Sousa e CMP, em 1961 o edifício Hoechst por Manuel Fernandes Sá, em 1964 o Silo-auto por Alberto João Pessoa com João Abel Manta⁵⁰⁹, em 1963-94 a igreja da Cedofeita por Eugénio

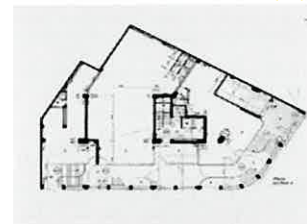


Fig 96 - Nuno Teotónio Pereira, et al, Edifício Franjinhas, Lisboa, 1969



Fig.97 - Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, Igreja do coração de Jesus, Lisboa, 1962-1970

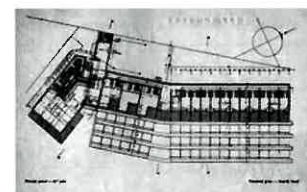


Fig 98 - Francisco Conceição Silva, Hotel do mar, Sesimbra, 1956-63



Fig 99 - Francisco Conceição Silva, Hotel do mar, In: Arquitectura, Sesimbra



Fig 100 - Chorão Ramalho, In: Arquitectura, Lisboa, 1964

488 Sérgio Fernandez, *Arquitectura portuguesa, 1961-1974*, in: Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang (ed.), *Portugal: arquitectura do século XX*, Munique: Prestel, 1997, p.57.

489 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, "A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI", in: Aavv, *Artecapiatal*, Lisboa, Junho 2021, s.p

490 Há uma década uma série de livros sobre Pancho Guedes surgiram, por autores como Miguel Santiago Fernandes, sendo que um doutoramento sobre o tema vem sendo desenvolvido por José Luís Tavares. Vd. Miguel Fernandes, *Pancho Guedes: metamorfoses espaciais*, Lisboa: Caleidoscópio, 2007.

491 Vasco Massapina, *Op cit*.

492 Vd: "1º encontro de arquitectos em Tomar", in: Aavv, *Arquitectura*, setembro-outubro Lisboa, 1967, p.217s. "Encontro nacional, dezembro 1969", in: Aavv, *Arquitectura*, N.110, Lisboa, Julho-agosto 1969, p.204-205. Ricardo Faria, "Um encontro de arquitectura", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, novembro-dezembro 1969, p.295.

493 Francisco Bronze, "Novos e novísimos do Porto", in: Aavv, *Arquitectura*, maio-junho 1969, p.140.

494 S.a., "A exposição de arquitectura portuguesa em Londres", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, p.40.

495 Ricardo Faria, "Um encontro de arquitectura", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, novembro-dezembro 1969, p.295.

496 "[...] Fundação Calouste Gulbenkian", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, 1963.

497 Chorão Ramalho, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, 1964.

498 Keil do Amaral, "Piscina do campo grande", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, 1965, p.1s.

499 Nuno Teotónio Pereira (1922-2016).

500 Vd. e.g.: "Escola primária em Chelas", in: Aavv, *Arquitectura*, N.81, Lisboa, março 1964, p.49.

501 Manuel Tainha (1922-2012).

502 Raul Chorão Ramalho (1914-2002).

503 Chorão Ramalho, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, 1964.

504 Conceição Silva, "Hotel do mar", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, 1963.

505 "[...] Pancho Guedes", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, setembro-outubro 1969, p.211.

506 Luís Pádua Ramos (1931-2005).

507 Pedro Ramalho (n.1937).

508 Viana Lima, [Casa dos anos 40], in: Aavv, *Arquitectura*, N.74, Lisboa, março 1962, p.34-35.

509 João Abel Manta (n.1928).

Sousa, em 1963-2009 a Escola francesa por Carlos Carvalho Dias com Luiz Cunha⁵¹⁰ e Manuel Aguiar⁵¹¹, em 1964-73 o Centro de caridade de N. Sra. do perpétuo socorro por Luiz Cunha, em 1966-72 a igreja paroquial do Carvalhido da autoria do mesmo autor, em 1968-72 o edifício da Peugeot por Eugénio Sousa, em 1968-78 a sede da Caixa da previdência por Arménio Losa com Alfredo Matos Ferreira⁵¹² e Beatriz Madureira⁵¹³, em 1960-70, o edifício do Jornal de Notícias por Márcio Freitas.

Da autoria de Fernando Távora relevam múltiplos projectos/obras, alguns dos quais já antes aludidos. Em 1960 o pavilhão de ténis de Matosinhos, em 1960/61-71 o convento em Gondomar, em 1963-67 os Paços do concelho de Aveiro, e em 1969 o plano do Barredo. A título de curiosidade referir que na revista *Arquitectura* de julho de 1961 surge publicado, para além Ramalde (projectado em 1952-60)⁵¹⁴, em 1961 o mercado de Vila Nova da Feira⁵¹⁵, e em dezembro 1964 a Escola primária do Cedro⁵¹⁶ em Gaia, ao que acresce em 1964 uma entrevista ao arquitecto.⁵¹⁷ Da autoria de Álvaro Siza Vieira, relevam múltiplos projectos e obras, expressando um protagonismo já iniciado que se exponenciaria. Neste sentido atenda-se, para além de em 1961-66 a piscina das Marés de Leça da Palmeira⁵¹⁸, em 1962 a casa de Chá de Boa nova⁵¹⁹, em 1960-63 a cooperativa do Lordelo do ouro⁵²⁰ em coautoria com Alves Costa⁵²¹, e em 1964-71 a casa Alves Costa em Moledo. A título de curiosidade, referir que vários desses projectos surgiram publicados na revista *Arquitectura*. Designadamente a cooperativa de Lordelo desenvolvida até 1962, em 1967 a piscina de Leça, e em maio de 1965 a Casa de chá. Mais se identifica o aporte do icónico artigo “uma análise à obra de Siza Vieira”,⁵²²

*

No que tange a publicações, destacou-se a acção a revista *Arquitectura*, a que acresceu a edição da *Binário*. Identifica-se a já antes aludida consolidação da sensibilidade orgânica. (Neste sentido, recorda-se por exemplo a exposição de arquitectura finlandesa na SNBA). Por outro lado, desenvolvem-se abordagens mais activistas próximas do neo-realismo ou neovanguardismo. Tal é denotado por exemplo pela publicações de conteúdos com referência à arquitectura finlandesa, a Candilis dos Team X, ao encontro de Rayaumont (1963), a Louis Khan, a Christian Norberg-Schultz ou a Fernando Távora.⁵²³ Bem como, em 1961 de Josep Coderch, de Michael Ragon ou mesmo os Archigram.⁵²⁴ Acresce registar-se um interesse por métodos de projecto, com referência a autores cruciais como Geoffrey Broadbent, D. Thornley, etc.⁵²⁵ Neste sentido, a título de curiosidade, referir que esta abordagem surgiu tanto em proximidade à escola de Ulm⁵²⁶ como do movimento “design methods”. Este último remete para protagonistas como Christopher Jones de Manchester ou Bruce Archer do Royal college of arts, bem como para eventos marcantes como a “Conference on systematic and intuitive methods in engineering, industrial design, architecture and communications”⁵²⁷ de 1962 ou as três conferências que se seguiram no Reino unido e EUA.⁵²⁸

De facto, nos anos 60, o seminal “Notes on the synthesis of form”⁵²⁹ por Christopher Alexander - autor que



Fig 101 - Luiz Cunha, Igreja paroquial do Carvalhido (Porto). In: *Arquitectura*, Maio N.º124, 1972, Lisboa, p.15

510 Luiz Cunha (1933-2019).

511 Marques de Aguiar (1927-2015).

512 Alfredo Marques Ferreira (1928-2015).

513 Beatriz Madureira (1940-2017).

514 “Ramalde (1952-60)”, in: Aavv, *Arquitectura*, N.71, Lisboa, julho 1961, p.14s.

515 Vila Nova da Feira [...], in: Aavv, *Arquitectura*, N.71, Lisboa, julho 1961, p.17-20.

516 “Escola primária em Vila Nova de Gaia”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, dezembro 1964, p.175s.

517 Fernando Távora, “Entrevista”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, dezembro 1964, p.175. “Fernando Távora: [...] 12 anos actividade profissional”, in: Aavv, *Arquitectura*, N.71, Lisboa, julho 1966?, p.11-13.

518 “Piscina de Leça [...]”, in: Aavv, *Arquitectura*, N.76, Lisboa, março-abril 1967, p.73s.

519 “Casa de chá”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, maio-junho 1965.

520 “Três obras [...] cooperativa do Lordelo”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa.

521 Alexandre Alves Costa (n.1939).

522 “Uma análise da obra de Siza Vieira”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa.

523 Vd: “Exposição de arquitectura finlandesa na SNBA”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, abril 1969, p.60. Louis Khan, “Estrutura e forma”, in: Aavv, *Arquitectura*, N.74, Lisboa, março 1962, p.23. Georges Candilis, “Problemas de hoje”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, janeiro 1963, p.2. Christian Norberg-Schulz, “Paisagem e a obra do homem”, in: Aavv, *Arquitectura*, N.102, Lisboa, março-abril 1968, p.52s. Fernando Távora, “O encontro de Royaumont”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, julho 1963.

524 Vd: José Coderch, “No son génios lo que necesitamos ahora”, in: Aavv, *Arquitectura*, N.73, Lisboa, dezembro 1961, p.3-4. Michel Ragon, “Fala a arquitectura”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, maio-julho 1965, p.124s. S.a., “Archigram e o mundo do futuro”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, maio-junho 1966, p.186.

525 D. G. Thornley, “Método de composição na educação arquitectónica”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, janeiro-fevereiro 1966, p.33s. Geoffrey Broadbent, “Método de projectar em arquitectura”, in: Aavv, *Arquitectura*, N.103, Lisboa, maio-junho 1968, p.129.

526 A Hochschule für gestaltung-hfg Ulm durou entre 1953-1968, tendo protagonistas como Tomás Maldonado ou Horts Rittel. O último, em 1963, fundou o Design methods group em Berkeley.

527 J. Jones e D. Thornley (eds.), *Conference on design methods*, Londres: Pergamon press, 1963.

528 A título de curiosidade referir-se que Gordon Pask, provavelmente, participou num destes colóquios.

529 Christopher Alexander, *Notes on the synthesis of form*, Harvard university press, 1964.

iria desenvolver em Berkeley a chamada “Linguagem dos padrões”⁵³⁰, era já lido em Portugal. Por exemplo, Nuno Portas, interessou-se por tal,⁵³¹ tanto no âmbito de investigação desenvolvida a partir do núcleo criado no LNEC, como do ensino. Constando no seu relatório de ida ao UIA de Paris em 1965, menção explícita a encontro com A. Atkinson da Building research station de Londres, que “iniciou um estudo sobre o “design process” baseado nas análises sistemáticas de programa iniciadas com a tese de Christopher Alexander [em Harvard no ano de 1964] cujos princípios têm apoiado o estudo de racionalização de soluções do fogo iniciado na Divisão de construção e habitação”.

Desde meados/finais dos anos 50, Nuno Portas compunha o núcleo avançado da crítica de arquitectura em Portugal. Tal em conjunto com Pedro Vieira de Almeida (autor de “Ensaio sobre o espaço da arquitectura”⁵³²), curiosamente tendo ambos concluído teses teóricas na ESBAP.⁵³³

Em 1964, Nuno Portas publicou “A arquitectura para hoje: A evolução da arquitectura moderna em Portugal”. Tal ecoa a sua anterior investigação historiográfica, e ensaio sobre a nova geração já antes mencionado. A nosso ver, progressivamente, o arquitecto revelou um particular cruzamento das referências anglo-saxónicas com o enfoque tipológico Italiano.⁵³⁴ Por outro lado, com base na antes aludida investigação no LNEC, publicou entre outros escritos, em 1968 o “Desenho: a apropriação do espaço da habitação” na revista Arquitectura.⁵³⁵ E em livretos do LNEC, publicou em 1969 o “Funções e exigências de áreas de habitação”.⁵³⁶ Em 1969 publicou ainda um segundo livro, intitulado “A cidade como arquitectura”, expressando um interesse e aptidão pessoal que se exponenciou pela escala urbana.

*

Retomando as publicações, especificamente na revista Arquitectura, figuraram alguns protagonistas antes mencionados. Por exemplo, Fernando Távora em 1964⁵³⁷, ou o predito Nuno Portas. Bem como referência a eventos e exposições internacionais e nacionais, e ainda, de forma progressiva, ensaios de cariz mais teórica. Destacaria, para além do antes mencionado ensaio “a função social do arquitecto” de Lixa-Filgueiras⁵³⁸, o “Ensaio sobre o espaço da arquitectura” por Pedro Vieira de Almeida.⁵³⁹ Bem como sobre “história da arquitectura moderna em Portugal”⁵⁴⁰, ou o “ensino da arquitectura” em 1960 e 1969.⁵⁴¹

Os conteúdos de temáticas internacionais, incluíram referência a um Corbusier tardio⁵⁴², aos Team X e ao icónico “Toulouse mirail”⁵⁴³, em 1963 a Candilis⁵⁴⁴, bem como à já aludida evolução da sensibilidade orgânica Wrightiana para ideias, projectos e planos de Aalto⁵⁴⁵, com destaque para a ocorrência da “exposição de arquitectura finlandesa na SNBA”.⁵⁴⁶ Incluiu ainda a publicação de projectos internacionais⁵⁴⁷, noticiando novas expressividades, como por exemplo as neovanguardas megaestruturais panfletadas pelos antes mencionados “Archigram”.⁵⁴⁸

Identificam-se ainda artigos de crítica de enfoque igualmente internacional, focados nas geografias da Europa e América. Tal incluiu a referência como foi antes aludido, a Gropius⁵⁴⁹ ou à Bauhaus⁵⁵⁰, a “Sullivan”⁵⁵¹, à “arquitectura”⁵⁵²

530 Christopher Alexander et al, A pattern language, Londres: Oxford university press, 1977.

531 Nuno Portas, Relato sucinto dos contactos estabelecidos por ocasião do congresso da UIA, Paris, julho 1965.

532 Pedro Vieira Almeida, “Ensaio sobre o espaço da arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, 1963, p.15s.

533 Sendo que a CODA de Vieira de Almeida data de 1963.

534 Cumpre remeter para escritos dos anos 60 e posteriores da autoria de Nuno Portas. Vd. Nuno Portas, A cidade como arquitectura, Lisboa: Horizonte, 1969. Nuno Portas, A arquitectura para hoje: evolução da arquitectura moderna em Portugal, Lisboa: Horizonte, 2008 (1964). Nuno Portas, A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica, Lisboa: Horizonte, 2007.

535 Nuno Portas, Desenho: a apropriação do espaço da habitação, in: Aavv, Arquitectura, N.106, Lisboa, maio-junho 1968, p.124-128.

536 Nuno Portas, Funções e exigências de áreas de habitação, Lisboa: MOP-LNEC, 1969.

537 Fernando Távora, “Entrevista”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, dezembro 1964, p.175.

538 Octávio Lixa-Filgueiras, “Da função social do arquitecto”, in: Aavv, Arquitectura, N.75, Lisboa, março 1962, p.46s.

539 Pedro Vieira de Almeida, “Ensaio sobre o espaço da arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, 1963, p.15s. Vd. “Ensaio sobre o espaço da arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, dezembro 1963, p.3-14.

540 F. Dias, “Elementos para a história da arquitectura moderna em Portugal”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, junho 1964, p.45s.

541 Ricardo Porro, “Um ensino da arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, novembro-dezembro 1969, p.296. Jean Labatut, “Problemas do ensino da arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, N.67, Lisboa, abril 1960, p.56-58.

542 “Agadir”, in: Aavv, Arquitectura, N.94, Lisboa, julho-dezembro 1966, p.151.

543 “Toulouse le Mirail”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, 1962.

544 Candilis, “Problemas de hoje”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, 1963.

545 Alvar vd. Aalto, in: Aavv, Arquitectura, N.69, Lisboa, novembro-dezembro 1960, p.3.

546

547 “Arquitectura do mundo”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, 1964, p.82.

548 “Archigram e o mundo do futuro”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, maio-junho 1966/67, p.186.

549 “Groupious e a Bauhaus [...]”, in: Aavv, Arquitectura, N.91, Lisboa, janeiro-fevereiro 1966.

550 “[...] sobre a Bauhaus”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, junho 1967, p.96s.

551 “Louis Sullivan e a escola de Chicago [...]”, in: Aavv, Arquitectura, N.73, Lisboa, dezembro 1961, p.36-48.

552 “Aspectos e correntes actuais da arquitectura americana”, in: Aavv, Arquitectura, N.73, Lisboa, dezembro 1961, p.36-48.



Fig 102 – Exposição de arquitectura finlandesa na SNBA, in: Arquitectura, Lisboa, Abril 1969, p.60



Fig 103 - Álvaro Siza Vieira, Piscina, Leça da Palmeira, 1961-66

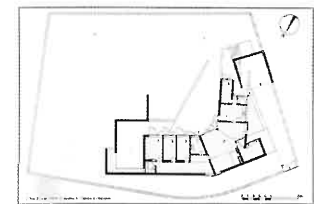


Fig 104 - Álvaro Siza Vieira, Casa Alves Costa (Planta), Moledo, ca.1964



Fig 105 – Nuno Portas, A Cidade como arquitectura, Lisboa, Livros horizonte, 1969



Fig 106 – Pedro Vieira, Ensaio sobre o espaço da arquitectura In: arquitectura, Lisboa, 1969



Fig 107 – Toulouse Le Mirail, In: Arquitectura, Lisboa, 1962



Fig 108 – Hestnes Ferreira, Algumas reflexões sobre a cidade americana, In: Arquitectura, Lisboa, Janeiro-Fevereiro 1966



Fig 109 – Perspectivas e limites da nova dimensão, In: Arquitectura, N.º84, Lisboa, Novembro 1961, p.157



Fig 110 e 111 – Perspectivas e limites da nova dimensão, In: Arquitectura, N.º84, Lisboa, Novembro 1961, p.157

e “cidade americana”⁵⁵³, ou à “escola de Barcelona”⁵⁵⁴. Bem como autores, como ao finlandês Aalto⁵⁵⁵, ao francês Michel Ragon⁵⁵⁶, ao americano Louis Khan⁵⁵⁷, ou ao espanhol Coderch.⁵⁵⁸

*

As publicações expressam também a expansão de interesse pela cidade, e outros domínios temáticos. Tal incluiu itens de óptica urbanística variada. Por exemplo, em 1961 sobre renovação⁵⁵⁹ e “bairros antigos”⁵⁶⁰, urbanismo⁵⁶¹ e planeamento,⁵⁶² bem como um enfoque na grande escala⁵⁶³ compreendendo paisagem⁵⁶⁴, as metrópoles⁵⁶⁵, e o planeamento regional.⁵⁶⁶ Acresce identificar-se um foco de cariz sociológico⁵⁶⁷ e/ou estruturalista, com destaque entre outros para em 1968 o artigo “semiologia e urbanística” por Roland Barthes.⁵⁶⁸

Já sobre a temática habitacional, os conteúdos publicados diversificaram-se por várias escalas e enfoques.⁵⁶⁹ Tal inclui empreendimentos como a “Pasteleira”⁵⁷⁰, a habitação rural⁵⁷¹, a “sociologia da habitação”⁵⁷², o “papel da habitação no desenvolvimento económico e social”⁵⁷³, ou a “habitação social”⁵⁷⁴. Marcado por um cariz mais analítico, repete-se a publicação de “Desenho e apropriação do espaço da habitação” por um Nuno Portas.⁵⁷⁵ Ao que acrescem itens no âmbito da temática metodológica⁵⁷⁶, e interesse pela criatividade.⁵⁷⁷

Referir ainda que mesmo na mais habitual temática, a técnica, irrompem novas ideias⁵⁷⁸, com referências à pré-fabricação⁵⁷⁹, com destaque para a primeira experiência de pré-fabricação pesada em Portugal, bem como para o uso dos computadores.⁵⁸⁰ Paralelamente identifica-se uma sofisticação ao nível da crítica de arte⁵⁸¹, bem como artigos de crítica a eventos nacionais e internacionais, já antes aludidos (para além de “Roehampton”⁵⁸² “Royaumont”⁵⁸³, “A exposição de arquitectura portuguesa em Londres”⁵⁸⁴, para muitos dos eventos como alguns do aludidos.

Por último, interessa fazer referência ao ensino. Na publicação, identificou-se sobre a temática do ensino, verificou-se múltiplos artigos indagando sobre a sua especificidade, experiências ou reformas do ensino. Em 1960, “Problemas do ensino da arquitectura”⁵⁸⁵, em novembro 1969 “Um ensino da arquitectura”⁵⁸⁶, bem como sobre relato de “uma

553 “Algumas reflexões sobre a cidade americana”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, janeiro-fevereiro 1966, p.1s.

554 “A chamada escola de Barcelona”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, Setembro-dezembro 1968, p.183.

555 “Arquitectura e humanismo”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, novembro-dezembro 1967, p.233.

556 Michel Ragon, “Fala a arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, maio-julho 1965, p.124s.

557 Coderch, “No son génius lo que necesitamos ahora”, in: Aavv, Arquitectura, N.73, Lisboa, dezembro 1961, p.3-4.

558 Louis Khan, “Estrutura e forma”, in: Aavv, Arquitectura, N.74, Lisboa, março 1962, p.23.

559 “Renovação urbana”, in: Aavv, Arquitectura, N.72, Lisboa, outubro 1961, p.28s. “Habitação e renovação urbana”, in: Aavv, Arquitectura, N.111, Lisboa, setembro-outubro 1969.

560 “[...] bairros antigos”, in: Aavv, Arquitectura, N.71, Lisboa, julho 1961, p.3-5.

561 “Considerações sobre o urbanismo”, in: Aavv, Arquitectura, N.68, julho 1960, p.43.

562 “[...] Planeamento”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, 1965, p.71s.

563 “Perspectivas e limites da nova dimensão”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, novembro 1961, p.157s.

564 “Paisagem e a obra do homem”, in: Aavv, Arquitectura, N.102, Lisboa, março-abril 1968, p.52s.

565 “Meditações sobre as metrópoles do amanhã”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa.

566 “Planeamento regional”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, setembro 1964, p.111.

567 “Elementos sociológicos do habitat urbano”, in: Aavv, Arquitectura, N.69, Lisboa, novembro-dezembro 1960, p.17-30.

568 “Semiologia e urbanística”, in: Aavv, Arquitectura, N.102, Lisboa, março-abril 1968, p.52s.

569 “[...] habitações”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa.

570 “[...] habitacional da Pasteleira”, in: Aavv, Arquitectura, N.69, Lisboa, novembro-dezembro 1960, p.31s.

571 Vd: “A habitação rural [...]”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, outubro 1962, p.3s. “Habitação rural [...]”, in: Aavv, Arquitectura, N.70, Lisboa, março 1961, p.3s.

572 “Sociologia da habitação”, in: Aavv, Arquitectura, N.68, Lisboa, julho 1960, p.41-50.

573 “[...] habitação no desenvolvimento económico e social”, in: Aavv, Arquitectura, N.112, Lisboa, novembro-dezembro 1969, p.300.

574 “Habitação social [...]”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa.

575 Nuno Portas, “Desenho e apropriação do espaço de habitação”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa.

576 “Método de composição na edificação arquitectónica”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, janeiro-fevereiro 1966, p.33s. “Método de arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, N.109, Lisboa, maio-junho 1969, p.127s.

577 “A criatividade”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, março-abril 1969, p.79s.

578 “Nervi [...]”, in: Aavv, Arquitectura, N.71, Lisboa, julho 1961, p.43-48.

579 “Pré-fabricação [...]”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, janeiro-fevereiro 1964, p.s.

580 “O computador [...]”, in: Aavv, Arquitectura, N.93, Lisboa, maio-junho 1966, p.147s.

581 “Pintura e escultura [...]”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, novembro 1964, p.147. “Por uma integração das artes visuais”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, abril 1965, p.58-60.

582 “Roehampton, 1961”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, 1961.

583 “O encontro de Royaumont”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, julho 1963.

584 “A exposição de arquitectura portuguesa em Londres”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, p.40. “Novos e novíssimos”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, maio-junho 1969, p.140.

585 “Problemas do ensino da arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, N.67, Lisboa, abril 1960, p.56-58.

586 Ricardo Porro, “Um ensino da arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, novembro-dezembro 1969, p.296.

experiência pedagógica na ESBAP” por Nuno Portas⁵⁸⁷, a “reforma” concernente à ESBAL⁵⁸⁸ e, em 1971, já sobre “depois da reforma”⁵⁸⁹, etc.⁵⁹⁰

*

Em termos de ensino, a década 60, consistiu num período de transformação cultural, em que se criticou a alteração curricular das escolas de Belas artes. Como já antes referido, a “reforma de ensino” de 1957⁵⁹¹, procedeu a intenção legislativa de 1950⁵⁹², conferindo às escolas um estatuto de cursos superiores. Acontece que esta caracterizou-se por proceder a um enfase pretensamente científico que fora, nos anos 60, estava desfasado.

No Porto, tal concretizou a integração de disciplinas das Faculdades de letras e economia, tentando-se uma harmonização do ensino entre a natureza tecnocientífica e artística. Mas isso justificaria uma luta (contra tal modelo), o que veio a ter reflexos em regimes experimentais, ocorridos entre 1969-17 e demais prolongamentos de 1974. Interessará, mais à frente, retomar este assunto/temas. Esses responderam ao desfasamento da reforma bem como às circunstâncias entre finais dos 60s e início dos 70s, incluindo a experiência de autogestão em 1967”; que reclamavam um mais humanista e de maior empenho sócio-político.

Por outro lado, ocorre uma crise académica/institucional. De facto, em determinado momento, ocorreu tanto a saída de Nuno Portas da escola de Lisboa, como por distintas razões posteriores também de outros professores do Porto. Consta-se que no Porto, em 1963, três professores da EBAP formaram a “Árvore”, visando manter grande relação intensa que a relação possui com as artes.

Atende-se por último que já antes mencionado que em meados dos anos 60, Nuno Portas publicou na Arquitectura a sua “experiência pedagógica na ESBAP”. Entre 1961-70 desenvolveram na disciplina de Arquitectura analítica de Lixa, os “inquéritos urbanos” e levantamentos⁵⁹³ (por exemplo em 1968).

A experiência futuramente não deixou de ecoar, no SAAL pós-democrático, pelo seu cariz neorealista. Ao que cresce registarem-se variadas indagações sobre o ensino.⁵⁹⁴

Recorde-se que Carlos Ramos dirigiu a escola até aproximadamente 1967, vindo a falecer em 1969. Como já aludido, este deixou integrados uma jovem equipe de professores mais novos, como Fernando Távora ou Filgueiras. Sendo que Álvaro Siza Vieira leccionou na escola entre 1961/69.

Neste período diplomaram-se também importantes figuras. Designadamente em 1959/60 Duarte Cabral, em 1962 Manuel Correia Fernandes, e em 1966 diplomou-se Alexandre Alves Costa que teve proximidade com Fernando Távora o sucederia. O primeiro arquitecto mencionado tornar-se-ia urbanista do Porto, e os outros viriam a adquirir protagonismo mais tarde. (Aproveite-se para referir que Alves Costa, adquiria protagonismo no futuro da escola. De facto, logo em 1962, como estudante, integrou o 1º Secretariado nacional de estudantes, e participou no Boletim ESBAP).

Assinalar que o ano de 1969, coincide com o término da antes mencionada dissertação de Canto Moniz e início da de Paulino, a qual é explicitamente intitulada “O ensino da arquitectura na Escola do Porto: ESBAP-FAUP: construção de um projecto pedagógico entre 1969 e 1984” (2014).⁵⁹⁵

Especificamente entre meados dos anos 60s e dos 70s, constam alguns anos que ficaram marcados por um relativo abandono/recusa o desenho. Cumpre salvaguardar que esse no entanto obviamente voltou a ser reclamado por todos, pelo seu papel social imprescindível aquando reunificação da escola em torno do SAAL e revolução democrática.⁵⁹⁶

*

Tendo já tendo antes mencionado o protagonismo único adquirido por - Fernando Távora -, em torno do ensino e da prática é este o momento adequado para nos estender um pouco relativamente a esse.

Uma descrição da vida e obra de Távora, é providenciada por autores como Trigueiros⁵⁹⁷, Mendes⁵⁹⁸ ou Bandeirinha⁵⁹⁹, etc.

587 Nuno Portas, “Uma experiência pedagógica na ESBAP”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, janeiro 1963, p.16s.

588 “Para quando [...] ESBAL”, in: Aavv, Arquitectura, N., Lisboa.

589 “Depois da reforma [...] ESBAL”, in: Aavv, Arquitectura, N.71, Lisboa, Outubro 1971.

590 Vd. eg: “As novas escolas do ciclo preparatório do ensino secundário”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa.

591 DL 41.362 e 41.363, de 14 novembro 1957.

592 DL 2.043, de 10 julho 1950.

593 Acresce referir-se a título de curiosidade que, relativamente ao ano de 1967, existe um registo fotográfico do corpo docente da ESBAP.

594 Ricardo Porro, “Um ensino da arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, novembro-dezembro 1969, p.296.

595 Raquel Paulino, O ensino da arquitectura na Escola do Porto: ESBAP-FAUP: construção de um projecto pedagógico entre 1969 e 1984, Porto: FAUP, 2014 (dissertação).

596 Não deixe de se ler complementar leitura: Pedro Bandeira e Nuno Faria, Escola do Porto: lado b, Guimarães: Documenta, 2014.

597 Luiz Trigueiros (ed.), Fernando Távora, Lisboa: Blau, 1993. Luiz Trigueiros (ed.), Casa de férias em Ofir: Fernando Távora 1957-1958, Lisboa: Blau, 1992.

598 Manuel Mendes (ed.), Fernando Távora: minha casa: uma porta pode ser um romance, Porto: FAUP/FIMS, 2013. Manuel Mendes (ed.), Fernando Távora: minha casa: prólogo, Porto: FAUP/FIMS, 2013.

599 José Bandeirinha, Fernando Távora: modernidade permanente, Porto: Casa da arquitectura, 2016.



Fig 112 - Poster, Árvore, Porto



Fig 113 - A habitação rural e a não tradicional, in: Arquitectura, N.º76, Lisboa, Outubro 1962, p.3



Fig 114 - Habitação social, in: Arquitectura, N.º71, Lisboa, Julho 1961

Fernando Luís Cardoso Meneses de Tavares e Távora nasceu em 1923 e formou-se pela EBAP em 1952. Fez parte do ODAM, bem como do CIAM-Porto, tendo participando nos 3 últimos CIAM, isto é até ao CIAM X em Dubrovnik.⁶⁰⁰ Posteriormente, participou também na reunião dos Team X em Otterloo.

Em termos teóricos, logo em 1945 – diga-se com 22 anos – , Távora abordara o persistente “problema da casa portuguesa”. Referindo: “Estabeleceu-se (é o termo) que a nossa habitação tradicional era caracterizada por um determinado número de motivos decorativos que começaram a aplicar-se, esquecendo o elementar princípio de que a arquitectura não serve os motivos, mas estes pelo contrário, lhe estão submetidos. Daquele apriorismo errado nasceram habitações que não representam mais do que um catálogo de elementos decorativos tirados das velhas casas dos séculos XVII e XVIII, e outros até estranhos à nossa arquitectura civil. [...] Existe nas casas portuguesas - e podemos afirmá-lo sem receio - uma mentira arquitectónica”.⁶⁰¹

Távora tornou-se cedo protagonista de uma terceira via⁶⁰², que visava equacionar uma modernidade adequada à realidade portuguesa.

Tal expressa-se na evolução das suas próprias obras/projectos. Como já antes aludido, esta incluiu uma CODA moderna visando uma Casa sobre o mar de 1952 ou o plano de Ramalde de 1952-60. Posteriormente o arquitecto evoluiu para uma fase orgânica, atenta à inserção e historicidade. Neste sentido, recorde-se e atenda-se à sua casa de Ofir de 1957-58⁶⁰³ ou no Mercado de Vila Nova da Feira de 1954-59. Nos anos 80s, a abordagem adquiriu o que colegas denominaram por gravidade, e a sua actividade focou-se na intervenção patrimonial.⁶⁰⁴ Tal consistiu fortemente em intervenções em Guimarães, incluindo praças e casas (Briteiros etc) ou no restauro da pousada do convento de Santa Marinha da Costa de 1972-85, que acabou recebendo o Prémio nacional de arquitectura em 1988. Sucedendo-lhe a adaptação do convento de Refóios em Ponte de Lima em 1987-93. Nos anos 90 e 2000s, realiza uma sequência de projectos igualmente sensíveis. Designadamente, em 1993-2000 o anfiteatro de Direito da Universidade de Coimbra, a praça com espelho de água adjacente à igreja de Santa Cruz, ou em 1994-99 a ampliação da Assembleia da República⁶⁰⁵ em coautoria com Siza Vieira. Realizou ainda, em 1995-2003, o palácio do Freixo⁶⁰⁶ e, em 1995-2003, a Casa dos 24 no Porto. Fernando Távora faleceu em 2005.

Hoje o seu espólio encontra-se albergado no Instituto fundação Marques da Silva.

Não por acaso, numa brochura publicada por esse, consta simultaneamente lado-a-lado um desenho seu referenciado a teorização moderna de Corbusier, e a explícita frase “o homem contemporâneo e a organização do seu espaço”.⁶⁰⁷

Mas neste conspecto, gostaríamos ainda de alertar para um conjunto de outras relações, a que na nossa opinião se deve atender. Em primeiro, salienta-se a consciência da responsabilidade do arquitecto no desenho ou organização do espaço⁶⁰⁸, o qual foi contemporâneo do alerta da função social do arquitecto Lixa-Filgueiras. Em segundo lugar, salienta-se a influência formadora de Távora no futuro nome maior que então ascenderia na arquitectura portuguesa, Álvaro Siza Vieira. Este respeitosamente referiu-se em 1987 ao papel reformador de Távora aquando do seu asseguramento da instalação da FAUP: “presidente da comissão instaladora da FAUP [...], pedagogo e catalisador de tendências renovadoras no interior da escola de Carlos Ramos e na sua consolidação e evolução; [...] num país [...] de sufocada ansiedade nenhuma tranquilidade subsiste [...]”.⁶⁰⁹ Em terceiro lugar⁶¹⁰, salienta-se a sua relação, com o desenho e evocação da história. Como salientou Bernardo Ferrão: “Fernando Távora evoca sempre o passado. Evoca-o naturalmente quando recupera um edifício ou quando acrescenta algo de novo a uma velha construção, mas evoca-o também quando constrói de raiz ou aborda a temática da cidade” (1993).⁶¹¹

Como pedagogo, Távora ensinou com grande amplitude e desenho, sendo explícito o título da sua última aula: “Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo: a lição das constantes” (1993).⁶¹²

600 Cidade da ex-jugoslávia.

601 Fernando Távora, O problema da casa portuguesa, in: Aavv, Aloé, Lisboa, 11 novembro 1945. O escrito foi reeditado em 1947, vd: Fernando Távora, O problema da casa portuguesa (cadernos de arquitectura nº1), Lisboa: Organizações, 1947.

602 Em termos internacionais recorde-se a constituição da APAO por iniciativa de Bruno Zevi.

603 Enquanto estudante do 2º ano, de MLAC, escolhi para objecto de um 1º exercício, a casa de Ofir.

604 Recorde-se a entrevista sobre a sua carreira até 1971. Nuno Portas, “Arquitecto Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional”, in: Aavv, Arquitectura, N.71, Lisboa, julho 1971, p.11-13.

605 O projecto original é de Ventura Terra.

606 O projecto original é de Nasoni.

607 Fernando Távora, Esquício de “ville radieuse” e página ao lado “el hombre cosmólogo y la organización de su espacio” (Vd. foto de publicação sobre Fernando Távora editado pela FIMS). Vd. website da FIMS.

608 Fernando Távora, Da organização do espaço, Porto: Faupublicações, 2008 (8ª edição).

609 Álvaro Siza Vieira, in: Aavv, Desenho [...], Porto: Universidade do Porto, 1987.

610 Faça-se um à parte para referir que ainda uma 3ª relação poderia ter sido estabelecida, com período posterior em que este se envolveu com a criação de cursos de Coimbra e Guimarães, congéneres ampliadores da escola do Porto. (Onde lecionam colegas como Bandeirinha, Figueira, Grande, Canto Moniz, Bandeira, etc).

611 Bernardo Ferrão, S.t., In: Luiz Trigueiros (ed.), Fernando Távora, Lisboa: Blau, 1993, p.23.

612 Fernando Távora, Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo: a lição das constantes, Porto: Faupublicações, 1993.

De facto, em 1962, Fernando Távora – na sequência de anteriores viagens, aos EUA apoiadas pela Gulbenkian, para estudar o ensino da arquitectura – publicou o livro “Da organização do espaço”.⁶¹³ Tal tornar-se-ia num ensaio ainda hoje crucial para a pedagogia de uma Teoria Geral da Organização do Espaço na formação da Escola do Porto.⁶¹⁴

*

Cumprir ainda fazer um desvio, para referir que o facto da FIMS possuir ainda outros espólios. Designadamente do seu contemporâneo Octávio Lixa Filgueiras. (Ou no que concerne a período posterior, a Soutinho⁶¹⁵ que bem expressou hibridiz em na escola do Porto, etc).⁶¹⁶

Ora, Octávio Lixa Filgueiras nasceu em 1922 e faleceu em 1996. E a sua vida e obra foi descrita por Vieira de Almeida em coautoria com Alexandre Cardoso em 2007, no Centro de estudos Arnaldo Araújo.⁶¹⁷

Filgueiras ingressara na ESBAP em 1942, tendo se diplomado em 1951, com CODA sobre o rural como tema de urbanismo moderno⁶¹⁸. Repetindo o antes mencionado, integrou o CIAM-Porto desde 1950, e foi membro do ODAM, desde 1950. Publicou um aditamento à Grille CIAM no número 66 da revista Arquitectura⁶¹⁹, procurando contribuir para a Charte de l’habitat de 1953, tendo o trabalho coordenado sido central no enviado ao CIAM X de Dubrovnik em 1956.

Em 1955-61 coordenou a segunda equipa portuense do Inquérito à arquitectura popular em Portugal⁶²⁰, em 1955-58 esteve envolvido com o gabinete de estudos da Direcção do norte dos edifícios nacionais, em 1961-63, esteve envolvido com a coordenação da equipa do norte das habitações económicas da “Federação das caixas de previdência”. Em 1955-58, Lixa Filgueiras foi autor do projecto como a remodelação do edifício principal e aula Magna da ESBAP. E posteriormente de outros projectos, como, por exemplo o anteprojecto da pousada de Vila Nova de Cerveira, em colaboração com Alcino Soutinho, Rolando Torgo, Domingos Tavares e Álvaro Meireles.

Em termos de ensino, como também já antes mencionado, promoveu a metodologia de inquéritos urbanos, na disciplina de “Arquitectura analítica” desde pelo menos 1961 até 1970.⁶²¹ De facto, identifica-se que em 1957-58 Álvaro Brito realizou desenhos na “operação Barredo”.⁶²² Em 1963, o aluno Álvaro Meireles desenhava “Casas de pescador” em Matosinhos.⁶²³ E, com data de 1967-68, existem na FIMS desenhos pelo aluno António Brito. Em 1969/70, a 1ª experiência de inquéritos urbanos da disciplina de Arquitectura analítica da ESBAP acabou publicada pelo Centro de estudos Duarte Pacheco de Lisboa.⁶²⁴

Nas palavras de Nuno Guedes de Oliveira, a “CODA que apresentou em [1954] teve uma importância enorme, visto ter sido a primeira tese teórica permitida. Abriu-se assim um ciclo de trabalhos de grande importância para a ESBAP, nomeadamente a CODA do arquitecto Arnaldo Araújo, José Dias, Sérgio Fernandez, Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida [...]. Dos inquéritos urbanos [1961] para a recuperação do Barredo e consequentemente do CRUARB [...]”⁶²⁵ Em 1961 publicou-se o trabalho “Da função social do arquitecto”,⁶²⁶ livro este que proveio de concurso que ganhou, publicado em 1962, com o subtítulo “para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada”. A título de curiosidade, referir que esse surgiu parcialmente publicado na revista Arquitectura logo em 1962.⁶²⁷

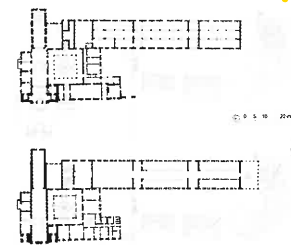


Fig 115 - Fernando Távora, Convento da Costa, Guimarães, 1984



Fig 116 - Fernando Távora, Da Organização do Espaço, (2.ª edição) Porto, ESBAP 1982. (Prefácio de Nuno Portas), 1962

613 Fernando Távora, Da organização do espaço, Porto: ESBAP, 1962.

614 A 2ª edição pela ESBAP, em 1982, incluirá um prefácio de Nuno Portas.

615 Alcino Soutinho (1930-2013).

616 A FIMS também possui o espólio de Alfredo Matos Ferreira (1928-2015), que teve atelier alugado com Álvaro Siza Vieira, e a quem recentemente Manuel Mendes organizou exposição na FAUP.

617 Pedro Vieira de Almeida e Alexandra Cardoso, Octávio Lixa Filgueiras, arquitecto 1922-1996, Porto: ESAP, 2007.

618 Vd. Octávio Lixa Filgueiras et alts, “Urbanismo: um tema rural”, in: Aavv, Revista de pesquisas económico-sociais, V.3, N.4, Lisboa, 1954, p.419-540.

619 Octávio Lixa Filgueiras et alts, “Aditamento à grille CIAM d’urbanisme”, in: Aavv, Arquitectura, N.66, Lisboa, 1959, p.12. Vd. tb. Octávio Lixa Filgueiras, Viana de Lima, Fernando Távora, Napoleão Amorim, Arnaldo Araújo, C. Carvalho Dias, Alberto Neves, “Aldeia nova: X congresso CIAM”, in: Aavv, Arquitectura, N.64-66, Lisboa, 1959.

620 Vd. Octávio Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias, Inquérito à arquitectura popular em Portugal: Zona II, Trás-os-montes/Alto douro, V.1, Lisboa, 1960, p.113-215. (Uma 2ª edição data de 1980, e uma 3ª edição de 1988).

621 No entanto, a inspiração seria nos inquéritos sociológicos neorealistas. Faça-se um aparte para reiterar que, internacionalmente, os design methods começam a ser alvo de criticismo nos anos 70. Tal coincide, em Portugal, com um contexto sócio-cultural e tecnológico neorealistas em prole da eminente revolução democrática.

622 António de Brito, Desenho para operação Barredo, para a disciplina de “Arquitectura analítica”, ESBAP, Porto, 1967-68. (Vd. <https://fims.up.pt/index.php?cat=19&subcat=76>).

623 Álvaro Meireles foi aluno e colaborador de Filgueiras. Relativamente a Matosinhos, vd: Casa do pescador (esquizzo realizado no âmbito de trabalho académico para a disciplina de “Arquitectura analítica”), ESBAP, Porto, 1963.

624 Octávio Lixa Filgueiras, “Inquéritos urbanos da cadeira de arquitectura analítica da ESBAP”, in: Aavv, Revista de urbanismo, do Centro de estudos Duarte Pacheco, Lisboa, 1970.

625 Nuno Guedes de Oliveira, “Octávio Lixa Filgueiras”, in: Aavv, Desenho [...], Porto: Universidade do porto, 1987, p.100s.

626 Octávio Lixa Filgueiras, Da função social do arquitecto, Porto: ESBAP, 1961/62.

627 Octávio Lixa Filgueiras, “Da função social do arquitecto”, in: Aavv, Arquitectura, N.75, Lisboa, março 1962, p.46s.

E em 1985/86 o livro foi reeditado com prefácio de Pedro Vieira de Almeida.⁶²⁸ Ali refere “[...] conhecer para compreender [...]”. Para muitos o arquitecto é o que faz; para uns tantos, o arquitecto também pensa; para os que sabem, o arquitecto, para realizar-se tem de saber fazer e, ao mesmo tempo, conhecer as coisas, e os homens, e o mundo, e a vida [...]”.⁶²⁹

A partir da década de 70, o protagonismo na EBAP de Filgueiras - entre outros, como o seu colaborador Arnaldo Araújo, etc - atenuaram-se.

Em 1971, Filgueiras requereu dispensa da ESBAP, sucedendo-se um período de reentradas, como em 1974.⁶³⁰ Em 1985, de facto, transitou com o corpo docente da FAUP. Tornou-se professor catedrático em 1989 e aposentou-se em 1991. Nuno Guedes Oliveira recorda resumidamente detalhes desse processo: “Em 1974 a seu pedido regressa às funções de docente na ESBAP em março, tendo ficado encarregue da gestão da escola de 29 de abril a 13 de maio, data de eleição dos novos corpos dirigentes. Em novembro apresentou-se no Ministério da educação por discordar da orientação pedagógica proposta para o curso de arquitectura [...]. Em 1985 requer a sua integração na FAUP [...]”.⁶³¹ Lixa-Filgueiras faleceu em 1996.

Próximo e amigo foi-lhe sempre o antes mencionado Arnaldo Araújo. Araújo nasceu em 1925 e uma descrição de aspectos da sua vida e obra foi também providenciada por Vieira de Almeida e Cardoso, no âmbito de uma exposição realizada em 2002.⁶³²

Como já antes aludido, Araújo diplomou-se em 1957 e logo integrou uma equipe de assistentes de Carlos Ramos, composto por vários jovens arquitectos portuense. Leccionou na escola entre meados dos anos 50 e os 60, afastando-se por discordância e não mais conseguindo o seu regresso. Foi apoiante do PC, sendo recordado por Domingos Tavares nos seguintes termos: “[...] os anos 50, foi o trazer às Belas artes a preocupação da vanguarda internacional sobre o conhecimento da realidade portuguesa, expressa no movimento neorealista e na renovação dos objectivos centrais da arquitectura moderna. [...] Já no campo da arquitectura pedagógica [...], desde muito cedo se envolveu apaixonadamente [...] a ensinar arquitectura tanto teórica como projecto (1957-1966) [...]”.

Em 1968 regressou à ESBAP como convidado, no âmbito de uma muito complexa crise que viria a transformar radicalmente as condições de vivência do curso de arquitectura. Retirou-se por não encontrar garantias profissionais no contexto de experiência “rebelde” que o governo de então tolerou. Depois da revolução de abril, exactamente no dia 30 de maio de 1974, por resolução do 1º Plenário das Belas artes, foi-lhe solicitada colaboração e participação na reorganização do curso de arquitectura. [...] Arnaldo recusou. Mais tarde, em 1977, voltou a interessar-se pelo regresso e apresentou candidatura [...]”.⁶³³

Faleceu prematuramente em 1986. Com o seu nome, foi intitulado um Centro de estudos na escola Árvore/ESAP.

*

Após a menção a vários protagonistas da escola, interessa retomar a história do ensino no Porto.

Assim, dizer-se que a experiência de 1969-71 compreendeu a constituição de comissões de curso, e a organização por anos em prole de cursos livres. Em 1970-73 procedeu-se a “regimes experimentais”, autorizados por Despacho de datado 4 de abril de 1970. Acontece que, inicialmente no ano de 1970/71, o regime experimental, não fora aceite superiormente e tal teve como consequência, a ocorrência de apenas 3 meses de aulas. Mais, recorde, em 1970, foi também imposto para a direcção curso, o historiador de arte Pais da Silva, havendo um certo retorno à organização por anos curriculares, etc.

Seguiram-se outros desenvolvimentos⁶³⁴, compreendendo as breves alegadas recusas do desenho por parte de alguns. Ainda que, como já antes referido, finalmente há, um seu envolvimento da escola em torno do SAAL de 1974-76.

Numa entrevista à revista Arquitectura em 1971,⁶³⁵ ficaram registados desenvolvimentos ocorridos na escola. Bem como o protagonismo que Fernando Távora adquirira no contexto vivenciado de pós-reforma. Após um período inicial “sem problemas” e com um “grupo muito interessante de professores, tudo gente bastante nova” em torno de Carlos Ramos, emergiram “sintomas de crise” no corpo docente simultaneamente à consciencialização por parte dos estudantes “de novos problemas, novas exigências”, originando “uma situação que muitos classificam como

628 Octávio Lixa Filgueiras, Da função social do arquitecto: para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada, Porto: ESBAP, 1962, p.16 (1ª edição). Reeditado em 1985 pela Faupublicações, bem como pela ESBAP em 1985 com um prefácio de Pedro Vieira de Almeida.

629 Pedro Vieira de Almeida e Alexandra Cardoso, Octávio Lixa Filgueiras, arquitecto (1922-1996), Porto: ESAP, 2007.

630 O percurso inclui o facto de em 1981 ter ficado destacado no Centro de história da Universidade do Porto.

631 Nuno Guedes de Oliveira, Octávio Lixa Filgueiras, in: Aavv, Desenho [...], Porto: Universidade do Porto, 1987, p.100s.

632 Pedro Vieira de Almeida e Alexandra Cardoso, Arnaldo Araújo, arquitecto (1925-1982) (catálogo da exposição), Porto: CEEA-ESAP, 2002.

633 Domingos Tavares, “Arnaldo Araújo”, in: Aavv, Desenho [...], Porto: Universidade do Porto, 1987, p.112-115.

634 Identifica-se a introdução de Teoria de arquitectura de Octávio Lixa Filgueiras, e um alargamento de referências bibliográficas.

635 Fernando Távora, “Entrevista com o arquitecto Fernando Távora”, in: Aavv, Arquitectura, N.123, Lisboa, outubro 1971, p.149-153.

anárquica”⁶³⁶ De facto, em finais dos anos 60, “a escola trabalhara em regime experimental, regido por uma comissão coordenadora”, composta por si, “mais dois professores - um dos quais abandonou a comissão por discordância - e ainda três alunos”. Qualificando-se a proposta produzida como “muito interessante, do ponto de vista pedagógico”; ainda que a sua não-aceitação superiormente tenha provocado que, em 1970/71, tivesse havido “apenas três meses de aulas (maio, junho e julho), embora se tivesse considerado o ano lectivo até fins de outubro”.⁶³⁷ Por fim, saliente-se o remate consistir numa explícita afirmação por parte de Távora de que as escolas “devem contribuir para a construção do futuro”.⁶³⁸

VII.

Na seguinte década de 70, em termos sócioculturais internacionais, prosseguiu o curso da contestação de 1968/69, sucedendo-se a crise económica do petróleo em 1974, etc. Em termos de cultura arquitectónica, deram-se debates teóricos marcados ideologicamente pelo cunho Tafuriano⁶³⁹, simultaneamente ao criticismo em plataformas como a Oppositions do IASS surgida em 1974.

Já em termos nacionais, teve lugar a revolução democrática dos cravos, conduzida pelo movimento das forças armadas, e simultaneamente teve lugar o fim da guerra colonial e independência das “províncias ultramarinas”.

A 25 de abril de 1974, com a extinção do Estado novo inicia-se a 3ª república.

Repetindo o já referido em anteriores ocasiões, as transformações pós-revolucionárias, incluem o serviço médico universal, a aproximação de géneros, novos modos de viver, e uma ocupação da maioria na indústria, serviços e comércio.⁶⁴⁰

Relativamente ao período de 1960-1980, que denominamos por de “hibridez”, ocorre “A continuidade de uma arquitectura híbrida, com elementos modernistas e tradicionais portugueses, que permanecerá, até meados da década de 1970. [...] Paralelamente com [crescente] desejo de liberdade, a arquitectura começa a despende-se da anterior expressão. Uma quarta geração de arquitectos [protagoniza na década de 60-70] como Jorge Gigante⁶⁴¹, Pancho Guedes⁶⁴², Vítor Figueiredo⁶⁴³, Alcino Soutinho, Álvaro Siza Vieira, Nuno Portas, ou Manuel Vicente.⁶⁴⁴ [...] No caso de Álvaro Siza, já com uma feição modernista dos anos 50, prossegue para uma pesquisa de referentes [orgânicos-Aaltianos nos anos 60 bem como] pósmodernos, como Venturi, a partir de 1970.⁶⁴⁵ [...] Contudo o efeito escalar de sensibilidade, nas décadas 70-80, expressa a incorporação de referências do pósmoderno: fragmentação, maneirismo, historicidade, complexidade e contradição, preparando a subsequente geração”.⁶⁴⁶

Em termos arquitectónico, como detalharemos à frente, verifica-se a carência habitação e equipamentos, e a exponenciação do turismo e especulação. De facto, abril de 1974, significaria a tentativa de abertura de novos caminhos. Por exemplo a resolução dos problema dos bairros de lata⁶⁴⁷, com o SAAL concebido por Nuno Portas, bem como com o asseguramento de espaço e equipamentos públicos (escolas, hospitais, etc). E, só nos anos 80, os progressos asseguraram a aproximação entre a realidade nacional à internacional. Por outro lado, verificou-se também uma atenção do valor cultural e à preservação/reabilitação, ainda que simultaneamente à diluição quicá da preocupação social na profissão, exponenciando-se o turismo e especulação imobiliária.⁶⁴⁸ Sendo que, em termos individuais, se destacam muitos arquitectos, de Álvaro Siza Vieira, a Gonçalo Byrne, João Carrilho da Graça, etc.

Relativamente ao período em causa, repetindo o referido já noutras ocasiões: “Só a partir dos 70 começa a assistir-se à individualização. De facto, a revolução de 1974 trouxe mudanças no comportamento da vida colectiva, e privada, trabalho, educação. O serviço médico à periferia estendeu-se a todo o país⁶⁴⁹ (mais tarde denominado por SNS) e construíram-se novas escolas, correios e serviços em todo o país”.⁶⁵⁰

Já em termos arquitectónicos: “Nos anos 70, dá-se uma mudança que permite lazer e liberdade. Na indústria,

636 Ibid.

637 Ibid.

638 Ibid.

639 Vd. e.g: Manfredo Tafuri, *Teorie e storia dell'architettura*, Bari: Laterza, 1968. Manfredo Tafuri, “Per una critica dell'ideologia architettonica”, in: Aavv, *Contropiano*, N.1, 1969. (Mais tarde reelaborado em “Progetto e utopia” Bari: Laterza & figli, 1973).

640 Só no fim do século, se verificaria a distribuição da maioria da população no sector terciário.

641 Jorge Gigante (n.1919).

642 Pancho Guedes (n.1925).

643 Vítor Figueiredo (n.1929).

644 Manuel Vicente (n.1934).

645 Michele Cannatá e Fátima Fernandes, *Arquitectura portuguesa contemporânea 1991-2001*, Lisboa: ASA, 2001, p.67.

646 Ricardo Martins e Gonçalo Furtado, “Arquitectura em Portugal (1920-2020): Uma sequência das gerações em prole do exercício do ofício”, Porto, 2021, s.p. (policopiado).

647 Recorde-se que mais de três milhões de portugueses viviam ainda mal alojados.

648 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, “A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI”, in: Aavv, *Artcapital*, Lisboa, Junho 2021, s.p.

649 António Barreto, “Portugal, um retrato social”, Lisboa: RTP-Rui Branquinho. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mZNdGIt9XA>).

650 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, “A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI”, in: Aavv, *Artcapital*, Lisboa, Junho 2021, s.p.



Fig 117 - Mesa redonda, In_ *Arquitectura*, N.º120, Lisboa, Janeiro-Fevereiro 1971, p.20



Fig 118— A Sede e o Museu Fundação Calouste Gulbenkian, In: Arquitectura, N.º111, Lisboa, 1969



Fig 119 - Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, Igreja do sagrado coração de Jesus, Lisboa, In: Arquitectura, Lisboa, Setembro-Outubro 1971, p.165-170



Fig 120 - Governo Provisório, Homens e programa, Lisboa, 16 Maio 1974

havia ainda uma mão-de-obra pouco qualificada, mas na economia regista-se o desenvolvimento do turismo com o interesse do norte da Europa por Portugal (principalmente pelo Algarve). Paralelamente, a especulação imobiliária favorece a perda de identidade de muitos locais turísticos e construção em massa”.⁶⁵¹

Em termos urbanos, em 1973 ocorre a reconstrução do Barredo⁶⁵² e da zona ribeirinha do Porto por Fernando Távora. Em 1974-76, destaca-se o SAAL, que constituiu uma experiência única. O seu início remete a 16 de Maio de 1974, com a nomeação de Nuno Portas como secretário de estado da habitação e urbanismo, no 1º governo provisório (de Spínola), tendo se publicado nessa data “Homens e programa”.⁶⁵³ A descrição das “operações SAAL” é providenciada num filme realizado por João Dias⁶⁵⁴, e em 1987 o filme “Direito à habitação” foi exibido pela RTP. Consistiu num programa para a habitação, que incluso admitia a autoconstrução pelos habitantes. O SAAL foi em 1976 alvo de um “Livro branco”⁶⁵⁵, bem como de múltiplas reflexões pelos seus próprios protagonistas (Portas, Alves Costa, Siza, etc)⁶⁵⁶, bem como a dissertação de folgo por críticos como José Bandeirinha.⁶⁵⁷

Como referido em anterior ocasião: “De facto, o 25 de abril de 1974 firmou a possibilidade de novos caminhos e citando Fernandez: Nele residia a esperança de uma participação popular em moldes radicalmente distintos. Nesse novo contexto, as intervenções arquitectónicas levadas a cabo no âmbito do SAAL poderiam vir a ser um embrião de uma acção disciplinar estruturalmente mais avançada.”⁶⁵⁸ Os bairros de lata haviam-se tornando um grande problema e mais de três milhões de portugueses viviam ainda mal alojados.⁶⁵⁹ A década foi efectivamente marcada pelo programa SAAL (Serviço de apoio ambulatorio local), construção de habitação para as populações desfavorecidas, após revolução. Como resposta às graves carências na habitação, o SAAL consistiu num grupo organizado pelo FFH (Fundo de fomento da habitação) criado em 1968. Nuno Portas produziu um despacho para organização de associações, existindo subsídio de fundo perdido, incluindo a própria mão-de-obra dos moradores, a autoconstrução. Segundo Bandeirinha: A arquitectura portuguesa, a cultura arquitectónica portuguesa do 25 de abril, é o SAAL. Portanto, o SAAL representa tudo aquilo que é não só de representação arquitectónica, mas de reflexão sobre como essa produção arquitectónica se processou em Portugal, nessa margem de tempo que se deu ao 25 de abril.^{660, 661}

O SAAL representou efectivamente uma esperança, e operou em várias cidades do país.

No caso do Porto, recorde-se que então a habitação popular ainda estava muitas vezes albergada em ilhas. Relevam pois casos como o bairro do Leal⁶⁶² por Sérgio Fernandez. Ou em 1973-77 o bairro da Bouça por Siza Vieira, que compreendeu quatro blocos habitacionais em duplex. Montaner considerou-o experiência expressiva: “A linguagem arquitectónica era extremamente atractiva, totalmente distinta em cada uma das fachadas e inspirava-se tanto na arquitectura portuguesa como no racionalismo holandês [...] e no expressionismo e racionalismo”⁶⁶³.

O bairro só veio a ver terminada a ligação à rua da Boavista apenas em 1999-2006.

Siza Vieira, que em 1973, no âmbito do Fundo de fomento e habitação, realizara um estudo para terreno anexo ao Tribunal central de menores), em 1974-77 realiza ainda o bairro de São Vítor.⁶⁶⁴

Toda a experiência representou a “abertura de novos caminhos para a arquitectura portuguesa”⁶⁶⁵, Bem como dentro da escola, um reencontro em torno do desenho com propósitos.

Como referimos em anterior ocasião, “No SAAL algarve, a autoconstrução funcionou bem. [Mas] o Porto consistiu, um caso particular, resultando num produto arquitectónico distinto. De acordo com Alves Costa, os projectos SAAL

651 Ibid.

652 No entanto atenda-se à existência de um “Estudo de reconstrução a longo prazo para o Barredo” datado já de 1954?

653 Governo provisório, Homens e programa, Lisboa, 16 Maio 1974.

654 João Dias (realização) “As operações SAAL”, Optec, 2007 (120 min).

655 Aavv, Livro branco do SAAL 1974-1976, Lisboa: VI conselho nacional do SAAL, 1976.

656 Álvaro Siza Vieira, O 25 de abril e a transformação da cidade, in: Aavv, Revista crítica de ciências sociais, N.18-20, Coimbra, 1986. Nuno Portas, SAAL and the urban revolution in Portugal, in: C. Richard Hatch (ed.), The scope of social architecture, Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold Co, 1985.

657 José Bandeirinha, O processo SAAL: arquitectura no 25 de Abril de 1974, Coimbra: FCTUC, 2007.

658 Sérgio Fernandez, “Arquitectura portuguesa, 1961-74”, in: Annette Becker, Ana Tostões e Wilfred Wang, “Portugal: arquitectura do século XX”, Munique. Prestel, 1997, p.62.

659 João Dias, Op cit.

660 João Dias (realização) As operações SAAL, Portugal: Optec, 2007 (120 min).

661 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, “A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI”, in: Aavv, Artcapital, Lisboa, junho 2021, s.p

662 Vd. e.g. fotografias da coleção Alves Costa, no “Centro de documentação 25 de Abril”.

663 Josep Montaner, La vivienda de la vivienda colectiva: políticas y proyectos en la ciudad contemporánea, Barcelona: Reverté, 2015, p.100.

664 Existe um registo fotográfico de Álvaro Siza e Torres realizando trabalhos de levantamento do terreno para a construção da primeira fase de em São Victor (Sra. das Dores).

665 Domingos Tavares, Aula aberta, FAUP-Porto, 201.

Porto eram feitos “não para expansão, mas para consolidação e ordenamento da cidade”.⁶⁶⁶ Verificando-se entre 1974 e 1976 diversos experimentos, que Alves Costa enumera: “[...] sejam bandas de cêrcea relativamente baixa e acessos directos às habitações, como no Restelo (em Lisboa) de Teotónio Pereira, ou na Bouça (no Porto) de Álvaro Siza, ou na opinião maioritária pelos blocos articulados por acessos verticais colectivos muitas vezes dando para galerias de distribuição”.⁶⁶⁷ Já em Lisboa, as intervenções foram maioritariamente na periferia, ao contrário, no Porto, em que coexistiram estratégias com origem no centro da cidade”.⁶⁶⁸

Em 1977, Álvaro Siza, realizou ainda a quinta da Malagueira, em Évora.

Permitimo-nos novamente, relativamente ao período de 1960-80, repetir o referido já noutra ocasião, salientando o desejo de liberdade e as diferentes velocidades pósmodernas existentes. No regime democrático, “paralelamente ao [crescente] desejo de liberdade, a arquitectura começa a desprender-se da anterior expressão [portuguesa]. Uma quarta geração de arquitectos [protagoniza na década de 60/70] como [...] Pancho Guedes, Vitor Figueiredo, Alcino Soutinho, Álvaro Siza Vieira, Manuel Vicente. [...] O que podemos constatar na viragem pósmoderna é que a arquitetura portuguesa faz-se a diferentes velocidades, como ocorre pelo mundo. [...]”⁶⁶⁹. No caso de Souto de Moura, a relação com a arquitectura moderna é trabalhada como base de transformação da espacialidade pósmoderna. A sul, Tomás Taveira entre outros, caminham numas rememorações tão livres quanto torrenciais e pessoais, assumindo o pósmoderno, dentro de metodologia pósmoderna histórica. [...] Lá fora, em Moçambique, identifica-se em Pancho Guedes uma atitude de influências britânicas, na forma de estender o jogo pósmoderno, e em Macau, Manuel Vicente, expressa influências americanas, da circunstância natural e não de uma escolha, num desejo de comunicar sem remorsos a paixão da arquitectura depois do moderno.⁶⁷⁰ Contudo [repita-se], o efeito escalar de sensibilidade, nas décadas de 70-80, expressa a incorporação de referências do pósmoderno: fragmentação, maneirismo, historicidade, complexidade e contradição - preparando a subsequente geração”.⁶⁷¹

Em termos associativos, continuou a operar o Sindicato dos arquitectos, o que em 1974 se compunha de 1077 arquitectos inscritos.⁶⁷² Em 1974-77 asseguraram-se comissões de gestão. E, em 1978, foi fundada a subsecção da Associação dos arquitectos portuenses (AAP), continuando essa a ser composta pelo similar número de 1295 arquitectos inscritos.⁶⁷³ Curiosamente, mas não por acaso, em maio de 1974 publicou-se na Arquitectura, artigo explicitamente intitulado “Os arquitectos e os seus interesses associativos”⁶⁷⁴ e, em setembro de 1979, “Arquitectura para os arquitectos”.⁶⁷⁵

O período de transição até meados dos anos 70, pode ser visto como consistindo numa luta pela compreensão da arquitectura, a que muito devemos o estatuto que possui hoje no seio da sociedade.⁶⁷⁶

Segundo Fernandez, a casa Beires (1973) de Álvaro Siza Vieira, pode ser vista como luta pela (arquitetura contemporânea), do desejo do que deveria ser uma obra de arquitectura, i.e. sem receptor adequado, nas vésperas de 1974.⁶⁷⁷ Em grande medida “Fora necessário esperar 1974 para nos sentirmos arquitectos compreendidos”.⁶⁷⁸

Em simultâneo com a afirmação da profissão, no entanto não deixou de verificar-se maior permissividade ao desejo popular e espontaneidade.

Desde logo, na própria experiência habitacional do SAAL. De facto, o que Siza Vieira enfrentou em São Vitor/Bouça - leia-se que perto da avenida da Boavista - fora uma procura de linguagens compatíveis. Como referido por Tavares, uma postura de compatibilização das linguagens arquitectónicas com o abaixamento dos custos,



Fig 121 - João Dias, As operações SAAL, Portugal, Optec (120 min), 2007



Fig 122 - Nuno Teotónio Pereira do Bairro Restelo, Lisboa, 1984-85

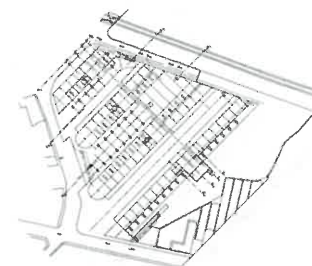


Fig 123 - Álvaro Siza Vieira, (Bouça) Estudo para um terreno anexo ao Tribunal central de menores, Porto (FFH, 1973)



Fig 124 - Álvaro Siza Vieira, Bairro de São Vitor, Porto, 1974-1977_

666 Alexandre Alves Costa, “O SAAL e os anos da revolução, 1974-1975”, in: Annette Becker, Ana Tostões, Wilfried Wang (ed.), Portugal: arquitectura do século XX, Munique: Prestel, 1997, p.66.

667 Ibid, p.65.

668 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo e, “A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI”, in: Aavv, Artcapital, Lisboa, Junho 2021, s.p

669 Vd. Michele Canatá e Fátima Fernandes, Arquitectura portuguesa contemporânea 1991-2001, Lisboa, ASA, 2001, p.67.

670 Jorge Figueira, Reescrever o pósmoderno, Porto: Dafne, 2011, p. 7-8.

671 Ricardo Martins e Gonçalo Furtado, “Arquitectura em Portugal (1920-2020): Uma sequência das gerações em prole do exercício do ofício”, N., Porto, 2021, s.p. (policopiado).

672 Vasco Massapina, Op cit.

673 A AAP durará até 1996.

674 “Os arquitectos portugueses e os seus interesses associativos”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, maio 1974, p.2.

675 “Arquitectura para os arquitectos”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, setembro-outubro 1979, p.2.

676 O livro de Sérgio Fernandez de 1981 foi reeditado com prefácio de Alves Costa em 1985. No seu livro, Fernandez, cobre o período até 1974, e apresenta o ano de 1974 como charneira, não só sóciopolítica mas também disciplinar, por corresponder à aceitação da arquitectura por arquitectos no seio da sociedade portuguesa. Alexandre Alves Costa, “Prefácio”, in: Sérgio Fernandez, Percurso: arquitectura portuguesa, 1930-1974, Porto: FAUP, 1985.

677 Sérgio Fernandes, Aula aberta, FAUP-Porto, 2018.

678 Ibid.



Fig 125 - Álvaro Siza Vieira, Bairro da Bouça (Fachadas), SAAL, Porto, 1973-78



Fig 126 - Maurício Vasconcelos, Entrevista, In: *Arquitectura*, N.º124, Lisboa, Maio, 1972, p.2



Fig 127 - José Carlos Loureiro, Hotel D. Henrique (planta), Porto, ca.1974

atendendo aos benefícios das relações de vizinhança das ilhas.⁶⁷⁹ No entanto houve hesitações e bloqueio, dado que tal entendeu-se como boicote a diferença relativamente aos interesses de uma sociedade bem instalada. (A que se acresce ter sido, na altura, que também surgiram entendimentos de arquitectura como serviço).⁶⁸⁰

*

De facto, no período em causa, as cidades haviam começado a ser alvo de transformação urbana. Neste processo destacaram-se obras que marcaram a cidade em termos de verticalidade e densidade. Por exemplo, no Porto destacou-se a pontuação virtual do hotel Don Henrique por José Carlos Loureiro. Nas palavras de Tavares, tal remeteu à torre do Jornal de notícias, resultante do Plano do Porto de 1961 que previa especulação e que comporta já um aumento da densidade da cidade.⁶⁸¹

Em termos de arquitectura, relevaram múltiplas outras obras/projectos. No âmbito habitacional, no norte, destacaríamos pequenas casas de férias, como em 1972-74 a já mencionada Villa Alcina por Sérgio Fernandez, como expressão do desejo de modos de habitar mais fluídos. Acresce em 1972-74 a casa "bomba"⁶⁸² por Siza Vieira, ou a pousada no convento por Fernando Távora.

Em Lisboa, a habitação caracterizou-se obviamente por uma escala mais massiva. Por exemplo, no complexo residencial de Chelas por Vitor Figueiredo, ou em 1974 na "Pantera cor-de-rosa" por Gonçalo Byrne⁶⁸³ e António Reis Cabrita⁶⁸⁴, etc.⁶⁸⁵

Acresce, no Porto, para além do SAAL, em 1979-89 a cooperativa habitacional Sache por Manuel Correia Fernandes⁶⁸⁶, e a cooperativa Aldoar pelo mesmo autor. Bem como relevam múltiplos equipamentos com programa diverso. Por exemplo em 1970-74-82 a Faculdade de economia do Porto por Viana de Lima, em 1972-73 a ampliação da Central telefónica do Bonfim por Jorge Gigante, em 1970 o edifício Mutual por José Pulido Valente⁶⁸⁷, Nicolau Brandão e Ricardo Figueiredo, em 1970-80 a confeitaria Cunha por Joaquim Bento de Almeida⁶⁸⁸ com Victor Palla, e em 1966-74 o hotel Don Henrique por José Carlos Loureiro.

Da autoria de Fernando Távora relevam obras/projectos já mencionados como em 1961-71 o convento de Gondomar, ou em 1975-84 o convento de Santa Maria de Guimarães.

Da autoria de Álvaro Siza Vieira, relevam obras/projectos diversas. No âmbito da habitação, tal inclui para além de em 1973-74 a casa Beires na Póvoa do Varzim ou em 1974-76 o SAAL; em 1977 a casa Alcino Cardoso em Moledo, em 1976-78 a casa António Carlos Siza Vieira em Santo Tirso, em 1977 a quinta da Malagueira em Évora. Bem como equipamentos, o que inclui em 1972-77 a cooperativa Domus, ou em 1971-74 o banco em Oliveira de Azeméis. Em Lisboa, também não se deixam destacar relacionamentos entre arquitectura e cidade, expressando uma certa influência italiana, como em 1961-71 na já antes mencionada igreja do Sagrado coração de Jesus.⁶⁸⁹

No geral prosseguiu uma complexificação da espacialidade expressa também nesta obra marcante desse tempo. Sendo que nas últimas décadas do século XX se expressou o debate português pósmoderno entre os arquitectos.

*

Em termos de publicações, às revistas *Arquitectura* e *Binário*, acresceu a acção de *A propriedade* entre 1970-75. *A Arquitectura* expressou um propósito activista ou enfoque sociológico, incluindo conteúdos por autores como Dennis Sharp, Mário Bruxelas, Michael Sorkin ou Manuel Castells⁶⁹⁰, etc. Incluiu conteúdos de temática urbana, como em 1972 "o problema urbano"⁶⁹¹, em setembro de 1971 megaestruturas de Soleri⁶⁹², ou em 1971 a referência

679 Domingues Tavares, *Aula aberta*, FAUP-Porto, 2018.

680 Ibid.

681 Domingos Tavares, *Aula aberta*, FAUP-Porto, 2018.

682 Distinção com o prémio nacional de arquitectura em 1988.

683 Gonçalo Byrne (n.1941).

684 António Reis Cabrita (n.1942).

685 Ou em 1984-85, o bairro do Restelo em Lisboa, por Nuno Teotónio Pereira.

686 Manuel Correia Fernandes (n.1941).

687 José Pulido Valente (n.1936).

688 Joaquim Bento de Almeida (1918-1997).

689 "Igreja do Sagrado coração de Jesus", Lisboa, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, setembro-outubro 1971, p.165-170.

690 Vd: Alvar Aalto, "O ovo de peixe e o salmão", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa. Dennis Sharp, "O futuro da arquitectura", in: Aavv, *Arquitectura*, março-abril 1970, Lisboa, p.62s. Mário Bruxelas, "Entrevista", in: Aavv, *Arquitectura*, N.117-118, Lisboa, setembro-dezembro 1970, p.227. Manuel Castells, "A sociologia e o problema urbano", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, agosto 1972, p.64. Michael Sorkin, "Abaixo os falsos messias", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, maio 1974, N.130, p.35.

691 Manuel Castells, "A sociologia e o problema urbano", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, agosto 1972, p.64.

692 Colin Rowe, "As proporções da moradia ideal", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa. Paolo Soleri, "A filosofia da vida urbana", in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, setembro-outubro 1971, p.158-62.

à nova escala e paisagem.⁶⁹³ Acresceu referência ao próprio planeamento urbano, como em 1979 a “Arquitectura e urbanística em Portugal continental”⁶⁹⁴, em 1979 ao PP da Malagueira⁶⁹⁵, a “Tipologias motivações, resultados esperados”⁶⁹⁶, bem como uma relevante entrevista a Nuno Portas. Esta última, a nosso ver, expressa a evolução deste que este protagonista realiza desde a sua acção crítico-histórica inicial para a escala do urbanismo. Neste sentido, explica Portas: “Tenho procurado desmistificar esta ideia iluminada dos arquitectos de que são eles que dispõem do mundo das formas”.⁶⁹⁷

As publicações acresceram ainda conteúdos de múltiplas e variadas outras temáticas. No que tange a ensaios internacionais, destaque-se Colin Rowe⁶⁹⁸, em março de 1970 “O futuro da arquitectura”⁶⁹⁹, ou em maio de 1974 “Abaixo os falsos messias” por Sorkin.⁷⁰⁰

No domínio da temática histórica, identificam-se artigos revisionistas como “pioneiros da arquitectura moderna”⁷⁰¹, ou “Para o estudo da arquitectura modernista em Portugal” por José Manuel Fernandes⁷⁰², etc.

E no domínio da temática técnica e processual e computacional, identificam-se artigos como “A construção como um processo”⁷⁰³, “Os programas de computadores ao serviço dos arquitectos”⁷⁰⁴, ou a “[...] arte de computador”.⁷⁰⁵

E no domínio da temática do ensino, constata-se a referência à reforma do ensino na ESBAL⁷⁰⁶, ou as já antes mencionadas entrevistas a Fernando Távora em 1971, ou a Nuno Portas em 1979.⁷⁰⁷ Por outro lado, constata-se ter sido publicados múltiplos projectos pósmodernos?⁷⁰⁸ Por um lado, em maio 1972 a igreja do Carvalhido no Porto por Luiz Cunha⁷⁰⁹, ou de Consiglieri de Lisboa.⁷¹⁰ Bem como se identifica referência a conceitos pósmodernos, como o “kitsh”⁷¹¹, o pop “Lettering” (por Taveira)⁷¹², e uma maior abertura tanto às artes⁷¹³, como à sociedade.⁷¹⁴ Acresce referência a emergência de novas realidades. Por exemplo, em 1971, “o centro comercial “Apolo 70”, o qual surge anunciado como o primeiro em Portugal e “maior da Europa”.⁷¹⁵ Ou em 1971, à “1ª exposição [...]” de Design, ocorrida no palácio da Bolsa do Porto em novembro, ou teorizações/reatos a essa escala por Parent⁷¹⁶ ou Pedro Vieira de Almeida.⁷¹⁷

Em termos da cultura artística, verificaram-se múltiplos desenvolvimentos após a revolução, sendo de destacar várias ocorrências. Foi criada a Associação portuguesa de designers, para a representação de tais profissionais.⁷¹⁸ Em 1976, realizou-se exposição dos “Pioneiros da arte moderna portuguesa” organizada pela Gulbenkian e pela Secretaria de estado da cultura. Em 1976, realizou-se em Portugal um Congresso internacional da AICA (Associação internacional de críticos de arte) e, em 1977, a icónica exposição pós-moderna “Alternativa zero”.⁷¹⁹



Fig 128 - Os programas de computadores ao serviço dos arquitectos, in_ Arquitectura, N.º131, Lisboa, Maio, 1974, p.37-41

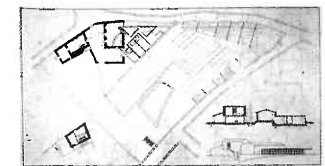


Fig 129 - Álvaro Siza Vieira, Casa Alcino Cardoso, Moledo

693 Vd: “A nova dimensão da paisagem urbana”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, março-abril 1971, p.107-110. “Paisagem urbana”, in: Aavv, Arquitectura, N.121-122, Lisboa, maio-Agosto 1971, p.96.

694 “Arquitectura e urbanística em Portugal continental”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, julho 1979, p.56-63.

695 Álvaro Siza Vieira, “Plano de pormenor para a zona da Malagueira Évora”, in: Aavv, Arquitectura, N., Lisboa, março 1979, p.34-39.

696 “Tipologias, motivações, objectivos, resultados esperados”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, abril-maio 1979, p.56-59.

697 Nuno Portas, “Entrevista”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, setembro-outubro 1979, p.56.

698 Colin Rowe, [...], in: Aavv, Arquitectura, N., Lisboa.

699 Denis Sharp, “O futuro da arquitectura”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, março-abril 1970, p.62s.

700 Michael Sorkin, “Abaixo os falsos messias”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, maio 1974, N.130, p.35.

701 “Pioneiros da arquitectura moderna”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, dezembro 1970, N.117-118, p.323s.

702 José Manuel Fernandes, “Para o estudo da arquitectura modernista em Portugal”, in: Aavv, Arquitectura, N.132, Lisboa, fevereiro-março 1979, p.54-65.

José Manuel Fernandes, “Para o estudo da arquitectura modernista em Portugal: a evolução estilística III”, in: Aavv, Arquitectura, N.133, Lisboa, abril-maio 1979, p.38-47.

703 “A construção como um processo”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, agosto 1972, p.69-73.

704 “Os programas de computadores ao serviço dos arquitectos”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, maio 1974, p.37-41.

705 José Luís Porfírio, “A propósito da arte de computador”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, maio 1974, p.42.

706 S.a., “Depois da reforma [...] ESBAL”, in: Aavv, Arquitectura, N.72, Lisboa, outubro 1971, p.37-49.

707 Nuno Portas, “Arquitecto Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional”, in: Aavv, Arquitectura, N.71, Lisboa, julho 1971, p.11-13. Nuno Portas, “Entrevista”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, setembro-outubro 1979, p.56. Costa Lobo, “Planos de urbanização: tipologia, motivações, objectivos, resultados observados”, in: Aavv, Arquitectura, abril-maio 1979, p.56-59.

708 [...], in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, janeiro-fevereiro 1970, p.9.

709

710 Victor Consiglieri, “Centro hípico de Aroeira, fonte da telha”, in: Aavv, Arquitectura, N.121-128, Lisboa, abril-junho 1973, p.92.

711 “Kitsh”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, maio-junho 1970, p.104s.

712 Tomás Taveira, “Lettering”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, julho-agosto 1970, p.159s.

713 Vd. e.g: Pedro Vieira de Almeida, “A propósito da retrospectiva de Vieira da Silva”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, julho-agosto 1970, p.166s.

714 Vd. eg: Mário Bruxelas, “O arquitecto tem de quebrar o seu isolamento de classe”, in: Aavv, Arquitectura, N.117-118, Lisboa, setembro-dezembro 1970, p.227.

715 “O drugstore Apolo 70 (o maior da Europa) foi ontem inaugurado”, in: Aavv, Lisboa, 1971.

716 Claude Parent, “Arquitectura e o design”, in: Aavv, Arquitectura, N.123, Lisboa, setembro-outubro 1971, p.155-157.

717 Pedro Vieira Almeida, “Design sem risco”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, N.127, abril-junho, 1973, p.52.

718 Os designers em Portugal ambicionavam uma Ordem até 2012, vd: “Associações profissionais unem-se para criar uma ordem dos designers até 2012”, in: Aavv, Público, Lisboa, 22 outubro 2010.

719 Destacando-se protagonistas como Ernesto de Sousa, e obras/performances como “Love piece” do Living theatre, na rua em Alfama.

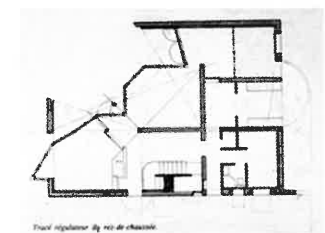


Fig 130 - Álvaro Siza Vieira, Casa Alvesantos, Póvoa de Varzim

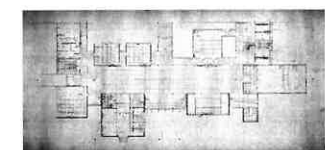


Fig 131 - Viana de Lima, Faculdade de economia (planta), Porto, 1974



Fig 132 - Projectos habitação. Edifício comercial na rua Braacamp, Lisboa In: arquitectura, Lisboa Janeiro-Fevereiro 1970, p.9.



Fig 133 - Luis Clotet, Aeroporto kitsh. In: Arquitectura, N.º115, Lisboa, Maio-Junho 1970, p.104



Fig 134 - Os programas de computadores ao serviço dos arquitectos. In: Arquitectura, N.º131, Lisboa, Maio, 1974, p.37-41

*

Em termos de ensino, os anos 70, ficou também como já antes aludido, marcado por múltiplos desenvolvimentos.

Relativamente ao Porto, uma descrição do período dos anos 70 é providenciado por Manuel Correia Fernandes em "ESBAP: arquitectura anos 60/70".⁷²⁰

Neste período, destaca-se ainda o ingresso para docência na escola de um grupo de novos protagonistas.

Designadamente, em 1972 Manuel Correia Fernandes, em 1973 Domingos Tavares (formado em 1969), e em 1975 Francisco Barata (licenciado em 1974). Todos esses protagonistas viriam a assumir futuramente funções directivas na "escola do Porto".

Num contexto de luta revolucionária, a escola não só teve a PIDE permanentemente à porta, como chegara a ser imposto superiormente um director reaccionário. Isto é, o escultor Joaquim Machado, só demitido com a revolução. Já Fernando Távora, aparentemente manteve-se, no seio do conselho escolar, ao lado de um grupo empenhado. À ESBAP dos pós-"regimes experimentais", seguiu-se a Bases gerais do período pósrevolucionário.

Em 1974-76, o Porto viveu a experiência única do SAAL.⁷²¹

Como já aludido, a experiência aglutinou toda a escola, a ela muito de devendo o reconhecimento internacional da escola e incluso então da arquitectura portuguesa.

*

Sinteticamente, com o SAAL⁷²², pela urgência interventiva, ocorre uma inversão das "recusas do desenho"

- cujo papel muitos como Távora nunca haviam sequer chegado a abandonar. A escola contribuiu, constituindo equipas técnicas que incluíam docentes e alunos, envolvendo-se interventivamente com a cidade e a população.

Tal envolvimento de resto ecoou o ambiente de ateliers portuenses unidos em torno de metodologias de projecto assente no desenho. Bem como ecoou a experiência das equipas do "Inquérito" à arquitectura portuguesa, ou as buscas como buscas de realidade encetadas nos inquéritos urbanos de "Arquitectura analítica" em prole de uma "Função social do arquitecto".

Entre 1974 até 1980, decorreram os "Encontros do curso de arquitectura", sendo estabilizado/afinado o seu Plano de estudos.⁷²³ De facto, foram delineadas propostas de "Bases gerais para a estruturação do curso de arquitectura da ESBAP". Designadamente por uma lista "cinzenta" em 1974⁷²⁴ e por uma lista "amarela" em janeiro de 1975.⁷²⁵ A segunda destas vingou. Foram ainda organizados 3 ciclos de reflexão, versando respectivamente a área da história⁷²⁶, do projecto e do desenho. De 1977, data a "Proposta de estruturação do Plano de estudos do curso de arquitectura", que opera a reformulação dos ciclos com integração de estágio no 6º ano.⁷²⁷ (Atenda-se constar definida uma área de "Teoria e história" do 1º ao 4º ano, constatando-se que a teoria do 1º ano seria assegurada pelo próprio Távora.⁷²⁸ Bem como ocorreu a concepção de "centros de apoio e investigação" sendo que num dos quatro constava incluída a área da "teoria-história". Da reflexão proveniente dos Encontros desenvolvidos entre 1974-80, estabilizou-se o "Plano de estudos".⁷²⁹

Acresce dizer que algures nos anos 1970?, um grupo aglomerado em redor de Fernando Távora, realizara uma viagem galvanizadora e inspiradora à Grécia, cujas fotos são sobejamente conhecidas. Siza Vieira regressou à escola em 1976. E, em 1977?, Nuno Portas com Siza Vieira e Alves Costa, empreenderam um mítico periplo de promoção por cidades italianas. Mais tarde, em 1979, suscitou-se contexto para a realização de algumas poucas provas de agregação na ESBAP, que já haviam sido requeridas em 1978. Essas incluíram então Alves Costa, Domingos Tavares, Manuel Correia Fernandes, Pedro Ramalho e Cristiano Moreira. Mais constatando-se que muitas das temáticas escolhidas, parecem ter tido como propósito

720 Manuel Correia Fernandes, Arquitectura anos 60-70, Porto: FAUP, 1988 (2ª edição; 1ª edição de autor em 1980).

721 Nuno Portas integrou os 3 primeiros governos provisórios.

722 Vd e.g.: Alexandre Alves Costa, "1974-1975: o SAAL e os anos da revolução", in: A. Becker, A. Tostões e W. Wang (org.), 1997, p.65-71.

723 Eduardo Fernandez, "Os encontros do curso de arquitectura e as Bases gerais de 75/76", in: A escola do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de escola, Guimarães: EAUM, 2010 (dissertação).

724 Aavv, Proposta de bases gerais para a estruturação do curso de arquitectura da ESBAP, Porto, 1974 (policopiado).

725 Bases gerais da Restruturação do curso de arquitectura, Porto: ESBAP, 1975 (policopiado).

726 Isto é, uma história especificamente arquitectónica.

727 Proposta de estruturação e Plano de estudos curso de arquitectura, Porto: ESBAP: 1977, p.1 (policopiado).

728 Provavelmente com Rui Tavares.

729 Eduardo Fernandes, "Os encontros do curso de arquitectura e as Bases gerais de 75/76", in: A escola do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de escola, Guimarães: EAUM, 2010 (dissertação).

contribuir para a consolidação do património identitário, apto a apoiar a construção da autonomia da FAUP.

Em 1979 iniciou-se a criação da FAUP, pelo Decreto lei 498-F/79, datado de 21 de dezembro de 1979, com consequente separação do curso da ESBAP. A partir desse ano de 1979, sucedeu-se a instalação da FAUP por comissão presidida por Fernando Távora. Tal processo prolongar-se-ia até 1984. Sendo que Távora referiu-se em 1984 “[...] à apaixonante concepção sublime da arquitectura, por um “especialista/generalista [...], homem de síntese criadora com capacidade de inteligente análise”.⁷³⁰

*

Todo o período charneira compreendido entre 1969-74 e anos que se seguiram, foi complexo. A década, mediada de 1968 e 1978, foi abordado em “Escola do Porto: lado b” por Pedro Bandeira. Paralelamente, Bandeira propunha-se a alegadamente questionar a própria ideia da “Escola do Porto”. Atente-se que incluso então o jornal Expresso, denominou o alegado “lado b” como a “A face oculta da Escola do Porto”⁷³¹; e que o Público o designou como “O lado desconhecido da Escola de arquitectura do Porto”.⁷³²

Certo é que, recorrendo a historiografia oral, Bandeira chega ao entendimento de que: “Na sombra desta Escola do Porto existe um lado b, [...] estórias que tentámos pensar com um conjunto de entrevistas nem sempre concordantes entre si [...]. Desacordos que põem causa a linearidade da história oficial e a imagem homogeneizadora da ideia de Escola do Porto. Estas estórias oscilam entre dois pólos: entre a utopia social e política fortemente influenciada pelo maio de 68; e a utopia formal e disciplinar que caracterizou o pensamento radical na década de 1970 [...]. Propomos neste lado b o percurso que vai da ilusão à desilusão no antes e depois da revolução de abril e que teve como consequência, o afastamento voluntário e involuntário de alguns dos alunos e professores da ESBAP”.⁷³³

Acontece que a esta investigação, pelo menos em parte, opõe-se o doutoramento de Raquel Paulino do mesmo ano; intitulado “O ensino da arquitectura na Escola do Porto: ESBAP-FAUP: construção de um projecto pedagógico entre 1969 e 1984” de 2014.⁷³⁴

Neste aspecto, cumpre fazer uma breve pausa para, no que tange ao período pós-revolucionário e à ideia de “lado b” da escola do Porto, fazer uma breve referência ao protagonismo especificamente de Jacinto Rodrigues.

Jacinto Rodrigues nasceu em 1939, estudou sociologia na Université Paris-sorbonne em 1967, e obteve um Maitrise em urbanismo pela Université de Paris VIII em 1973.⁷³⁵ Era irmão do escultor José Rodrigues, e possuía experiência docente em França de alguns anos. Provavelmente esse entrou na escola a convite de pessoas como Alves Costa ou outros. Leccionou desde meados dos anos 70 (até 2000), matérias que incluíram em 1975-81 a “Organização do território” e “História de arte”. O seu protagonismo ficou explicitado por múltiplos escritos como: “Curso de formação base brigadas SAAL”⁷³⁶, “Urbanismo e revolução”⁷³⁷ e “Urbanismo: uma prática social e política”.⁷³⁸ Na ESBAP, promoveu um ambiente em que alguns alunos realizaram trabalhos criativos. Por exemplo, em 1975 Mário Ramos e Fernando Barroso, desenharam o projecto provocador explicitamente intitulado “Organização insurreccional do espaço”.

Cumpre constatar que em certa medida, a ideia de um lado ou plano b de Bandeira terá sido questionar o conceito da “Escola do Porto” disseminado por outros autores. Não obstante, não nos parece produtivo, a polémica acerca da existência ou não de um conceito de escola do porto - a “mapas críticos”⁷³⁹ ou “planos b” - porque é indubitável a circulação do conceito anteriormente à passagem dos seus autores pela escola. Parece produtivo - mais do que divulgá-lo como ideia inquestionável ou um falso mito (o que a alunos só aportaria uma inércia ou a colegas inoperatividade prospectiva à discussão) - vê-lo como um conceito que adquiriu distintas formulações ao longo da segunda metade do século XX. Instável e aberto à contemporaneidade. Porque, quiçá, aí resida o valor da sua aparente inconsistência. Interessando pois mais a multiplicação e densificação de perspectivas com que

730 Disponível no Sigarra.

731 A.d., A face oculta da escola do Porto, in: Aavv, Expresso, Lisboa, 25 outubro 2014.

732 “O lado desconhecido da escola de arquitectura do Porto”, in: Aavv, Público-Ipsilon, Lisboa, 27 outubro 2014.

733 Pedro Bandeira e Nuno Faria, Escola do Porto: lado b, Guimarães: Documenta, 2014.

734 Raquel Paulino, O ensino da arquitectura na Escola do Porto: ESBAP: FAUP: construção de um projecto pedagógico entre 1969 e 1984, Porto: FAUP, 2014.

735 Jacinto Rodrigues licenciou-se em filosofia pela FLCUP (1979) e obteve um doutoramento em história da arte pela Faculdade de ciências sociais humanas da universidade nova de lisboa, 1984). Em 1991 obteve agregação em Teoria de arquitectura pela Universidade do porto, professor associado (1991) e catedrático (2000) e aposentando-se em 2009.

736 Edição polícopiada, em 1975

737 Jacinto Rodrigues, Urbanismo e revolução, Porto: Afrontamento, 1975

738 Jacinto Rodrigues, Urbanismo, uma prática social e política, Porto: Limiar, 1976.

739 Jorge Figueira, Escola do Porto: um mapa crítico, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2002.

o aproximarmos, que a tentativa de delapidação. Pessoalmente penso interessar circunscrever tal conceito subjectivamente, para lá de amores-ódios e sempre com cumplicidade. E, neste conspecto, um dos pontos de partida para tal historização conceptual, que poderíamos propor, é de que o próprio conceito de Escola do Porto teve concepção interna nacional, e não externa internacional como muitos querem fazer querer. (Neste sentido remete-se para a sequência de artigos que foram sendo publicados em coautoria com Cristina Silva).⁷⁴⁰ Por outro lado, é de defender que tal construção conceptual - independentemente da consistência com que se apresente hoje - foi no seu tempo a viável, senão mesmo o contributo necessário à credibilização nacional e internacionalização da escola e da arquitectura nacional do período pósrevolucionário da última meia década.

Quiçá, depois da Escola do Porto madura de 1950-70, da fase pósmoderna de 1980-1990, seja ainda hoje possível identificar uma derradeira fase concernente com o período compreendido entre 2000/2010?⁷⁴¹

Certo é que tal construção conceptual, no período agora em apreço, não buscou legitimação por fechamento teórico.⁷⁴² Também não devemos restringi-la às sobreposições que possua com conceito teórico denominado por "regionalismo crítico". Construção teórica aportada em início dos anos 80, como resistência a homogeneizações comportadas pela globalização internacional. Coincidindo pois com o período nacional de integração europeia em 1986 e Cavasquisto ocorrido entre 1985-1995. Pelo contrário, o conceito e escola do Porto só sobreviverá⁷⁴³ - abordando-o em relação com a nossa vida de hoje. "Detrás do lápis", pela "construção de um projecto crítico"⁷⁴⁴ face à contemporaneidade.

Não se poderia em tal processo deixar de sempre contemplar a cadeia de "afinidades" ou "fidelidades" para que o próprio Alves Costa sempre nos convida. Isto é, atender à tríade conformada por Carlos Ramos, Fernando Távora e personalidades como Álvaro Siza Vieira. De resto, sintetizou-me Siza que o legado de Távora fora já "uma atitude que questionou um espírito latente de conservadorismo e que não convidava o que é novo" (2004).⁷⁴⁵ Távora, Siza e demais devem continuar a ser lugar de referência metodológica permanente, para um qualquer requestionamento, mediante pensamento e desenho que recontextualize, simultaneamente, o contexto físico e modelos disciplinares. Assim, como têm de ser - em continuidade e ruptura - incluídos outros. Como Eduardo Souto Moura ou Manuel Mendes, pelo que desde os anos 80 e hoje permitiriam problematizar.

*

Em jeito de conclusão retrospectiva, cumpre neste momento uma breve pausa para fazer referência ao protagonismo único do antes mencionado de Siza Vieira. Tal protagonismo foi logo consolidado após as primeiras obras iniciais (como a casa de Chá), e em paralelo com o processo do SAAL. Foi este o autor que, consolidou a ambicionada 3ª via face à problemática modernidade/portugalidade, e arrastou toda uma produção portuense.

Neste sentido, permitimo-nos repetir o que antes denominámos por "Continuidade e ruptura na arquitectura de Távora e Siza".⁷⁴⁶ Assim, interessa referir que muitos são os que têm divagado sobre uma alegada identidade da arquitectura portuguesa. A arquitectura portuguesa não foi senão historicamente, uma sequência de continuidades e rupturas. Desde logo no que tange a uma modernidade, interrompida e reiteradamente retomada. Já no que tange à internacionalização da dita arquitectura portuguesa, essa até ao período dos 50/70 fora sempre fenómeno claramente parco. Algo que no período pré-revolucionário, só pontualmente se projectara em algumas exposições internacionais e se circunscrevera à divulgação de alguns arquitectos durante o Estado novo.

Mencionámos atrás que os princípios da arquitectura do movimento moderno foram em determinado momento postos em causa. Tal mesmo dentro do próprio CIAM, onde se reivindicou uma reaproximação à realidade, com a criação do Team X e um reorientação pelos próprios mestres do movimento moderno racional, que foi igualmente responsável pela ultrapassagem do mesmo. Rumo a experiências expressivas orgânico-brutalistas e aproximações entre o regional e o internacional. Para isso contribuíram diversos fenómenos, seja internacionalmente seja em Portugal. A influência do neorealismo italiano - que procurava, de certa forma, determinado contextualismo - e uma nova concepção do espaço (como produto dos contributos de Zevi, etc), a perplexidade perante as obras de Wright e Aalto, mas principalmente o legado desta ocorrência do "Inquérito à arquitectura popular" de 1955-60, com que

740 Neste sentido, veja-se a sequência de artigos que foram publicados em coautoria.

741 Recorde-se que Álvaro Siza Vieira, partilha a ideia de que a escola do Porto moderna é algo ocorrido entre os anos 50-70. No entanto, A nosso ver é possível identificar uma segunda fase entre os anos 1970-2010, e hoje entre 2010-2020 uma terceira fase.

742 Quiçá por isso precisamente tenha metodologicamente decorrido mais de processos de desenho projectual do que da escrita.

743 Também a nosso ver, a obra de Souto de Moura parece propor um outro debate.

744 Vd. Gonçalo Furtado, Behind the pencil: The construction of the critical project, Porto-Bogotá: EA-PEI, 2004.

745 Álvaro Siza Vieira (Conversa com o autor), Porto, Setembro de 2004 (realizada aquando da exposição na Architectural Association de 2004).

746 Gonçalo Furtado, Continuidade e ruptura na arquitectura de Távora e Siza (trabalho académico), FAUP, Porto, 1995-1998.

se ganhou consciência/admiração pela realidade portuguesa. Foi tal problemática em torno da dualidade moderno/tradicional, no seio do próprio campo da arquitectura, que se prolongaria até aos finais dos anos 60 e depois.

De facto, a procura de uma terceira via, reflectia-se já nas intervenções, algo híbridas e revolucionárias para então, de Fernando Távora. Em grande medida, a casa de Ofir sintetizou as incertezas e preocupações de então: funcionalista na clareza das funções, orgânica na relação com o terreno, o betão de Corbusier com a cobertura de Wright, e a forte determinação pela arquitectura popular. As obras seguintes, embora igualmente modestas, continuaram a possuir este significado - a difícil tentativa de síntese de diversos e opostos. Um impasse só resolvido eventualmente pela escola do Cedro de 1958-1960. Certo é que Távora expressou uma vontade algo integradora, e que reconheceu a condição mais diversa da disciplina.

Ora, estas obras compreendidas entre meados dos anos 50 e final dos anos 60, foram precisamente o ponto de partida para a investigação exaustiva que realizaria o então colaborador de Távora, Álvaro Siza Vieira. Logo na sua primeira obra - um conjunto de 4 habitações - tal como nas que se seguem, é bastante clara a influência do percurso antes traçado por Távora. O arquitecto Siza Vieira partiu da consciência da especificidade portuguesa conquistada por aquele. Posteriormente foi alguém que, esclarecendo definitivamente que uma aparente diminuição/deficiência tecnológica pode ser elevada a um desenho rigoroso.

E foi assim, que se originou uma arquitectura de linguagem mimética, de grande sobriedade e economia de meios, mas que no essencial (e mais importante) tornou possível, com o seu genuíno descomplexamento, definir um novo método projectual para a arquitectura portuense e Portuguesa. Podemos dizer que o caminho iniciado por Fernando Távora e traçado por Siza Vieira justificaram uma maneira de pensar e fazer arquitectura, um método e uma produção. A produção arquitectónica do Porto, frequentemente tida como “marginal” ou “periférica” por alguns - ideia para que não concorremos - embora enraizada profundamente na prática da arquitectura moderna, partiu de um entendimento específico da mais valia dos seus recursos e reconhecimento da sua tradição e, por isso mesmo, fundamentou-se numa atitude de contenção, economia, integração e de rupturas em continuidade.

Na década que sucedeu à revolução de 1974, até meados dos anos 80, protagonistas como os referidos entre muitos outros foram centrais na construção genealógica de uma escola do Porto. E assim, subsidiariamente, para o próprio reconhecimento internacional da arquitectura portuguesa. O início de tal reconhecimento remontou aos anos 70 e, em grande medida, está como sabido associado ao SAAL e Álvaro Siza Vieira. Tal ficou então denotado por publicações específicas em revistas internacionais, incluindo o artigo de Marconi na *Casabella* (1976), número da *L'architecture d'aujourd'hui* (1976), a *Lotus* internacional referindo o SAAL (1978)⁷⁴⁷, ou a edição policopiada na *Architectural association* (1978).⁷⁴⁸

Obviamente que tal história também remeteu a outros autores e momentos específicos. Por exemplo, para além de uma paca exposição em Londres, para os artigos de Gregotti e Portas na *Contraspazio* de 1972⁷⁴⁹, ou no capítulo de Portas sobre arquitectura portuguesa no livro de Bruno Zevi em 1971.

Acresce que no período de instalação da FAUP, compreendido entre 1979-84,⁷⁵⁰ a escola usufruiu novamente do protagonismo de Fernando Távora bem como do exponencial reconhecimento internacional de Siza Vieira. Desde a transição das décadas de 70/80, uma comissão instaladora da FAUP, foi presidida por Fernando Távora. (Esta incluiu pelo menos Joaquim Sampaio, José Oliveira, Domingos Tavares e Maria Silva). Távora presidiu também a FAUP em 1984, aquando do seu literal surgimento e crescimento na quinta da Póvoa.⁷⁵¹ Seguiu-se a direcção pelo próprio Alexandre Alves Costa. Siza contribuiu para o desenvolvimento do projecto da própria escola.

Seguiu-se a premiação incontornável de Siza com o prestigiado Pritzker. Tornando-o no nome maior de arquitectura portuguesa, que em grande medida arrastou a visibilidade internacional da própria arquitectura portuguesa entre 1986-92 e depois. E continua a fazê-lo, após completar o seu 90º aniversário. Mais recentemente, Souto Moura, formado na geração do período da revolução democrática - que alguns vaticinaram como uma “geração perdida”

747 Vd: Aavv, *Lotus* internacional, N.18, Milão, março 1978. Francesco Marconi, “Portogallo: operação SAAL”, in: Aavv, *Casabella*, Milão, N.419, 1976. “SAAL architects, quel avenir?”, in: Aavv, *L'architecture d'aujourd'hui*, N.185, Paris, 1976.

748 Margarida Valla e Manuel Teixeira, *The process SAAL: the origins and its practice in oporto*, *Architectural association* (Graduate school), Londres, 1978 (policopiado).

749 Nuno Portas, “Note sul significato dell'architettura di Álvaro Siza nell'ambiente portoghese”, in: Aavv, *Contraspazio*, N.9, Roma/Bari: Dedalo, janeiro-abril 1972. Vitorio Gregotti, “Architettura recenti di Álvaro Siza Vieira”, in: Aavv, *Contraspazio*, N.9, Roma, janeiro-abril 1972.

750 DL 498-F/79, de 21 dezembro 1979.

751 A título de curiosidade referir-se que após a FAUP, só 4 faculdades foram criadas na Universidade do Porto. Designadamente, entre 1989-1996, foram criadas as Faculdades de Medicina dentária, de Belas-artes, de Direito, e de Ciências da nutrição e alimentação.

Muitos dos reitores que se seguiram identificaram o potencial da FAUP. Incluindo: Armando Matos (1978-1981), Lui Ramos (1982-1985), Alberto Amaral (1985-1998), José Barbosa (1998-2006), José Santos (2006-2014), Sebastião Azevedo (2014-2018) and António Pereira (2018-) ...

A UP tem hoje 3 pólos (1 do centro; 2 da Asprela, e 3 do Campo alegre, compondo-se de 14 faculdades.



- fez da FAUP, a única escola do mundo com dois Pritzkers. Lamentavelmente, desde então, a escola não parece querer, como esse faz na sua obra, questionar-se de forma produtiva. Parece optar por um inócuo ambiente de ideias vazias, e novas elites.

PARTE 2

Apontamentos sobre arquitectura e escola (1984-2000)

VIII.

Gostaríamos de aqui focar um período que denominaríamos como de Consolidação e internacionalização.

Em termos socioculturais internacionais, foram tempos determinantes do processo de globalização. Em termos de cultura arquitectónica, em 1980, Kenneth Frampton publicou "História crítica da arquitectura moderna" e, em 1983 o manifesto "Prospects for a new regionalism: six points for an architecture of resistance" foi incluído em livro de Hall Foster "The anti-aesthetics: essays on postmodern culture". Por outro lado, Charles Jencks publicou o seu "Languages of postmodern architecture" e ocorreu a Bienal de Veneza comissariada por Paolo Portoghesi sob o problemático mote "The presence of the past".

Em termos nacionais, em 1986 destacou-se a entrada na CEE e, entre 1985-95 o que ficou conhecido por cavaquistão.⁷⁵² Em termos nacionais, de cultura artística, verificaram-se ocorrências importantes, destacando-se em 1986 a exposição de artes plásticas pela Gulbenkian. Já em termos urbanos, o Porto teve um "Plano geral de urbanização" em 1987, coordenado por Duarte Castel-Branco⁷⁵³, profissional formado em 1960 pela escola do Porto.

A arquitectura dos anos 80 foi alvo da atenção dos críticos Portas e Mendes, no livro/exposição "Portogallo, architettura, gli ultimi vent' anni" (1991), publicado em paralelo com exposição em Serralves "Arquitectura portuguesa: anos sessenta, anos oitenta".⁷⁵⁴ Acresceu com autoria de Jorge Figueira, os livros provenientes do seu doutoramento "Rescrever o pósmoderno" (2001)⁷⁵⁵ e "A periferia perfeita: pósmodernidade na arquitectura portuguesa: anos 1960-1980" (2014).⁷⁵⁶

Conforme referido já noutra ocasião, interessa salientar a existência de uma realidade-dual, a abordagem da corrente construção, a realidade do ensino, diferenciações e várias vertentes e o empreendimento do ordenamento e protagonismo dos centros: "Nos anos 80, com as Câmaras municipais, é revalorizado o poder local. Desenvolve-se, também, a relação com a Europa e com a entrada de Portugal, em 1986, na CEE. A agricultura perde relevo. Portugal tornou-se atractivo para imigração proveniente do Brasil e da Europa de leste etc". Já em termos arquitectónicos, "No final do século XX, de acordo com Vieira de Almeida - a arquitectura portuguesa viria a definir-se pela coexistência entre duas realidades no território português: "a das obras de autor e a das construções correntes".⁷⁵⁷ De facto, este autor refere no texto "De 1976 ao final do século: convergências, divergências e cruzamento de nível": "O universo da construção corrente começou a ser também esfera de acção dos arquitectos, por força de uma conjuntura múltipla e facetada: o aumento do número de arquitectos presentes no mercado de trabalho, a ascensão do poder autárquico como promotor de obras, o início de expansão urbana em povoações de pequena e média dimensão, o desvanecer das clivagens entre mundo rural e o mundo urbano, [...] pela melhoria de condições económicas da população, permitindo em simultâneo a realização do sonho da casa própria e o desenvolvimento pelo país da actividade de compra e venda imobiliária [...]".⁷⁵⁸ [Mais se diga que] nos anos 80, começou a existir uma preocupação pela preservação e revalorização da cultura e história presente nos edifícios dando maior dedicação à recuperação de edifícios com crucial valor cultural. Assinalando-se que neste domínio, em 1988, ardeu uma área, em Lisboa, o Chiado. O arquitecto Álvaro Siza atuou com clareza na recuperação do edificado, na malha urbana e no espaço público. O arquitecto numa entrevista ao jornal Público referiu: "A procura foi que os elementos novos não pusessem questão o espírito da arquitectura Pombalina. Tudo o que seja tentar uma cópia, absolutamente fiel está condenado ao fracasso, portanto não é isso. E, por outro lado, também há aspectos muito inovadores em relação ao Chiado, que acabam por ter influência em tudo, do desenho até ao puxador da porta [...] São diferenças como, para

752 Acresce recordar-se que, em 1988, ocorreu o incêndio do Chiado.

753 Duarte Castel-Branco (1927-2015).

754 Manuel Mendes e Nuno Portas (org.), Arquitectura portuguesa: anos sessenta, anos oitenta, Porto: Fundação de Serralves, 1991.

755 Jorge Figueira, Rescrever o pós-moderno, Porto: Dafne, 2011.

756 Jorge Figueira, A periferia perfeita: pósmodernidade na arquitectura portuguesa: anos 1960-1980, Lisboa: Caleidoscópio, 2014.

757 Rogério Vieira de Almeida, "De 1976 ao final do século: convergências, divergências e cruzamento de nível", in: Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang (ed.), Portugal: arquitectura do século XX, Munique: Prestel, 1997, p.73.

758 Ibid. p.73.

dar exemplo, novas ligações entre ruas [...]”⁷⁵⁹ Sem dúvida nenhuma que na passagem da revolução de 1974 para a década de 1980, tomam lugar grandes mudanças sociais, políticas e económicas em diversas áreas, desde o turismo, ao abandono extremo dos campos e surgimento de núcleos urbanos em redor de outros já existentes, tornando Portugal, um país de realidades diversas.

Em relação ao ensino, a maioria em Lisboa tendeu uma aproximação a vertentes internacionais, e, no Porto, manteve-se uma continuidade de Escola tectónica, com Siza a posicionar-se a nível internacional. A arquitectura portuguesa por seu lado, no final do século XX, cativou crescente interesse internacional, por diversas obras dos arquitectos como Siza, Byrne, Souto Moura, Carrilho da Graça⁷⁶⁰, entre outros. A [...] década de 1980 contou ainda com jovens arquitectos e a individualidade⁷⁶¹ de produções arquitectónicas relevantes na década. De facto, coexistiram diversas vertentes na arquitectura portuguesa, desde continuidade, monumentalidade, cenografia, de exploração e enfatização da estrutura, da tecnologia e da composição pragmática e funcional, entre outras. Deu-se início da produção de diversas obras como instituições, desde científicas, de ensino superior ou museus, em todo o país, com carácter público, possibilitando excepções na malha urbana. Simultaneamente à carência de equipamentos públicos havia ainda escassez de infraestruturas satisfatórias. Com o descontrolo do crescimento das cidades, anárquica e fragmentada, Portugal fez da arquitectura e o urbanismo, grandes contributos ao ordenamento do território, bem como a qualificação do espaço urbano para garantir qualidade de vida e possibilidade de estabilização e fixação populacional. Todavia, constatou-se a preocupação com os centros históricos devolutos e assistiu-se à falta de espaço público com qualidade e afastamento entre o trabalho e a habitação”.⁷⁶²

Relativamente ao período cumpre fazer referência a vários aspectos em termos arquitectónicos. Designadamente, a arquitectura caracterizou-se em Lisboa pela existência de maior diversidade, como exemplifica por exemplo um Vitor Figueiredo no complexo residencial de Chelas, etc. Caracterizou-se por uma densificação dos elementos de composição, como se exemplifica um Raul Hestness Ferreira. Caracterizou-se por atitudes de recuperação e atenção patrimonial. Incluindo a fantasia e recuperação da ideia de ruína, como exemplificado por Manuel Vicente e Daniel Santa Rita na casa dos Bicos. Caracterizou-se também por obras que não pretendem diferenciação, como por exemplo um Eduardo Souto Moura com a casa das Artes no jardim pré-existente. Obra que não pretende afirmar-se pela sua presença, mas antes optar por uma ausência respeitosa. Em Lisboa, constatou-se por vezes um maior alheamento e oposição à integração. Neste sentido os Amoreiras de Tomás Taveira podem significar o assumir de uma oposição de escalas. Salientando-se, no que tange a uma alegada expressão de progresso, o predomínio dos serviços nos anos 90. E no que tange à dialética de expressividades, salientar a existência em Lisboa e Porto, de figuras qualificadas afastadas da produção mais generalizada na geografia. Como um Manuel Tainha em Lisboa⁷⁶³, ou no Porto Alcino Soutinho. Este último citou o pósmodernismo historicista inicial e, simultaneamente, contribuiu para questionar a existência de uma coerência linguística na Escola do Porto. (Recorde-se em tal sentido por exemplo, em 1983, o seu projecto para a Câmara de Matosinhos).

Gostava de ressaltar no entanto uma relativa vitória da expressão neomoderna, proveniente (sobretudo ainda que não exclusivamente) da Escola do Porto, face ao pósmodernismo historicista, numa fase mais tardia. Tal acompanhado da internacionalização da arquitectura portuguesa, que muito usufruiu de visibilidade-singularidade de Álvaro Siza Vieira. Neste sentido, recorde-se por exemplo o conjunto residencial de Haia, entre outras obras suas no estrangeiro. De facto, Álvaro Siza Vieira (diga-se que em conjunto com SAAL), contribuiu enormemente para a projecção internacional da arquitectura portuguesa. Recorde-se que numa altura, após a sua forte experiência em habitação social dos anos 70s, em que lhe foi suscitado em 1982-83 o projecto icónico do Bonjour Tristesse em Berlim e demais. Por outro lado, verificou-se por parte de muitos arquitectos uma atenção ao espírito dos lugares. Tal está explicitamente presente na obra de Fernando Távora⁷⁶⁴, autor que assumira então que os colegas denominam por “gravidade” patrimonial.

Nacionalmente, várias obras/projectos relevam, como o antes mencionado complexo residencial de Chelas por Vítor

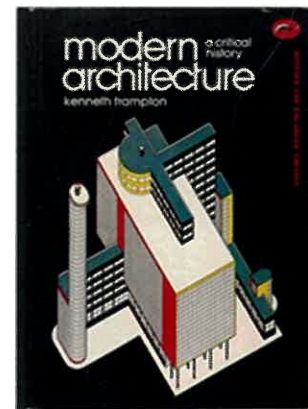


Fig 135 - Kenneth Frampton, História crítica da arquitectura moderna, Martins Fontes, Lisboa, 2008 ca. (1980)

759 Álvaro Siza Vieira et al, “Entrevista a Álvaro Siza Vieira”, in: Aavv, Público, Lisboa, 25 agosto 2013. (Disponível: <https://www.publico.pt/2013/08/25/local/video/siza-viera-contanos-como-foi-o-projecto-de-recuperacao-do-chiado-20130824-181004>).

760 João Carrilho da Graça (n.1952).

761 Rogério Vieira de Almeida, “De 1976 ao final do século: convergências, divergências e cruzamento de nível”, in: Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang (ed.), Portugal: arquitectura do século XX, Munique: Prestel, 1997, p.75.

762 Vd. Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, “A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI”, in: Aavv, Artcapital, Lisboa, Junho 2021, s.p.

763 Que participa na nova escola de Coimbra, como Byrne, Hestness, etc.

764 Por exemplo na última obra, a “Casa dos 24”, de 1995-2000.

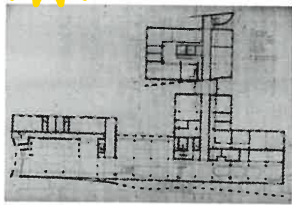


Fig 136 – Alcino Soutinho, Câmara Municipal (desenho), Matosinhos, 1987

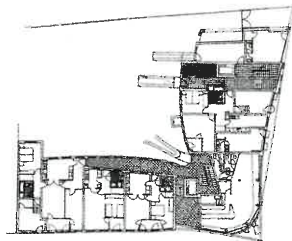


Fig 137 – Álvaro de Siza Vieira, Edifício Schlesisches tor (Bonjour-Tristesse), Berlim, 1980-1984



Fig 138 – Manuel Correia Fernandes, Edifício cooperativa, (plantas 1ª fase), Porto, 1979-1989

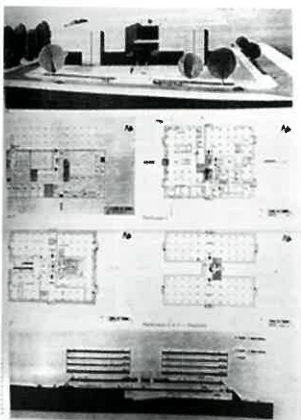


Fig 139 – Torre do Tombo, In: *Arquitectura*, N.º148, Lisboa, Janeiro-Fevereiro 1983, p.38

Figueiredo, em 1983 a casa dos Bicos por Manuel Vicente e Daniel Santa Rita⁷⁶⁵, ou em 1980 a escola secundária em Benfica por Raul Hestness Ferreira⁷⁶⁶, em 1985 o shopping “Amoreiras” por Tomás Taveira⁷⁶⁷, e a Torre do Tombo publicada na *Arquitectura* de janeiro de 1983.

Igualmente várias obras/projectos no Porto relevam, como em 1979-80/89 a última fase da cooperativa habitacional Sache por Manuel Correia Fernandes⁷⁶⁸, em 1970-82 o edifício Mutual por José Pulido Valente com Nicolau Brandão e Ricardo Figueiredo, ou em 1980-87 a Câmara municipal de Matosinhos por Alcino Soutinho. Bem como, em finais da década, o início de projectos/obras relevantes, como em 1988-92 do Posto de limpeza urbana por Maria Lima, em 1988-92 a FEUP por Luís e Pedro Ramalho, em 1989-92 os consultórios e clínica por João Seródio, em 1989-92 o Centro social dos Guindais por Figueiredo Melo com Jorge Gigante, em 1989-95 a cooperativa de habitação de Massarelos por Francisco Barata⁷⁶⁹ com Manuel Sá, em 1989-92 os lavadouros e balneários de São Nicolau por Paulo Providência com Rosário Abreu, em 1984-91 a ponte de S. Jorge por Edgar Cardoso. E ainda o início de projectos/obras que se estenderão até ao fim do século, como em 1987-2001 a Marginal do douro e atlântico, em 1982-2002 o Parque da cidade por Sidónio Pardal, e em 1988-2000 a residência universitária do Campo alegre por Noé Diniz. Da autoria de Fernando Távora, relevam obras/projectos de intervenção patrimonial, como em 1975-84 o convento de Santa Marinha da costa de Guimarães, em 1987 a reabilitação do centro de Guimarães, e em 1987-93 o convento de Refóios.

Da autoria de Álvaro Siza Vieira, destacam-se obras paradigmáticas de neomodernismo. No domínio da habitação, em 1977-1987 a quinta da Malagueira em Évora, em 1980-84 a casa em Ovar, em 1980-84/88 o edifício Schlesisches tor (“Bonjour Tristesse”) em Berlim, em 1985 a Giudecca em Veneza, em 1988 o Chiado⁷⁷⁰, em 1989 o conjunto residencial em Haia,⁷⁷¹

No domínio dos equipamentos, em 1985-86 o pavilhão Carlos Ramos^{772 773}, bem como em 1985-99 a segunda fase da FAUP (com Adalberto Dias) compreendendo o edifício principal e torres.⁷⁷⁴ (Uma posterior 3ª fase, compreendeu o pavilhão Carlos Ramos).⁷⁷⁵

Da autoria de Eduardo Souto de Moura relevam obras e projectos no domínio habitacional e dos equipamentos. Como, o mercado de Braga, em 1981-91 a casa das Artes, em 1982 a casa de Nevogilde, em 1981-90 a casa do Lago, em 1987 a casa de Alcanena⁷⁷⁶, em 1987 o Bom Jesus em Braga, e em 1989-1997 a pousada-convento de Santa Maria do Bouro.

Em termos associativos, realizaram-se eventos expressivos de uma disseminação da actividade dos arquitectos pelo país. Como os “Congressos” da AAP após 1981⁷⁷⁷, as Exposições nacionais de arquitectura após 1986⁷⁷⁸, entre outros eventos como o “Rescrever o moderno”. Referência a este último é feita na revista *Arquitectura*, bem como a congressos ou edifícios.⁷⁷⁹ Em 1983 realizou-se em Lisboa a exposição “Depois do modernismo” e, no mesmo ano, a resistente “Onze arquitectos do Porto”. Isto é, em 6-16 de maio de 1983 na árvore no Porto e em 15-30 de abril de 1983 na SNBA em Lisboa. (Neste sentido, veja-se a publicação intitulada “Onze arquitectos do Porto”, imagens recentes). Em 1988, a AAP foi reconhecida como Fundação de interesse público, compondo-se de 3648 arquitectos inscritos.

Em termos de publicações, opero entre 1981-88 o *Jornal dos arquitectos* e desde 1988 a revista *Arquitectos*, bem como a *Architècti* desde 1989. Identificou-se enfoques de âmbito urbano, patrimonial, ou concernentes ao debate pósmoderno então em curso.

765 Daniel Santa Rita (1929-2001).

766 Raul Hestness Ferreira (1931/2018).

767 Tomás Taveira (n.1938).

768 Manuel Correia Fernandes (n.1941).

769 Francisco Barata (1950-2018).

770 Tal foi alvo de dissertação de doutoramento recente por Joana Couceiro. O projecto foi também publicado por exemplo na *Architècti* em 1989.

771 O Punt and komma publicado na *Architècti* em 1989.

772 Álvaro Siza Vieira, “Pavilhão Carlos Ramos”, in: AAVV, *Arquitectura portuguesa*, N.11, Lisboa, fevereiro-março 1987, p.50.

773 Vd. e.g. Alexandre Alves Costa, “O pavilhão Carlos Ramos”, in: Aavv, [...], Lisboa, 198.

774 Adalberto Dias (n.1953).

775 Vd. e.g. João Xavier, A Faculdade de arquitectura da Universidade do Porto, Porto: Fapublicações,

776 A título de curiosidade, partilhar que era foi estudada na FAUP na disciplina de Geometria em 1993 cursada pelo autor.

777 Comissão directiva, “Congresso dos arquitectos 1981”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, fevereiro 1982, p.17.

S.a., “IIº congresso (AAP)”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, fevereiro 1982, p.17.

778 Manuel Graça Dias, “O fórum da 1ª exposição nacional de arquitectura AAP: um acontecimento”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.6, Lisboa, março-abril 1986, p.69.

779 Em 1981 ocorre Congresso dos arquitectos de AAP, referido em fevereiro 1982, 1ª Exposição nacional, em março de 1986 publica-se sobre “Rescrever o moderno”; ou em março de 1986 sobre “Fórum da 1ª exposição nacional de arquitectura da AAP. Neste conspecto vd: “Re-escrever o moderno”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, Lisboa, N.6, março-abril 1986. “Exposições”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.6, Lisboa, 1986, p.16. “O fórum da 1ª exposição nacional de arquitectura AAP: um acontecimento”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.6, Lisboa, março-abril 1986, p.69.

Tal incluiu conteúdos como em 1980 de Peter Hall⁷⁸⁰, em 1982 de Bruno Zevi⁷⁸¹, ou de Siza Vieira sobre "Seminário sobre a cidade".⁷⁸²

Conteúdos na revista Arquitectura, incluem referência a vários arquitectos (pós)modernos, como em 1987 a Siza Vieira (por Alves Costa⁷⁸³ ou por Graça Dias⁷⁸⁴, etc)⁷⁸⁵, em 1980 a "Manuel Vicente"⁷⁸⁶, Raul Hestness Ferreira⁷⁸⁷, bem como a outros profissionais e projectos de distinta linha, como o Luiz Cunha⁷⁸⁸ ou Victor Consiglieri⁷⁸⁹, etc.⁷⁹⁰ Conteúdos incluem também referência à temática do património face a mutação sentida na envolvente territorial⁷⁹¹, à temática tecnológica (computação, etc)⁷⁹²; à temática teórico-teórica (por Pedro Vieira de Almeida, Zevi, Consiglieri, etc)⁷⁹³; à temática histórica contemplando já o moderno (por José Manuel Fernandes ou José Augusto França)⁷⁹⁴; ou à temática urbana (com referência a Peter Hall, a Jorge Gaspar, a Cerdá, a Caparica, e a Siza, etc).⁷⁹⁵

Por outro lado quanto à temática disciplinar, como em setembro de 1981 acerca do papel do arquitecto por Gonçalo Byrne⁷⁹⁶, em 1982 por Augusto Brandão⁷⁹⁷, ou de outros debates sobre a AAP.⁷⁹⁸

Já em termos de ensino, a Escola do Porto usufruiu da atenção de críticos como Alves Costa ou Mendes (vd. Wonen tabk)⁷⁹⁹, bem como de eventos como a "Architecture à Porto" em Clermont-ferrand, etc.

A criação da FAUP e integração do curso de arquitectura na Universidade do Porto, remete a diploma datado de 21 de dezembro de 1979. Aquando criação da FAUP, Fernando Távora, no discurso da tomada de posse da comissão instaladora do curso, declarou: "Ensinar arquitectura - a concepção e a construção do objecto ou da cidade na sua forma mais sublime que satisfaça o físico e o psíquico do homem, individual ou socialmente considerado - é difícil e apaixonante. Sobre a formação do arquitecto já afirmava Vitruvius ele deve [...] saber escrever e desenhar, ser instruído em geometria e não ser ignorante na óptica, ter aprendido a aritmética e saber muito de história, ter bem estudado a filosofia, ter conhecimento da música e algumas noções de medicina, de jurisprudência e de astrologia. As exigências de Vitruvius, formuladas há dezanove séculos, mantêm-se inalteradas na sua generalidade. Continuamos iguais.[...] É na apaixonante e difícil formação deste especialista/generalista, passe o aparente contraditório da expressão, deste homem de síntese criadora com capacidade de inteligente análise que a Faculdade de arquitectura, vai, certamente, empenhar-se, associando a experiência desta insigne universidade à de uma prestigiada escola, ambas representadas na sua comissão instaladora. Com a criação desta nova faculdade dar-se-á, por certo, início a um novo ciclo do ensino da arquitectura em Portugal, país, como todos sabemos, sentimos e vemos,



Fig 140 - Peter Hall, As cidades, tradições e mudanças, In: Arquitectura, N.º139, Lisboa, Novembro-Dezembro 1980, p.82



Fig 141 - Manuel Vicente, Entrevista, In: Arquitectura, N.º136, Lisboa, Fevereiro 1980, p.36



Fig 142 - Reescrever o moderno, In: Arquitectura portuguesa, N.º6, Lisboa Março-Abril 1986

- 780 Peter Hall, "As cidades, tradições e mudanças", in: Aavv, Arquitectura, N.139, Lisboa, novembro-dezembro 1980, p.82.
- 781 Bruno Zevi, "O grau zero é um valor essencial do movimento modernista", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, fevereiro 1982, p.40.
- 782 Alvaro Siza Vieira, "Seminário sobre a cidade", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.11, Porto, fevereiro-março 1987, p.50.
- 783 Alexandre Alves Costa, "O pavilhão Carlos Ramos", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.11, Lisboa, fevereiro-março 1987, p.50.
- 784 Manuel Graça Dias, "Duas escadas", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.11, Lisboa, fevereiro-março 1987, p.52.
- 785 Manuel Graça Dias, "O engenho e o ingénio", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.11, Lisboa, fevereiro-março 1987, p.16.
- 786 Manuel Vicente et al, "Manuel Vicente: Entrevista", in: Aavv, Arquitectura, N.136, Lisboa, fevereiro 1980, p.36.
- 787 Raul Hestness Ferreira, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, maio-junho 1984, p.152.
- 788 Luís Cunha, "Projectos e outros desenhos", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa.
- 789 Vítor Consiglieri, "As obras recentes", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, p.48.
- 790 "Torre do Tombo", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, janeiro-fevereiro 1983, p.38.
- 791 Como em fevereiro de 1980 "Património em perigo", ou em julho de 1980 "conservação do património arquitectónico". Neste conspecto vd: "Património em perigo", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, fevereiro 1980, N.136, p.67s. "Conservação do património arquitectónico", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, julho-agosto 1980, p.38s.
- 792 Em 1983 "Concepção em arquitectura assistida por computador", em abril 1980 "Os computadores na construção", ou em janeiro 1983 "cartografia automática". Neste conspecto vd: "Os computadores na construção", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, abril-junho 1980, p.45s.
- "CAAC: Concepção em arquitectura assistida por computador: Contributo para a sua divulgação em Portugal", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, janeiro-fevereiro 1983, p.20. "Cartografia automática", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, janeiro-fevereiro 1983, p.30s.
- 793 Em 1980 "Ensaio sobre o espaço da arquitectura" por Pedro Vieira Almeida", em 1982 o apelo ao grau zero do moderno por Zevi, ou em 1983 "transformações de uma arquitectura racionalista" sobre lógica de Aalto, etc. Neste conspecto vd.: Pedro Vieira de Almeida, "Ensaio sobre o espaço da arquitectura", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, dezembro 1980, p.3-13. Bruno Zevi, "Grau zero [...]", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, fevereiro 1982, p.40. "[...] transformações de uma arquitectura racionalista", in: Aavv, Arquitectura, N.151, Lisboa, julho-agosto 1983, p.76-66. Victor Consiglieri, "Alvar Aalto e os seus códigos", in: Aavv, Arquitectura, N.152, Lisboa, maio-junho 1984, p.152.
- 794 Por exemplo em julho 1980 e julho198 "para o estudo da arquitectura modernista em portugal", com José Manuel Fernandes, ou sobre a "Arquitectura do estado novo".Vd: José Manuel Fernandes, "Para o estudo da arquitectura modernista em Portugal", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, julho-agosto 1980, p.18. José Manuel Fernandes, "A arquitectura [...] em Portugal", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, julho 1981, p.38s. José Augusto França, "Arquitectura do Estado novo", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, julho 1981, p.18-19.
- 795 Na temática urbanística, por exemplo a Jorge Gaspar; com enfoque histórico (como por exemplo pioneiros "Cerdá e os traçados"); o "Plano de urbanização da costa da Caparica"; "as cidades, tradições e mudanças" por Peter Hall, em 1981 "o urbanismo à Duarte Pacheco", ou em 1987 sobre seminário urbano "A cidade no momento de modificação" por Siza Vieira). Neste conspecto, vd: "Entrevista com o prof. Jorge Gaspar", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, agosto 1980, p.72s."Cerdá e os traçados", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, setembro-outubro 1980, p.18s. "Plano de urbanização da costa da Caparica", in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, setembro 1981, p.3.Peter Hall, "As cidades, tradições e mudanças", in: Aavv, Arquitectura, N.139, Lisboa, novembro-dezembro 1980, p.82.
- 796 Gonçalo Byrne et al, "Não há que ter má consciência por a arquitectura ser uma arte", in: Aavv, Arquitectura, N.143, Lisboa, setembro 1981, p.22.
- 797 Augusto Brandão et al, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa, maio 1982, p.66s.
- 798 Nuno Teotónio Pereira e Augusto Brandão, "O futuro da arquitectura em Portugal e o presente da Associação dos arquitectos portugueses?", in: Aavv, Arquitectura portuguesa, Lisboa, março-abril 1986, p.52.
- 799 Manuel Mendes, "De school van Porto", in: Aavv, Wonen tabk, N.22-23, 1983.

a cada momento e em cada espaço, sempre mais carenciado de uma nova cultura arquitectónica”.⁸⁰⁰

Em 1980 ocorreu a primeira edição de 5 provas de “agregação” feitas na FAUP.⁸⁰¹ Foram publicadas provas de Domingos Tavares, Alves Costa, Cristiano Moreira, Pedro Ramalho, Manuel Correia Fernandes. Tal pode diferir dos conteúdos de 6 lições, que incluíram a de Alberto Carneiro. Por exemplo em 1985, Domingos Tavares publicou “Da rua formosa à firmeza” pela FAUP, e em 1980 Pedro Ramalho publicou “Itinerário”, que teria uma segunda edição em 1989.⁸⁰²

De facto, os anos 80, aportaram múltiplas transformações culturais-arquitectónicas. A década é de anos de reconhecimento nacional e internacional da Escola do Porto, em que se exponencia a atenção nessa por parte dos críticos.

Simultaneamente, os projectos e obras de muitos professores de então, não deixam de expressar procuras que demonstram a riqueza imanente à identidade da “Escola do Porto”. Esta, embora se assumindo de “tendência”, não foi dogmática nem se restringiu a afinidades linguísticas apenas próximas a Távora-Siza. Neste conspecto, recorde-se o desenvolvimento de obras divergentes, como a já mencionada Câmara de Matosinhos de Alcino Soutinho.⁸⁰³ Mas também como a evolução da própria obra de um Távora, expressa várias fases já atrás enunciadas. Ou do próprio Siza Viera que, como já referido, após o SAAL, foi chamado a fazer outros projectos, (sobretudo habitacionais) que exponenciam o seu reconhecimento internacional. De facto, tal incluiu, para além do “Bairro da Malagueira” em Portugal, projectos no estrangeiro como na Itália, Alemanha e Holanda. Tudo isto, entre 1988-92, acompanhado pela distinção de diversos prémios.

Por outro lado, ao longo dos anos 80/90, foi vincada, uma oposição entre a Escola do Porto e a maioria das produções lisboetas de então. Designadamente no que tange a orientações para a arquitectura face ao debate pósmoderno historicista emergente em Portugal. Tal sobressaiu desde logo, por exemplo, na oposição de posturas assumidas pelas já mencionadas exposições “Depois do moderno” em Lisboa⁸⁰⁴, e “Onze arquitectos do Porto”.

Após tais oposições, prosseguiu a exponenciação do ambiente de pseudocosmopolitismo, que fertilizou o debate que opôs as posturas arquitectónicas avançadas pelos dois pólos. Debate estilístico, mas, sobretudo político-cultural, advindo de entendimentos distintos acerca do papel que a arquitectura deveria assumir na sociedade tardocapitalista que então emergia em Portugal. Isto é, perante o ingénuo optimismo económico no país com o consumir da Comunidade europeia em 1986 e o cavaquistão entre 1985-95.

Na escola do Porto, personalidades como Alves Costa, mantinham-se atentas às transformações sociais, defendendo, dentro do possível, uma postura aberta mas regimentada no Porto.⁸⁰⁵ E também em meados dos anos 80s surge a revista Unidade promovida pela AEFAUP.

Certo é que decorreu como já mencionado, a 2ª fase do projecto da FAUP, com conclusão da 1ª fase do pavilhão Carlos Ramos sendo que não se deu a separação física da escola de Belas artes até próximo dos anos 90s. Como já afirmado, opta-se por ser de “tendência”, defendendo-se uma postura neomoderna dentro do emergente debate da pósmodernidade. Assumindo-se uma postura identitária (com uma afinidade à arquitectura de Siza), mais que meramente estilística. A qual foi enriquecida com a experiências por outros, de modo adaptativo mais que dogmático. Em termos pedagógicos, continuou a defender responsavelmente uma pedagogia de proximidade.

Na FAUP ocorreu até 1984⁸⁰⁶, e uma nova estrutura curricular teve aprovação em outubro. (A fixação/publicação da estrutura orgânica da FAUP sucedeu pois em 1984).⁸⁰⁷

A comissão instaladora da FAUP que como supradito operou até 1988, envolveu Fernando Távora, Joaquim Sampaio, José Oliveira, Alexandre Alves Costa, Domingos Tavares e Maria da Silva.

Sendo de mencionar que em 1983 haviam sido diligenciadas pela comissão instaladora, “Quatro mesas redondas sobre o ensino”.⁸⁰⁸ Mais sendo de destacar que já então fora assegurada uma mesa para a área de “Teoria e história



Fig 143 - José Manuel Fernandes, Para o estudo da arquitectura modernista em Portugal, In: Arquitectura, N.º137, Lisboa, Julho-Agosto, 1980, p.16



Fig 144 - Plano de urbanização da Costa da Caparica, In: Arquitectura, Lisboa, Setembro 1981, p.3



Fig 145 - Gonçalo Byrne, Não há que ter má consciência por a arquitectura ser uma arte, [Entrevista], In: Arquitectura, N.º143, Lisboa, Setembro 1981, p.22-27

800 Fernando Távora, “Discurso de tomada de posse da Comissão instaladora do curso de arquitectura da Universidade do Porto”, In: Aavv, Guia da Faculdade de arquitectura, Porto: FAUP, 1984-85.

801 Referida e.g. em publicação de 1986, vd: S.a., “Exposições”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.6, Lisboa, 1986, p.16.

802 Pedro Ramalho. Itinerário, Porto: FAUP, 1989 (2ª edição, 1ª edição do autor em 1980)

803 Vd. e.g. desenho datado de 1983 no FIMS.

804 S.a., “Exposições”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.6, Lisboa, 1986, p.16.

805 Incluindo a atenção a impasses ou à rebeldia de jovens estudantes, como demonstra entrevista disponibilizada ao departamento desilusão da primeira associação de estudantes da FAUP. (vd. Aavv, Unidade, Porto: AEFAUP, 1986), aproximando-os de si.

806 DL 48-F/79.

807 Portaria 815784, de 1984 (Plano de estudos e Orgânica do curso de arquitectura).

808 Aavv, Quatro mesas redondas sobre o ensino da arquitectura, Porto: Edições do curso de arquitectura da ESBAP, 1983, p.5 (policopiado).

da arquitectura”, reconhecendo-se a produtividade de sistematizar matéria teórica.⁸⁰⁹

Em geral hipotetizou-se um currículo de 6 anos com uma articulação vertical ainda aberta a revisão. Bem como o 1º plano de estudos de 1984 possuindo uma estrutura de 3 ciclos, incluindo um 1º ano e 3 opções de aprofundamento (e não especialização geral), salvaguardando-se o benefício de uma formação generalista.⁸¹⁰

A comissão instaladora (que operou até 1986”), foi presidida por Fernando Távora. Esta foi, segundo Domingos Tavares⁸¹¹, até 1988 paralela a uma comissão de acompanhamento à concepção do programa e projecto para o novo edifício encomendado a Álvaro Siza Vieira.

O projecto visava a instalações na quinta da Póvoa, no pólo universitário do Campo alegre. Como se aludiu, a instalação compreendem 3 fases, a 1ª fase do pavilhão Carlos Ramos entre 1985-86⁸¹², visou um espaço inicial que complementasse a casa cor-de-rosa e as cocheiras existentes. A obra é descrita em livro coordenado por José Quintão, e editado pela Faupublicações em 2018.⁸¹³ A 2ª fase do projecto compreendendo o edifício principal da FAUP iniciou-se em 1985, prolongando-se até 1993. O “percurso do projecto” foi descrito em livro coordenado por Manuel Mendes⁸¹⁴ e editado pela FAUP em 2003. E uma “caracterização espaço-funcional” do edifício foi descrita por Tatiana Trindade.⁸¹⁵

Acresça salientar-se que tal constitui a espacializa (um projecto pedagógico) a intenção de uma escola de proximidade em atelier e não de massas.

Até 1988 a escola foi presidida por Fernando Távora. A este suceder-se-ia o período em que veio a protagonizar Alexandre Alves Costa como director.

Curiosamente, neste mesmo ano de 1988, a revista Unidade promovida pela AEFAUP, publicou no seu segundo número, conteúdos que inclui o texto por alunos explicitamente intitulado “Ousar, experimentar”.⁸¹⁶

*

Ora gostaríamos de fazer uma pausa, para precisamente tecer referência a Alexandre Alves Costa⁸¹⁷, protagonista importante cuja influência remete aos anos 60/70 e se prolongou nos 70/80.

Desde logo surpreende-nos uma frase que escreveu - “Nem historiador nem crítico, escrevo porque me apetece [...]”.⁸¹⁸ Porque, mesmo que não tido outro propósito do que o prazer da escrita nos textos que realizou, o que escreveu no domínio da crítica confunde-se com o próprio percurso de consolidação e internacionalização da Escola do Porto; e o que escreveu no domínio da história aportou por si só uma específica historicidade da arquitectura portuguesa. Sendo pois incontornável, percorrer e atender à sua obra escrita.

Alexandre Vieira Pinto Alves Costa, nasceu no Porto a 2 de fevereiro de 1939, viveu num período marcado internacionalmente por movimentos contestatários-sociais e nacionalmente pelo regime fascista do “Estado novo”. Em vários momentos⁸¹⁹, Alves Costa recordou-nos legados específicos que fizeram a escola do Porto, numa cadeia⁸²⁰ que fez culminar com Távora e as experiências que vão de 1969, ao SAAL de 1974-76, às “Bases gerais”. Ou seja, em que refere todo um património que antecede a constituição da FAUP em 1979-84).

Alexandre Alves Costa especificamente frequentou a ESBAP como estudante na primeira metade dos anos 60. Escola onde protagonizava com Carlos Ramos, director que deixaria integrado Távora entre um grupo de protagonistas. Alves Costa, inscreveu-se aos 22 anos no Partido comunista, e viveu com intensidade o desejo do direito ao associativismo estudantil, chegando em 1962 a integrar, com 23 anos, o “1º Secretariado nacional de estudantes”. Como resumido pela



Fig 146 – Augusto Brandão, Entrevista in: Arquitectura, N.º146, Lisboa, Maio 1982, p.66

809 Sendo que, ao longo de mais de 2 décadas, a Teoria tem-se mantido como matéria essencial à apaixonante concepção sublime da arquitectura, em prole (mas palavras de Távora aquando do seu discurso de posse concernente à instalação) de um “especialista/generalista [...], homem de síntese criadora com capacidade de inteligente análise”.

Aquando do início do curso de arquitectura da FAUP em 1984/85, é o próprio Távora que regeu “TGOE”, com apoio de Beatriz Madureira e Rui Tavares.

810 Curiosamente, como mais tarde voltaria a acontecer aquando da criação do PDA em 2008.

811 Domingos Tavares, Conversa com o autor, Porto, 2020.

812 Onde recordamo-nos tivemos o privilégio de ter aulas no primeiro ano.

813 José Quintão (coord.), O pavilhão Carlos Ramos, Porto: Faupublicações, 2008 (1ª edição).

814 Álvaro Siza Vieira (coord. de Manuel Mendes), The building of the Faculty of architecture at Porto: course of the project, Porto: FAUP, 2003.

815 Com orientação de Gonçalo Furtado e Miguel Serra.

816 [“Dez indivíduos” do 4º e 5º ano], “Ousar, experimentar” (dezembro de 1988), in: Aavv, Unidade, N.2, Porto:AEFAUP, 1988, p.58.

817 Vd. Gonçalo Furtado, “Alves Costa, tão só Escola do Porto: “Nem historiador nem crítico, escrevo porque me apetece” (verão resumida), FAUP, 25 abril 2020, s.p. policopiado disponível no moodle UP). A expressão do subtítulo consiste numa conhecida expressão de Alves Costa. Vd. Alexandre Alves Costa, Textos datados, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007, p.109.

818 Ibid.

819 Que incluem por exemplo o seu concurso para professor associado.

820 Como em anteriores ocasiões mencionado, Alves Costa denomina por “cadeia de afinidades” e fidelidades, a constituição histórica da escola do Porto: E o primeiro elo iniciara-se com Carlos Ramos, o ensino moderno e a reforma de 1957.

Universidade do Porto: “Nos anos sessenta, para além de se ocupar com a formação em arquitectura, envolveu-se activamente no combate político à ditadura fascista. Tornou-se membro do Partido comunista português (1961-1968), tendo sido preso três vezes pela PIDE. Em 1962, integrou o 1º Secretariado nacional de estudantes com Jorge Sampaio e António Taborda”.⁸²¹ Na escola, o seu envolvimento, remete para o boletim ESBAP e outros momentos de coragem e empenhamento social e político. O seu diploma na Escola superior de Belas artes do Porto, ocorreu em 1966. Logo após a formação, Alves Costa rumou a Lisboa para estagiar no Laboratório nacional de engenharia civil, numa altura em que pouca investigação científica se fazia em arquitectura no país, desenvolvendo trabalho no “Núcleo de pesquisa de arquitectura, habitação e urbanismo” que Nuno Portas montara em 1962.⁸²² Em 1968, aos 29 anos, à semelhança do que aconteceu com muitos intelectuais europeus, Alves Costa retirou-se do Partido comunista. Entretanto, na Escola do Porto, como já referido em várias ocasiões, na transição dos anos 60 os 70, contestou-se o desfaseamento da reforma que, entre outras circunstâncias, promoveram as “experiências de 1969/71” de autogestão, em prole de um maior empenhamento social.

Alves Costa, exerceu profissão liberal desde 1970, e reingressou na escola como docente em 1972. Aos 35 anos, assumiu a coordenação no SAAL norte (“Sector de planeamento e apoio ao projecto” da “Comissão coordenadora do SAAL-norte”. Na década que sucedeu à revolução, o SAAL e Álvaro Siza Vieira constituíram focos que atraíram a atenção internacional. Destacando-se ainda o facto de, logo em 1977, conjuntamente com Portas e Siza Vieira, Alves Costa ter encetado o que ficou conhecido como périplo pelas Universidades italianas, despoletando exposições e palestras em muitas cidades e universidades, projectando a nossa arquitectura além fronteiras. Pouco depois, sucederam-se os anos de criação da FAUP (1979-84),⁸²³ em que uma comissão instaladora foi presidida por Távora e integrou os arquitectos Alves Costa e Tavares.

Em 1980, Alexandre Alves Costa publicou as provas para professor agregado que apresentou em 1979, com o delicioso título “Dissertação [...] que também se poderia chamar memórias do cárceres, desastres de Sofia ou memórias de um burro”. Estas são conhecidas – para além do conteúdo – tanto pelo seu título como pelo intercalamento de capítulos contendo sequências de múltiplas referências, que expressa o privilégio de uma cultura arquitectónica ampla que já Távora empunhava.⁸²⁴ A aula sorteada teve lugar em janeiro de 1980,⁸²⁵ mas as provas propriamente ditas foram publicadas pela ESBAP em 1982⁸²⁶, com capa contendo desenho do próprio autor, grafismo de Luísa Brandão, e prefácio de Álvaro Leite Siza Vieira. Siza escreveu no predito prefácio, as seguintes palavras: “Escrevemos pouco, os arquitectos professores da ESBAP [...] e menos os outros da cidade”, terminando com a indagação: “inventámos a colunas de Sunion e tu?”⁸²⁷ Os textos incluem uma breve consideração metodológica⁸²⁸, o predito intercalar de sequências de citações de outros autores organizado por Alves Costa,⁸²⁹ e quatro textos com redacção integral por si. Sendo que todos estes textos se remetiam para a precedente história da FAUP, iniciando-se com expressões explícitas. Senão vejamos. Um primeiro texto refere-se a um período precedente.⁸³⁰ (“Tudo há que refazer, a começar pelo princípio”). Um segundo texto refere-se ao período que procede a reforma de 1957.⁸³¹ (“Saiu a reforma, já requentada a esperança pela demora. Ainda que pouco e trabalhosamente seguem-se dez anos de debate arquitectónico”). Um terceiro texto⁸³² refere “A escola de arquitectura e o atelier de vão de escada constituíram-se em lugar privilegiado do debate arquitectónico, ainda que pouco e trabalhosamente”. E um quarto texto⁸³³, inicia-se com a expressão de Álvaro Siza Vieira: “Aqui declaro que associo a imagem caluniada do curso de arquitectura do Porto à imagem caluniada do 25 de abril, e que reservo os momentos públicos de autocritica para depois de outras tarefas mais urgentes. A passividade ou falta de convicção só poderia conduzir a um ensino inspirado numa provinciana caricatura da tecnocracia”.⁸³⁴

821 Universidade digital: gestão de informação, 2010.

822 Vd. e.g.: Nuno Portas, A habitação social: proposta para a metodologia da sua arquitectura, Porto: FAUP, dezembro 2004.

823 DL 498-F/79, de 21 dezembro 1979.

824 Aí refere “Dissertação expressamente elaborada para o concurso de habilitação para obtenção do título de professor agregado e constituindo trabalho original sobre assunto respeitante a cadeiras do 1º grupo do curso de arquitectura da ESBAP [...] em dezembro de 1979, que também se poderia chamar memórias do cárcere desastres de sofia ou memórias de um burro”. Este reeditado em 1982 pela ESBAP/FAUP.

825 E encontra-se publicada em livro posterior do autor de 1995.

826 Segunda edição.

827 Álvaro Siza Vieira, “Prefácio”, in: Alexandre Alves Costa, Dissertação [...], Porto: ESBAP, 1982.

828 Vd. Alexandre Alves Costa, Op.cit. p.11.

829 O livro conclui com citação intrigante de Mark Twain: “Dito isto, nada mais tenho a contar. Que alívio, se tivesse previsto o trabalho que dava escrever um livro, não o teria começado. Nunca mais caírei nessa asneira”.

830 Vd. Alexandre Alves Costa, Op.cit., p.21-29.

831 Vd. Alexandre Alves Costa, Op.cit., p.45-56.

832 Vd. Alexandre Alves Costa, Op.cit., p.79-90.

833 Vd. Alexandre Alves Costa, p.107-118.

834 Alves Costa, Dissertação [...], Porto: ESBAP, 1982.



Em texto intitulado “Considerações sobre o ensino da arquitectura” de por volta de 1980, Alves Costa reconhece: “Desde a luta contra a reforma de 57 que me vejo, como estudante e como docente da escola, activo interveniente na criação de plataformas pedagógicas para o ensino da arquitectura que foram definindo aquilo a que veio a chamar-se Escola do Porto. Sabemos que a criação de uma pedagogia na nossa escola esteve ligada de maneira profunda às vicissitudes de evolução da sociedade portuguesa, às do exercício da profissão, bem como de particulares conjunturas internas que permitiram que ou favoreceram certas formulações teóricas e/ou certas práticas pedagógicas”.⁸³⁵

*

Com a direcção de Alves Costa, no seguimento do bonito pavilhão Carlos Ramos, cumpria assegurar o prosseguimento do projecto e construção do edifício da faculdade.⁸³⁶ Constituiu este um período de consolidação do reconhecimento, de que ainda hoje usufruímos, não obstante a recente transformação para um ensino de massas.

Relativamente à performance de Alves Costa, recordar que, em 1982, foi publicada a sua “Dissertação [...]”, cuja primeira edição de autor dataria de 1980.⁸³⁷ Posteriormente foi publicada a sua “Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa”, que teve 2ª edição em 2003.⁸³⁸

Mais atenda-se que logo em 1983, no âmbito de evento na ESBAP sobre “Ensino da arquitectura”, Alves Costa começou por redigir um “Historial do curso de arquitectura”.⁸³⁹ E ao longo da década, este continuou a reflectir e escrever sobre o ensino da arquitectura; começando a dirigir a escola em 1988.

*

Também nos anos 80 ingressou na escola outro protagonista importante e antes mencionado Nuno Portas. A ele voltaremos mais adiante. Não obstante, interessa fazer uma breve referência ao seu protagonismo num primeiro período coincidente com o protagonismo de Távora.

Assim, dizer que Nuno Portas (n.1934), frequentou a ESBAL mas defendeu tese teórica na ESBAP em 1959. A vida e obra de Portas é abordada por Nuno Grande, Pedro Bandeira, Carlos Alberto Silva Brazão⁸⁴⁰, Tiago Lopes, etc.⁸⁴¹ No que tange à prática, recordar que Nuno Portas integrou atelier de Nuno Teotónio Pereira, coautorando por exemplo a igreja do Coração de Jesus.⁸⁴²

É já em termos de actividade teórica, Portas envolveu-se com a revista *Arquitectura* a partir de 1958, emergindo no domínio da crítica da arquitectura como figura crucial⁸⁴³, sendo que em 1963 recebeu o prémio Gulbenkian de crítica da arte.

De facto, reconheça-se que, em determinado momento, Nuno Portas em conjunto com Pedro Vieira de Almeida, conformaram o núcleo duro da 1ª geração de crítica de arquitectura em Portugal.

Fazendo-se um desvio dizer que por seu lado Pedro Vieira de Almeida (1933-2011), era filho de filósofo e nos anos 50/60 integrou atelier de Teotónio Pereira. Em 1963 formou-se na ESBAP com CODA já de âmbito teórico sobre o “espaço”⁸⁴⁴ (então parcialmente publicado na revista *Arquitectura*).⁸⁴⁵ Teve protagonismo na primeira geração de crítica da arquitectura. Entre 1973-75 foi professor na ARCO, desde os anos 80 na ESAP (incluindo de Teoria entre 1998-2009), onde contribuiu para a fundação do “Centro de estudos Arnaldo Araújo”. Mais interveio no debate disciplinar, em finais dos anos 60 (*Jornal de Letras*, etc) por exemplo com notáveis interpretações à obra de Raul Lino, ou mais tarde, em comissariado de exposições sobre Carlos Ramos e Viana de Lima. Nos anos 80/90 foi autor de livros explicitamente intitulados, como “Modernismo, [...] pósmodernismos” editado em Paris (1984)⁸⁴⁶ e “A noção

835 Álvaro Siza Vieira, “O pavilhão Carlos Ramos”, in: Aavv, *Arquitectura portuguesa*, N.11, Lisboa, fevereiro-março 1987, p.50.

836 <http://www.porto.pt/noticias/faup-reabriu-hoje-o-pavilhao-carlos-ramos>.

837 Alexandre Alves Costa, *Dissertação [...]*, Porto: FAUP, 1982 (1ª edição de 1980).

838 Alexandre Alves Costa, *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa*, Porto: Faupublicações, 2003 (2ª edição).

839 Comunicação no evento “Ensino da arquitectura”, ESBAP, outubro-novembro 1983.

(O colóquio teve a participação de Bohigas entre outros).

840 Trabalho empreendido com orientação de Ana Tostões.

841 Neste sentido vd. “Um método [...]”.

842 Prémio Valmor de 1974.

843 Nuno Portas, “A evolução da arquitectura moderna”, in: Bruno Zevi, *História da arquitectura moderna*, Lisboa: Arcádia, 1973, p.733-736.

844 Pedro Vieira de Almeida, *Ensaio sobre o espaço da arquitectura (CODA)*, Porto: ESBAP, 1963.

845 Pedro Vieira Almeida, “Ensaio sobre o espaço da arquitectura”, in: Aavv, *Arquitectura*, Lisboa, 1963, p.15s.

846 Pedro Vieira de Almeida, *Modernismo-pósmodernismos*. Paris: Centre Pierre Francastel, 1984.

de passado na arquitectura das décadas difíceis” editado em Milão (1994).⁸⁴⁷

O trabalho e relacionamento entre Nuno Portas e Vieira de Almeida é escrito por Tiago Lopes⁸⁴⁸, na sua dissertação doutoral. Mais contribuiu Nuno Portas, para a divulgação da arquitectura portuguesa, nacionalmente e no estrangeiro. Possuindo particular destaque o artigo “A evolução da arquitectura moderna” em livro de Bruno Zevi.⁸⁴⁹

Por outro lado, recordar que nos anos 60, as problemáticas teórico-críticas nacionais recentraram-se nas metodologias de projecto, com vista

a responderem a necessidades habitacionais, etc.

Em 1962, Nuno Portas integrou o LNEC (Laboratório nacional de engenharia civil) – centro crucial da ciência nacional. Desde pelo menos então, foi investigador oficial em arquitectura, área então sem grande reputação em termos de investigação “científica”.⁸⁵⁰ No anos 60, desenvolveu trabalho na “Divisão de construção e habitação” do “Serviço de edifícios e pontes” do Laboratório de engenharia civil do Ministério das obras públicas. Coordenando entre 1962-74, o Núcleo de pesquisa de arquitectura, habitação e urbanismo.

Em 1969, empreendeu importantes escritos em coautoria com Manuel Rocha e outros e.g. : “Estudo das funções e da exigência de áreas de habitação”⁸⁵¹ e “Funções e exigências de áreas de habitação”⁸⁵², em 1966 “Racionalização de soluções da habitação”⁸⁵³ (em coautoria com Alexandre Alves Costa et al), em 1969 “Informação sobre a situação actual dos empreendimentos e necessidades da habitação social”⁸⁵⁴, entre outros, como um texto para “Colóquio sobre política da habitação”.⁸⁵⁵ A produção escrita de Nuno Portas versou também sobre o SAAL: O processo SAAL: entre o estado e o poder local (1986)⁸⁵⁶, e SAAL and the urban revolution in Portugal em livro americano (1985)⁸⁵⁷, The SAAL program (1996).⁸⁵⁸

No período pós-revolução, Portas integrou três governos provisórios, elaborando a política habitacional e urbana. No 1º governo provisório de 1974, criou o programa de habitação SAAL (Sistema ambulatorio de apoio local) – visando uma resposta à carência do período. No SAAL Porto a coordenação foi assumida por Alves Costa.⁸⁵⁹ O SAAL (em simultâneo com Álvaro Siza Vieira) constituiu vector crucial para a visibilidade que a arquitectura portuguesa adquiriu internacionalmente”.

O relevo da investigação de Portas nos anos 60/70, centrou-se no cruzamento de uma cultura nacional em que se reforça o papel do arquitecto⁸⁶⁰, as preocupações sociais dos anos 60/70 (com proximidade à nova “sociologia nacional); um enfoque na metodologia de projecto (os “design methods” anglosaxónicos, etc).⁸⁶¹

Portas foi divulgador da arquitectura da Escola do Porto e de Siza nos anos 70.

Em termos do interesse urbano, nos anos 70/80 Nuno Portas contribuiu para os termos de referência do concurso de urbanização de Chelas.⁸⁶² E em meados dos anos 80 foi consultor da reabilitação do Centro histórico de Guimarães⁸⁶³ por Távora, tendo por anuência deste, acabado por ingressar na FAUP.

847 Pedro Vieira de Almeida, A noção de passado na arquitectura das décadas difíceis, Milão: Rassegna, 1994.

848 Tiago Lopes realizou dissertação sobre este tópico na ETSAB.

849 Nuno Portas, “A evolução da arquitectura moderna”, in: Bruno Zevi, História da arquitectura moderna, Lisboa: Arcádia, 1973, p.733-736.

850 Veja-se por exemplo: Nuno Portas, A habitação social: proposta para a metodologia da sua arquitectura, Porto: Faupublicações.

851 Manuel Rocha, J. Borges, Nuno Portas e Ruy Gomes, Estudo das funções e da exigência de áreas de habitação, Lisboa, MOP-Lnec, 1966.

852 Nuno Portas, Funções e exigências de áreas de habitação, Lisboa, MOP-Lnec, 1969.

853 Manuel Borges, Júlio Borges, Rui Gomes, Alexandre Alves Costa e Nuno Portas, Racionalização de soluções da habitação, Lisboa, MOP-Lnec, 1966. (Parcialmente traduzido para castelhano em La racionalización de las Soluciones en los proyectos de viviendas: análisis y selección de esquemas, Madrid: Ministerio de la vivienda, 1969).

854 Manuel Borges, J. Borges, Francisco Silva Dias, Ruy Gomes e Nuno Portas, Informação sobre a situação actual dos empreendimentos e necessidades da habitação social (relatório), Lisboa, MOP-Lnec, 1969.

855 Manuel Rocha, J. Borges, Francisco Silva Dias, Ruy Gomes, Nuno Portas, Colóquio sobre política da habitação: texto complementar 2, Lisboa: Ministério das obras públicas.

856 Nuno Portas, “O processo SAAL: entre o estado e o poder local”, in: Aavv, Revista crítica de Ciências sociais, N.18-20, Coimbra, 1986.

857 Nuno Portas, “SAAL and the urban revolution in Portugal”, in: C. Richard Hatch (ed.), The scope of social architecture, Nova Iorque: Van nostrand reinhold C., 1985.

858 Nuno Portas, “The SAAL program”, in: Aavv, Cadernos do noroeste, N.1, V.9, 1996.

859 Recorde-se que Alves Costa estagiara no LNEC.

860 I.e. desde a resposta à habitação do pós-guerra.

861 Ao longo do tempo desenvolvendo diversos enfoques: da crítica e história desde os anos 50, à habitação evolutiva e metodologia metaprojectual nos anos 60/70 (descrença nas estratégias de arquitecturas de autor) nos anos 60/70, e progressivamente urbanismo..

862 Nuno Portas, em termos internacionais, coordenou o Planeamento intermunicipal de Madrid, foi consultor do Plano estratégico metropolitano de Barcelona, do Plano de ordenamento de Santiago de compostela, bem como foi consultor das Nações unidas e da União europeia, para as questões urbanísticas e de investigação.

Foi autor com Oriol Bohigas, do Plano de frente de mar e Estação das Barcas (1997-2000) e do Plano de recuperação da Zona central (1995-2000) para o Rio de Janeiro. Participou, ainda, na elaboração de legislação urbanística em Cabo Verde.

863 Face a homogeneização e debilitação tectónica.

Neste sentido, recorde-se que, em termos de ensino, Portas já em 1963 redigira “Uma experiência pedagógica na ESBAP”⁸⁶⁴, sendo professor na ESBAL pelo menos entre 1965 e 71. Mas, em 1983-8, transferiu-se para o curso do Porto, em que participa, regressando à FAUP no final dos anos 80 como professor catedrático convidado.

*

Ora, Francisco Barata referiu-se à experiência da passagem entre os anos 60 e transição para os anos 80 nos seguinte termos: “É importante [...] o entendimento da consciência política de uma geração de arquitectos que se formou na ESBAP entre 1969-70 e 1974-75, numa base de autodidatismo e de adesão às lutas contra o ensino académico, já iniciadas no princípio da década pelas gerações anteriores, e que nunca teve (nem desejou) ter um comportamento passivo em relação ao ensino”⁸⁶⁵

Mais, Barata, partilhou-nos como, entre finais dos anos 1970 e meados dos anos 1980, o debate teórico não se deslocara: “das temáticas dicotómicas organicismo/racionalismo, prática artística/produção industrial, forma/método” (e.g. para o âmbito tipológico)⁸⁶⁶ Escrevendo: “Em meados da década de 70 já não é apenas a visão Zeviana da arquitectura e do movimento moderna que domina, começando a surgir em primeiro plano, a obra escrita de Leonardo Benevolo. Contudo [...] ainda persistia entre nós um discurso vago e envolvente sobrevalorizando a originalidade, a invenção criadora e artística no processo de projectação, e uma chave de interpretação histórica composta pelo triângulo racionalismo-organicismo-expressionismo [...]; apenas em 1973-74 se começou a aceitar, na ESBAP, a célebre afirmação de Gregotti, segundo a qual não competia ao arquitecto, enquanto tal, revolucionar a sociedade, mas revolucionar a própria arquitectura. Este pensamento, que depois foi continuamente repetido até aos nossos dias, divulgou-se mais através de Contra uma arquitectura adjectivada de Oriol Bohigas, do que através de o Território da arquitectura do próprio Gregotti. Nos finais de 70 e durante a primeira metade de 80, o ensino de arquitectura na ESBAP, referencia-se estrategicamente a três conceitos chave: de metodologia da projectação, o de processo de projecto e o de crítica dos modelos”⁸⁶⁷

Cumprе salientar que as aulas de teoria de por exemplo Alves Costa (segundo alunos como Rui Pinto cujo ingresso remonta a 1974)⁸⁶⁸, eram baseadas nos recentes escritos de Leonardo Benevolo - autor de uma grande história que Francisco Barata constata não existir equivalente em Portugal. Quiçá um salto teórico, relativamente a Zevi.⁸⁶⁹ Atendendo a que, como se sabe, a perspectiva de Benevolo⁸⁷⁰ propôs um entendimento revisionista da modernidade focada na estrutura sócio-cultural, por oposição a perspectivas de por exemplo Rayner Bahnam⁸⁷¹ que sobrevalorizou a influência do substrato instrumental/tecnológica na evolução do moderno.

Em outubro de 1987 teve lugar a inauguração do pavilhão Carlos Ramos.

No discurso inaugural por Alves Costa, registado na revista Arquitectura Portuguesa de 1987, este alude à relação passado-futuro da escola bem como à oposição Porto-Lisboa: “[...] A complexidade do novo pavilhão confere-lhe a duplicidade mágica de ser essencial na consolidação do existente que, simultaneamente, torna dependente na construção da sua autonomia [...]. Assim tão preso ao presente com ao futuro, o pavilhão de ambos decorrente, é ele próprio objecto solitário, numa implantação que parece só dele e do seu conteúdo depender. Na multiplicidade dos seus significados, a arquitectura de Siza, unifica e consolida, conforma-se, rompe e dinamiza, desprendendo-se como que tudo justificando [...]. E em Lisboa, que se passará em Lisboa?”⁸⁷²

*

Acresce que um evento construtor de identidade (pós-SAAL e na recém criada FAUP em 1984), veio a ocorrer no mesmo ano de 1987. Tal consistiu na exposição sobre o património e desenho da escola do Porto. Segundo Távora, esta visava reunir desenhos “[...] documentado [...] a actividade de discípulos e docentes daquela escola desde as suas origens na até ao final dos anos 50”⁸⁷³

864 Nuno Portas, “Uma experiência pedagógica na ESBAP”, in: Aavv, Arquitectura, Lisboa.

865 Francisco Barata, Transformações e permanências na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade, Porto: Faupublicações, 1999, p.6. A título de mera curiosidade, veja-se paralelamente: Rui Barreiros Duarte, “Prática e teoria”, in: Aavv, Arquitectura e vida, N.40, Lisboa, julho-agosto 2003, p. 46-53.

866 Francisco Barata, Transformações e permanências na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade, Porto: Faupublicações, 1999, p.33.

867 Ibid.

868 Rui Pinto, conversa com o autor, Porto, 2020.

869 Com que Távora concordara, ao visitar os EUA, de que esse tinha tido razão em começar a história da arquitectura moderna por Frank Lloyd Wright.

870 Vd e.g. do autor Leonardo Benevolo: a “História moderna da arquitectura” ou a “A linguagem moderna da arquitectura moderna”, “O último capítulo da arquitectura moderna” (Lisboa: Edições 70, 2009), ou ainda a “Introdução à arquitectura” (Lisboa: Edições 70, 1991).

871 Vd e.g. Reyner Banham, Theory and design in the first machine age, Londres: Architectural press, 1960.

872 Alexandre Alves Costa, Textos datados, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007, p.85.

873 Fernando Távora, “Perfácio”, in: Aavv, Desenho de arquitectura: património da ESBAP, Porto: Universidade do Porto, 1987, p.7.

De facto, como se refere todo o corpo docente se aglutinou à volta deste evento⁸⁷⁴, “na elaboração do referido catálogo, no sector dedicado à arquitectura colaboraram quase todos os docentes da FAUP com textos [...]”; Sobre os autores dos trabalhos expostos [...]”⁸⁷⁵ Por exemplo, Alves Costa contribuiu, escrevendo para publicação, sobre Mário Bonito.

A meu ver, este período coincide com momento consolidador de pensamento crítico interno à escola e que, ainda hoje, marca muito a discursividade que lhe associamos.

Permitamo-nos pois fazer uma pausa para referenciar o que denominaríamos por “contemplações: o património desenhado na escola e os primórdios da FAUP”. Assim, acontece que 1987, ocorreu tal exposição reveladora de uma nova procura identitária. Como o título denuncia: “Desenho de arquitectura: património da ESBAP e da FAUP”. O pretexto foi o 75º aniversário da Universidade do Porto, tendo a FAUP optado por colaborar com a Associação dos arquitectos portugueses, na organização de uma mostra patrimonial baseada em desenhos ao longo de 1,5 séculos. Mais precisamente, um património iniciado com desenho de Carlos Amarante (1748-1815) datado de 1807 e com término num desenho de Duarte Castel Branco (n.1927) datado de 1959. Mais especificamente, 145 desenhos de natureza académica, profissional ou afim, que vai de estudos a desenhos técnicos, perspectivas, planos e painéis, com dimensões variáveis entre os 20 e os 160 centímetros, e que usa técnicas que vão do lápis de grafite, lápis de cor, pastel, tinta da china, aguarela, guache, aguada, à fotografia, colagem e painéis. Às quatro dezenas de arquitectos acrescem obras de artistas sobre dois protagonistas maiores da escola do Porto, incluindo um retrato de Marques da Silva desenhado por Joaquim Lopes, bem como um retrato e um busto de Carlos Ramos respectivamente realizado em 1952 e 1952 por Salvador Barata Feyo. Bem como os painéis gráficos de trabalhos teóricos de Octávio Lixa-Filgueiras⁸⁷⁶ e de Arnaldo Araújo que são apresentados respectivamente por Nuno Guedes de Oliveira e por Domingos⁸⁷⁷ Tavares.

Desenhos da autoria de notáveis da Escola do Porto, representativos da sua história dessa, sendo que o catálogo é composto por um pequeno prefácio de Fernando Távora; um ensaio interpretativo de seis páginas por Joaquim Vieira, e um desenho de cada arquitecto complementado por texto de dimensão variável entre meia e duas páginas sobre a vida/obra desse autor e por vezes incluindo listagem de obras ou de dados curriculares; e uma catalogação pormenorizada de 7 páginas da totalidade do conteúdo exposto.

O ensaio introdutório intitulado “Seis casos na colecção de desenhos da FAUP”, aludia a agrupamentos estabelecidos de acordo com a relação que o desenho estabelece com o projecto e/ou realidade. Na abertura anuncia propor-se: “[...] reflectir mais ordenadamente acerca das questões que a arte do desenho levanta [...], um esboço teórico [...] sobre um conjunto circunstancial de peças - A colecção de desenhos de arquitectura da ESBAP [...]”⁸⁷⁸ Partilhando depois questões pertinentes que os desenhos em causa levantam: “Qual a relação que se pode estabelecer entre a natureza do desenho e a obra arquitectónica? O que é que no desenho [...] é do projecto dependência ou é para o projecto condição?”⁸⁷⁹

Remetendo às denominações interpretativas propostas por Joaquim Vieira, num primeiro grupo denominado por “o desenho daquilo que já se sabe”, constaram desenhos de: Carlos Amarante⁸⁸⁰ autor por exemplo da Real companhia da marinha (1897).

Num segundo grupo, denominado por Joaquim Vieira como “o desenho de “mais do que se vê”, constam desenhos de: José Sardinha⁸⁸¹ apresentado por Bernardo Ferrão, Ventura Terra⁸⁸² apresentado por Rui Tavares, e Marques da Silva⁸⁸³ apresentado por José Carlos Portugal, entre outros.⁸⁸⁴

Destaco alguns autores pela sua relevância ou beleza dos desenhos seleccionados para catálogo: de José Sardinha, autor do projecto da igreja para a Sra. do Bonfim do Porto (1872), de Ventura Terra, autor da Assembleia da república (1896), de José Marques da Silva, autor de concurso para a Academia portuense de Belas artes com uma Estação-terminal de caminhos de ferro e de desenhos feitos no atelier de Andre Laloux; de José Teixeira Lopes com “Une petite laiterie” feito no atelier de Blondel; e Correia Silva com o “Anphitheatre d” astronomie” feito no atelier de Pascal. Num terceiro grupo, denominado por Vieira como “o desenho que se quer mostrar”, constavam desenhos de: Rogério

874 Alexandre Alves Costa, “Mário Bonito”, in: Aavv, Desenho de arquitectura: património da ESBAP, Porto: Universidade do Porto, 1987.

875 Alexandre Alves Costa, Textos datados, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007, p.85.

876 Otávio Lixa-Filgueiras (n.1922).

877 Arnaldo Araújo (1925-1984).

878 Joaquim Vieira, “Seis casos na colecção de desenhos da FAUP”, in: Aavv, Desenho de arquitectura: património da escola de Belas artes do Porto, Porto: Universidade do Porto, p.8-13.

879 Ibid.

880 Carlos Amarante (1748-1815).

881 José Sardinha (1845-1906).

882 Ventura Terra (1896-1947).

883 Marques da Silva (1869-1947).

884 Thomaz Soller (1848-1883) é apresentado por Bernardo Ferrão, e José Teixeira Lopes (1872-1919) e António Correia da Silva (1880) por Anni Gunther Nonelli.

Azevedo⁸⁸⁵ apresentado por Teresa Fonseca, ou Januário Godinho⁸⁸⁶ apresentado por Nuno Portas, entre outros.⁸⁸⁷ Destaco alguns autores pela sua relevância ou beleza do desenho seleccionados para catálogo: Manuel Marques, autor de moradia desenhada no atelier de Godefrey (1922), Rogério de Azevedo, autor do Comércio do Porto (1927), Januário Godinho com a Lota frigorífica de Massarelos; Manuel Fernandes Sá com o monumento ao Infante Don Henrique em Sagres (1936); e os ARS com o mercado do Bom sucesso no Porto (1949).

Num quarto grupo denominado por Vieira como “o desenho do que se está a fazer”, constam desenhos de: novamente Rogério de Azevedo, entre outros.⁸⁸⁸

Num quinto grupo, denominado por Vieira como “O desenho do que se vai ver”, constam desenhos de: Carlos Ramos⁸⁸⁹ apresentado por Fernando Távora, entre outros.⁸⁹⁰ Destaco alguns autores pela sua relevância ou beleza do desenho seleccionados para catálogo, Carlos Ramos com o “Pavilhão de escultura e pintura de Belas artes” (1950), e o CODA “Grémio da lavoura de Abrantes” de Duarte Castel-Branco em 1959. Num sexto grupo, denominado por Vieira como “O desenho da razão e do espírito”, constam desenhos de: Arménio Losa (n.1908) apresentado por Henrique de Carvalho, Fernando Távora⁸⁹¹ apresentado por Álvaro Siza Vieira, entre outros.⁸⁹² Destaco alguns autores pela sua relevância ou beleza do desenho seleccionados para catálogo, Fernando Távora com a sua CODA casa sobre o Mar (1950), Vasco Vieira da Costa com “a cidade para a cidade satélite de Luanda” (1948), João Andersen com a participação no concurso canadiano “Future house” (1953) ou o “Plano de urbanização de Nevogilde” no âmbito do concurso para urbanologia.

Entende-se que Rogério Azevedo seja por Joaquim Vieira mencionado em dois grupos, mas é difícil entender a ausência no seu ensaio de qualquer referência a alguns autores e desenhos expostos, como Alfredo Viana de Lima entre outros.⁸⁹³ Ou ainda aos painéis gráficos dos teóricos Octávio Lixa Filgueiras e Arnaldo Araújo. Destaco alguns autores pela sua relevância ou beleza do desenho seleccionados para catálogo, Viana de Lima, autor da habitação na rua Honório Lima (1941), Filgueiras, autor de CODA “Urbanismo: um tema rural” (1953); ou Araújo, autor dos painéis “Formas do habitat rural” no norte de Bragança (1957).

Desenhos e autores expostos que, em conjunto com o demais, constituem per si um percurso pela própria história da arquitectura portuguesa. Em particular pela portuense, concordando-se Domingos Tavares que,⁸⁹⁴ por detrás do propósito desta exposição de desenho, existiu uma tentativa de identificação do curso/escola.

Atenda-se por um lado que este conjunto de desenhos de dezenas de obras, (que vão de casas a equipamentos até planos urbanos, etc) não inclui nada das três décadas que antecederam a iniciativa (1959-1987), tendo então sido o período tomado como património da Escola do Porto. Mas igualmente importante, esta exposição de desenhos constituiu um momento em que o seu corpo docente se uniu em prole de um projecto de escola. O próprio Fernando Távora descreveu então a iniciativa inédita com as seguintes explícitas palavras: “[...] assim documentando [...] a actividade de discípulos e de docentes daquela escola desde as suas origens até ao final dos anos 50 [...]. Com a presente mostra de desenhos [...] afirma-se a importância que o desenho se revestiu - e deverá revestir-se - na formação dos nossos arquitectos, quer a qualidade que, na sua diversidade sempre permitiu ao longo da vida da escola ou da prática profissional de cada um”.⁸⁹⁵

A meu entender, interessa ver o evento com uma estratégica busca de identidade – sucedendo-se ao criativo mas atribulado período que vai do final dos anos 60 a meados dos 80, e que inclui a separação do curso de arquitectura da ESBAP e os primórdios da FAUP. À semelhança do SAAL (1974-1976) - que aglutinara a escola à volta da questão social do “desenho” para lá da mera exposição nas Magnas dos anos 50/60 ou das Jornadas dos 70/80 - foi esta exposição/publicação de desenho (1987) que novamente também a voltou a aglutinar em torno da sistematização

885 Rogério Azevedo (1898-1983).

886 Januário Godinho (n.1910).

887 Manuel Marques (1890-1956) é apresentado por Manuel Mendes, David Moreira da Silva (n.1909) por Domingos Tavares, Manuel Fernandes Sá (1903-1980) por Manuel Fernandes Sá, Ars arquitectos de António Fortunato Cabral (1903-1978), Mário Cândido de Moraes Soares (1908-1975) e Fernando da Cunha Leão por Manuel Teles, Mário de Abreu (n.1908) por Beatriz Madureira, e Agostinho Ricca (n.1915) por Ricardo Figueiredo.

888 José de Brito (1896-1965) é apresentado por António Madureira.

889 Carlos Ramos (1897-1969).

890 Fernando Tudela (n.1917) é apresentado por Domingos Tavares, José Carlos Loureiro (n.1925) por Manuel Correia Fernandes, e Duarte Castel Branco (n.1917) por Nuno Guedes de Carvalho.

891 Fernando Távora (n.1923).

892 Vasco Vieira da Costa (1911-1982) é apresentado por José Quintão, Delfim Amorim (1917-1972) por José Manuel Soares, João Andersen (1920-67) por Cristiano Moreira, Mário Bonito (1912-1976) por Alexandre Alves Costa, e Rui Pimentel (n.1924) por Carlos Guimarães.

893 Aparentemente Henrique Pousão (1859-1888) apresentado por docente não identificado, Joel da Silva Pereira (n.1861) apresentado por docente não identificado, João Queiroz (1892-1982) apresentado por Alexandre Alves Costa, Francisco de Oliveira Ferreira (1885-1957) apresentado por Manuel Correia Fernandes, e Alfredo Viana de Lima (n.1913) apresentado por Sérgio Fernandez.

894 Domingos Tavares, Conversa com o autor, Porto, 2020.

895 Fernando Távora, S.t., in: Aavv, Desenho de arquitectura: património da escola de Belas artes do Porto, Porto: Universidade do Porto, 197, p.7.

teórico-histórica patrimonial reconhecível pelo património do desenho.

Tratou-se de um evento marcante, dentro da história mais ampla de séculos da Escola do Porto, história onde sobressaem personalidades como as que selectivamente mencionámos: seja em tempos de Marques da Silva, de Carlos Ramos ou de Fernando Távora.

Nos anos 80/90, novamente houve eventos que reflectiram a procura de uma legitimação patrimonial identitária e de comunicação com a cidade, como ocorrera com as “Magas” ou com o SAAL. Ou com esta exposição de património de Desenho. Designadamente as Anuárias que constituiu uma plataforma de partilha.⁸⁹⁶ A história da escola, desde Carlos Ramos, parece possuir uma dialética de tensões⁸⁹⁷, entre especialista versus generalista, teoria/história, arquitectura/urbanismo, entre Desenho e novas TIC, da História da arquitectura internacional versus portuguesa, entre teoria/projecto, ou entre construção/estruturas integrada projectualmente.

*

Em 1987, o próprio Távora promoveu ainda no seio da FAUP uma revista intitulada Ra, destinada a acolher e despoletar mais investigação/teorização. Para essa, novamente muito docentes contribuíram, incluindo Manuel Mendes⁸⁹⁸ e Alves Costa. A própria escrita proveniente a escola já então se ampliara para mais amplas plataformas. Veja-se por exemplo publicação de Mendes na Opus incertum (1987) intitulada “Porto: école et projets 1940-1986”⁸⁹⁹, ou incluso o próprio Álvaro Siza Vieira responsabilizando-se pela redacção do relatório final de um “Seminário sobre a cidade” (1987).⁹⁰⁰

No que tange a Alves Costa, este publicou na Opus incertum (1987), e ampliou as suas “Considerações sobre o ensino da arquitectura” em publicação no Jornal dos arquitectos (1987).⁹⁰¹

No mesmo ano, deslocando-se à capital do país, coordenou em Lisboa uma sessão intitulada “Arquitectos do Porto: últimas obras/últimos projectos” no âmbito do colóquio “Arquitectura e cidade: propostas recentes” (1987).⁹⁰² Segundo Carlos Machado “foi um momento importante no debate da arquitectura portuguesa (ou de Portugal), um debate que na altura estava muito centrado ainda na alternativa moderno/pósmoderno.⁹⁰³ Sendo o evento descrito por Alves Costa, em livro de 2007, nos seguintes termos: “Decidi ocupar uma primeira sessão ao fim da tarde, com uma perspectiva geral sobre o Porto e a chamada Escola do Porto, e convidar para a noite os arquitectos Álvaro Siza Vieira, Alcino Soutinho, Eduardo Souto de Moura, António Gradim e Carlos Machado (à data com 33 anos representando a nova geração) a apresentarem a sua última obra e o seu último projecto”.⁹⁰⁴

Já em Lisboa, o resultado estava próximo de resolver-se, e terminaria (como me referia Carlos Machado) com o resultado de “10 a 0”.⁹⁰⁵ Carlos Machado recorda que o debate de então, pela sua complexidade, não é apreensível pela ideia de “Escola do Porto” ou oposições “Porto/Lisboa”. Para si a “Escola do Porto” não existe, só existe para os que olham “de fora”, para nós só existe arquitectura [...]. Que nós ganhámos esse debate eu não tenho dúvidas, basta ver o que aconteceu a seguir, mas não é um confronto Porto/Lisboa, ou não é só [...] também havia pósmodernos no Porto, menos e não tão bem organizados [...]”.⁹⁰⁶

A reputação da Escola do Porto, constata-se também pelo facto de ter tido curta experiência de funcionamento de uma unidade pedagógica da FAUP em Viseu por volta de 1987-88.⁹⁰⁷ Nessa chegaram a estudar por exemplo o actual presidente João Pedro Xavier ou Nuno Lacerda.

Mais expressa a reputação da FAUP, por então ter sido convidada a instalar o curso público de arquitectura da

896 Em 1999 integrei Comissão organizadora presidida por Ricardo Figueiredo, no seio de 2 equipas que integraram o falecido Álvaro Andrade e Paulo Silvestre.

897 Em certo sentido, nunca se optando por um ensino de, hoje divergindo em opcionais.

898 Vd e.g.: Manuel Mendes, “Os anos 50”, in: Aavv, Ra, N.0, Porto: FAUP, 1987, p.25.

899 Manuel Mendes, “Porto: école et projets 1940-1986”, in: (Concep. de Opus incertum), 1987, p.42-84.

Alexandre Alves Costa, “Notes pour une caractérisation de l’architecture portugaise”, in: (Concep. de Opus incertum), p.14-41.

900 Álvaro Siza, “Seminário sobre a cidade”, in: Aavv, Arquitectura portuguesa, N.11, Lisboa, fevereiro-março 1987, p.48.

901 Alexandre Alves Costa, “Considerações sobre o ensino da arquitectura”, in: Aavv, Jornal dos arquitectos, N.55, Lisboa, 1987.

902 Siza Vieira aparentemente pronunciou-se sobre este seminário em escrito antes referido.

903 Vd. Carlos Machado, Conversa com o autor, Porto 24.abril.2020.

904 Vd. Alexandre Alves Costa, Textos datados, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007, p.229.

905 Carlos Machado, Conversa com o autor, Porto, 2020.

906 Carlos Machado, Email para o autor, Porto, 24 abril 2020.

907 Maria Casanova, Conversa com o autor, Porto, 2020.



Universidade de Coimbra, equidistante entre Lisboa-Porto. Tal comissão do Porto, incluiu sobretudo Fernando Távora, Alexandre Alves Costa⁹⁰⁸ e Domingos Tavares.⁹⁰⁹ Assim se tendo afrontando a massificação do interesse pela arquitectura e uma eminente explosão do ensino privado.

Findas as comissões de instalação/acompanhamento, em 1988 (i.e. com a integração do curso na faculdade), Alves Costa assume a presidência da “Escola do Porto”. Internamente, este não deixou de usar como barómetro o diálogo os estudantes do departamento “desilusão” da recém fundada AEFAUP, concedendo entrevista para o primeiro número da sua revista Unidade em 1988.⁹¹⁰

Já em Lisboa, como já aludido, o resultado/competição estava próximo de resolver-se, e terminaria.⁹¹¹ Em grande medida o momento simbólico da vitória coincide com a atribuição do plano da recuperação do Chiado de Lisboa, após o maior incêndio urbano do século no país, ao portuense Álvaro Siza Vieira.⁹¹² Mesmo que o então presidente da Câmara de Lisboa não soubesse prenunciar sequer bem o nome deste arquitecto, em plena emissão televisiva nacional. Não obstante de se tratar de profissional já internacionalmente reconhecido por trabalhos em vários países.⁹¹³ Domingos Tavares, por exemplo, concorda com a leitura de que a atribuição da reconstrução do Chiado a Siza Vieira, constituiu charneira decisiva na expressão do protagonismo do Porto face às práticas mais correntes pela maioria de arquitectura em Lisboa.⁹¹⁴

Por outro lado, podemos ver o então projecto de Siza para os edifícios da FAUP – (nas palavras de Alves Costa “a escola mais bonita do mundo”) – como mais uma catapulta que contribuiu para impulsionar a visibilidade internacional da Escola do Porto nos anos 80/90.

Acontece que, em 1989, também a primeira reformulação do Plano de estudos (1989), que reave uma noção de formação generalista.⁹¹⁵ Com esta, a Teoria de arquitectura deixou de constar nos primeiros 4 anos do curso, e o 6º ano foi afeiçoado a seminário de profissionalização.

Certo é que, com o fim da década, em 1989, Alves Costa prosseguirá, como director, com comunicações orgulhosas e explicitamente intituladas. Designadamente sobre “Identidade e diferença no ensino da arquitectura”, título da comunicação que apresenta em pleno “Vº Congresso da associação dos arquitectos portugueses”.

Em conjunto com um restrito número de críticos (de onde salientaria Manuel Mendes), com conhecimento do historial e “ensino da arquitectura” da Escola do porto, continua a especificar a discursividade e especificidade arquitectónica que fora lhe ficando característica.

Em 1989, no número 2 da revista *Architécti*⁹¹⁶, o predito Manuel Mendes refere: “no Porto o projecto indicia tendência homogeneizante do sistema criativo-resultado ponderado, consentido ou manipulado no uso das técnicas de modelação da forma e do espaço, resultando que faz do desenho o suporte da continuidade da sua própria recriação”.⁹¹⁷ Mendes assume posições claramente vinculadas, como fica claro em texto de Toussaint no número 7 da mesma revista referindo que aquele acentuava distinções: “uma boa e outra má, e esta [última] coincidiu com os arquitectos da capital ou com um dos seus núcleos, enquanto a outra aproximando-se da chamada Escola do Porto”.⁹¹⁸

Já em posterior número 5, de 1990, Alves Costa, faz referência a vários conceitos caros ao discurso da escola: a história, o projecto e o lugar/contexto. Neste conspecto, defende uma história aberta ao presente: Uma “ideia de história sem a priori de evitar a ruptura, no sentido de uma apropriação produtiva para a construção da contemporaneidade”.⁹¹⁹ Defende o projecto como proposição de um novo em continuidade: “O novo não é projectado para se opor, provocando leituras ostensivas de ambos, mas sim para dar continuidade, para aproveitar, como que por economia de meios compensada pela qualidade dos materiais e do desenho dos detalhes”.⁹²⁰ E defende a ideia de lugar, como algo em construção conceptual/física: A “construção do sítio, nunca tratado como cenário

908 Na Universidade do minho em 1997, foi membro das comissões instaladoras dos cursos de arquitectura.

909 José Cabral Frias, *Conversa com o autor*, Porto, 2020.

910 Alexandre Alves Costa (entrevistado por Jorge Figueira), “Entrevista a Alexandre Alves Costa”, in: Aavv, *Unidade*, N.1, Porto: AEFAUP, 1988, p.22-25. Segundo dissertação realizada sobre a revista *Unidade*, um primeiro ciclo inclui os 5 primeiros números (o quinto cujo corpo editorial integrei data de 1996), tendo sido posteriormente editados mais 2 números.

911 Carlos Machado, *Conversa com o autor*, Porto, 2020.

912 Um doutoramento sobre o Chiado foi recentemente concluído na FAUP por Joana Couceiro.

913 Vd. e.g.: S.a., “Habitação colectiva Punt and komma: Álvaro Siza Vieira”, in: Aavv, *Architécti*, N.3, Lisboa, 1989, p.18.

914 Domingos Tavares, *Conversa com o autor*, Porto, 2020.

915 Portaria 947/89, de 21 outubro 1989; o Plano de estudos da licenciatura em arquitectura, Aviso DR N.281 (2ª série), de 7 dezembro 1989.

916 Cujo corpo editorial inicial, Alves Costa integrou.

917 Manuel Mendes, “Ir ao sítio com o nascer do dia [...]”, in: Aavv, *Architécti*, N.2, Lisboa, maio 1989.

918 Manuel Mendes, Cit. in: Michel Toussaint, “Dezasseis obras no meio de quê?”, in: Aavv, *Architécti*, N.7, Lisboa, dezembro 1990.

919 Alexandre Alves Costa, “Reconhecer e dizer”, in: Aavv, *Architécti*, N.5, Lisboa, junho 1990.

920 Ibid.

para um novo objecto é, no limite, a sua própria dissimulação. Encontrá-lo e penetrá-lo [o sítio/lugar] é recuperar o deslumbramento do tesouro”.⁹²¹

Paralelamente a Alves Costa, não posso deixar de tecer referência ao protagonismo de outros, como o seu colega Sérgio Fernandes, o seu cunhado Manuel Mendes, ou outros que mencionaremos.⁹²²

Desde já, permito-me aqui fazer uma breve pausa para destaque concernente ao primeiro.

Assim, dizer que Sérgio Leopoldo Fernandez Santos nasceu em 1937, tendo ascendência catalã.. Desde cedo acompanhou o pai à moderníssima Brasileira, local de tertúlia cultural da cidade, e viveu até adulto em regime político ditatorial. Fernandez iniciou estudos na ESBAP nos anos 50, e realizou CODA sobre Rio de Onor. Foi, também um colaborador-arquitecto nos melhores ateliers do Porto, i.e. Viana de Lima e Arménio Losa. Por isso, usufruía de proximidade a arquitectos do CIAM-Porto, razão porque conseguiu, ainda como estudante, estar presente no “CIAM XI” em Otterloo em 1959.

Como arquitecto, a obra de Sérgio Fernandez, tem início na década de 60.⁹²³ Salientando-se os edifícios da Pasteleira, em coautoria com Pedro Ramalho, em 1965.⁹²⁴ No que concerne a obras da década de 70, cumprindo salientar a sua casa Vill’ Alcina (1971-74), e o bairro do Leal do SAAL.⁹²⁵

Desde 1974, Sérgio Fernandez leccionou na Escola do Porto⁹²⁶, e escreveu sobre vários temas. ⁹²⁷ Destaca-se especificamente o seu primeiro livro, o qual providencia um “percurso” pioneiro pela história da arquitectura no país, entre a década 30 e a revolução democrática. Este possui escrita clara, propositiva, tecendo uma narrativa que alude à afirmação da arquitectura dos arquitectos que só realmente se veio a conquistar em Portugal com o 25 de abril de 1974. Data marcante, como o autor sempre enfatiza, tanto politicamente como para a prática disciplinar. Das suas provas de agregação, proveio primeira edição do livro (em 1980) “Percurso: arquitectura portuguesa, 1930/1974”.⁹²⁸

Noutra dimensão, mais institucional, Fernandez integrou o conselho directivo da Escola do Porto entre 1976-83. E posteriormente, após a ESBAP ser integrada na universidade, voltou integrou o conselho directivo como vice-director, designadamente entre 1988 e 1994. Contribuiu na década de 90 ainda, para o desenvolvimento de outras vectores da instituição, designadamente actuando como director do seu “Centro de estudos” entre 1990 e 97.⁹²⁹ Foi pedagogo-regente de “projecto I” jubilando-se da Universidade do Porto em 2006.⁹³⁰ E, em 2004-2005, actuou como, chefe da equipe norte do “Inquérito à arquitetura portuguesa do século XX”.⁹³¹

*

Gostaríamos neste momento, fazer nova pausa para retomar e completar a referência ao protagonismo de Nuno Portas. Nuno Portas, que em 1983-8 se transferira para o Porto, regressa à FAUP como professor catedrático. Em 1989 assumiu a coordenação do Centro de estudos e lançou ainda um mestrado em “Planeamento e projecto urbano”. (A título de curiosidade acrescer que ao longo da vida foi ainda professor convidado em vários outros países, como a Espanha, França, Itália e Brasil).

Desde então desempenha protagonismo e papel influente, vindo a trabalhar próximo de colegas como Fernandes de Sá, Álvaro Domingues e Rui Braz, etc. Veio ainda a assumir o conselho científico, sendo interveniente na discussão dos Planos de estudos contemporâneos a esses anos.

921 Ibid.

922 Gonçalo, Furtado, Sérgio Fernandez: um percurso por entre a arquitectura portuguesa, a ESBAP e a FAUP, Porto, 5 Abril 2020 (policopiado disponível em moodle).

923 Sérgio Fernandez dedicou-se ao colega amigo com quem realizara a sua primeira obra de folgo, décadas antes: “Pedro Ramalho: projectos e obras de 1963-1995” (Porto: AAP-norte, 1995).

924 Em 2010 dediquei-lhe com Ivo Martins “A reflection based on Sérgio Fernandez’s residential projects”, in: Aavv, Citta, Illrd annual conference on planning research: bringing city form back into planning, Porto: Universidade do Porto, 2010, p.26.

925 Em 2008, Pedro Bandeira, em conjunto com o André Tavares, teceram-lhe tributo em: “Só nós e santa tecla”, editado pela Dafne do Porto.

926 Sendo que tal foi uma experiência que depois ampliou a vários países, à Holanda (1977-83), a Angola (1981), à Geórgia (1988) ou ao Brasil (1994).

927 Incluindo sobre o colóquio de 1948.

928 Foi reeditado pela FAUP em 1985, com prefácio de Alexandre Alves Costa.

929 No que tange a obras realizadas por esta altura dos anos 80-90, salientaria, por exemplo, em 1980 e 1988 o Complexo turístico e Jardim infantil de Modelo, em 1996-98 a Residência de estudantes da Expo 98 como as intervenções em Idanha-a-velha (com Alves Costa).

930 Leccionou também na Universidade do minho (1997-2005).

931 Publicou artigos em locais como a Wonen tabk, Casabella, Lotus international, Electa ou Architectures à porto.

Em 2018, a Associação internacional de críticos de arte/Ministério da cultura) atribuiu o prémio de arquitectura pela actividade disciplinar desenvolvida - projectual no seio do Atelier 15 e pedagógica no seio da FAUP - a Sérgio Fernandez e Alves Costa. As obras do Atelier 15 realizadas na última década, incluem o cineteatro Constantino Nery de Matosinhos (2008), os edifícios residenciais em Viana do Castelo (2005) ou o convento de Santa-Clara-a-velha de Coimbra (2009).



De facto, recorde-se que no período entre os anos 70 e meados dos 80, este progressivamente focou-se no urbanismo e regulamentação (Quicá porque como mesmo Siza, sobre que Portas escreveu, reconhecer que: “perante um território delapidado, a importância de uma obra de arquitectura de qualidade é relativa”⁹³²). Entre os anos 60 e 90⁹³³, também, publicou nacional e internacionalmente sobre temáticas sobre metodologia-projectual e progressivamente sociológico-urbano. Tal incluiu “tradição, progresso e reacção no urbanismo regional” (1963)⁹³⁴, “Arquitectura: forma de conhecimento forma de comunicação”⁹³⁵ (para a ETSAB) em 1971, “Uma nova política urbana comunicação para as Nações unidas em 1976.”⁹³⁶

Nos anos 90 Portas veio a ser vereador do urbanismo de Gaia (1990), coordenou a expansão campos de Aveiro, foi consultor dos planos de ordenamento dos municípios do Vale do Ave, e responsável pelo primeiro Plano geral da Expo 98.

Contribuiu ainda nacionalmente para uma actualização legislativa. Tornou-se uma referência teórica a nível internacional, culminando distinguido com o “prémio Sir Patrick Abercrombie” da UIA.

*

Por último permitimo-nos necessária pausa para retomar também a referência ao protagonismo maior que é Álvaro Siza Vieira para a Escola do Porto.⁹³⁷

De facto, data de meados de anos 80, a exponenciação da visibilidade internacional de Álvaro Siza Vieira, a qual se expressa na distinção com prémios internacionais, que culminaram no Pritzker de 1992.

Assim, dizer que Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira (n.1933), é filho de um engenheiro e, foi casado com uma pintora (falecida em 1973) sendo pai do arquitecto Álvaro Leite Siza Vieira.⁹³⁸ Formou-se na ESBAP entre 1949 e 55, e colaborou com Fernando Távora entre 1955 e 58.

A obra de Siza Vieira foi por exemplo analisada por Vieira de Almeida⁹³⁹, Jacinto Rodrigues, Aves Costa, Nuno Portas, e muitos outros. Já em termos de ensino,⁹⁴⁰ leccionou na FAUP por exemplo entre 1966-69, tendo voltando em 1976. É ainda autor do projecto do edifício da FAUP.⁹⁴¹

Em termos de prática e teoria, possui um método projectual incansável, inspirador da “Escola do Porto”, um desenho intenso e uma escrita bela.

Sumariamente, a prática de Siza atendeu à relação moderno/tradição, ao contexto e reinterpretção do lugar, mediante método baseado no desenho.

Siza expressou influências das vanguardas modernas internacionais, por exemplo de Adolf Loos (vd. casa de Ovar) e J.P.Oud (vd. SAAL), Corbusier (vd. Iberecamargo), Alvar Aalto (vd. FAUP), entre outros. Acrescido de leituras como Venturi, conforme bem identificado em 1972 por Vittorio Gregotti.⁹⁴²

Em 2008, Jorge Figueira elegeu para uma exposição do autor no Instituto tomie ohtake de São Paulo o explícito título “Álvaro Siza: modern redux”.⁹⁴³

Certo é que em meados dos anos 80, aquando do apogeu da “globalização”, Siza foi tomado como exemplo de uma atitude tectónica e do que Kenneth Frampton denominou por “regionalismo crítico” de resistência.⁹⁴⁴

A sua prática estendeu-se até a Espanha, Alemanha, Holanda, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Estados Unidos, etc. Da sua autoria relevam obras/projectos em Portugal como por exemplo a piscina das Marés, o Chiado de 1988, o Museu de arte contemporânea de Serralves, a igreja no Marco de Canaveses, assim como o museu Nadir Afonso em Chaves.

932 Álvaro Siza Vieira, (Conversa com o autor), in: Tracing Portugal, Londres: Architectural association, 2004, s.p.

933 Intercalando com um enfoque em meados dos anos 70 SAAL e Habitat das Nações unidas.

934 Nuno Portas, “Tradição, progresso e reacção no urbanismo regional”, in: Aavv, O tempo e o modo, N.4, Lisboa, 1963.

935 Nuno Portas, Arquitectura: forma de conocimiento forma de comunicación, Barcelona: ETSAB, 1971.

936 Nuno Portas, “Uma nova política urbana”, in: 1ª Reunião preparatória da Conferência das Nações Unidas sobre os estabelecimentos humanos- Habitat, (documento policopiado da comunicação), 1976.

937 Gonçalo Furtado, da sabedoria humilde: memória de conversas com Álvaro Siza Vieira”, Lisboa-Galeria note, Junho 2023, s.p.

938 De quem fui colaborador em projecto de uma talasoterapia na foz do Porto.

939 Pedro Vieira de Almeida, Uma análise da obra de Siza Vieira, in: Aavv, Arquitectura, N.96, Lisboa, março-abril 1967, p.64s.

940 Internet.

941 Siza Vieira foi ainda professor visitante na Escola politécnica federal de Lausanne, na Universidade da pensilvânia e de e na Universidade Harvard nos EUA, e na Universidade de los Andes de Bogotá,

In 1992 foi atribuído Doutoramento honoris causa a Siza pela Universidade de Valência, e desde então mais aproximadamente 2 dezenas.

942 Távora nos anos 50 fora marcado pela obra de Corbusier (Vd. o seu projecto de fim de curso funcionalista de uma casa suspensa sobre o mar) ou Frank Lloyd Wright. E nos anos 80, Souto Moura socorreu-se de neoplasticismo de um Mies van der Rohe acrescido de Rossi).

943 Jorge Figueira, Álvaro siza: modern redux, Berlim: Hatje cantz, 2008.

944 “História crítica da arquitectura moderna”.

Bem como relevam obras/projectos, noutros países, como o já referido plano de Schilderswijk em Haia-Holanda de 1985-89, o Boujour Tristeze em Berlim, vários projectos em Espanha⁹⁴⁵ como o Centro galego de arte contemporânea em Santiago de Compostela, o Centro meteorológico da Villa olímpica de Barcelona, e a Fundação Iberê Camargo no Brasil. Os prémios com que Siza Vieira foi distinguido abarcam os mais relevantes prémios. Incluindo em 1981 o prémio da Associação internacional de críticos de arte (AICA); em 1988 a “medalha de Ouro” do (Colégio de arquitectos de Madrid) e também o “Prémio Mies van der Rohe”, a medalha “Alvar Aalto” e o prémio “Price of Gales” da Harvard University; ao que acresce em 2008 o “Royal gold” do RIBA; e em 2012 o “Leão de ouro” da Bienal de Veneza. É por isso figura maior, repita-se, da visibilidade da arquitectura portuguesa. E possui influência ímpar, para as gerações de arquitectos dos últimos 60 anos.⁹⁴⁶

Ora, em contributo para evento comemorativo do seu 90º aniversário, partilhei previamente um par de memórias pessoais (de encontros ocorridos há décadas) concernentes à sua influência.⁹⁴⁷

E a respeito da arquitectura portuguesa, sobre o prisma da “continuidade e ruptura”, recebi de Siza Vieira uma sequência e ensinamentos e indagações em redor de algumas ideias chave.

Sobre a modernidade portuguesa e Távora, aludiu a influência desse “arquitecto invulgar”, a abertura que levou à “revisão do moderno” e a aproximação “dos arquitectos e população” no pós-revolução: “São percursos diferentes [...], a influência no meu trabalho da arquitectura vernacular é muito menos directa e pura. O que se transmitiu foi uma atitude de “continuidade” que questionou um latente espírito de conservadorismo que não convida o que é novo”.⁹⁴⁸ Sobre o “norte e o sul”, esclarece que apesar da existência de diferentes circunstâncias; refere que “a dicotomia Lisboa-Porto é mais um invento, apenas vindo das próprias realidades da produção”.⁹⁴⁹ Sobre o mito das escolas, recorda: “Existiu nos anos 50/60 uma escola que melhor conseguiu contornar o aperto das pressões. Não vejo muito sentido usar o termo Escola [do Porto] depois, é fonte de equívocos e algum elitismo”.⁹⁵⁰ (Cumpre-nos no entanto perguntar senão vivemos depois nas outras fases da dita Escola do Porto?) E sobre o contexto pós-revolução e anos 80, afirma: “A grande diferença pós 25 de abril foi a descentralização da presença dos arquitectos para além de Lisboa e Porto [...]. Observo uma destruição generalizada do território. Que vale uma obra de arquitectura num território delapidado? Penso que se trata de um aspecto que não está tomado à escala devida pela muita pequenez que há na política”.⁹⁵¹

Por outro lado, atendendo-se à crítica de arquitectura e ao “regionalismo crítico”, refere: “Falando de Frampton, acho que a sua obra como crítico é de uma “continuidade” [...]. Quanto ao termo regionalismo crítico [...] tenho ideia de ter dito uma vez que era uma termo inconveniente [...], ressalta o regionalismo”.⁹⁵² Sobre a questão (já muito pósmoderna) da “autoria” afirma: “Há um desentendimento do que é a palavra autoria, porque no fundo há uma complementaridade do que é a intenção pessoal ou de grupo e os meios possíveis. Sempre houve foi historicamente uma tensão e luta ideológica”.⁹⁵³ E sobre a(s) postura(s) pósmodernas, esclarece: “Hoje já não se fala no sentido superficial de estilo em pósmodernismo [...], as denominações são redutoras ainda que necessárias”.⁹⁵⁴

Por último, a respeito da reflexão que então empreendia (em redor de exposição que eu comissariava para a AA)

945 Barcelona, Santiago de compostela, Ilha de Aousa, Pontevedra, Alicante, Granada, Cornellà de Llobregat.

946 Em 2023, Ana Silva e Bárbara Silva organização exposição na na galeria Note concernente a Álvaro Siza Vieira, a qual as comissárias queriam que “[...] seja uma celebração dos 90 anos de Álvaro Siza Vieira e a partir de uma reflexão conjunta do que aprendemos com a sua obra”. (Vd. Ana Silva, Email ao autor, 30 maio 2023). Pessoalmente sintetizei-os, as minhas memórias pessoais para tal exposição organizada pelas preditas comissárias.

Pessoalmente recordo uma continuidade e multiplicidade de situações de aprendizagens. Um primeiro cruzamento na rua da Alegria, a sua aula magistral para TGOE, a sua 1ª cozinha em casa do Salgado, uma conferência sobre o Chiado, a publicação de início dos anos 90, a conversa televisiva com Manuel Graça Dias, visita a obras na Holanda e Veneza, a vivência dos espaços da FAUP, a frequência do atelier do Alvarinho, e feedback amável pelo arquitecto a uma dissertação que orientava de Tatiana Trindade, um par de conversas partilhadas de cigarros no seu atelier, e a tarde tranquila passada a ouvi-lo na sua nova casa.

947 Referi: “Assim, [...] Deslocara-me a Pontifícia universidad javeriana de Bogotá, e tive encontro com o director Álvaro Botero, que era surpreendentemente parecido com o nosso herói português, que me pediu que entregasse um par de fotografias deles num workshop de projecto de habitação social ocorrido em Los andes nos anos 70. Recordo-me do sorriso esboçado pelo Siza no seu escritório, as suas memórias e a humildade com que solicitou um telefonema ao congénere com quem algures se cruzara para agradecer a foto. Partilhou-nos palavras bondosas (que me privilegiou ouvir) acerca da importância da habitação social, da dedicação que lhe conferiu em Portugal e noutros países [...] todas as suas palavras focavam, não em soluções formais, mas em primados sociais e preocupações com o ser humano”. Por altura do meu comissariado da exposição “Tracing Portugal” na architectural association com apoio da gulbenkian, tive igualmente o privilégio de usufruir do conhecimento e conselhos sábios do arquitecto português.

948 Sic.

949 Sic.

950 Sic.

951 Sic.

952 Sic.

953 Sic.

954 Sic.

Num segundo momento da conversa, propus focarmos o comissariado que eu tinha em mãos bem como sobre a contemporaneidade e o sentido da arquitectura; tendo recebido generosos conselhos e partilha.

sob o título “continuidade e ruptura”: “Como é natural não é tudo rupturas, e há continuidades legíveis aqui e ali [...]. Numa exposição de gente nova são importantes muitos aspectos; como contar com a sua dificuldade de aceder ao trabalho [...]. Os arquitectos já são reconhecidos e trabalham em todo o país, mas há muito mais dificuldade, muito mais burocracia e formalismo [...]. Há realmente condições - a tal abertura à informação, mobilidade etc - Mas em Portugal há uma coisa que é a desordem do território e que afecta a arquitectura [...]”.⁹⁵⁵

Sobre experiências de aproximação entre arquitectura e arte: “Agora está a acontecer, [...]. um aspecto positivo e que se opõe à tendência de total especialização [...]. Penso muitas vezes no surgimento de uma abertura, de relacionamento, rompendo com esse espírito terrível da especialização [...]. Num campo tão vasto haverá especialização, mas vejo e entendo que o desafio é o relacionamento e complementaridade em curso”.⁹⁵⁶ Sobre a contemporaneidade e o tempo: “Hoje apreciamos tudo sujeito a essa vertigem do imediato, mas o tempo é o arquitecto, o tempo trabalha muito e cada vez se aceita menos a sua existência e importância. Tudo é mais intenso na vida contemporânea”.⁹⁵⁷

Por fim perguntei eu ao mestre sobre o sentido da arquitectura: “[...] As gerações que exponho são muito jovens. Após uma vida e a notabilidade [...], para que é que lhe parece que serve a arquitectura [...]?”. Rematou Siza Vieira: “Em princípio faz-se para a pessoas viverem melhor [...], o interesse por construir faz parte da natureza humana e suas necessidades [...]”. Mais dizendo: “Se calhar em cada arquitecto existe o desejo que não fosse necessário arquitectura. Mas, por exemplo, aqui há uma ânsia de construir no centro histórico e não é necessário [...]. (Há pouco falávamos de autoria, e há situações em que também não se percebe que isso não é necessariamente inovação). Recordo que o meu “plano do Chiado”, que entendeu o centro histórico como um todo arquitectónico, foi atacado de pastiche”.⁹⁵⁸

A vida do homem Siza Vieira é uma lição de superação permanente, de sabedoria humilde e de contributo bondoso para com o outro ser humano. Recordo com admiração respeitosa, os ensinamentos que tive o privilégio de usufruir, e aqui ficam partilhados.

*

Se em grande medida, o projecto em Siza assenta em ideais teóricos concretos, como o de lugar,⁹⁵⁹ é o propósito de prosseguir um habitat significativo para o homem o que o conduz.

Neste conspecto, permitamo-nos agora pausa para referência ao crítico que maior impacto teve na promoção internacional da arquitectura portuense. Referimo-nos ao antes mencionado Kenneth Frampton. Frampton nasceu em 1930, formou-se em 1956 na Architectural Association e, em 1980, publicou a primeira edição do internacionalmente disseminado “Modern architecture: a critical history”⁹⁶⁰ Esta concluiu remetendo para práticas regionais, como a de Siza Vieira com que contactaria em 1985. Já o conceito de regionalismo crítico foi avançado no manifesto de 1983 “Towards a regionalism: six points for an architecture of resistance”, constituindo o último capítulo da sua “História crítica” de 1980. E em 1995 acabou publicando “Studies in tectonic culture”.

De facto, a projecção internacional de Siza Vieira e da Escola do Porto, beneficiou de críticos nacionais e internacionais de várias geografias. Sendo que, nos anos 80 destacou-se, desde a América, Frampton, enquadrado pelo debate pósmoderno, resistência e regionalismo crítico.

Para melhor elucidar, recorre-se aqui ao já referido em anterior ocasiões (2011 e 2023). “História, resistência crítica e interesses actuais” foi o subtítulo para “Uma conversa com Kenneth Frampton” publicada na Arq/a 86 (entrevista em conjunto com Cristina Silva), que se compõe de três partes/momentos, para que se passa a remeter.⁹⁶¹

Num primeiro momento, focou-se ali “1 - Uma historiografia crítica”, esclarecendo as teorizações de conceitos basilares em redor do regionalismo crítico e de uma arquitectura resistente. Como se referia no antes publicado na Arq/a 86: “Começamos pelo [...] percurso enquanto historiador e crítico de arquitectura. Tendo nascido em 1930 e Inglaterra, formou-se como arquitecto na Architectural Association School of Architecture [1950-55].

Desde então desenvolveu uma actividade intensa e participativa no campo da arquitectura, nomeadamente como

955 Refere Siza: “Uma exposição organizada assim representa uma escolha e balanço do que se está a produzir. Tem valor documental e será também desencadeadora de debate”. (Sic).

956 Sic.

957 Sic.

958 Sic.

959 Remete para o espírito do lugar (genius loci) segundo os romanos (à semelhança da teoria de Norberg-Schulz). Este constituía uma dos conceitos introduzidos por Beatriz Madureira na disciplina de TGOE que frequentei em 1993, com regência que transitara de Fernando Távora para Álvaro Siza Vieira.

960 Kenneth Frampton, Modern architecture: a critical history, Nova Iorque: Oxford University press, 1980.

961 Kenneth Frampton (entrevistado por Gonçalo Furtado e Cristina Silva), “Uma conversa com Kenneth Frampton”, in: Aavv, Arq/a, N.86/87, Lisboa, 2010, p.111-115.

docente, sendo autor de numerosos livros e ensaios. Em Inglaterra, por exemplo, leccionou no Royal College of Art [1974-77], na Architectural association, tendo também dirigido a revista Architectural design entre 1962-1965. Em meados da década de 60, rumou aos EUA, sendo professor na Princeton university e, desde 1972, na Columbia University. Leccionou várias gerações de arquitectos tal como influenciou vários jovens teóricos que tiveram projecção internacional. Não perdeu no entanto a sua ligação à Europa e a outros continentes, tendo voltado a lecionar no Royal college of art, assim como noutras instituições, incluindo o ETH de Mendrisio, o Berlage Institute⁹⁶² de Amesterdão, a Accademia di architettura de Mendrisio⁹⁶³, a Chinese university of Hong Kong. A chamada fuga de cérebros verificou-se também na arquitectura, tendo muito ingleses ido para os EUA (recordemo-nos de Alan Colquhoun, Robert Maxwell, ou outros dos seus colegas).[...] No mesmo ano que começou a dar aulas na Columbia university ingressou no Institute for Architecture and Urban Studies, de Nova Iorque, então dirigido por Peter Eisenman, sendo cofundador da revista Oppositions, editada pelo instituto, desde 1974. Teóricos eminentes como Anthony Vidler, Manfredo Tafuri, Aldo Rossi, Robert Stern ou Bernard Tschumi participaram nesse fórum, assim como o jovem Rem Koolhaas, enquanto estagiário. Num primeiro momento, viram-no à semelhança de Giedion, como um potencial historiador de tudo o que estavam a fazer”.⁹⁶⁴

Nas palavras de Frampton: “[...] O IAUS-NY foi uma instituição excepcional, e aqueles que como nós estiveram diária e intimamente envolvidos, todos sentimos que foi o produto de um momento único [...]. Uma equipe de 15 pessoas a maioria a trabalhar em part-time, foi capaz de motar tantos programas diferentes e actividades dirigidas ao público, que vão desde exposições, à edição de livros, revistas, catálogos e jornais, até à gestão de um curso de arquitectura e cursos de educação de adultos. Para além de tudo isto, envolvemo-nos com o Urban development corporation of New York state, no desenvolvimento de um protótipo de baixa altitude e alta densidade, que eventualmente construiríamos em Brownsville-Brooklyn”.⁹⁶⁵

Como se referiu no antes publicado na Arq/a 86, Frampton “Tem uma produção notável, tendo-se mostrado sempre implicado em várias discussões que foram surgindo. Envolveu-se por exemplo no debate entre os “white” e os “grey”, i.e. entre aqueles que defendiam uma relação com o movimento moderno europeu dos anos 20 (como Richard Meyer ou Peter Eisenman) e a primeira vaga de “pósmodernos” historicistas (como Robert Venturi ou Charles Moore).

Editou o seu livro “Arquitectura moderna: uma história crítica”, em 1980, o qual teve múltiplas edições e foi traduzido em várias línguas. Trata-se de uma história da arquitectura vista pela óptica de um arquitecto, redigida para arquitectos, que é formatada por capítulos que abrem sempre com uma citação. Este relato inclui de forma original alguns momentos menos conhecidos, sendo no geral pautado por uma perspectiva política, ao jeito do compromisso crítico Tafuriano. Mais tarde, desenvolveu o termo “regionalismo crítico” no ensaio “Towards a critical regionalism: six points for an architecture of resistance” que publicou no livro editado por Hall Foster, “The anti-aesthetic: essays on postmodern culture”, em 1983. O conceito surgiu como uma alternativa ao contexto emergente marcado pela globalização e capitalismo tardio, assim como ao pósmodernismo historicista. Em oposição a outras posturas mais liberais ou optimistas, o seu conceito surge como mais próximo da consciência Habermasiana (que também aí publica um ensaio sobre a continuidade do projecto moderno designado “Modernity: an incomplete project”). [...] Anos de trabalho, realizado num contexto de emergência do pósmodernismo, na Europa e nos EUA. [...] Referências [...] vão de Martin Heidegger a Hannah Arendt, passando por Paul Ricoeur, com que, com que construiu este importante contributo teórico e que abriu caminho a parte do seu trabalho futuro”.⁹⁶⁶

Como recordam as palavras de Frampton: “O estilo pósmoderno em oposição à condição pósmoderna já estava a surgir nos Estados Unidos, por volta de 1980, que não é só o ano da Bienal de Veneza, comissariada por Paolo Portoghesi, com o significativo título “The presence of the past: the end of prohibition”, mas é também o ano em que apareceu pela primeira vez “Modern architecture: a critical history”. A sua publicação levou por coincidência à elaboração da [...] tese sobre o regionalismo crítico, os “Six points for an architecture of resistance”, publicado mais tarde [...] no livro “The anti-aesthetic”, de Hall Foster, de 1983. [...] Os colegas que me levaram a tomar esta direcção, como contraponto ao canibalismo historicista do estilo pósmoderno? Estou particularmente em dívida, agora e retrospectivamente, à parceria grega/belga de Alex Tzonis e Liane Lefaivre, que primeiro cunharam o termo “critical regionalism”, e ao arquitecto/filósofo checo Dalibor Vesely, que me pôs em contacto com o ensaio seminal “Universal civilization and national cultures”, de Paul Ricoeur”.⁹⁶⁷

962 Por altura da fundação deste instituto por Herman Hertzberger.

963 Aquando dos primeiros cinco anos que ensinou com Mario Botta.

964 Ibid.

965 Ibid.

966 Ibid.

967 Ibid.



Interessa num segundo momento, focar uma “Resistência crítica”, esclarecendo a relação com a escola e Siza Vieira. Como se referiu no antes publicado na Arq/a 86: “No [...] livro “Arquitectura moderna: uma história crítica, refere o contacto com Siza Vieira, que conheceu através da *L’architecture d’aujourd’hui*, de Bernard Huet. Frampton visitou Portugal já nos anos 80 [primeiro contacto com Siza em 1985], tendo sido um dos promotores de posturas arquitectónicas próximas das desenvolvidas pela Escola do Porto e por Siza, Mantendo ainda hoje uma relação de amizade com ele. Verifica-se que o discurso corrente sobre a obra do arquitecto português e a “Escola do Porto” fala de um método, suportado pelo desenho, que propõe soluções austeras, empenhadas socialmente, ancoradas ao “lugar” e ao “contexto”. Tal jargão parece permitir algumas relações directas como o conceito de “regionalismo crítico”. [...] Da história de [...] encontro com a arquitectura portuguesa e Siza Vieira [...] - Quais as reações que delineava entre a sua obra e o suposto regionalismo crítico?”.⁹⁶⁸

Das palavras de Frampton, percepção-se a sua redenção aquando do contacto com a obra e com Siza: “Penso que o meu primeiro encontro com Álvaro Siza, no Porto, foi em 1985. Lembro-me de ter ficado extremamente impressionado com os seus primeiros trabalhos coloridos por uma atmosfera particular, que aparentemente prevaleceu naquele tempo no Porto como consequência da chamada primavera portuguesa. [...] A atmosfera de Matosinhos [...], nas piscinas da quinta da Conceição e de Leça da Palmeira, na espectacular ruína da casa em Moledo do Minho, e no edifício discretamente dinâmico do banco de Oliveira de Azeméis. [...] É um homem extraordinário, com uma sensibilidade excepcional, empenho e ironia melancólica, desenhando em cafés fumando cigarros infinitamente. Este método mais profundo pode dizer-se que deu um significado mais profundo ao slogan anterior de Mario Botta “building the site”. Siza grava o sítio no seu bloco de desenho antes de o construir ao mesmo tempo que o edifício. Uma pessoa pensa jocosamente que para Siza, o que o edifício quer ser é o que o lugar quer que o edifício seja. Quanto ao “regionalismo crítico”, não quero impingir esta categoria a ninguém, embora pense que o Siza tenha sido bastante crítico, quando persuadiu o seu cliente, Alcino Cardoso, a manter as vinhas em vez de as arrancar e plantar laranjeiras como os seus amigos bancários o tinham aconselhado, por necessitarem de menos manutenção e serem mais rentáveis”.⁹⁶⁹

Numa palestra recente (2023), o crítico - a pretexto do desenho de projecto do arquitecto português⁹⁷⁰ - prosseguiu expandindo uma abordagem da projectação do arquitecto e de Escola do Porto.⁹⁷¹ O anúncio da palestra focava-se num específico projecto para o museu Getty nos EUA, em que Álvaro Siza colaborou com o arquitecto luso-americano Peter Testa, nos anos 80/90. A palestra de Frampton, incluiu uma breve menção ao predito projecto, mas focou-se na sensibilidade de Siza expressa no seu desenho e obra construída. E curiosamente, muitos dos pontos fortes da palestra de Frampton coincidiram com referências que haviam constado na entrevista publicada na Arq/a 86 em 2011.

Na palestra, denominou Siza Vieira como “the most relevant architect of this century” - (vivo⁹⁷²), aludiu a seu livro de sua autoria sobre Siza, recomendando nova reedição por permitir “understand the range of his mind”. Desde logo, como para Siza “culture is a collective undertaking”. Depois, enveredando por uma narrativa que compreende uma sequência de desenhos únicos feitos por Siza (que Frampton comentou). Desenhos, característicos a linha, e nos quais frequentemente faz figurar no desenho a sua própria mão desenhando. Tal sequência de desenhos realizada por Siza, inicia-se com alusão a figuras que parecem ser “dele e da mulher”, a de Fernando Távora, a do abril de 1974 e do programa de habitação social SAAL. Depois prossegue com referência a interlocutores internacionais, como Vittorio Gregotti, ou ao projecto para Berlim em 1981. Como salienta Frampton, continuamos a identificar, em ambiente existencialista: “the same thing, drawing the hand, drawing the drawing and the hand”. E por fim desenhos com referência a James Stirling⁹⁷³, à Galícia, a uma paisagem com baía de mar, e à casa em Moledo do Minho. Siza então teve de “persuade de client not to do that [i.e. trocar vinhas por laranjeiras], to keep it old as it is”. Como Frampton constata, “Siza is very aware of tradition and what is give to us by the past”.

Salienta-se a habitação unifamiliar conhecida como “casa-bomba” de 1974, em que a resposta ao desejo do cliente de ter um pátio no limitado lote que possuía, é acompanhada pelo desenho de fachada em vidro, implicando um complexo trabalho de carpintarias. Siza expressa atenção aos aspectos da “cultura e região”. Frampton recorda

968 Ibid.

969 Ibid?

970 Com recurso a livro redigido.

971 Recorde-se que a FAUP atribuiu Doutorado honoris causa a Frampton, o qual pela pandemia, lamentavelmente então não se pode deslocar ao Porto. A visita de Frampton ocorreu por fim em 2023 visando proferir palestra no Museu da FAUP, coincidindo com uma exposição de desenhos do edifício da escola por alunos (desde 2011?). A apresentação do orador foi feita por Joaquim Moreno, director recentemente indigitado para o MIArq na sequência de renhida sessão no conselho científico da FAUP. (Vd. múltiplas declarações de membros).

972 “Vivo”, Como acrescido em troca de palavras com P. Pinto.

973 Eu diria ilustrativo de impasses aquando do pósmoderno.



o facto de Siza Vieira indagar “what carpenters could do”, enquanto projectava duas casas com carpinteiros respectivamente do norte e do sul do país. Em termos de habitação social, sendo ainda de salientar a Malagueira em Évora. Frampton percepcionando nos desenhos realizados por Siza, para este último, um movimento do vazio ao chão “arqueológico”. Recorda como Louis Khan, punha a questão “o que quer ser um tijolo?”, “um arco”,⁹⁷⁴ Enquanto em Siza questiona “o que quer ser o sítio?”⁹⁷⁵ O que é explicado em importantes projectos, como o posterior do Chiado após incêndio em Lisboa.

Se Siza Vieira é sobejamente conhecido pela insistência desenhando, salientar uma mesma sensibilidade na escrita.⁹⁷⁶ Frampton curiosamente dedica o final da palestra que proferiu na FAUP, a comentários que transitam dos desenhos a textos caracteristicamente existencialistas. Excertos incluem: “I am an architect of small works [...] I draw in cafes [...] here [...] in Oporto [...]. How many cafes I have been? [...] I move on when I began to feel some sort of stress around [...]”.

IX.

Em termos arquitectónicos foi relevante o aporte por Kenneth Frampton, da terminologia crítica do regionalismo crítico, bem como acerca de uma poética tectónica, publicadas em “studies in tectonic culture”.

Em Portugal, quanto à construída Escola definida como de “tendência”, essa vê-se na transição dos anos 80 para os 90, perante o apelo das massas. De facto, a projecção internacional de Siza Vieira e da Escola do Porto continuaria nos anos 90, a beneficiar de críticas nacionais e internacionais provenientes de várias geografias (como a de Kenneth Frampton). Para melhor ilustrar a postura, voltemos a já antes referido “historicismo, resistência crítica e interesses actuais: uma conversa com Kenneth Frampton” (2011), publicado na Arq/a 86. Como se referiu no antes publicado na Arq/a 86, relativamente a Frampton: “Sabemos que os seus interesses são múltiplos. Ainda assim, segundo cremos, permanece atento à arquitectura de Portugal, ainda que esta seja periférica relativamente ao debate global. Olhando os desenvolvimentos da história recente, [questiona-se se...] a Escola do Porto conseguiu transmitir a cultura ideológica que Frampton reconheceu no edifício da FAUP, desenhado por Siza Vieira (1991). Recordemos por exemplo a ascensão na década de 90 de outras arquitecturas europeias como a holandesa ou a espanhola”.⁹⁷⁷

Nas palavras de Frampton: “Acho [...] difícil de saber o que se passa no interior das escolas de arquitectura nos dias de hoje, em qualquer lado, ou se a Escola do Porto tem sido capaz de manter a sua abordagem discreta, depois da saída de Fernando Távora. [...] Eu costumava dizer (sem grandes provas), que existem quatro países no mundo onde se pode falar de cultura arquitectónica, no sentido que naquele país existem 15 a 30 arquitectos, que num mesmo tempo produzem continuamente um trabalho notável. Para mim, desde há mais ou menos uma década, são a Espanha, a Finlândia, o Japão, e a Austrália”.⁹⁷⁸

Interessa num terceiro momento (como no antes publicado na Arq/a 86), focar “Interesses actuais”, esclarecendo demais teorizações.

Como se referiu no antes publicado na Arq/a 86, relativamente a Frampton: “É fácil constatar uma continuidade nas suas referências teóricas, por exemplo, o seu interesse pelo espaço público e pela relação arquitectura/urbano espelha o seu fascínio pela Arendtiana condição humana e pela importância da dimensão pública da arquitectura. [Por outro lado], constatamos que vem revendo a sua história crítica. Na última edição acrescentou um novo capítulo, designado Architecture in the age of globalization: topography, morphology, sustainability, materiality, habitat and civic form, from 1975-2007, remetendo precisamente para antepenúltimo o capítulo designado Critical regionalism: modern architecture and cultural identity. [...] Questiona-se como se] perspectiva a operatividade do património teórico-crítico do regionalismo crítico nas circunstâncias mundiais actuais que aparentemente parecem não o favorecer? Consideremos por exemplo, um ressurgir de fenómenos político-culturais alheios a fronteiras, como o terrorismo e a globalização desmedida em várias áreas apesar da crise económica. [Sendo que ...] recebeu reacções como as de autores como Jean-Louis Cohen, na Casabella em 1996, que defendiam um internacionalismo crítico, argumentando adequar-se melhor à realidade actual”.⁹⁷⁹

Nas palavras de Frampton: “Eu comecei a retirar-me da polémica do regionalismo crítico, quando os estudantes americanos continuavam a dizer-me, [...] em várias partes dos EUA, que não havia cultura regional na área [...]”.

974 Na língua original - “What a brick want to be?, an arch”.

975 Na língua original - “What the site want to be”.

976 Veja-se por exemplo textos, da autoria de Siza Vieira, como o da “Farmácia vitália”, etc.

977 Ibid.

978 Ibid.

979 Ibid.

Isto levou-me a deslocar o meu ponto de vista para a sugestão de que a arquitectura actualmente pode parcialmente estar baseada na poética da construção; daí o meu livro *Studies in tectonic culture*, em 1992. Contudo, eu continuo a não deixar cair que a tarefa primária é criar o espaço da aparência pública (apropriando-me da frase Arendtiana), mas isto pressupõe o desenvolvimento de uma sociedade verdadeiramente democrática; algo que torna cada vez mais difícil de sozinho aspirar e de alcançar, dado que o objectivo abstracto de maximização do lucro de corporações multinacionais, sem diferenciação geográficas. [...] ⁹⁸⁰ Isto leva-nos a Martin J.O. Connor - cuja questão retórica eu cito no princípio do último capítulo da quarta e última edição do meu *Modern architecture: a critical history - Is capitalism sustainable?*. [...] ⁹⁸¹ Entre outras coisas, é esta sóbria aporia que torna qualquer panorâmica dos últimos 30 anos [1977-2007] um desafio. Daí as minhas 6 categorias que, longe de serem satisfatórias, são uma tentativa de trazer à luz 6 tendências expressivas/ou preocupações ideológicas que parecem ter sido trazidas para a linha da frente, na arquitectura recente [...]. ⁹⁸² (Daí a minha antipatia pela tendência da espectacularidade da arquitectura dos renderings como se fosse puramente um exercício de Belas-artes - a la Frank Ghery e outros. Pois, apesar de haver uma dimensão escultural decisiva na arquitectura de Siza Vieira, as suas obras não são reduzidas ao estatuto de objectos estéticos independentes). Enquanto o culto das marcas testemunha a mercantilização da arquitectura torna-se cada vez mais claro que é extremamente difícil cultivar uma aproximação mais sensível e ética ao ambiente, quando é tão evidente a falta progressiva de uma base económica e política sobre a qual actuar." ⁹⁸³

Neste conspecto, fazer um pequeno desvio para muito breve referência aos interesses de outros protagonistas da Escola. Por exemplo, o antes mencionado Jacinto Rodrigues, que ingressou na Escola após 1974, e nos anos 80 e 90 ensinou "Teoria e história da arquitectura" (1986-2000), bem como nos anos 90 também "Estética" (1991-2000), e nos anos 2000 "Ecologia urbana" (2000-2009). Publicou vastamente, incluindo sobre a temática sócio-política ⁹⁸⁴, sobre arte (e.g. Bauhaus ou Joseph Beuyes) ⁹⁸⁵, arquitectura orgânica (e.g. Rudolf Steiner, etc), urbanismo social ou ecologia (e.g. padre Himalaia, etc) etc. Escreveu muitos artigos, incluindo aqueles que escreveu na *Arquitectura e vida* no início dos anos 2000, e posteriormente incluso na *Arq/a*. ⁹⁸⁶

Relativamente ao período em apreço interessa salientar os seus textos sobre o desenho de Siza em 1988 ⁹⁸⁷, o conceito artístico em 1988 ⁹⁸⁸, o pósmodernismo de resistência em 1989 ⁹⁸⁹, sobre diversos edifícios de Berlim em 1988 ⁹⁹⁰, o Chiado em 1990 ⁹⁹¹ ou a FAUP ⁹⁹² em 1988. Acrescem os livros "Obra e método" de Siza em 1992 ⁹⁹³ e "Projecto como obra integral na arquitectura de Álvaro Siza" em 1996 ⁹⁹⁴, e artigos sobre o período da sua integração universitária na Unidade de 1989. ⁹⁹⁵ Ou sobre a "Facultad de arquitectura do Porto" (1993) ⁹⁹⁶ e seus alegados problemas ou circunstâncias durante a construção de 1994-96. ⁹⁹⁷ (Neste conspecto se recordando especificamente títulos como "Arquitectura do Porto: obra de Álvaro Siza de novo ameaçada" ou "Faculdade de arquitectura do Porto: Desleixo e falta de verbas ameaçam obra de Siza Vieira").

980 Continua referindo: "Só temos de pensar na descarga ininterrupta de crude no golfo do México, para nos lembrarmos da impotência democrática dos governos democráticos contemporâneos".

Ibid.

981 Continua referindo "É claro que ele não acredita que o seja".

982 Ibid.

Continua referindo: "apesar das últimas duas, habitat e forma cívica, estarem mais na natureza e um conjunto de obrigações sócio programáticas, as quais se tornaram cada vez mais difíceis de preencher".

Ibid.

983 Continua referindo: "Como escreveu Siza Vieira numa resposta a uma mensagem minha de felicitações no final da década de 80 - "Sim eu tenho muitos projectos, mas não estou feliz. Como se pode estar feliz quando a Europa não tem nenhum projecto?"

Ibid.

984 Vd. Jacinto Rodrigues, *Urbanisme et revolution*, Paris: Ed.Universitaires, 1973.

985 Vd. Jacinto Rodrigues, *Le bauhaus et sa signification historique*, Paris: Hatier, 1975.

Jacinto Rodrigues, *A bauhaus e o ensino artístico*, Lisboa: Presença, 1989.

Jacinto Rodrigues, *Urbanismo e revolução*, Porto: Afrontamento, 1975.

Jacinto Rodrigues, *A arte e a arquitectura de Rudolf Steiner*, Porto: Civilização, 1990.

986 Salienta-se a entrevista dada in 2010.

Jacinto Rodrigues, "Perspectivas críticas: entrevista a Jacinto Rodrigues", in: Aavv, *Arq/a*, N.78-79, Lisboa, março-abril 2010.

987 Jacinto Rodrigues, "Esquços de viagem de Álvaro Siza", in: Aavv, *Jornal de notícias*, Porto, 21 Junho 1988.

988 Jacinto Rodrigues, "Teoria da metamorfose ciência-arte, na arquitectura de Álvaro Siza", in: Aavv, *Jornal de notícias*, Porto, 1 novembro 1988.

989 Jacinto Rodrigues, "Álvaro Siza: um pósmodernista da resistência", in: Aavv, *O Diário*, Porto, 1989.

990 Jacinto Rodrigues, "A renovação urbana cautelosa e o significado das intervenções de Álvaro Siza em Berlim", in: Aavv, *Jornal de notícias*, Lisboa, 1 março 1988.

991 Jacinto Rodrigues, "Álvaro Siza no Chiado: criação inspirada na história", in: Aavv, *Jornal de notícias*, Porto, 10 maio 1990.

992 Jacinto Rodrigues, "Siza Vieira e a beleza que nos circunda: a Faculdade de arquitectura do Porto", in: Aavv, *Jornal de notícias*, Lisboa, 25 outubro 1988.

993 Jacinto Rodrigues, *Álvaro Siza: obra e método*, Porto: Civilização, 1992.

994 Jacinto Rodrigues, *O projecto como processo integral na arquitectura de Álvaro Siza*, Porto: FAUP, 1996.

995 Jacinto Rodrigues, "Ponto de vista", in: Aavv, *Unidade*, N.2, Porto: AEFAUP.

996 Na revista *Obradoiro*.

997 Jacinto Rodrigues, "Arquitectura do Porto: obra de Álvaro Siza de novo ameaçada", in: Aavv, *Jornal de notícias*, Porto, 19 agosto 1994.

"Faculdade de arquitectura do Porto: Desleixo e falta de verbas ameaçam obra de Siza Vieira" (entrevista), in: Aavv, *Jornal de notícias*, Porto, 1996.

Ou ainda escrito sobre outro protagonistas da Escola do Porto como Viana de Lima⁹⁹⁸, Agostinho Ricca, Soutinho em 1988,⁹⁹⁹ ou Souto de Moura em 1988-89 e 1999).¹⁰⁰⁰

*

Acresce que, para além do tardocapitalismo ultraliberal, os últimos anos e década do século, viriam a ficar marcados por muitos outros fenómenos, que constituem um desafio à arquitectura portuguesa e escola, das TIC às promessas do turismo global, e posteriores crises económicas, pandémicas e bélicas.

De facto, em termos, sócio culturais, os anos 90 ficaram marcados pela instauração da informática e internet, a comunicação, etc.

Em termos arquitectónicos, internacionalmente verificou-se um indagar acerca da alegada dissolução de linguagens pós-desconstrução. Constatou-se então uma profusão das caixas mínimas do ultramodernismo¹⁰⁰¹ atacadas como incomunicantes, bem como a generalização de uma leveza transparente. Por outro lado, ainda a homogeneização do excesso visual ou/conceptual aportada pelos neovanguardistas como Rem Koolhaas. Também anúncio uma eminente Era do virtual. (A título meramente exemplificativo, atenda-se em 1991-94 à fundação Cartier de Jean Nouvel, ou ao inicial minimalismo suíço de Herzog & de Meuron).

Em certa medida, por oposição, a uma arquitectura de cariz fenomenológico, privilegiadora de uma apreensão multissensorial. Em continuidade com uma consciência existencialista e maior atenção ao lugar. Próxima de conceptualizações como a de um Juhani Pallasmaa, autor que em 1985 publicou "The geometry of feeling, a look at the phenomenology of architecture".¹⁰⁰² Neste sentido, atenda-se a autores como Peter Zumthor, Siza¹⁰⁰³, e Souto de Moura. Defensor de uma arquitectura da materialidade que atende ao lugar, em proximidade com o posicionamento teorizado por Kenneth Frampton. É certo que em Portugal existiu no final de século, uma oscilação entre o fascínio por Zumthor e por Koolhaas. Diagnosticando como que a busca de uma conjugação de todos os anteriores. A título meramente exemplificativo, atente-se às obras que viriam a ser desenvolvida por Eduardo Souto de Moura, desde a casa das Artes de 1981-91, até ao experimentalismo dos projectos actuais.

Já em termos sócio culturais, referimos já noutra ocasião, a ocorrência e constatação de um envelhecimento em Portugal, simultaneamente à ocorrência de melhoria das condições de saúde e educação, uma aposta em infraestruturas e equipamentos e uma aproximação ao contexto lá fora: "Nos anos 90 vive-se uma fase de prosperidade. Continua-se a abandonar os campos e trabalha-se, principalmente, na indústria e nos serviços. (Em 1990, o sector terciário já representava 47,6%¹⁰⁰⁴ e no fim da década atingiu 52,7%¹⁰⁰⁵, mais de metade da população). Promove-se a natalidade, porque desde a década de 1980 Portugal não assegura a renovação das gerações, assistindo-se ao envelhecimento da população. Os jovens têm nova posição na família, procura de identidade, e levando à reconstrução da sociedade. Verifica-se a melhoria global na vida, na saúde, na educação, no trabalho e no ambiente familiar, sustentado por políticas de apoio, mudança social e cultural".¹⁰⁰⁶

Já em termos arquitectónicos: "os anos 90 caracterizaram-se pela prosperidade económica, política e social, consolidando a modernização e internacionalização de um país vindo de uma revolução, em 1974. A arquitectura valorizando-se a nível nacional e internacional, tem então grande impacto nos media. Constatou-se uma grande aposta em infraestruturas, em equipamentos, em grandes obras públicas no âmbito da saúde, do ensino, da cultura, entre outros, focando-se, principalmente, em questões urbanísticas - equipamentos e espaços públicos. Experiências com abertura para o internacional, pensamento livre e artístico nas novas gerações de arquitectos e uma aproximação ao mundo, a nível público, desde o desenho de espaço público à produção de equipamentos".¹⁰⁰⁷

998 Jacinto Rodrigues, "Viana de Lima: um modernista que seguiu Le Corbusier" (entrevista), in: Aavv, Jornal de notícias, Porto, 13 novembro 1996. Jacinto Rodrigues, "Viana de Lima: o modernista sentido", in: Aavv, Expresso, Lisboa, outubro 1996.

999 Jacinto Rodrigues, "Alcino Soutinho: uma obra para a história da arquitectura", in: Aavv, Jornal de notícias, Porto, 5 fevereiro 1988.

1000 Jacinto Rodrigues, "Cadeia da relação do Porto: reconquista e metamorfose de uma imagem", in: Aavv, Jornal de notícias, Porto, 8 Março 1988.

Jacinto Rodrigues, "O centro cultural da SEC, no Porto, do arquitecto Souto Moura: o vernáculo tornado neomoderno", in: Aavv, Jornal de notícias, Porto, 7 fevereiro 1989.

Jacinto Rodrigues, "A consagração de Souto Moura: esclarecimentos", in: Aavv, Jornal de notícias, Porto, 24 janeiro 1999.

1001 Hans Ibelings, Supermodernismo: Arquitectura en a era de la globalización, Barcelona Gustavo Gii, 1998.

1002 Juhani Pallasmaa, The geometry of feeling, a look at the phenomenology of architecture", 1985.

1003 Autor e.g. em 1990-96 das temas de Vals, em 1997-2000 do museu Kolumba e em 1998-2007 da capela de Bruder klaus.

1004 Pordata. Tabela percentual sobre população empregada: total e por grandes sectores de actividade. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+consulta/Tabela/5819990>.

1005 Ibid.

1006 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, "A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI", in: Aavv, Artcapital, Lisboa, Junho 2021, s.p.

1007 Gonçalo Furtado e Alexandra Paulo, "A arquitectura portuguesa: O trajecto do século XX e desafios do século XXI", in: Aavv, Artcapital, Lisboa, Junho 2021, s.p.

Relativamente aos anos 1980-2000s, período que designamos por de “abertura”, interessa salientar a urbanização, profusão de equipamentos, e internacionalização da cultura urbana, bem como a emergência de uma nova geração profissional. Repetindo o já referido noutra ocasião: “Como alude o autor de livro Rescrever o pósmoderno, a viragem para o século XXI constituiu um período complexo de transformação sócio cultural. Contexto de modernização e urbanização, com vastos programas e equipamentos realizados: instalações universitárias nas principais cidades, novos pólos de cultura urbana, (como o Centro cultural de Belém, 1991), e um contexto de crescente internacionalização da cultura urbana arquitectónica; Sendo período em que se salienta alguns arquitectos como: Tomás Taveira, Eduardo Souto Moura¹⁰⁰⁸, bem como Pancho Guedes, Manuel Vicente e Siza Vieira; sendo estes últimos casos provenientes de gerações anteriores, destacando-se a sua linguagem no panorama arquitectónico nacional e internacional.¹⁰⁰⁹ Neste contexto, é indispensável salientar a consagração de autores além fronteiras, como Siza Vieira, Souto de Moura, Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne. Mas também salientar a renovação para a emergência de uma geração subsequente, caracterizada por uma frescura e explícita qualificação projectual, em autores como Manuel e Francisco Aires Mateus, Adalberto Dias, João Mendes Ribeiro, entre muitos outros, com personalidade própria, que se estenderá à contemporaneidade. Destaque-se a abertura social à discussão, (e mais ainda do que já acontecera em décadas passadas devido a iniciativas como o SAAL ou CRUARB) sobre temáticas de arquitectura, bem como quanto à produção e manutenção da cidade. Um passo importante para a produção arquitectónica, no quadro democrático, bem como na participação e desenvolvimento da cidade portuguesa¹⁰¹⁰.”¹⁰¹¹ Progrediu a era de uma visibilidade internacional da arquitectura portuguesa, como descrito em série de artigos coautorados com Cristina Silva.¹⁰¹²

*

Em termos arquitectónicos, em 1991 foi desenvolvida a exposição “Anos 60/anos 80” em Serralves (com publicação organizada por Nuno Portas e Manuel Mendes); e Álvaro Siza Vieira obteve o Prémio Pritzker em 1992. No final dos anos 1990s, recorde-se que circulou uma exposição sobre a geração dos anos 90¹⁰¹³, por vários locais do país.

Na passagem dos anos 80 para os 90, a arquitectura portuguesa acabou internacionalmente reconhecida como arquitectura qualificada, com Siza Vieira à cabeça e expoente máximo da Escola do Porto. De facto. Siza continuou a ser alvo de múltiplas homenagens, como já referido em 1990 com a exposição no Pompidou¹⁰¹⁴, em 1992 a atribuição do prémio “Pritzker”, da fundação Hyatt, sobretudo pelo seu desenho de renovação do Chiado. A distinção continuou, ao longo de toda a década, o que incluiu em 1993 o “prémio nacional de arquitectura”, em 1996 o “prémio Secil”, em 1998 o “prémio Príncipe de Gales da Universidade de Harvard” e 1998 o “prémio Imperial” do Japão.

Siza Vieira teria alguns projectos concretizados em Portugal, como o museu de arte contemporânea de Serralves e, em Lisboa, o pavilhão de Portugal para a Expo 98.

Em termos sócio culturais, recordar que nacionalmente, por volta de 1991 Portugal desempenhou a presidência da CEE¹⁰¹⁵, em 1994 Lisboa foi capital europeia da cultura, e em 1998 ocorreu a 1ª Exposição internacional em Portugal, a Expo 98. Já o Porto, não ficando para trás, preparou-se para ser futuramente “Capital europeia” em 2001.

Em termos urbanos, o Porto teve PDM desenhado por Duarte Castel-Branco¹⁰¹⁶ no Gabinete de planeamento urbano.¹⁰¹⁷ O PDM de 1993 tem por base um plano anterior.¹⁰¹⁸ (Seria revisto em 2005, numa sequência que nos é descrita no website da entidade municipal. Conteve referência à VCI, assegura uma articulação com os municípios envolventes em termos de infraestrutura, saneamento e equipamentos regionais, e definiu 19 “unidades” para PMOTs (planos de urbanização e de pormenor), incluindo ainda regulamento.

1008 Eduardo Souto de Moura (n.1952).

1009 Jorge Figueira, “Rescrever o pósmoderno”, Porto: Dafne, 2011, p.67.

1010 Jorge Figueira, “Rescrever o pósmoderno”, Porto: Dafne, 2011, p.38-39.

1011 Gonçalo Furtado e Ricardo Martins, “A arquitectura em Portugal (1920-2020): Uma sequência das gerações em prole do exercício do ofício”, Porto, 2021, s.p. (policopiado).

1012 Elencados na revista “Ma”.

1013 Gonçalo Furtado, “Sobre exposição [...] geração 90s”, in: Aavv, Arq/a, Lisboa.

1014 Vd. contributo e.g. de Alves Costa: Alexandre Alves Costa e Álvaro Siza Vieira (concep.), Paris: Centre Georges Pompidou, 1990.

1015 Coincidindo com o empreendimento do Centro cultural de Belém por Vitorio Gregotti.

1016 Duarte Castel Branco (1927-2015).

1017 Os PMOTs são instrumentos regulamentares vinculativos de público e privado o PDM consiste num instrumento de gestão territorial.

1018 DL 69/90, de 2 março 1990 (concernente ao regime jurídico dos PMOTs).

Múltiplas obras/projectos portuenses relevaram como¹⁰¹⁹ a Faculdade de Letras da Universidade do Porto por Nuno Tasso de Sousa, em 1990-93 a Associação dos arquitectos portugueses por Helena Rente com José Carlos Portugal e Tiago Falcão, em 1991-99 a Biblioteca infantil por Paula Santos, em 1993-2000 a requalificação da Vela do anjo por António Barbosa com Pedro Guimarães, em 1993-95 o Instituto de comunicações de Portugal por João Álvaro Rocha com José Gigante, em 1993-96 o Atelier para artistas por Virgínio Moutinho, em 1994 o café do Cais por Cristina Guedes e Vieira de Campos, em 1995-96 a bolsa de Valores por Alcino Soutinho. Em 1991 a ponte de São João, em 1993 o parque da Cidade, em 1993 o lavadouro de São Nicolau, em 1994 o mercado do Bolhão, em 1995 a ponte do Freixo, em 1997 o Ateliers da Lada, em 1988-1994 a Faculdade de engenharia da Universidade do Porto por Pedro Ramalho, em 1994-2001 a biblioteca Almeida Garret por José Manuel Soares. o pavilhão na Expo 98 por Rui Ramos com Paula Santos, ou a por vezes atacada Faculdade de Medicina dentária por Domingos Tavares.

Da autoria de Fernando Távora, múltiplas obras/projectos relevam como em 1987-93 o já antes mencionado convento de Refóios de Lima, bem como em 1994-99 a ampliação da Assembleia da república (com Siza Vieira), em 1995-2003 a casa dos 24, e em 1995-2003 a adaptação do palácio do Freixo, e em 1993-2000 a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

E da autoria de Álvaro Siza Vieira relevam também múltiplas obras/projectos, como em 1987-94 a Faculdade de arquitectura da Universidade do Porto¹⁰²⁰, em 1988/89-2006 a recuperação do Chiado (datando o Plano de recuperação da zona sinistrada de 1990), em 1988-93 o Centro galego de arte contemporânea, em 1990-97 a Igreja do Marco de Canaveses, em 1994-1998 o pavilhão de Portugal na Expo 98, em 1996-1999 o Museu de Serralves, e o Depósito de água e a Biblioteca da Universidade de Aveiro.

Da autoria de Eduardo Souto de Moura relevam obras/projectos de habitações ou equipamento, como em 1991 a casa das Artes, em 1990 a casa do Baião, em 1991 a casa de Modelo, em 1994 a casa em Cascais, em 1996 a casa na rua de Castro, em 1992/1993-94 a recuperação do Alfândega (com Humberto Vieira), a cadeia da Relação e, em 1994 a casa da Serra da arrábida.

Em termos associativos, em 1992 ocorreu o VI congresso da Associação dos arquitectos portugueses (AAP). Dizer que a predita AAP operou até 1996, e em 1996/98? Obteve-se um estatuto de Ordem dos arquitectos, compondo-se então de 8121 arquitectos inscritos.¹⁰²¹

Acresce em 1996 o surgimento da publicação "Arquitectos". (De resto, em termos de publicações nos anos 80/90 relevaram publicações como: o Jornal dos arquitectos após 1981, a revista Arquitectos após 1988, o Boletim dos arquitectos após 1993 e a Architécti entre 1989-2004). Acresce destacar-se o relevo de livros como o "Architectures à Porto", ou o "Portogallo, architettura, gli ultimi vent'anni de 1991¹⁰²². E ainda o surgimento das publicações de arquitectura portuguesa pela editora Blau (por exemplo a monografia "Fernando Távora", etc)¹⁰²³, ou a exposição retrospectiva dedicada a Távora no CCB.¹⁰²⁴

Já em termos de ensino, a década consistiu num período marcado pelo aumento de arquitectos formados pelo ensino privado. E o aumento de associados suscitou o requisito de estágio.

Em termos de ensino e memória pessoal, recordo-me do ambiente espacial único da Quinta da póvoa. Ingressei em 1993 e o nosso tempo era passado entre aulas,¹⁰²⁵ e o bar, a biblioteca e a secretaria na casa cor-de-rosa. Recordo-me que TGOE passaria a ser regida por Álvaro Siza Vieira, com o apoio de Beatriz Madureira. Realizávamos anualmente viagens de estudo¹⁰²⁶, por exemplo em 1994/95 à Corunha, em 1995 a Barcelona, em 1996 à Holanda, etc. Com apoio da AEFAUP editámos a revista Unidade 5 em 1996?¹⁰²⁷ Por volta de 1997?, a AEFAUP começou a promover concurso para a barraca da Queima. Em 1998/99? disponibilizaram-se bolsas de estágio "Prodep", bem como prémio denominado Florêncio de Carvalho destinado a distinguir o licenciado melhor classificado em arquitectura na UP. Em 1998 retomou-se a realização de provas finais, as quais penso nesse ano ainda poderem assumir a forma de relatório de estágio. Em 1999, experimentou-se a introdução do apoio de 2 monitores em

1019 Alguns escritos sobre equipamentos portuenses foram empreendidos em coautoria com Ricardo Martins, vd. e.g. Ricardo Martins e Gonçalo Furtado, "Equipamentos portuenses, 1990s (programas)", Porto, s.p.

1020 Vd. Álvaro Siza Vieira, "Une question de mesure", p.111.

1021 DL 176/98, de 3 julho 1998.

1022 Nuno Portas e Manuel Mendes (eds.), Portogallo, architettura, gli ultimi vent'anni, Milão: Electa, 1991.

1023 Luiz Trigueiros (ed.), Fernando Távora, Lisboa: Blau, 1993.

1024 Fernando Távora, Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo: a lição das constantes, Porto: FAUP, 1993 (1ª edição).

1025 Em 1994 frequentei com Jos Bosman o IAS (Institute for advanced architectural studies) em Veneza em que se realizou projecto na Giudecca nas proximidades do proposto por Álvaro Siza Vieira.

1026 Em 1994/1995, fui visitar a casa de Ofir, realizando depois texto para MLAC do 2º ano.

1027 Recordo e.g. as risotas com Skip Arnold.



disciplinas de projecto em alguns dos anos curriculares¹⁰²⁸. Acresceu a realização de eventos/colóquios, como a título meramente exemplificativo, em 2000/1 o “Arquitectura prótese do corpo”. O Centro/arquivo engordava com o ingresso de arquivos, como a título meramente exemplificativo o de Isaías Cardoso em 1999/2000.¹⁰²⁹

*

Já em termos de ensino, tratou-se do período de iminente massificação.

A escola do Porto teve na primeira metade da década (1988-1994) presidência de Alves Costa, e depois Manuel Correia Fernandes.

Em termos de planos de estudos ocorreram as alterações 0/90 e, depois a, 0/98?. No que tange a 1991/92, foi incluído estágio profissionalizante no 5º ano, dedicando-se o 6º ano ao enfoque urbano; mais tendo sido incluídas disciplinas opcionais, como o desenho assistido por computador CAAD.¹⁰³⁰

Por volta de 1992, ocorreu a edição de umas “Páginas brancas” pela AEFAUP, com coordenação do aluno Jaime Eusébio.¹⁰³¹ Assim, muito contribuindo a AEFAUP para a divulgação do corpo docente.

Em 1993 ocorreu a edição do terceiro número da revista Unidade. E por volta de 1993/94 a edição do quarto número da Unidade 4, procurando centrar o debate da escola em torno do per si aglutinador desenho. Posteriormente, por volta de 1995/96, um manifesto da Unidade N.5 circulou, assinado por mim com André Tavares. Sendo que, no final da década, um sexto número 6 foi editado por André Tavares e outros.

Foi por volta dessa altura, nos anos 90¹⁰³², que Távora proferiu as suas últimas aulas magistrais¹⁰³³(1993). Desenhos realizados foram publicados em 1993 com o explícito título “Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo: a lição das constantes”, compreendendo 60 páginas de 16×12,5 cm.

Em 1993 teve conclusão a construção do edifício da FAUP (1985-93)¹⁰³⁴, prosseguindo a 3ª fase dos arranjos exteriores. A obra tornou-se obra de referência internacional. Em 1999, por exemplo Alves Costa contribui para a sua promoção, publicando a “Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto” no catálogo da V Mostra internazionale di architettura.¹⁰³⁵ O edifício projectado expressa o propósito pedagógico de uma escola de atelier e não de massas. Se em 1991/92¹⁰³⁶ se incluía estágio profissionalizante no 5º ano, um enfoque urbano no 6ºano, e disciplinas opcionais como CAAD. Em 1994, ocorreu uma adaptação do plano estudos de licenciatura, que inclui estágio de 6 meses bem como prova final.¹⁰³⁷ Em 1995 ocorreram ainda umas “Jornadas pedagógicas, como já aludido, ao longo deste período constatou-se tanto o aumento de cursos privados como de profissionais, reclamando-se o associativismo a obrigatoriedade de um “estágio” profissional.¹⁰³⁸

Acresce cumprir dizer que entre 1990-97, o “Centro de estudos” da FAUP foi dirigido por Sérgio Fernandez, que tinha sido vice-director da escola até 1994.¹⁰³⁹ Já relativamente à direcção da escola, em 1990-91, Alexandre Alves Costa, integrou concurso para professor associado da FAUP.¹⁰⁴⁰ Como já referido, este continuou então a dialogar com os alunos, contribuindo por exemplo também para um terceiro número da revista Unidade em 1993, desta com o texto sobre o ensino da arquitectura intitulado “Sem ordem nem coerência” (1993).¹⁰⁴¹

Em 1994, Alves Costa apresentou provas de agregação, sendo que a aula teve lugar em Novembro de 1994¹⁰⁴² - com o título “Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa”.

1028 Em termos de experiência pessoal de monitor, tal ocorreu em “Projecto I”, que foi regida por Ricardo Figueiredo em 1999.

A título de mera curiosidade, partilho ainda a memória pessoal de pessoalmente se ter empreendido colaborações com os Arquitectos da beira lda - Carlos Figueiredo, António Bandeirinha e João Mendes Ribeiro (1995, 1998/99), João Francisco e associados (1996), Álvaro Leite Siza Vieira (1997), João Luís Carrilho da Graça (1998), Francisco Providência (1997/98).

1029 Recordo que um dos primeiros textos que jorneis a defender uma obra moderna dos anos 50 de arquitecto da Escola no Porto (1999-2000?).

1030 Aavv, Guia, Porto: FAUP, 1992-93, p.104-105.

1031 Jaime Eusébio (coord.), Páginas brancas, Porto: AEFAUP, 1992.

1032 Aavv, Guia 1992, Porto: FAUP, p.104-5.

1033 Fernando Távora, Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo: a lição das constantes, Porto: FAUP, 1993.

1034 Álvaro Siza Vieira. O edifício da Faculdade de arquitectura da universidade do Porto: percursos do projeto, Porto: FAUP, 2003.

1035 Alexandre Alves Costa, Faculdade de arquitectura da Universidade do Porto, in: Aavv, 5ª Mostra internazionale di architettura (catálogo), Milão: Electa, 1991.

1036 Guia do estudantes, Porto: FAUP, 1992-93, p.104-5.

1037 DR 224 (2ª série), de 27 setembro 1994.

1038 Aavv, Guia do estudante 1999-2000, Porto: FAUP, 1999.

1039 Álvaro Siza Vieira (Manuel Mendes coord.), O edifício da Faculdade de arquitectura da Universidade do Porto, Porto: Faupublicações, 2003.

1040 Explicitamente terminando o manuscrito com “5-Finalmente a História da arquitectura portuguesa”.

Vd. Alves Costa, Op cit, p.253-257.

1041 Este inclui referências patrimoniais: “Arquitectura como ensino superior nas belas artes: 1931”, “A modernização tecnocrática possível: 1957”, “Algumas agruras da liberdade com a aceitação institucional da experiência pedagógica: 1974”.

1042 Aula que tive o privilégio de assistir.

Alves Costa referiu-se a esta nos seguintes termos: “[...] gostava que esta lição fosse um momento de partilha, com outros da emoção de, entre ruínas, redescobrir o nosso país, seguindo alguns dos mesmos passos que o palmilhei de lés a lés, até ao norte de África, Angola ou Brazil, no momento em que Portugal se religa à Europa e quando, como no século XIX, alguns portugueses põem causa, a sua imagem de povo com vocação autónoma, tanto do ponto de vista político como cultural [...]”.¹⁰⁴³ Curiosamente, a aula fora estruturada por Alves Costa com base numa comunicação que apresentara, em coautoria com Fernando Távora, no “1º Congresso do património luso construído no mundo” de 1987.¹⁰⁴⁴ As provas de Alves Costa foram publicadas logo em 1995.

De facto, como já antes referido, a FAUP, publicou uma série de “Seis lições”, que incluiu provas¹⁰⁴⁵ de Alves Costa, Domingos Tavares, Manuel Correia Fernandes, Alberto Carneiro, Joaquim Vieira, e penso que pelo menos Pedro Ramalho.¹⁰⁴⁶

O livro de Alves Costa incluiu uma primeira parte que compreende um intróito sobre as “razões”¹⁰⁴⁷, a aula intitulada “introdução ao estudo da história [...]” em si¹⁰⁴⁸ e uma nota acerca da “bibliografia”.¹⁰⁴⁹ Já numa segunda parte, partilha três “Outros textos sobre Arquitectura portuguesa”. Isto é, para além da sua lição de Janeiro de 1980¹⁰⁵⁰; o texto coincidente com a inauguração do pavilhão Carlos Ramos em 1987¹⁰⁵¹, e um texto aglutinando reflexões escritas no inícios dos anos 90.¹⁰⁵²

*

Paralelamente, gostaria de fazer uma pausa para estacar – no que concerne ao período em apreço – outros protagonistas da escola.

Desde logo, verifica-se que entre 1994 e 1998 protagonizou na escola como novo director, Manuel Correia Fernandes. O próprio caracterizou-se depois como: “[...] sou do tempo do lápis e do papel de segundas vias. A progressiva sobreposição e a sucessiva depuração eram o processo”. “O desenho é um processo mental que até tem muito de físico, mas não se pode confundir com o exercício acrítico do jeito de mãos e ainda menos com trejeitos de imitação”.¹⁰⁵³ Permitimo-nos uma pausa para referência a este protagonista.

Manuel Correia Fernandes nasceu em 1941¹⁰⁵⁴, e licenciou-se pela ESBAP em 1966. Em 1969-71 foi arquitecto militar em Angola, tendo prática liberal desde cedo. Em 1999, estabeleceu a “Manuel Correia Fernandes, arquitecto e associados, lda” trabalhando, desde 2000, em associação com o seu filho.¹⁰⁵⁵ Em termos de prática, a sua competência é reconhecida por exemplo no domínio da habitação colectiva, etc. De facto, para além do conjunto habitacional do Aldoar (que inclui 3 corporativas entre 1979-1996, e que em 1987 foi “Prémio nacional de arquitectura” da AAP), foi distinguido com

1043 Alexandre Alves Costa, Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: Outros textos sobre arquitectura portuguesa, Porto: Faupublicação, 1987, p.contracapa.

1044 Tal é nos partilhado pelo autor em livro posterior de 2007: “veio (...) a reconstituir a estrutura da aula integrada nas provas de agregação “Introdução ao estudo da arquitectura portuguesa”, publicada pela FAUP em 1995”.

Vd. Alexandre Alves Costa, Textos datados, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007.

1045 A título de curiosidade, referir que penso não ter ocorrido em mesma altura a de Jacinto Rodrigues.

1046 Faça-se um aparte para referir que a partir de determinada data a “Faupublicações” foi dirigida editorialmente por Manuel Mendes.

1047 Vd. Alexandre Alves Costa, Op cit, p.15-19.

1048 Vd. Alexandre Alves Costa, Op cit, p.15-19.

1049 Vd. Alexandre Alves Costa, Op cit, p.15-19.

1050 Alexandra Alves Costa, “A problemática, a polémica e as propostas da casa portuguesa”, Porto, 1980 (aula).

1051 Alexandre Alves Costa, “À memória presente de mestre Carlos Ramos”, 1987.

1052 Alexandre Alves Costa, “Só fazemos bem torres de Belém”, (proveniente da colagem de textos realizados entre a exposição “Anos 60/anos 80” de Serralves de 1991 e o “VIº congresso da AAP” de 1992).

Vd. também: Manuel Mendes e Nuno Portas (org), Arquitectura portuguesa: anos sessenta, anos oitenta. Porto: Fundação de Serralves, 1991.

1053 Manuel Correia Fernandes (entrevistado por Rui Barreiros Duarte), “Intervenção e lugar: entrevista: Manuel Correia Fernandes”, in: Aavv, Arquitectura e vida, N.64, Lisboa, outubro 2005, p.61-71.

1054 Gonçalo Furtado, “Desenhar a Faup na transição do século, entre a escola de tendência e o apelo das massas: faz sentido ler a “ESBAP: arquitectura anos 60-70” de Manuel Correia Fernandes”, Porto: FAUP, 12 abril 2020 (policopiado disponível em Moodle).

1055 Desde já se sugerindo uma visita ao seu website.



outros prémios por conjuntos habitacionais.¹⁰⁵⁶ O seu trabalho foi publicado em vários locais.¹⁰⁵⁷ Conforme sintetizado em website da Universidade do Porto,¹⁰⁵⁸ Correia Fernandes foi ainda dirigente da Associação e da Ordem dos arquitectos portugueses, vereador da Câmara municipal do Porto, e integrou a sociedade Porto 2001 (até novembro de 1999) onde foi responsável pelo “Programa de revitalização e requalificação urbana da baixa do Porto”.

Em termos de ensino, desde 1972, Correia Fernandes lecionou na escola. Em 1980, publicou o livro “ESBAP: arquitectura anos 60-70”, reeditado pela FAUP em 1988¹⁰⁵⁹ e, em determinado momento, colaborou regularmente com o Jornal de notícias. Dirigi o mestrado em “Metodologias de intervenção no património arquitectónico”, em 2005 foi distinguido com o grau de Grande oficial da Ordem de instrução pública. Leccionou até reformar-se em 2009, como professor catedrático e, em 27 Maio 2010, proferiu última aula intitulada de “viagem” (2010).¹⁰⁶⁰ Nesta, “descreveu muitas das suas viagens e digressões por Portugal e pelo mundo que contribuíram decisivamente para a sua formação como arquitecto”.¹⁰⁶¹

*

Em 1996, mediante publicação na Unidade 5 de fotoreportagem, aludimos à embrionária realidade da explosão do ensino privado.¹⁰⁶²

Cumpr agora referir que tal coincidiu, por volta de 1996, com o asseguramento da geração de outro filho da escola do Porto, a instalação do curso público de arquitectura, desta na Universidade do Minho em Guimarães. (Tal comissão integrou Alves Costa entre outros). Tal assunto, é abordado com um reconhecimento do papel/modelo/matriz aportado pelo Porto, no doutoramento de Eduardo Fernandes de 2011.¹⁰⁶³

Também no mesmo ano de 1996, Francisco Barata - que no século XXI seria nomeado director, referiu-se à FAUP, que amava, nos seguintes termos: “a história da FAUP [...] é a de uma escola de Belas artes”, que sempre lutou por uma abertura consequente e efectiva à sociedade em que estava integrada. Talvez nos falte acima de tudo encontrar alternativas pedagógicas ao que foi ficando para trás, mais do que ir absorvendo o formulário comum da jovem Faculdade do Porto. Com certeza que o património comum sairá mais enriquecido por esta via de eventuais convergências de contributos diversificados, do que pela via cerimonial da homogeneização de procedimentos”.¹⁰⁶⁴

Na transição do século, a direcção da escola pré-bolonha, foi assegurada por Domingos Tavares entre 1998 e 2006, que teve incluso apoio de Nuno Portas, sendo que me recorde de uma reunião na casa cor de rosa que integrei como aluno. Num primeiro mandato, teve Rui Braz como vidirector, (depois um problema de saúde que disfarçou entre idas à fisioterapia), e depois António Madureira.

*

Interessa fazer uma pausa para referência ao predito Domingos Tavares, protagonista director da escola entre 1998 até 2006.¹⁰⁶⁵ Poderíamos denominar o período de - informalidade - consonante com a sua genuína generosa informalidade, inteligência e eloquência do protagonista e seu focos de interesse não elitista.

¹⁰⁵⁶ Tal inclui o prémio anual do “INH” 2000 (Cooperativa de habitação de Nova ramalde, a menção honrosa no prémio anual do “INH” de 2003 (conjunto habitacional do Ilhéu - PER), o prémio anual do “INH” de 2004 (conjunto habitacional de Telheiras), o 1º prémio aexecuo “Fernando Belaúnde Terry” (Bíenal ibero-americana de arquitectura no Perú) (pelo conjunto habitacional cooperativo de Aldoar).

¹⁰⁵⁷ Sugerindo-se e.g. recente publicação por Nuno Lacerda: Nuno Lacerda, Correia Fernandes: arquitectura e modos de habitar, Porto: CIAMh, 2012, p.104.

¹⁰⁵⁸ Universidade digital (Gestão de informação), 2010.

¹⁰⁵⁹ Manuel Correia Fernandes, ESBAP: arquitectura anos 60-70, Porto: FAUP, 1988.

¹⁰⁶⁰ Nesta aula a 27 de Maio de 2010, “descreveu muitas das suas viagens e digressões por portugal e pelo mundo, que contribuíram decisivamente para a sua formação como arquitecto”. (Vd. Universidade digital / Gestão de informação, 2010).

¹⁰⁶¹ Vd. Universidade digital/Gestao de informação, 2010.

¹⁰⁶² Gonçalo Furtado e João Soares, “Roteiro caseiro”, in: Aavv, Unidade, N.5, Porto: AEFAUP, 1996.

¹⁰⁶³ Eduardo Fernandes, A escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de escola, Guimarães: Universidade do minho, 2011 (policopiado).

¹⁰⁶⁴ Francisco Barata, Transformações e permanências na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade, Porto: Faupublicações, 1999.

¹⁰⁶⁵ Gonçalo Furtado, Domingos Tavares: a escola do Porto na transição para o século XXI, Porto, 4 abril 2020 (policopiado disponível no moodle),



Domingos Manuel Campelo Tavares (n.1939), nasceu em Ovar.

Em termos de prática profissional salientam-se obras como habitações em 1967-77 em Ovar, em 1977-82 o Lar de Santiago em Viana do Castelo, em 1989-92 o conjunto habitacional em Esmoriz, a biblioteca da escola de engenharia no Instituto politécnico de Coimbra, o lote habitacional que possui na rua do Breyner.¹⁰⁶⁶ Em 1997, coautoria e no âmbito do CEAU, projectou ainda a Faculdade de medicina dentária da Universidade do Porto.

Em termos de ensino, recorda-se que era dos que “vieram de fora para o Porto” estudar arquitectura, terminou o curso em 1973, e logo ingressou a convite de Fernando Távora “no meio das escadas, para dar umas aulas”.¹⁰⁶⁷

Se na Escola do Porto, sempre assumia centralidade a área denominada por arquitectura, que inclui projecto, teoria e história, ao longo da sua carreira leccionou em todas essas.¹⁰⁶⁸ Nos anos 70 e integrou-se arquitectónica e politicamente à escola e à cidade.¹⁰⁶⁹ Nos anos 80, integrou a comissão de integração universitária da FAUP, contribuiu ainda para a criação de outros filhos da Escola do Porto.¹⁰⁷⁰ No final dos anos 90, Domingos Tavares esteve envolvido na co-supervisão de bolsas Prodep na FAUP, e na Universidade aberta leccionou pelo menos num curso sobre “História da cidade do Porto” que tive o privilégio de frequentar.¹⁰⁷¹ Domingos Tavares focou-se entretanto no ensino da teoria e história, gerando um programa que constitui um legado da Escola do Porto, que hoje em grande medida José Miguel Rodrigues reproduz em parte.

Domingos Tavares permitia que a escola acolhesse o que as pessoas pretendessem desde que tal não requeresse sobrecarga de recursos. É recordado pelo seu perfil humano, inteligente e institucionalmente tão informal quanto sério.¹⁰⁷²

*

Penso que se terão lançado pacos concursos para jovens professor.¹⁰⁷³ Certo é que, com a transição para o século XX e sobretudo após a direcção de Francisco Barata por volta de 2014, se veio a tornar importante indagar acerca do rumo derradeiro da Escola do Porto, bem como ao seu papel apelando maior presença no território.

A minha última menção não poderá ir senão para e à memória de Manuel Mendes. Exemplo de empenhamento pedagógico e científico para a escola. De resto, nem sempre compreendido e devidamente reconhecido.

Tratou-se no entanto de protagonista cuja actuação muito marcou a FAUP no período que precede estes anos 80/90.

Mendes formou-se em arquitectura pela ESBAP em 1974, e posteriormente ingressou para leccionar desenho, acabando dedicando-se a matérias teóricas. Foi distinguido com um prémio nacional, e dedicou-se sobretudo em termos de teoria, a temas como a habitação, a arquitectura moderna portuguesa, à escola do Porto e a Fernando Távora.

Progressivamente desde os anos 90, e sobretudo entre meados dos anos 2000 e os 2010, Mendes foi quem adquiriu protagonismo intelectual na escola. A nosso ver pela sua interventividade e crítica, e pedagogia (impondo uma reflexão atenta).¹⁰⁷⁴ Mendes foi uma “consciência crítica” alheia a interesses outros, homogeneizadores e quiçá afuniladores. Com um amor genuíno pela “escola”, que também identificaríamos em Francisco Barata. Mas mais, se recorde ainda que desde 1993 Mendes dirigiu o serviço editorial da FAUP e, desde 1998, o “Centro de documentação”, plataforma que constituiria os verdadeiros repositórios de património e conhecimento desenvolvimento nos respectivos períodos.

¹⁰⁶⁶ E uma casa de banho que vez (sabendo que não devia) para uma senhora de idade algures.

¹⁰⁶⁷ Domingos Tavares, Conversa com o autor, Porto, 2020.

¹⁰⁶⁸ Por exemplo, Teoria do 3º ano em 1995-96, tendo ainda actuado como meu cosupervisor de estágio.

¹⁰⁶⁹ Participando numa das duas listas por altura das Bases gerais, numa das brigadas do SAAL do Porto centrais com Siza Vieira (1974-76), na comissão instaladora da FAUP (1979-1984) e subsequente comissão de acompanhamento do programa e projecto das instalações da faculdade (anos 80-90).

¹⁰⁷⁰ Os cursos públicos de arquitectura da Universidade de Coimbra e da Universidade do Minho.

¹⁰⁷¹ Domingos Tavares permitiu-me, na qualidade de co-supervisor de estágio (bolsa Prodep) abandonar o escritório de Carilho da Graça e estagiar nos Arquitectos da beira, para poder ser monitor na escola.

¹⁰⁷² Por exemplo, Fernando Lisboa, que por Domingos Tavares fora orientado em provas de licenciatura e doutoramento, (produzindo 2 documentos ímpares), tinha-lhe o maior respeito intelectual. De uma geração intermédia, também (contanto incluso como este o procurara quando fugira para o Egipto); Nuno Brandão, partilhou-me como ele marcara o seu percurso formativo e de orgulho de ter entrado para a escola para ser assistente do Domingos Tavares.

¹⁰⁷³ Por exemplo, por volta de 2000? ingressei na escola para leccionar projecto com Sérgio Fernandes e não teoria.

¹⁰⁷⁴ Reflecti então sobre construção de uma “postura arquitectónica pessoal” tendo Mendes como orientador.



Um exemplo pois a seguir, sobretudo nos tempos que correm de crise, em prole de uma maior abertura à investigação e presença no território (disciplinar e físico nacional). Atenta aos problemas da circunstância contemporânea e ao desejado futuro. Sendo que com estas palavras, terminarei este texto. Num momento em que entramos no novo século XXI, pautado por crise económicas, pandemias, conflitos bélicos. Porque pensar o futuro é dar conta das expectativas com que se nos depara o presente.



Instrumentos romanos (Museu de Conimbriga), Condeixa-anova, S.d



Instrumentos romanos (Museu de Conimbriga), Condeixa-anova, S.d.



Sé do Porto, Porto, séc. XII.



S.a., Tribunal da relação, Porto, 1607



John Carr, Hospital de Santo antónio, Porto, 1770



Mercado do Bolhão, Porto, 1854



Palácio da Bolsa, Porto, 1862



Palácio de cristal, Porto



Barry Parker, Praça da liberdade, Porto, 1915



Gustave Eiffel, Ponte Maria Pia, Porto, 1875-77



Gustave Eiffel, Ponte Maria Pia, Porto, 1875-77



Marques da Silva, Estação de São Bento, Porto, 1896



Raul Menier Ponsard, Elevador de Santa Justa, Lisboa, 1902



Nicola Bigaglia, Palácio Lima Mayer, Lisboa, 1899-1901



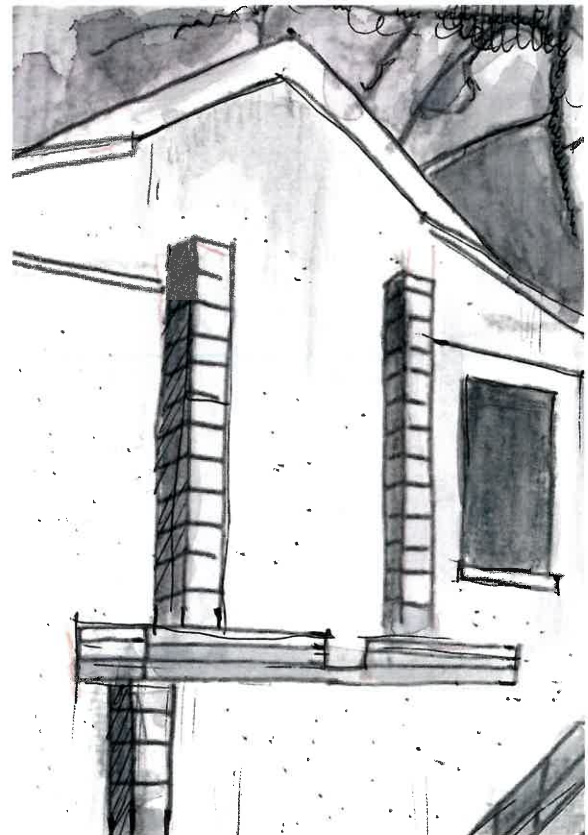
Rogério de Azevedo



Arménio Losa



Marques da Silva, Armazéns Nascimento, Porto, ca.1900-20s



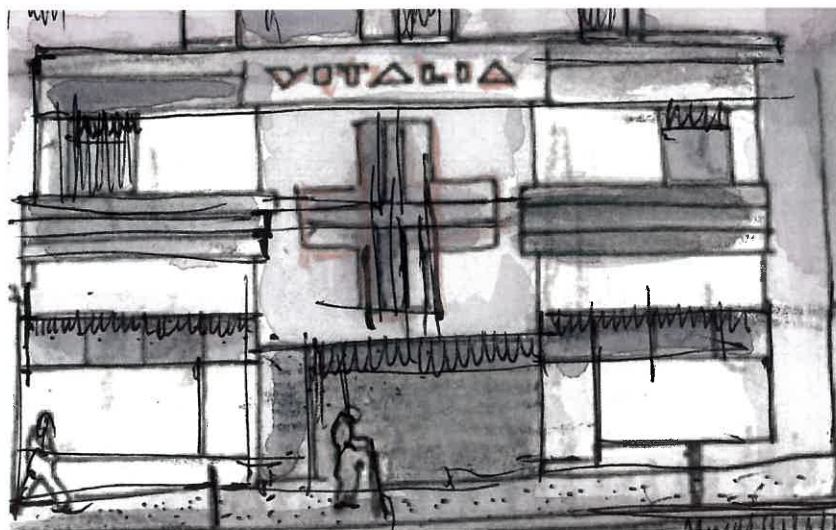
Cristino da Silva, Parque Mayer, Lisboa, 1926-31



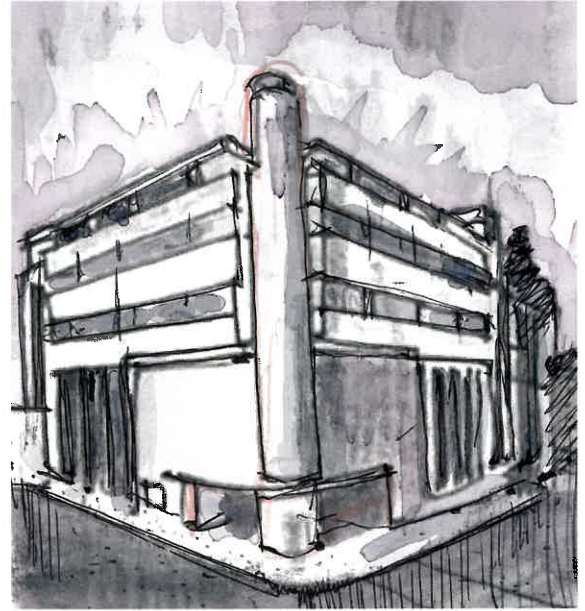
Januário Godinho



Francisco de Oliveira Ferreira, Clínica Heliântia, Valadares, 1930



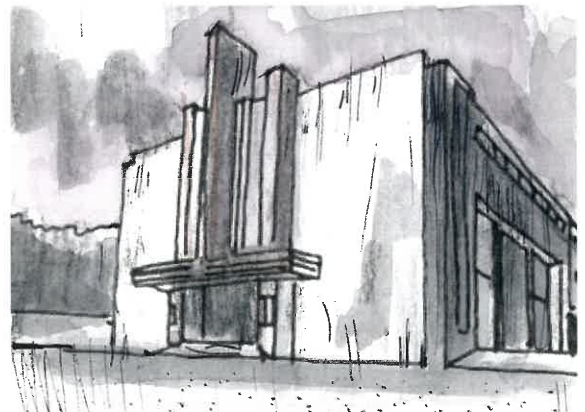
Manuel Marques, Farmácia Vitália, Porto, 1932



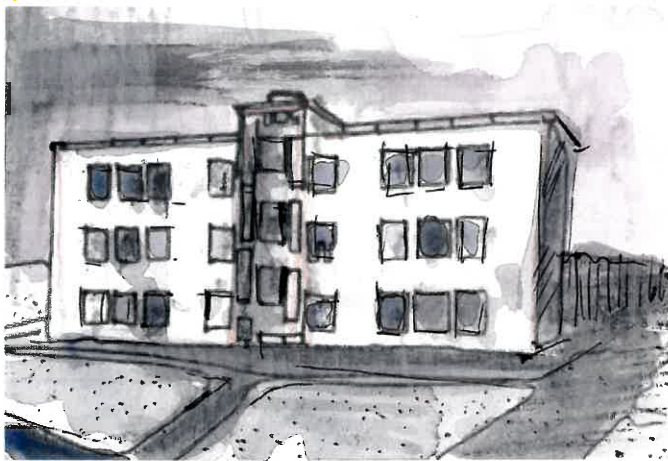
Rogério de Azevedo, Garagem do Comércio, Porto, 1929-32



Cassiano Branco, Hotel Vitória, Lisboa, 1934-36



Cristino da Silva, Cinema Capitólio, Lisboa, 1931



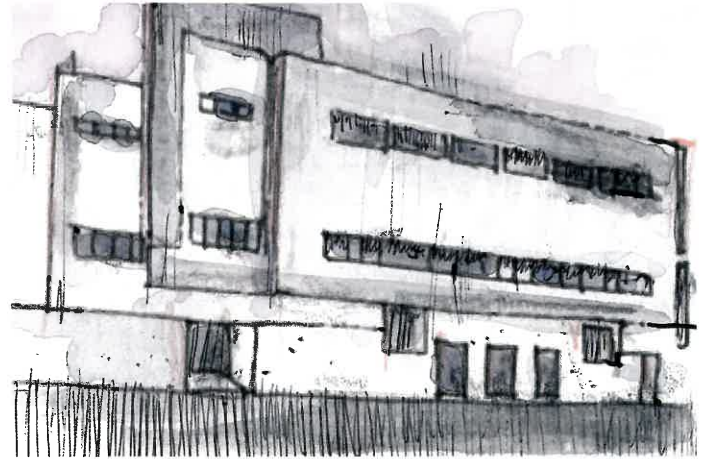
Carlos Ramos, Pavilhão de rádio, Lisboa, 1933



José Segurado, Casa da moeda, Lisboa, 1934-38



Cassiano Branco, Júlio de Brito e
Mário Abreu, Coliseu, Porto, 1939-41



Raul Lima, Teatro cinearte, Lisboa, 1938-40



Cristino da Silva, Liceu, Beja, 1935



Porfírio Pardal Monteiro, Sede do Diário de notícias,
Lisboa, 1939- 40



ODAM, Inauguração da 1.ª Exposição de grupo, Porto, 1951



1.º Congresso Nacional de arquitectura, Lisboa, Maio/Junho de 1948



Januário Godinho, Mercado, Ovar, ca.1940



Viana de Lima, Casa na Rua Onório de lima, Porto, 1940



Inácio Francisco Caldeira Cabral, Konrad Wisner e Miguel Jacobetty
Rosa, Estádio nacional do Jamor, Lisboa, 1944



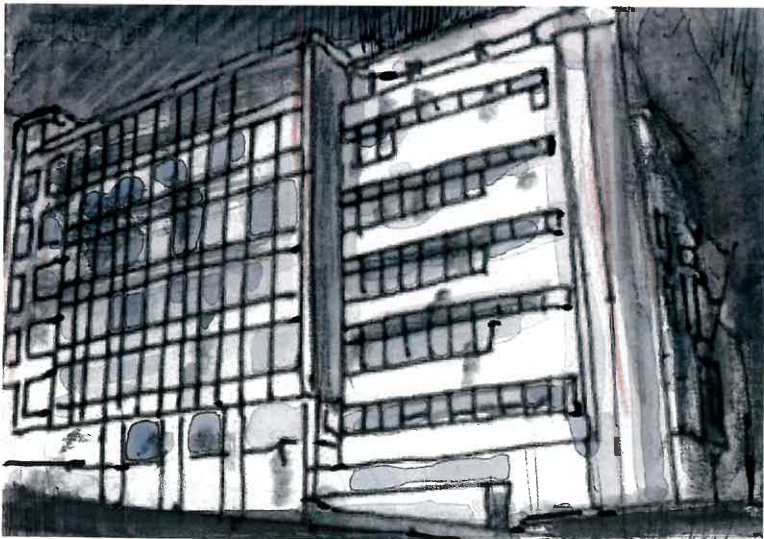
Celestino Castro, Casa na Rua Monte dos Burgos, Porto, 1948



Artur Andrade, Cinema Batalha, Porto, 1946



Arménio Losa, Bloco da Carvalhosa, Porto, 1945 -1949



Arménio Losa, Edifício da Rua de Ceuta, Porto, 1951-59



Arménio Losa, Edifício Dkl, Porto, ca.1947-50.



Agostinho Ricca, Edifício residencial, Porto, 1948



Cristino da Silva, Praça do Arieiro, Lisboa, 1949



Formosinho Sanchez e Ruy d'Athouguia, Bairro das estacas, Lisboa, 1949- 1955



Fernando Távora



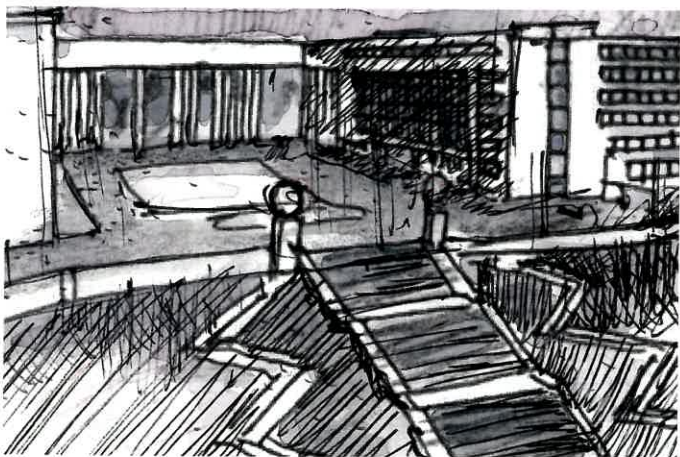
José Carlos Loureiro



Frank Lloyd Wright e Bruno Zevi,
Venezia, 1940-50s



Alvar Aalto



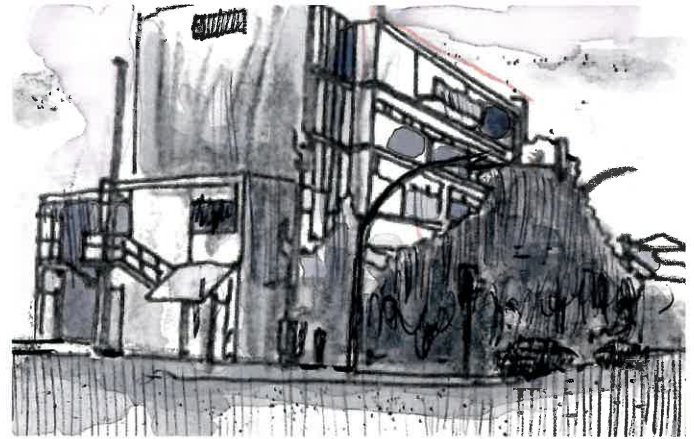
Cidade Universitária de Coimbra Escadaria monumental e Praça de D. Dinis (maquete)



Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Cabral,
Bloco águas livres, Lisboa, 1956



Mário Bonito, Edifício Ouro, Porto, 1954



José Carlos Loureiro, Edifício Parnaso, Porto, 1954



Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral,
Bloco das águas livres, Lisboa, 1953-55



Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira,
A. Pinto de Freitas, Habitação social - Olivais norte, Lisboa, 1959



Alberto Pessoa et al, Edifício na Avenida Infante santo, Lisboa, 1952-55



Bairro de Alvalade, Lisboa, 1950- 60s



Bloco de habitação, Portugal, 1950



Viana de Lima, Edifício habitação e comércio (Rua bom jardim formosa), Porto, 2008



Viana de Lima Casa do moinho / Casa das marinhas, Esposende, 1957



João Almeida de Carvalho, Sala das máquinas da Barragem, Portugal, 1955-1957



Inácio Peres Fernandes e Isaias Cardoso,
Piscina praia e Hotel, Figueira da Foz, 1950-54



Francisco Conceição Silva, Hotel do mar, Sesimbra, 1956-63



Keil do Amaral et al, Feira de Indústrias, Lisboa, 1952-59



Fernando Távora, Conjunto residencial de Ramalde, Porto, 1952-1960



Álvaro Siza Vieira, Casa de chá da Boa nova, Matosinhos, 1958-66



Jorge Ferreira Chaves, Pastelaria mexicana, Lisboa, 1959- 61



Nuno Portas ingressa na LNEC, Lisboa, 1962.



Porto, 1960s



Cassiano Branco, Portugal dos pequeninos, Coimbra, 1961



Fernando Távora, Pavilhão de ténis, Matosinhos, 1960



Álvaro Siza Vieira, Casa de chá da Boa nova, Leça da Palmeira, 1962



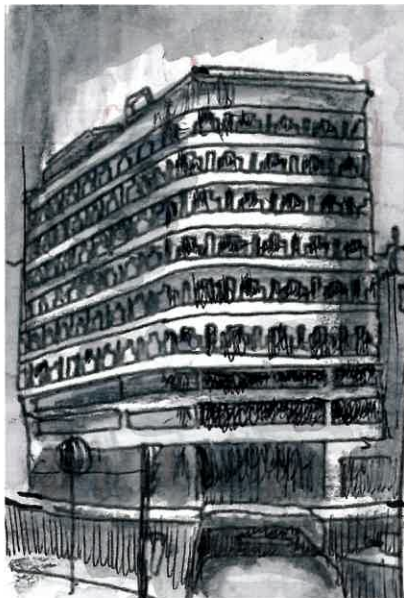
Álvaro Siza Vieira, Piscina, Leça da Palmeira, 1961-66



Manuel Tainha, Escola dos regentes agrícolas, Évora, 1960-65



Raul Chorão Ramalho, Conjunto urbano das Caixas de previdência, Funchal, 1960-69



Nuno Teotónio Pereira, João Maria Braula Reis, João José Malato e Romeu Pinto da Silva, Edifício Franjinhas, Lisboa, 1969



Conceição Silva, Hotel do mar, Sesimbra, 1963



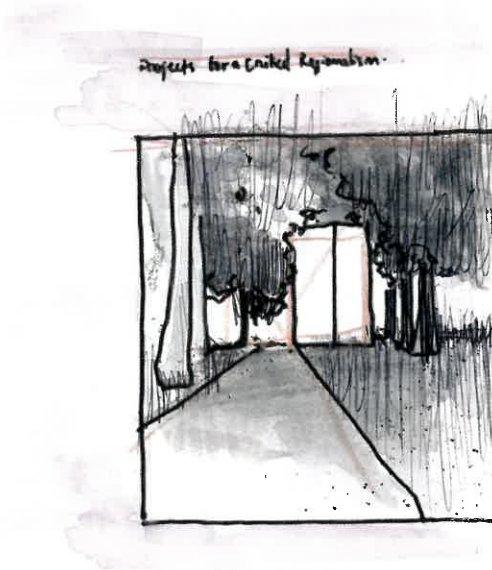
Octávio Lixa Filgueiras. Maio de 1968. (Alunos da cadeira de Arquitectura analítica da ESBAP, fazem levantamento exhaustivo)



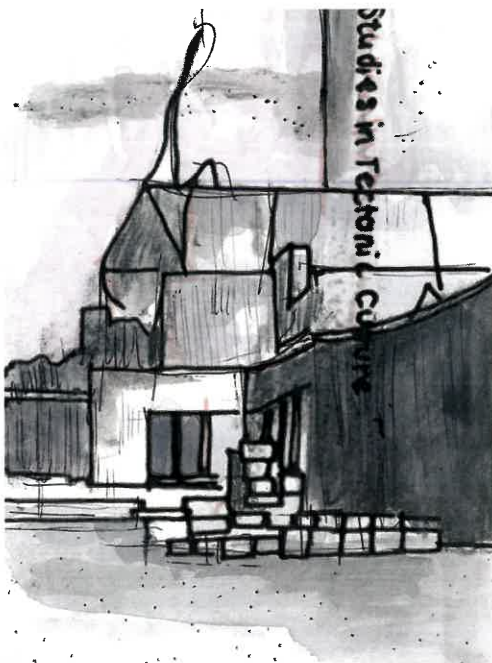
Nuno Portas (retrato), ca.1969



Álvaro Siza Vieira, Trabalho em casa, Matosinhos, 1960s



Kenneth Frampton, Prospects for critical regionalism, EUA



Kenneth Frampton, Studies in tectonic culture, EUA

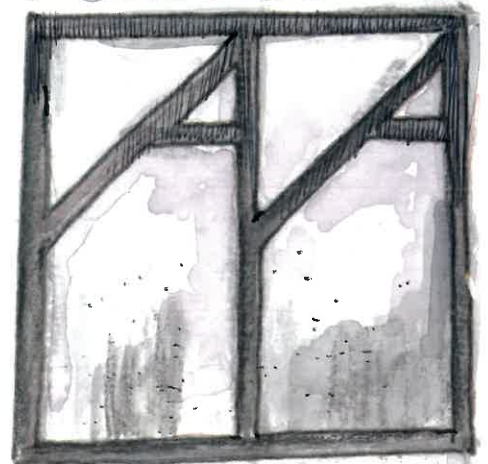


Revolução dos Cravos, Largo de Camões, Lisboa, 1974

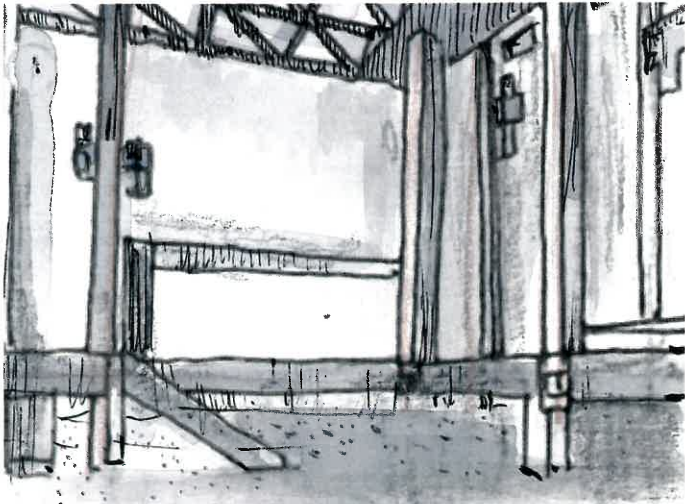


Álvaro Siza Vieira, Bouça, Porto, 1970s

**ASSOCIAÇÃO
ARQUITECTOS
PORTUGUESES**



Logotipo da Associação dos arquitectos portugueses, Lisboa, 1978-1996



Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, Igreja do Coração de Jesus, Lisboa, 1962-1970



Tomás Taveira, Lettering, In Arquitectura, N.º116, Lisboa, JulhoAgosto 1970, p.159



Apolo 70, Lisboa, 1971



1ª Exposição de Design Português,
Palácio da Bolsa, Porto, Novembro 1971



Vittorio Gregotti comparou a abordagem
de Siza Vieira à de Robert Venturi, 1972



Victor Figueiredo, Complexo residencial de Chelas, Lisboa, 1973



Raul Hestnes Ferreira, Entrevista, in Arquitectura, Nº127-28, Lisboa, Abr-Jun 1973, p.2.



Álvaro Siza Vieira, Casa Alcino Cardoso, Moledo



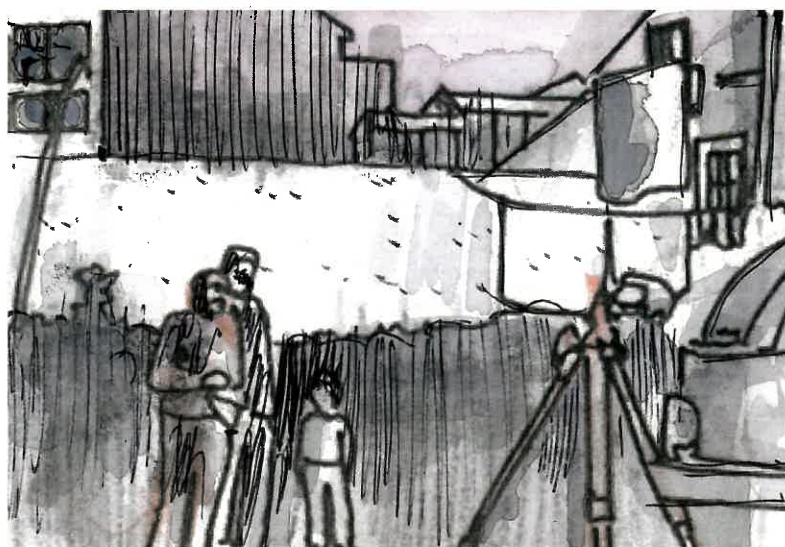
Álvaro Siza Vieira, Casa Alcino Cardoso, Moledo



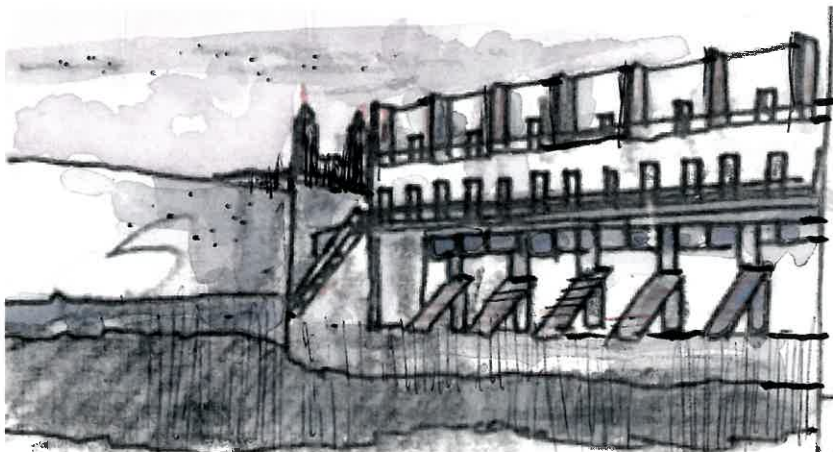
Álvaro Siza Vieira, Casa Alves Santos, Póvoa de varzim, 1970s



Posse do governo provisório do general António de Spínola, no palácio de Queluz, 1974



Álvaro Siza Vieira e Torres, (Trabalhos de levantamento do terreno para a construção da primeira fase, Sr.ª das Dores, em S. Victor), Porto, 1974



Álvaro Siza Vieira, Bairro da Bouça, Porto, 1979



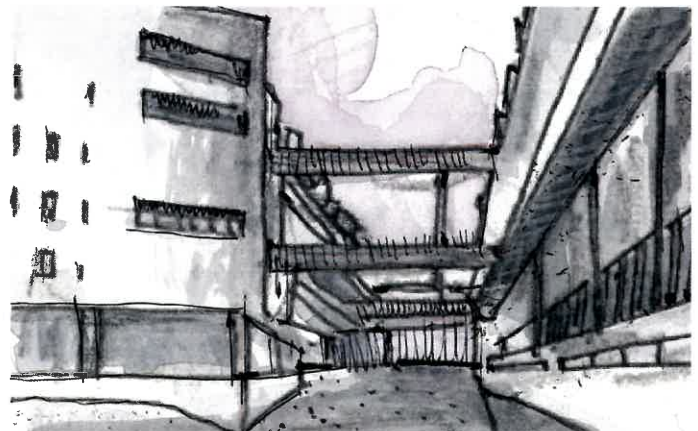
Álvaro Siza Vieira, Bairro da Bouça, Porto, 1970-2000s



Viana de Lima, Faculdade de economia, Porto, 1974



José Carlos Loureiro, Hotel D. Henrique, Porto, ca.1974



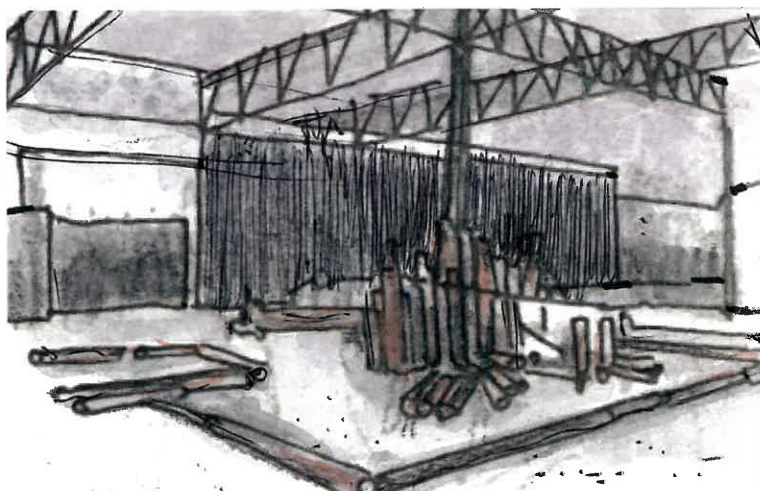
Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita, Pantera cor de rosa, Lisboa, 1975



Fernando e Mário, Proposta de organização, Porto



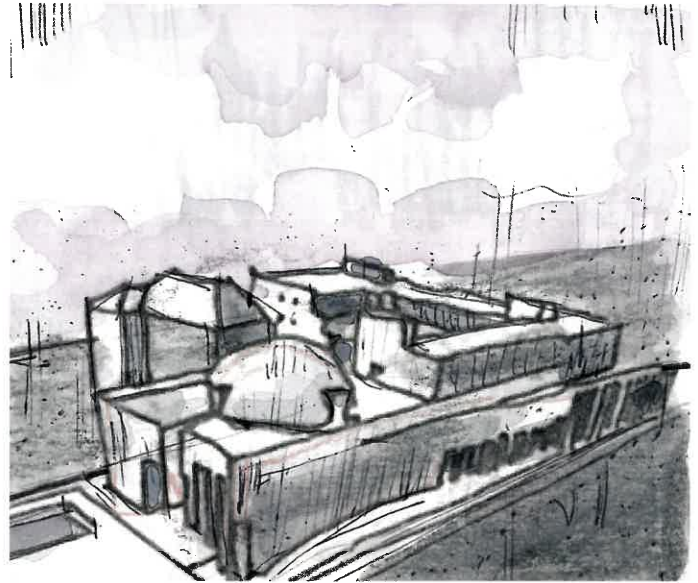
Exposição "Pioneiros da arte moderna portuguesa", 1960-80s



Exposição Alternativa zero, Lisboa, 1977



Performance do Living theater, love piece, na Rua de Alfama, Lisboa, 1977



Alcino Soutinho, Câmara Municipal, Matosinhos, ca.1980s



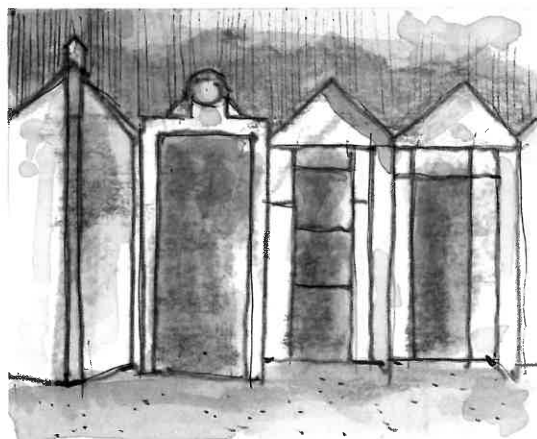
Kenneth Frampton



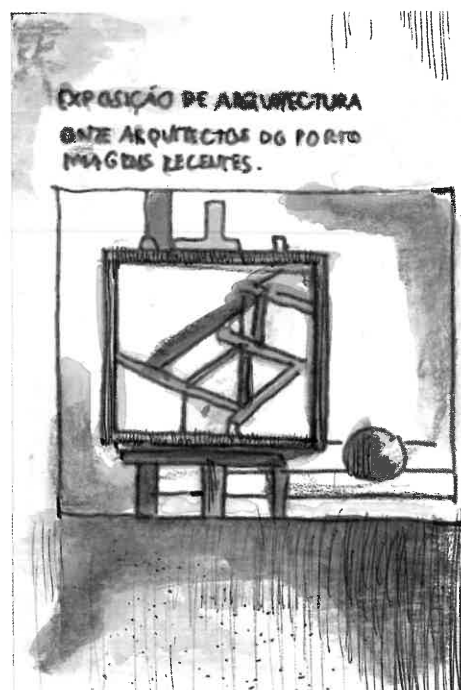
Kenneth Frampton



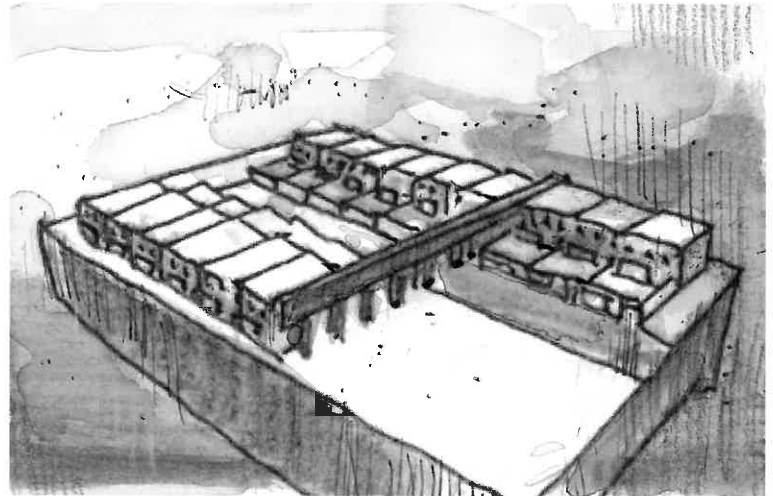
Exposição Depois do modernismo, Lisboa, 1983



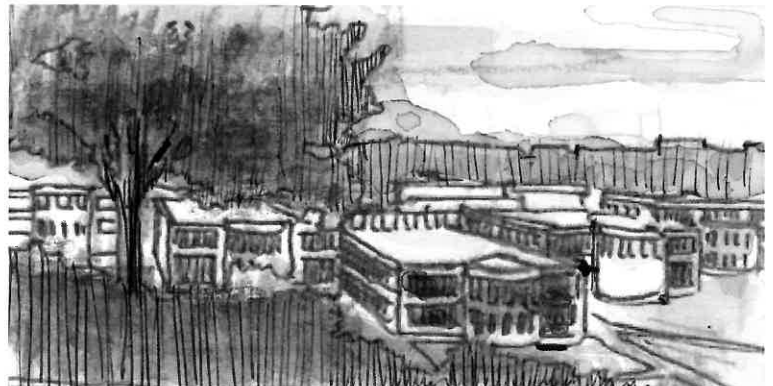
Exposição Depois do modernismo, Lisboa, 1983



Onze arquitectos do Porto, Exposição (6 a 16 Maio 1983 na Árvore no Porto + 15 a 30 Abril 1983 na SNBA), Lisboa



Álvaro Siza Vieira, Quinta da Malagueira (maquete), Évora, 1987



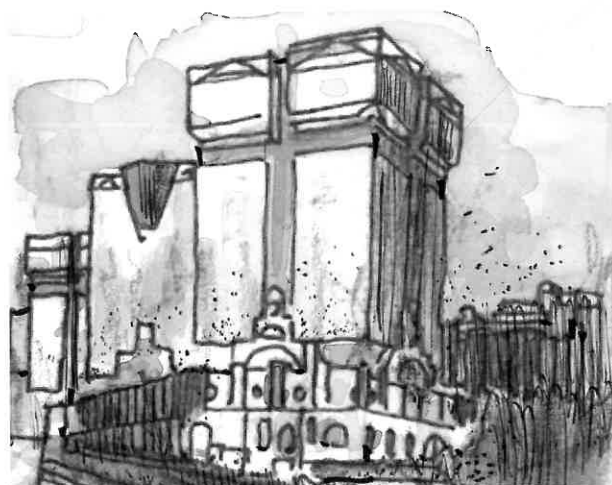
Raul Hestnes Ferreira, Escola secundária de Benfica, Lisboa, 1980



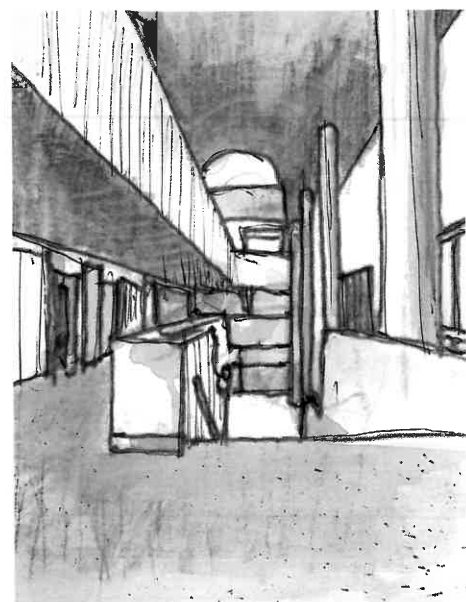
José Augusto França, Arquitectura do estado novo,
In Arquitectura, N.º142, Lisboa, Julho 1981, p.18- 19



José Daniel Santa-Rita e Manuel Vicente, Casa dos bicos, Lisboa, 1983



Tomás Taveira, Amoreiras, Lisboa, 1985



Alcino Soutinho, Câmara municipal, Matosinhos, 1987



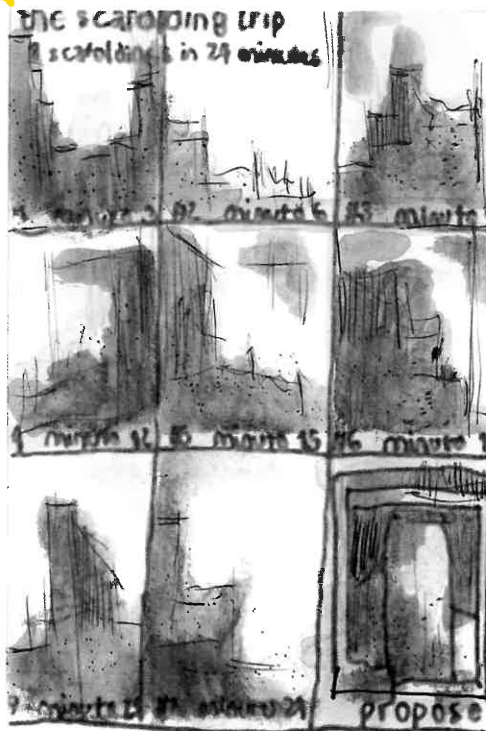
Eduardo Souto de Moura



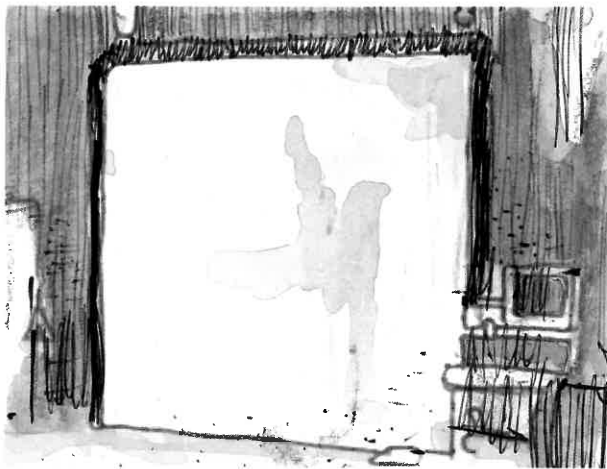
Álvaro Siza Vieira, Conjunto residencial, Haia, 1989



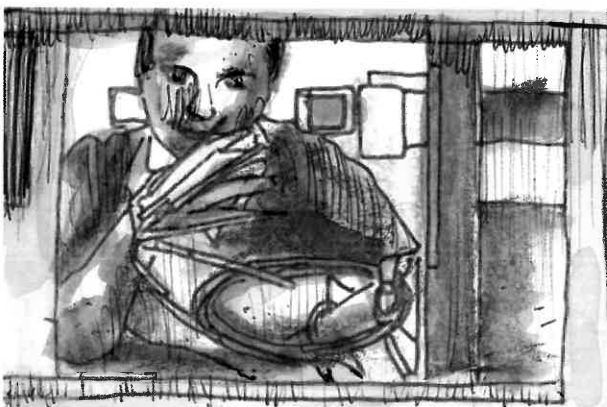
Manuel Graça Dias



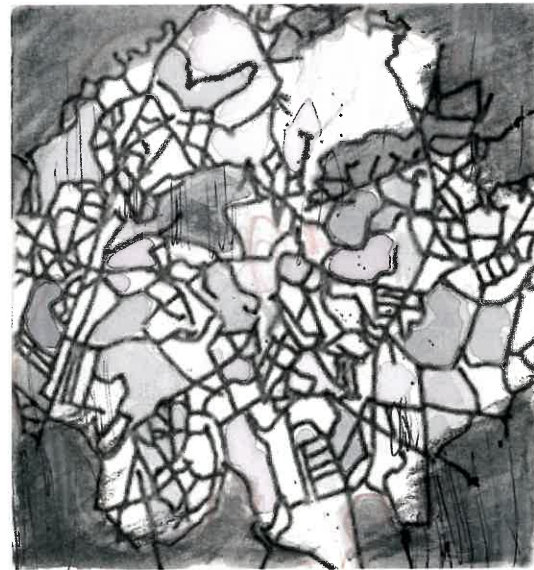
Gonçalo Furtado, The scaffolding trips, Barcelona, 1999



Telas de projeção, 1990- 2000s



Inputs (Data gloves) 1990- 2000s



Miguel Serra, Estudo configuracional do porto, Space-sintax, Londres, 2008



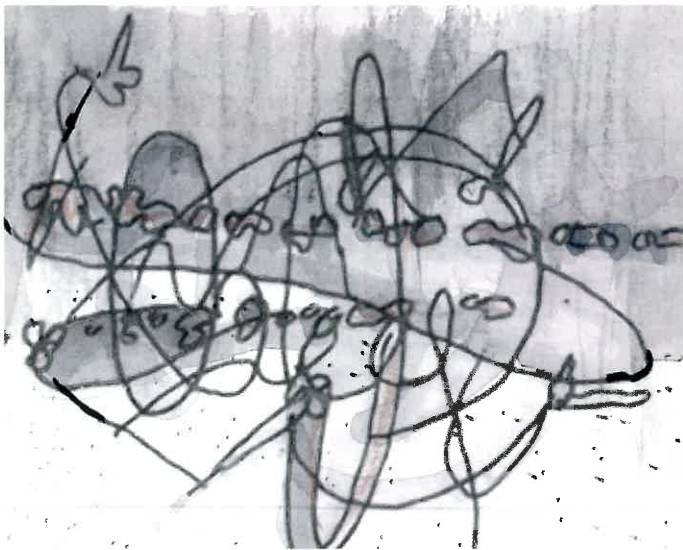
Retiro científico em Trancoso, 2003, (D. Pimenta, M. Novak, G. Furtado, Anastasi, etc)



Experimenta Design 2003



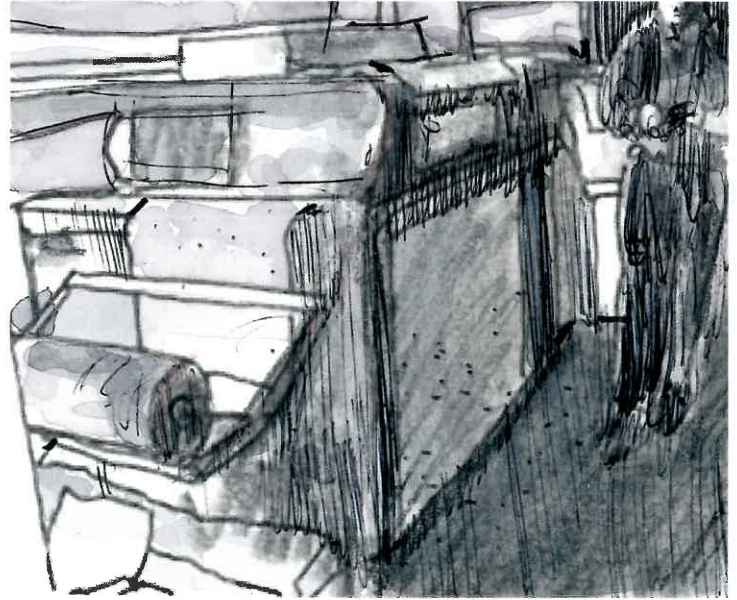
Gonçalo Furtado, Fecho do evento, 2003



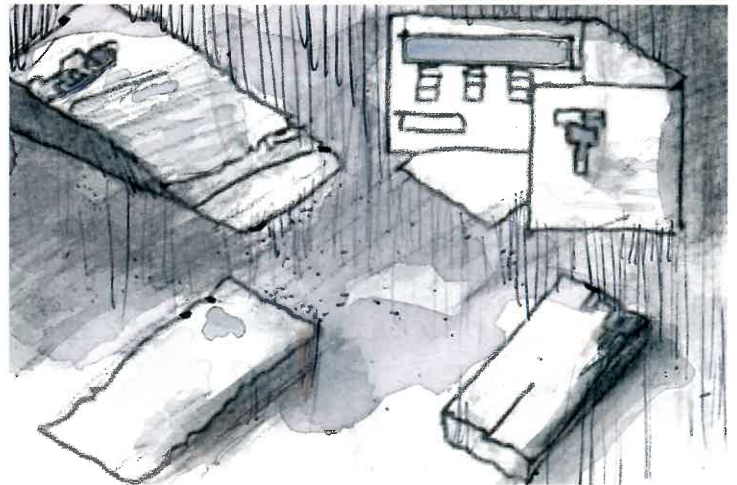
Neil Spiller, Espaço híbrido



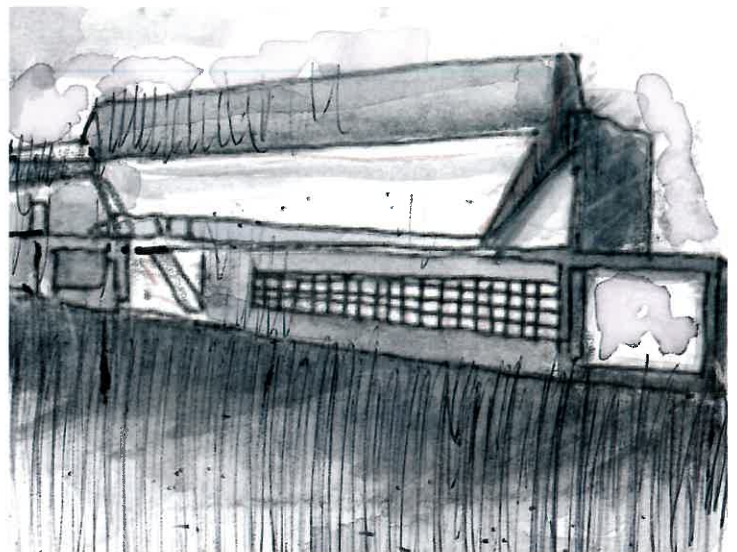
Org FAUTL e FAUP), Exposição Computational architecture
laboratory da FAUTL, In FAUP, Porto, 2008



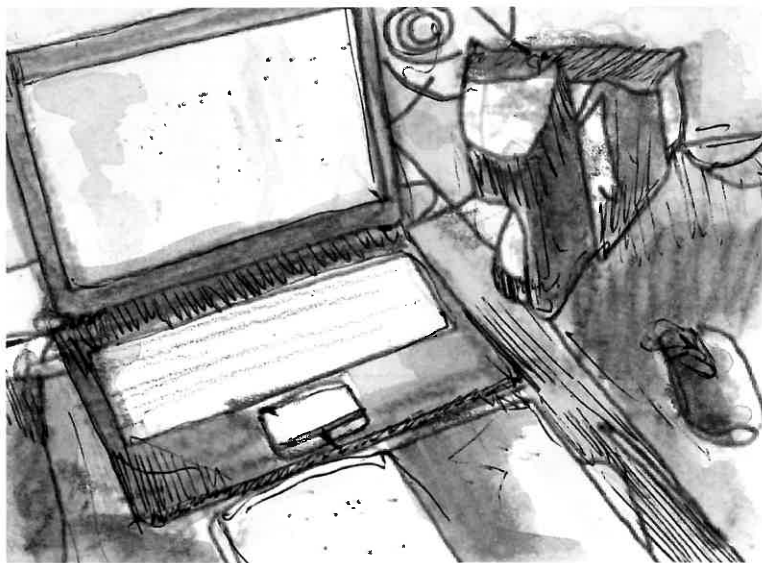
Gonalo Furtado, Jorge Lino et al (PP), Processo subtrativo (Inegi), 2000s



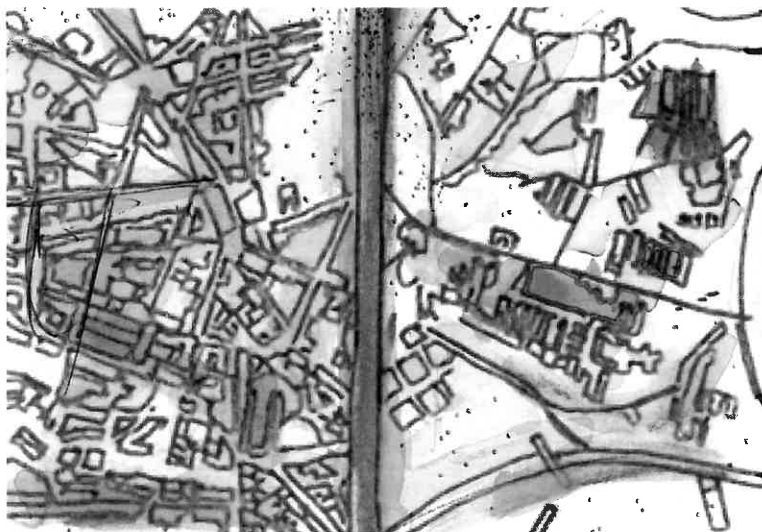
Gonçalo Furtado et al. (PP) Modelo digital,
Seleccoo de parâmetros, e Simulaoo da maquinagem, Porto 2000



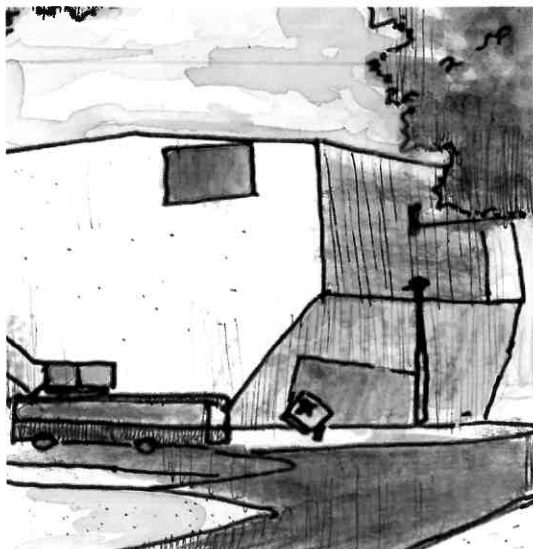
Gonçalo Furtado et a, (PP), Maquete em processo aditivo, 2000s



Workshop na FAUP (Planificação), Porto, 2000



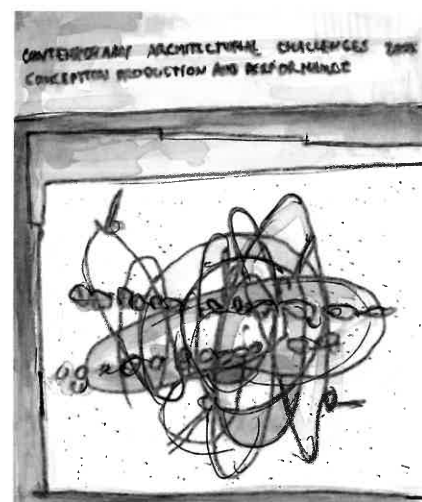
Miguel Serra, Análise espaço-sintática do Porto



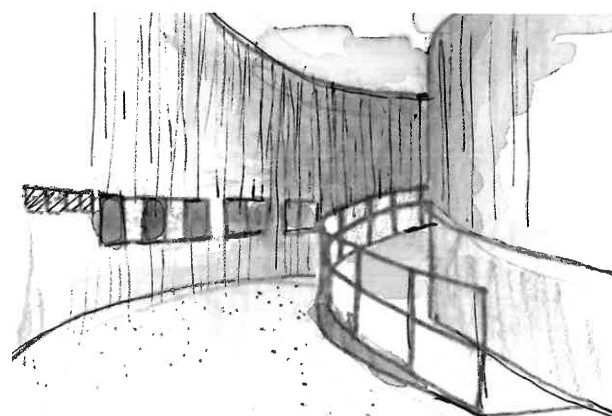
Rem Koolhaas, Casa da música, Porto, 2005



Aluno de TGOE. Mecanismo vídeo espacial



Contemporary Architectural Challenges FAUP, 2008 (posters)



Exposição na FAUP, FAUP, 2008



Fonte das imagens retiradas da internet

Fig 1 - Fundação Instituto Marques da Silva
<https://fims.up.pt/index.php?cat=2&subcat=8&proj=2>
Fig7 - Gisa, Portal Camara Municipal do Porto
https://gisaweb.cm-porto.pt/places/9532/documents/?q=&page=2&order_by=TITLE
Fig14 - Fundação Instituto Marques da Silva
<https://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=2&subsubcat=8&proj=17>
Fig24 - De Jorge Manuel Gonçalves, ResearchGate
Fig46 - Fundação Instituto Marques da Silva
<https://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=2&subsubcat=8&proj=17>
Fig51 - Câmara Municipal de Lisboa
Fig55 - observandoporto.blogspot.com
Fig71 - Artigo "Coimbra e o valor identitário da retórica do Estado Novo", de Susana Constantino
<https://docomomoiberico.com/en/buildings/conjunto-da-avenida-infante-santo/>
Fig72 - Fundación Docomono Ibérico
<https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/48315>
Fig73 - Arquivo Municipal da Camara do Porto
Fig74 - Fundación Docomono Ibérico
<https://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/bloque-de-aguas-livres/>
Fig75 - Fundación Docomono Ibérico
<https://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/escola-primaria-oficial-n-143/>
Fig76 - Arquivo Municipal de Lisboa
Fig78 - Fundación Docomono Ibérico
<https://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/casa-das-marinhas/>
Fig79 - Repositório Temático da Universidade do Porto
<https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/48591>
Fig80 - Camara Municipal de Matosinhos
Fig91 - Fundación Docomono Ibérico
<https://docomomoiberico.com/en/buildings/bloco-da-carvalhosa-bloco-de-boavista/>
Fig92 - Arquivo da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Fig93 - Arquivo da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Fig95 - Repositório Temático da Universidade do Porto
Fig96 - Torres de Habitação dos Olivais Norte - Do Debate do Moderno às exigências da Habitação
<https://www.estudoprevio.net/torres-de-habitacao-dos-olivais-norte-do-debate-do-moderno-as-exigencias-da-habitacao/>
Fig98 - Arquivo da Ordem dos Arquitetos
Fig103 - Arquivo da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Fig104 - Arquivo da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Fig115 - <https://heritageatlasporto.arq.up.pt/portfolio/pousadadesantamarinha/>
Fig123 - Repositório Temático da Universidade do Porto
Fig124 - <https://espacodearquitetura.com/projetos/bairro-da-bouca/>
Fig125 - <https://espacodearquitetura.com/projetos/bairro-da-bouca/>
Fig127 - Fundación Docomono Ibérico
<https://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/hotel-dom-henrique/>
Fig129 - Repositório Temático da Universidade do Porto
Fig130 - Repositório Temático da Universidade do Porto
Fig131 - Repositório Temático da Universidade do Porto
<https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/5763>
Fig136 - Camara Municipal de Matosinhos
Fig137 - Corner, Block, Neighbourhood, Cities. Álvaro Siza in Berlin and The Hague - CCA
<https://www.cca.qc.ca/en/events/3509/corner-block-neighbourhood-cities-alvaro-siza-in-berlin-and-the-hague>
Fig138 - Frente e Verso, Edifício Cooperativa SACHE CIAMH



Conceito Gósses

**APONTAMENTOS SOBRE ARQUITECTURA
PORTUGUESA E ESCOLA**

GONÇALO FURTADO

RICARDO MARTINS (col.)

LUGAR DO **DESENHO**